

Eliyahu E. Dessler

מכתב מאליהו (לקט)

Em
Busca
da
Verdade



CLÁSSICOS

Em Busca da Verdade

ISBN 978-85-7931-035-5



Versão Eletrônica

©2012 - Todos os direitos reservados à

EDITORIA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Produção: **LCT Informática Editorial**

Versão Impressa

Esta obra está baseada no

SOD HAMUSSAR “Michtav MeEliyahu” Mut’am Lacore Ben Zemanênu

Editado pelo Rabino Aryeh Carmell

Editora Eliezer Fisher Ltda. - Jerusalém, 1995.

© Committee for the Publication of the Writings of Rabbi E. E. Dessler

©2003 - Todos os direitos reservados à

EDITORIA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735

CEP 01232-001 — São Paulo - SP — Brasil

Tel. 11 3826-1366 Fax 11 3826-4508

sefer@sefer.com.br

Livraria Virtual: www.sefer.com.br

Em parceria com

OR ISRAEL COLLEGE

R. Gal. Fernando Albuquerque, 1011 – Cotia – Tel.: 4612-2450

Tradução **Paulo Rogério Rosenbaum**

Revisão **Rabino Raphael Shammah**

Edição Final **Betty Rojter, Jairo Fridlin**

Editoração Eletrônica **Editora Sêfer**

Projeto Gráfico e Capa **Dagui Design**

Nota:

Nesta obra, as citações da Torá foram extraídas do livro TORÁ – A LEI MOISÉS, do Rabino Meir Matzliah Melamed (2001); dos Salmos, do livro Salmos – com tradução e transliteração, de David Gorodovits, Vitor Fridlin e Jairo Fridlin (1999), ambos da Editora Sêfer.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

Dedicamos com amor este livro,
em memória de nosso querido pai e avô

ABHOU BEN MAZAL z"l

lembrando seu exemplo de integridade
e o carinho que sempre dedicou a todos nós.
Que o estudo destes capítulos sirva de inspiração
para todos e traga elevação para sua alma.

**TEHE NISHMATO TSERURÁ
BITS'ROR HACHAYIM.**

Oferecido por seus filhos e netos:

Sr. e Sra. Salim e Rita Dayan,

David e Daniella Dayan,

Eby e Carla Dayan,

Ezra e Dálya Harari,

e Roberto Dayan

Prefácio à Edição Brasileira

Duas forças distintas, mesmo quando contrárias, podem se unir e formar uma nova energia – esta, ainda mais potente se bem direcionada. O mesmo acontece no mundo das ideias.

Como exemplo, podemos citar a interação entre o movimento chassídico e o judaísmo lituano. O Chassidismo realçou a importância da alegria, da espontaneidade e da empolgação. Para isto, lançou mão de todos os elementos ao seu alcance, inclusive a revelação de segredos da mística judaica. Valorizou a devoção acima da erudição e, assim, trouxe novo alento aos judeus leigos, incentivando qualidades como o fervor e a compaixão.

Quando isto se disseminou, o judaísmo lituano entendeu como exagerada e perigosa a ênfase dada aos sentimentos e à pureza, pois poderia enfraquecer o estudo e a clareza dos limites ensinada nas leis da Torá. Encerrou-se então dentro das fortalezas de ensino e protegeu-se através das minúcias da *Halachá*, vendo com ressalvas o caminhos dos *chassidim*.

Apesar das diferenças, porém, o aparente antagonismo entre as duas correntes ajudou a criar novas sínteses que viriam a unir as virtudes de ambos. Na Lituânia, floresceu o movimento do *Mussár*, que, como o Chassidismo, também enfatizava a importância da devoção nascida no coração, agora acrescida do valor dado à coerência de conduta e à honestidade moral. O Chassidismo, por sua vez, passou a reforçar a importância da concentração no estudo da Torá e a estabelecer limites mais estritos para as asas da alma.

"Em Busca da Verdade", um grande clássico contemporâneo da escola de *Mussár*, traduz seus ensinamentos em preciosas lições para a vida moderna. Podemos sentir no livro a grande luz do Rabino Israel de Salant, precursor do movimento de *Mussár*, refletida por um de seus mais ilustres alunos, o Rabino Simcha Ziv de Kelem, mestre do Rabino Eliyáhu Dessler, nosso querido autor. Ao mesmo tempo, encontramos também a presença de ideias chassídicas e da mística judaica em inúmeros trechos e citações, o que torna o livro uma verdadeira obra-prima, abrangente e totalmente original em sua formulação.

Direto da Fonte

A ciência reflete o anseio do homem em desvendar os segredos da Criação. A Física estuda as forças da natureza; a Biologia pesquisa a vida. A nossa Torá, principalmente em sua parte filosófica, revela o plano completo da Criação do universo. Enquanto a ciência procura compreender o mundo "de fora para dentro", a Torá nos revela o mundo "de dentro para fora".

O mesmo se dá com o estudo da mente. A Psicologia tenta estudar os mecanismos da psique humana, muitas vezes tateando no escuro, tentando equacionar fenômenos que têm suas origens nas profundezas da alma. No livro "Em Busca da Verdade" encontramos a visão da Torá sobre a natureza humana a partir da perspectiva Divina. Ele nos mostra a Verdade segundo o Criador, e não sob a forma de teorias elaboradas por pessoas como nós.

Baseado nas mais belas interpretações da Torá e do Talmud, "Em Busca da Verdade" nos coloca frente à nossa própria essência e traz grandes ensinamentos capazes de iluminar e aprofundar a maneira como vemos a vida.

Um Hino de Louvor

As grandes migrações do século XX verificadas em diásporas estabelecidas há centenas de anos (tanto dos *Ashkenazim* como dos *Sefaradim*) e a tragédia do Holocausto devastaram o mundo da tradição judaica. Poucos dos que sobreviveram tiveram a visão e a força de lutar em terras estranhas para reedificar e restaurar o mundo espiritual das comunidades.

Dentro desse contexto, o Rabino Eliyáhu Dessler, um dos poucos gigantes espirituais que sobreviveram, foi uma abençoada exceção. Ao longo de todo o livro, através de exemplos que refletem a extrema dedicação que teve para com seus alunos, através de relatos sobre uma vida inteira devotada à Torá, podemos sentir a magnitude dos esforços que empreendeu para resgatar das ruínas um povo devastado.

O capítulo "E foi após a destruição" é tão emocionante que deveria ser decorado em todas as escolas judaicas e *ieshivót* como um hino do amor ao nosso povo, um exemplo do vigor eterno da alma judaica, que não se cansa e não se curva nem mesmo perante os maiores desafios e dificuldades da vida.

O Rabino Eliyáhu Dessler foi talvez o principal responsável pela reconstituição do mundo da Torá na Inglaterra, e também teve o mérito de participar da construção das novas bases do mundo das *ieshivót* na Terra de Israel.

Hoje, quando o mundo da Torá está se reerguendo; quando dezenas de milhares de *Bachurê Ieshivá* se debruçam sobre os Livros Sagrados e reacendem a chama eterna da palavra de Deus; quando centenas de comunidades redescobrem a importância do estudo da Torá como item essencial para a preservação do nosso legado e para a conquista da harmonia que todos procuramos, devemos lembrar a dedicação do Rabino Eliyáhu Dessler ז"ל e sorver cada palavra deste livro, um monumento à Verdade da Vida.

Sivan 5763.

Rabino Raphael Shammah

Observação: Os intertítulos foram elaborados pelos editores israelenses e acrescentados à obra para facilitar sua leitura.

Introdução do Rabino Aryeh Carmell

Uma breve biografia

O Rabino Eliyáhu Eliezer Dessler nasceu na cidade de Liwau, Lituânia, em 16 de *Sivan* de 5652 (1892). Seu pai, o Rabino Reuben Dov Dessler, e seu tio, Rabino Guedália, foram discípulos do ilustre Rabino Simcha Zissel Ziv ^{Z"l}, o grande mestre do *Mussár* (moral) que, por sua vez, havia sido aluno do Rabino Israel Salanter, o precursor do movimento do *Mussár*.

Durante a juventude, o pai e o tio do Rabino Dessler estudaram na instituição especial criada pelo Rabino Zissel Ziv em Grovin, perto de Liwau. Além dos estudos talmúdicos, o currículo incluía algumas horas dedicadas às disciplinas laicas e ao idioma russo, vistas como de grande importância para os que viessem a atuar em atividades comerciais que exigissem contatos com o mundo não judaico. O *Mussár*, tiveram o privilégio de aprender do próprio Rabino Zissel Ziv, que possuía o dom de aperfeiçoar a personalidade de seus alunos segundo as mais elevadas exigências morais da Torá.

Mais tarde, o Rabino Reuben Dov e seu irmão estudaram com o Rabino Zissel Ziv na conhecida *leshivá* de *Mussár* "*Bêit Talmud Torá*", em Helm. O Rabino Reuben Dov acabou se revelando um discípulo brilhante e, nos anos seguintes, integrou a direção da *leshivá*.

O pequeno Eliezer Reuben foi iniciado nos fundamentos da Torá e do *Mussár* desde tenra infância, quando vivia com seu pai na cidade de Homel (Gomel, em russo). Tinha professores particulares e seu currículo de estudos incluía também o idioma russo, aritmética etc., de acordo com o método adotado pelo Rabino Simcha Zissel Ziv.

Em Helm

Em função de seus inúmeros talentos, que já se faziam notar desde muito cedo (outro tio, o *Gaon*, Rabino Chayim Ozer, o chamava de "pequeno prodígio"), Eliezer Reuben foi enviado por seu pai ao *Talmud Torá* de Helm com apenas treze anos de idade, tornando-se o mais jovem estudante da instituição. Ali, estudou durante dezoito anos (com algumas

intermissões) e seu talento rendeu-lhe um nome respeitável. Contam-se maravilhas a respeito de sua genialidade no campo da *Halachá* (a legislação mosaica). Seu afinco e concentração eram motivos de admiração. Quando se recolhia para estudar, nada desviava sua atenção. Os colegas mais brincalhões chamavam-no "Elic, o diligente".

Em 5674 (1913), quando os alemães conquistaram a cidade de Helm, Eliezer Reuben retornou a Homel, onde estudou na *leshivá* fundada e dirigida por seu pai, Rabino Reuven, instituição mantida também graças a ajuda de ex-estudantes de *leshivót* da Lituânia.

Homel era uma cidade de judeus chassídicos e o contato de Eliezer Reuven com o chassidismo fez com que passasse a ter grande reverência pelos mestres deste movimento. Mais tarde, a admiração se traduziria em um de seus trabalhos mais interessantes – a versão de temas cabalísticos em conceitos de *Mussár*.

Quando os bolchevistas se fizeram ouvir em 5678 (1917), o Rabino Dessler voltou para Helm e continuou seus estudos. Um ano depois, casou-se com a filha do *Gaon*, Rabino Nachum Zeev, filho do Rabino Simcha Zissel Ziv.

Enquanto isso, os bolchevistas ganhavam mais poder. As posses dos Dessler começavam a minguar. Suas vidas corriam perigo e, por milagre, conseguiram se salvar. O tio do Rabino Dessler, o *Gaon*, Rabino Chayim Ozer Grodzinski, um dos grandes de sua geração, convidou-o para ocupar o posto de *Dayan* (juiz) em Vilna. Mas a tentativa não deu resultado e foram precisos alguns anos para que o Rabino quitasse o último centavo de suas dívidas. Começaram então os anos de viagens.

Londres

Em 5687 (1926), o Rabino Dessler viajou para a Inglaterra com a esposa e os filhos. Nomeado rabino de uma pequena sinagoga situada na área leste de Londres, fixou residência na cidade. Alguns anos depois, recebeu e aceitou o convite para liderar uma sinagoga maior, no norte de Londres, e acumulou a este o cargo de rabino responsável de um importante *Talmud Torá*, instituição onde as aulas eram ministradas depois do horário das escolas laicas.

Mas há indicações de que o Rabino Dessler não gostava da posição que ali ocupava, como faz crer uma frase que disse ao diretório da comunidade: "Dos quatrocentos rapazes que frequentam este *Talmud Torá*, levamos em conta um ou dois, que removemos do grupo e enviamos às *leshivót*. O restante nem se lembrará como se recita um *Cadish*." Com esta observação, ele expressou um ponto fundamental no seu modo de ver a educação: era mais válido dedicar-se a um só aluno interessado do que mil alunos não verdadeiramente interessados.

Durante o mesmo período, realizava-se dando aulas particulares a um grupo reduzido de discípulos. O mestre, de abençoada memória, observava atentamente os progressos intelectuais de seus pupilos para abrir-lhes as portas do conhecimento de modo a garantir-lhes o melhor aproveitamento possível, aproximando-os da Torá com toda a força de seu carisma inato. Estudavam principalmente os assuntos de *Halachá*, e o Rabino incutia-lhes o conhecimento de um modo metódico e profundo, levando-os à compreensão dos diversos comentários do Talmud até suas mentes e corações tornarem-se afiados.

Ao mesmo tempo que o Rabino Dessler desvendava pouco a pouco os mistérios do *Mussár* e a visão da vida que este estudo exige, seus alunos tinham um exemplo vivo e contínuo do que é *Mussár* ao observarem a conduta do mestre, suas virtudes e caráter notável, e o modo que os tratava – como um pai trata a um filho.

Uma característica da sua fabulosa dedicação aos alunos estava em responder a qualquer pergunta que estes lhe formulavam, de pequena ou grande relevância, sobre assuntos materiais ou espirituais, concentrando-se de modo a prover uma resposta ou conselho satisfatório, sempre de acordo com a personalidade e necessidades de quem perguntava. Foi nesta época que escreveu o "Compêndio sobre a Bondade", tão característico de seu modo de pensar e agir. Alguns de seus alunos tinham conhecimentos modernos antes de estudar com ele, mas depararam-se com esforços vigorosos por parte do Rabino para tentar elucidar os assuntos que estudavam, de modo a tornar reto o caminho tortuoso do pensamento moderno que povoava suas mentes. Como resultado, foram nascendo temas como "A essência do arbítrio", "A essência da natureza" e outros.

O Rabino Dessler pôde constatar os frutos que de sua dedicação a seus alunos. Muitos se tornaram eruditos da Torá e personalidades exponenciais na comunidade, continuando

intimamente ligados ao seu mestre até seu último dia na terra.

A crise

Eclodiu a Segunda Guerra Mundial. As desgraças que se abatiam sobre nosso povo, impondo grande sofrimento espiritual ao Rabino, faziam-no revelar sua grande força interior. Pouco antes, sua esposa e sua filha tinha viajado a Vilna para visitar o filho e o restante da família. Quando a guerra começou, o contato entre eles se interrompeu. Para quem não conhecia a sensibilidade do Rabino, seria difícil saber o quanto ele estava sofrendo, pois não deixava transparecer suas aflições: não admitia jogar sua própria angústia sobre os ombros das pessoas à sua volta. Ao contrário, via-se na obrigação de consolar e alegrar os corações daqueles que sofriam. Um eco de seu modo de agir podia ser notado nas palavras que pronunciou certa vez a um visitante: "Não tenho com que me preocupar quando à minha família, pois estão sob os cuidados de um *Tsadik* (um justo), meu cunhado, o Rabino Daniel, e certamente passam bem... [no sentido espiritual](#)". Após algum tempo, ele soube que haviam fugido – sua esposa e filha para a Austrália e o filho, para os Estados Unidos. O Rabino Dessler não os viu até o fim da guerra.

Sua solidariedade para com a dor alheia não conhecia limites. Todas as suas prédicas durante esse período abordavam o assunto. Um pensamento visitava continuamente sua mente: "Com que finalidade o Altíssimo nos deixara vivos?". (Veja a carta: "E foi após a destruição", pág. 75).

Em 5701 (1941), o Rabino obteve uma resposta à sua pergunta. Recebeu uma carta do Rabino David Dreian, *shochét* ¹ da comunidade judaica de Gateshead, norte da Inglaterra, que desejava abrir na cidade um *Colel* de *Avrechim* ² para os refugiados de *leshivót* dispersos por toda a Inglaterra e que, para isto, precisava de sua orientação.

A pequena comunidade de Gateshead (situada num subúrbio operário perto da cidade de New Castle) era uma comunidade ímpar na Inglaterra: totalmente composta por judeus ortodoxos, contava exclusivamente com chefes de família praticantes e estudiosos da Torá. Seu líder era o Rabino Naftali Shakovitsky ^{Z"l}, um dos discípulos do Chafetz Chayim. O *shochét* da comunidade, Rabino David, tinha aparência simples e caráter único: o calor da

Torá flamejava em seu coração e sua única meta na vida era fazer com que as chamas inflamassem outros corações. Com um esforço impressionante, conseguiu erguer uma importante *leshivá* na cidade.

Quando o Rabino Dessler recebeu sua carta, soube que estava frente a uma decisão. À primeira vista, a proposta do Rabino David parecia um sonho impraticável, pois o momento era de perigo. Os sistemas fiduciários haviam desmoronado; a pauta das comunidades encontrava-se corroída e a maior parte dos filantropos estava escondida nas aldeias para fugir dos bombardeios frequentes sobre Londres e seus arredores. Como podiam pensar em erguer uma nova instituição nesta situação?

Seriam necessários esforços incomensuráveis. Poucos judeus na Inglaterra conheciam o valor e o significado de um *Ben-leshivá* ³ e o conceito de *Colel* estava ainda mais distante de sua compreensão, até mesmo entre alguns judeus ortodoxos. Seria preciso uma dose maciça de conscientização. Quem aceitaria a grande responsabilidade de ocupar-se do sustento das famílias dos que viessem estudar em tempo integral? E quem aceitaria receber a soma necessária para tão ousada causa, com todo o labor que uma empreitada como esta exigiria? Seria ele um homem tímido, recatado, não habituado às causas públicas, já nos seus cinquenta anos e não tão saudável?

Mas a urgência da causa era óbvia...

Entre os refugiados, havia excelentes estudiosos de Torá – alguns deles se dedicavam à *mistvá* de corpo e alma, inclusive às custas do próprio conforto. Entre os casados, havia aqueles que já estavam prontos para ocupar um posto de rabino, mas recusavam-se a abrir mão do crescimento espiritual que almejavam nas grandes *leshivót*. Nestes círculos, identi-ficava-se claramente a "fome pela palavra de Deus". Mas as chances de se alcançar o objetivo tornavam-se mínimas. Precisavam de um líder à altura. Precisavam estudar em uma *leshivá* de nível elevado. E de alguém que se preocupasse com seu futuro.

O Rabino Dessler vislumbrou tudo isto e mais. "Onde crescerão os grandes da Torá numa geração órfã como esta? Quem será nosso mestre e tutor dentro de vinte anos? De onde sairão líderes espirituais, se cada aluno precisar ocupar-se com um emprego ou sair ao

comércio para ganhar o pão?" Estas eram suas indagações e elas refletiam até onde ia seu comprometimento.

Estava claro que os Céus lhe indicavam o caminho a seguir. Ele sabia com certeza que deveria aceitar a missão que lhe era oferecida e que seu cumprimento seria a parte que lhe caberia na reconstrução em meio às ruínas.

Mas o Rabino não aceitou a proposta facilmente. Um dos problemas dizia respeito aos seus alunos em Londres — "O que acontecerá com eles?," perguntava-se, pois também eram sua responsabilidade. O que deve ter precedência, auxiliar os que já sabem, esperando fazer deles grandes homens, ou educar os pequenos para serem grandes homens no futuro? O Rabino Dessler não chegou a formular a questão desta maneira, mas sabia-se que o tema ocupava sua mente através das palavras que disse na época: "Aquele que deseja ensinar porque traz dentro de si um elevado grau de bondade, melhor que ensine os pequeninos, pois fará deles homens bons; mas quem ensinar motivado por honras e outras preocupações não pertinentes ao ensino, melhor que estude com adultos de bom caráter, que aprimorarão o seu e lhe adicionarão méritos, ao passo que os pequeninos os diminuirão".

Gateshead

O problema lhe parecia simples, tamanha era sua humildade. Não abandonou seus antigos alunos por completo. Com uma agilidade impressionante para sua frágil condição de saúde e com imenso sacrifício, Rabino Dessler acabou acumulando simultaneamente quatro grandes funções: a gerência dos assuntos internos do *Colel*, tanto os de cunho material quanto os de natureza espiritual; a responsabilidade pela maior parte das despesas da instituição, preparar e proferir palestras semanais sobre *Mussár* para o *Colel* e seguir com as aulas particulares para seus antigos alunos, bem como para novos grupos que haviam se formado em Londres e Manchester.

Como a separação da família lhe poupava da responsabilidade acarretada por um lar (para ele, também exemplo da Providência Divina), ele viu-se na obrigação de dedicar literalmente toda a sua vida aos elevados objetivos de interesse Divino, sem deixar tempo

algun para si. Esta agenda, observada meticulosamente e sem intervalos durante mais de quatro anos, provou a capacidade sobre-humana do Rabino Dessler. Dois ou três dias por semana dava aulas para diversos grupos de alunos em Londres e cidades vizinhas, e a remuneração que recebia em alguns lugares bastava-lhe para o próprio sustento e também para enviar algum dinheiro à família que estava longe, pois decidira não receber centavo algum do *Colel* em pagamento por seus serviços. O restante de suas atividades, senão a maior parte delas, eram levadas a cabo sem remuneração alguma, com o intuito de não cancelar aquelas com as quais se havia comprometido e de não abandonar quem o procurava em busca de aprendizado.

Como as horas do dia não eram suficientes para atender a todos os alunos, alguns tinham que ficar despertos toda a noite para estudar com o Rabino. Durante os outros dias da semana e nos intervalos entre as aulas, ocupava-se em angariar fundos para manter o *Colel*. As longas viagens necessárias para este intento aconteciam principalmente à noite. Nas noites de quinta-feira, retornava a Gateshead, onde passava o *Shabat* e o domingo, se necessário. Na volta a Londres costumava parar em Manchester, onde um grupo de eruditos em Torá o esperava.

Além de todo este expediente, o Rabino Dessler ainda encontrava tempo para atender a solicitações particulares de todos os que o conheciam sobre assuntos educacionais, *Shiduchim* ⁴ etc. Interessava-se também pelas necessidades materiais das pessoas e sempre perguntava por sua saúde. Também respondia pessoalmente as cartas que recebia, não somente da esposa e dos filhos, mas de discípulos espalhados por diversos países e de inúmeras outros. Quando escreveu em sua carta "A fé nos Sábios e *Purim*" as palavras "Farei da noite dia e responderei a vossa missiva...", não o fez em sentido figurado, pois esta era sua realidade: tudo o que ia além do horário diurno de atendimento à comunidade, realizava às custas de suas horas de descanso.

E mais: ele ainda encontrava tempo para elaborar e expressar novas ideias, com genial profundidade, esclarecendo contos de nossos Sábios, do *Midrash* ao *Zôhar*, onde revelava fundamentos ocultos do *Mussár* e dos poderes da alma, interligando os temas, sempre com preciosos desfechos para despertar o espírito. Foi durante este período, quando trabalhou sem trégua para erigir o *Colel*, administrá-lo e prover suas necessidades, que o

Rabino Dessler converteu-se numa fonte de águas – de saber – inesgotável, de onde transbordavam ensinamentos de Torá e *Mussár*.

Tudo isto parecerá assombroso para quem não o conheceu; mesmo nós, que o conhecemos, nos maravilhamos até hoje com sua obra. Mas durante seus dias não o víamos desse modo. Sua humildade era tanta que ele fazia tudo parecer natural e simples – tanto aos seus próprios olhos quanto aos olhos de outros. Foi desta maneira que administrou todos os assuntos do *Colel* e outras instituições que dele se originaram ao longo do tempo.

Desde o início de seu trabalho no *Colel*, o Rabino Dessler decidiu que a instituição não contrairia dívidas. Preocupava-se com isto semana após semana. Quando faltava dinheiro, ele esforçava-se para obter o que era preciso e Deus garantia seu sucesso, fazendo doações chegarem sempre a tempo, vindas dos lugares menos esperados. Este auxílio Divino era motivo de espanto até mesmo para Rabino, que se perguntava: "Como pode um simplório como eu merecer tão grandes milagres?"

As atividades do *Colel* refletiram-se imediatamente no desenvolvimento da *leshivá* de Gateshead. Com o passar dos anos, o quadro de alunos aumentou, e o *Colel* proveu um *Rosh leshivá* ⁵ e um guia espiritual. Graças às iniciativas do Rabino Dessler e sob sua orientação, outras instituições começaram a formar-se ao redor do *Colel*, como o renomado "Seminário para Professoras" e um internato que preparava rapazes para a *leshivá*.

O *Colel* também enviou alguns de seus mais brilhantes integrantes para localidades distantes: companheiros do Rabino, com sua ajuda, fundaram uma nova *leshivá* em Sunderland; um internato em Manchester; uma *leshivá*, um *Colel* e instituições educacionais de Tanger (Marrocos), além de um Centro de Torá e Oficina de Artes em Londres (para os ex-alunos das *leshivót* que haviam estudado Artes). Tornou-se também fonte de inúmeros eruditos que atuaram em *ieshivót*, cortes rabínicas etc., na Inglaterra e em outros países.

Ainda é cedo para aferirmos a dimensão da obra do Rabino Dessler em prol da Torá e da reconstrução de um judaísmo em ruínas. Mas fica claro para todos nós que o ano de 5701

– da fundação do *Colel* – marcou o ressurgimento do judaísmo britânico. Os ecos do que começou naquele momento ressoam até os dias de hoje.

Bnei Brak

Depois da guerra, acumularam-se os fatores que mudariam o curso de atuação do Rabino Dessler. Seus tremendos esforços haviam deixado marcas em sua saúde. A idade chegava e o Rabino viu que não poderia continuar a despender tanto esforço. Tentou incansavelmente estabelecer um andamento para o *Colel* de modo que a instituição não precisasse tanto dele mas, se continuasse no mesmo ritmo, havia o risco disso acontecer antes do tempo.

Em 5707, o Rabino Iossêf Kahanman, conhecido como o Rabino da *leshivá* de Ponevez, em *Zichron Meir*, Bnei Brak (Israel), convidou o Rabino Dessler para ocupar o cargo de rabino responsável da famosa instituição. O convite foi aceito, sob a condição de que ele pudesse paralelamente dar continuidade às suas atividades na Inglaterra.

Quando imigrou para Israel com sua esposa em 5708, um novo capítulo teve início em sua vida. Após longos períodos de incessante atividade, encontrou tempo livre para aprofundar-se em seus estudos. Mas o dinamismo era o mesmo.

Aos mais de mil artigos que havia escrito antes de ir para a Terra Santa, muitos outros passaram a se somar. Nunca menos do que três vezes por semana o Rabino dissertava sobre eles aos alunos da *leshivá*. Investiu muito esforço nessas dissertações, que eram compiladas a partir de contos completos de nossos Sábios, de abençoada memória; do *Mussár*, dos poderes da alma e de assuntos que faziam parte do cotidiano. Não raro, o Rabino dedicava cerca de vinte e cinco horas para a compilar uma única dissertação. Foi um período singularmente frutífero: novos fundamentos foram revelados e inúmeras ideias, antes apenas pequeninos botões, agora desabrochavam em flor.

Ao mesmo tempo, o contato com seus alunos no Exterior continuava frequente. Quase todos os anos, nos períodos de férias, viajava à Inglaterra para vistoriar pessoalmente o desenrolar dos projetos que ajudara a instaurar e para encontrar-se com os administradores das instituições, que ainda o viam como seu líder. Nessas ocasiões, ele

também procurava dar início a novos projetos. Às vezes viajava aos Estados Unidos, onde viviam seu filho e sua filha.

Após o falecimento de sua devotada esposa em 5711, em Jerusalém, o Rabino Dessler mergulhou ainda com mais intensidade em sua obra. Já bastante conhecido em Israel, era sempre convidado a discursar diante de grandes plateias. Suas palavras ecoavam em ouvidos maravilhados, principalmente nas *leshivót* de *Mussár* em Jerusalém, o que o tornou um dos grandes mestres de sua geração na disciplina.

O Rabino Dessler também atuava com vigor em prol dos alunos de *leshivót* e instituições de ensino de Torá em geral, sempre de modo discreto, distante do olhar público. Ajudou a difundir as obras da Liga dos Ativistas Religiosos, que via como de suma importância para difusão do espírito da Torá por toda a Terra de Israel, uma postura que lhe alentava o espírito.

A partida

Cerca de um ano antes de falecer, o Rabino Dessler passou a sentir dores nas pernas, diagnosticadas como problemas de circulação. Mas ele não deixou que seus alunos soubessem. Não queria preocupá-los. Quando acompanhou o funeral de *Marán*, o *Chazon Ish*, cerca de dois meses antes de sua partida, sentiu dores intensas, mas forçou-se a acompanhar o cortejo. Ele viu então suas forças minguarem ainda mais, mas não deixou de dissertar na *leshivá*, como de hábito.

Uma semana antes de morrer, o Rabino Dessler caiu de cama. Mas não parou de trabalhar. Muitos o visitaram. Seus discípulos vinham consultá-lo, como de costume, e ele continuou a escrever as próprias cartas. Mas sentia os sinais de sua partida da terra, pois perguntava a muitos que vinham ver-lhe sobre o significado de alguns comentários de nossos Sábios, de abençoada memória, sobre assuntos relativos a pessoas à beira da morte.

No dia de seu falecimento, 25 de Tevê de 5714, sentiu-se melhor e estudantes da *leshivá* visitaram-no até as quatro horas da tarde. O Rabino Dessler conversou com eles normalmente. Naquela hora, chegou o médico chamado dias antes para dar o diagnóstico

final sobre a enfermidade. O Rabino teve um forte ataque cardíaco em sua presença. Com a serenidade que lhe era característica, descreveu ao médico seu estado e acrescentou: "Jamais senti tamanha dor em toda a minha vida". Cerrou então os olhos e não voltou a falar.

Deixou um filho, o Rabino Nachum Dessler, *Shelita*, diretor do Centro de Estudos Religiosos de Cleveland, junto às instituições da *Ieshivá* de Telz. Sua filha casou-se com o Rabino Eliahu Iehoshua *Shelita*, fundador e diretor de uma escola de sucesso em Nova Iorque.

Que seus méritos os protejam e nos protejam!

O legado para as gerações futuras

Um ano antes de sua partida, o Rabino Dessler começou a reunir seus artigos e ensaios para compilá-los em forma de livro mas, infelizmente, veio a falecer antes que pudesse completar seu projeto. A missão foi delegada a seus discípulos e, um ano após sua morte, foi publicado o primeiro volume de seus artigos, intitulado "Michtav me Eliahu", em honra ao versículo: "E foi que lhe trouxeram uma carta de Elias, o profeta" (2 Crônicas, 21:12), onde Rashi comenta: "Depois de ascender aos céus, recebeu esta carta".

Esse primeiro volume foi organizado e editado pelo Rabino Alter Halpern, *Shelita*, da *Ieshivá Torát Emet*, de Londres, e por quem escreve estas linhas. Em 5723, foram publicados o segundo e o terceiro volumes, editados pelo Rabino Chayim Friedlander, e por quem escreve estas linhas. Em 5743, após a morte do Rabino Friedlander, veio o quarto volume, editado por quem escreve estas linhas. A obra foi amplamente difundida e apreciada por estudantes de Torá e amantes do *Mussár* em todos os círculos judaicos do mundo, tendo sido parte dela traduzida para o inglês, o francês, o espanhol e o russo. Podemos dizer que o livro revolucionou o mundo do pensamento judaico, e que suas ideias e elaborações originais ecoam por todo esse universo.

Sobre este livro

Como a obra foi compilada em um hebraico "rabínico", repleto de siglas e trechos do Talmud e *Midrash*, sem citação de fontes, vimos por bem escrever uma versão em hebraico moderno para facilitar a leitura por aqueles que não estão habituados ao primeiro formato. Em locais onde fez-se necessário, adicionamos uma pequena introdução, com a finalidade de apresentar ao leitor o ponto chave do artigo e atualizando exemplos e metáforas, de modo a se adequarem mais à nossa realidade.

Este livro inclui toda a Primeira Seção do primeiro volume, com a adição de alguns dos principais artigos da Segunda Seção, como o "Discurso Sobre o Arbítrio, primeira parte", que aqui figura como "A Essência da Escolha"; a série de artigos "O Milagre da Natureza"; e o "Discurso sobre *Chessed* (Bondade), segunda parte", que aqui apresentamos como "O Papel Central da Bondade no Plano da Torá". Acrescentamos também o artigo "Livre-arbítrio e o Meio Social", da Terceira Seção.

* * *

Vejo-me na feliz obrigação de expressar minha profunda gratidão ao Rabino Moshe Grylak, editor de "Conheça teu Judaísmo" e "Centelhas", primeiro rabino a dar início a esta missão e que me encorajou durante anos e concluí-la, assim como à Sra. Guila Schwartz de *Rechovot* (Israel) por sua excelente tradução e ao Sr. Isaac Recanati, de Jerusalém, pela impecável edição.

Jerusalém, Adar I, 5755.

Rabino Aryeh Carmell

A Felicidade neste Mundo

Uma vida feliz

Esta reflexão faz parte de uma carta que o Rabino Dessler enviou de Londres em 5698 (1938) ao seu filho, então com quinze anos de idade, que estudava em uma leshivá na Lituânia.

Quem não almeja uma vida feliz? Todos nós almejamos. Creio podermos assumir que está mais do que claro para cada um de nós o que é felicidade: uma pessoa alcança a felicidade quando realiza todos os seus desejos. E como o que a maioria das pessoas deseja custa dinheiro, tudo parece indicar que o dinheiro seja um bom passaporte para a felicidade. Portanto, é feliz quem ganha muito dinheiro: o homem de negócios bem sucedido, o diretor de uma empresa de porte, o homem a quem o sucesso bate continuamente à porta. Homens como esses têm maiores chances de uma vida feliz. O que mais se pode almejar neste mundo? De qualquer modo, é esta a opinião das pessoas de posses. Louvam a ambição e curvam-se perante ela, perplexos com os que pouco se empenham e contentam-se com o pouco que possuem.

Mas se examinarmos o assunto com mais profundidade, teremos que nos perguntar se já vimos alguém realmente feliz. A maioria responderá que certamente conhece gente feliz. É normal pensar assim. Todos nós raciocinamos deste modo. Sabemos que nem todas as pessoas ricas são felizes, mas é fato que quase sempre o dinheiro traz felicidade. De qualquer maneira, pessoas de posses ao menos **parecem** felizes. Quando vemos suas residências suntuosas, as festas que promovem, seus empregados, seus carros, concluímos, às vezes até involuntariamente que, a menos que uma tragédia as acometa, estas pessoas são felizes.

Esta resposta é, no entanto, bastante superficial. Se quisermos nos aprofundar no assunto, teremos de investigá-lo com mais metodologia. E isto só pode ser feito de uma única maneira: fazendo perguntas às pessoas em questão. Não é suficiente elaborar suposições a respeito da situação alheia. Temos que perguntar a cada indivíduo quais são os seus sentimentos. Deste modo, chegaremos ao âmago da verdade.

A procura de uma resposta

Vamos abordar primeiro os homens ricos, aqueles cujos bens excedem suas necessidades, que vivem em mansões e andam em carros de luxo. O que dizem na "hora da verdade" – de coração aberto e consciência tranquila? É então que o segredo se revela: eles não são felizes como imaginamos. Acumularam riquezas, mas a felicidade ainda está longe do seu alcance. A inveja e a cobiça ameaçam sua tranquilidade; problemas familiares são uma constante em seu cotidiano; suas esposas levam uma vida monótona, seus filhos mimados se distanciam e ficam atrevidos; suas filhas se rebelam; dificuldades se acumulam em suas vidas e não lhes dão um momento de paz. E não pense que estes problemas são acidentais – não em quantidade, nem tampouco em qualidade. Eles são efeitos colaterais da própria riqueza. "Nenhum homem morre sem ter deixado de realizar metade dos seus sonhos". Portanto, mesmo o mais rico dos homens sente-se frustrado e insatisfeito.

Perguntemos agora aos membros da classe média, pessoas que trabalham em geral horas a fio durante o dia para ganhar seu sustento. Será que detém os segredos da felicidade? Se investigarmos melhor, encontraremos resultados surpreendentes. Estas pessoas trabalham a vida toda. Não raro sofrem enfartes ou adquirem uma úlcera. E parecem não encontrar tempo suficiente para desfrutar do dinheiro que ganham. Estão sempre se preparando para os dias de riqueza que, esperam, virão. Mas quando a jornada de trabalho de suas vidas chega ao fim, estão em idade avançada; já não se vê a alegria de viver em seus semblantes e não conseguem aproveitar as horas de folga à disposição. Sua única atividade na vida era o trabalho e, sem ele, parecem não se importar com a vida. Então, quando serão felizes? Jamais.

Talvez nos deparemos com a felicidade se continuarmos a descer na escala social, até o operariado. Trabalham duro o dia todo e às vezes também à noite para obterem seu sustento, mas nunca estão contentes. O sentimento de humilhação os persegue; sentem que estão perdendo todas as coisas boas da vida. E se sentem oprimidos pelos ricos. Eles – os operários – criam a riqueza, mas dela não usufruem. Entendem que outros roubam-lhes o fruto de seu labor. Isto é felicidade? Certamente que não.

Onde estará então a felicidade neste mundo? Era é a nossa indagação e não encontramos uma resposta para ela. Tudo o que conseguimos ouvir são ecos da mesma exclamação:

"Felicidade? Não existe!!!" Aparentemente, esta conclusão está amparada pela realidade e todos os aspectos deste problema parecem certifi-cá-la.

Um remédio para o mal

Se esta é a face da realidade, faremos então a seguinte pergunta, usando um versículo: "O que nos fez o Altíssimo?" Porque Deus haveria de criar um mundo tão grande e belo, onde todo e cada homem, sem exceção, tivesse de sofrer tantos infortúnios? Isto não faz sentido. Temos de encontrar uma saída para este problema. Não há dúvida de que existe um caminho que solucione o triste destino da humanidade. Precisamos buscar uma solução; encontrar a chave da felicidade. É óbvio que Deus, fonte de todo o Bem, pavimentou neste mundo uma estrada que leva diretamente à uma vida feliz. Mas, antes que se possa procurar o antídoto, é preciso diagnosticar o mal. Que enfermidade é essa, que parece ter tomado dimensões de uma epidemia universal e que por sua natureza, rouba a felicidade de nossas vidas?

Nossos Sábios, os Sábios da verdade, da Torá, têm a resposta. Ela está escrita claramente na *Mishná*: "A inveja, a cobiça desmedida e a (busca da) glória afastam o homem do mundo" (*Pirkê Avót* 4:28). Neste mundo, como Deus o criou, está a chave da felicidade. Fomos nós que decidimos buscar um mundo de sofrimento, resultado das três tendências negativas citadas na *Mishná*. Só temos, pois, que fugir da inveja, da cobiça e da busca pela glória – ou seja, expulsá-las de nossos corações – para transformar nosso mundo em uma fonte interminável de felicidade. Quando estas tendências estiverem ausentes de nossas vidas, não teremos adquirido só felicidade, mas riqueza. Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram: "Quem é rico? Aquele que se alegra com o que possui." Não disseram que "também" é rico; que é "muito" rico, mas simplesmente "rico" – e ponto final. Na verdade, quem não se alegra com o que lhe foi reservado nesta vida, não só carece de felicidade, mas também de riqueza. Em termos materiais é possível que tenha milhões no banco, mas continuará sendo pobre.

O que é pobreza? Quem não tem o que precisa é pobre. Quem necessita de algo que não possui, é pobre, independentemente do dinheiro ou riqueza em seu poder. É fácil perceber que os chamados "ricos" estão em situação inferior aos "pobres", pois quanto mais têm,

mais suas necessidades aumentam e, por conseguinte, sua carência. É fácil suprir as necessidades de um pobre, mas as do rico, como a fome por respeito e honra, jamais se satisfazem. É **impossível** saciar o rico, porque se ele tiver uma porção, quererá duas. Onde quer que saciemos suas vontades, novos e redobrados desejos surgirão, indefinidamente. Se observarmos tanto o rico quanto o pobre, do modo como vêm a si mesmos – e não como o pobre olha para o rico – constataremos que a situação de ambos é miserável; ambos sentem-se tristes e frustrados mas, na maioria dos casos, a situação do "rico" é pior que a do "pobre". Contudo, quem conseguiu dominar suas paixões e não precisa de muito para alegrar-se com o que tem, que não **necessita** do que não tem – este é o homem rico. Não há no mundo alguém tão rico como ele.

Direcionando as aspirações

Mas, quem será essa pessoa? Tratemos de observá-la. Dissemos anteriormente que expulsou as paixões e ambições de seu coração. Significa que tornou-se uma pessoa de personalidade fraca, sem motivações e inerte? É a isto que chamamos de vida? Parece mais com uma pessoa de idade avançada, sem objetivos na vida, sem desejos, cujas forças minguaram. Podemos dizer que tenha uma vida feliz? Não! Obviamente que não! Não há nada mais distante da verdade que isto. E a verdade é que **não há felicidade no mundo material. Só existe a felicidade espiritual. Quem vive uma vida espiritual repleta de conteúdo é uma pessoa feliz. Não há dentro da nossa realidade qualquer outro tipo de felicidade.**

Constatamos este fato ao observarmos as pessoas que vivem genuinamente de acordo com a Torá. Estas pessoas, que dedicam seus pensamentos e desejos, entusiasmo e ambições, para se aprofundarem na sabedoria da Torá experimentam o verdadeiro gosto da felicidade neste mundo. Não estamos falando do Mundo Vindouro; estamos nos referindo a **este** mundo – ao "aqui e agora." É óbvio que não há felicidade sem objetivos, estímulos e aspirações. A felicidade aparece quando os objetivos podem ser alcançados, quando não dependemos de outros para conseguí-los, quando estamos livres dos impulsos frustrantes que chamamos de cobiça e orgulho. Quando tudo isto é possível? Quando nossas aspirações emanam do amor pela Torá, pelo saber e pela moral – anseios de uma vida verdadeiramente espiritual.

Só a própria pessoa pode buscar esse tipo de aspiração. Quanto mais energia e esforços aplicarmos para lograr tal objetivo, maior será nossa felicidade. **Seremos as pessoas mais felizes do mundo.** Isto é o que diz a *Mishná*: "Esta é a forma de estudar Torá: come um pedaço de pão com sal, bebe pouca água, dorme sobre a terra – **e esforça-te no estudo da Torá.**" Se você estiver disposto a levar esse tipo de vida para satisfazer teu enorme desejo de adquirir o conhecimento da Torá; se todas as outras coisas do mundo não significam nada para você em relação à única coisa que realmente importa, teu crescimento em Torá, então – **"bem-aventurado serás neste mundo"**. Você será a pessoa mais feliz do mundo; você e nenhuma outra pessoa. Esta é a verdade que a Torá ensina em relação à felicidade.

A recompensa por uma *Mitsvá* é outra *Mitsvá*

Diz a *Mishná*: "Uma boa ação atrai outra boa ação... a recompensa de uma boa ação está na boa ação" (*Pirkê Avót* 4:2). Estas palavras de nossos Sábios reafirmam algo que já sabemos: que não existe neste mundo outra recompensa para uma *Mitsvá* que não o fato dela atrair outras *Mitsvót* como mérito para quem a fez. Mas é importante compreendermos porque "não há recompensa por uma *Mitsvá* neste mundo".

A verdadeira recompensa é, na verdade, Deus nos ter santificado com Seus mandamentos e nos ter concedido o privilégio de servi-Lo. Não há neste mundo recompensa que se equipare a esta. Seria um equívoco pensar que o "pagamento" pela observância dos mandamentos pudesse ser feito com os prazeres materiais deste mundo, uma vez que eles não passam, em sua maioria, de ilusões passageiras. Assim, podemos pensar na grande recompensa que Deus reserva aos homens que cumprem Suas palavras apenas em termos espirituais.

Mas como entender, então, o significado da passagem que recitamos na segunda parte do *Shemá* ⁶ (Deuteronômio 11:13-15) — "*E acontecerá, se diligentemente ouvirdes os meus mandamentos... para amar o Eterno, vosso Deus, e servi-Lo de todo o vosso coração e de toda a vossa alma – e darei a chuva da vossa terra na estação própria, a temporã e a serôdia; e recolhereis vosso grão, e vosso mosto e vosso azeite... e comereis e vos fartareis.*"?

Podemos dizer, com base no que está escrito, que **há** recompensa para as *Mitsvót* neste mundo? E não estamos tratando de mandamentos cuja importância é menor (se é que podemos afirmar algo assim) do que os mais elevados níveis espirituais. "*Para amar o Eterno, vosso Deus, e servi-Lo de todo o vosso coração e com toda a vossa alma*" – existe um nível espiritual mais alto que este? Mesmo assim, a resposta Divina é: "E darei a chuva da vossa terra na estação própria". Devemos entender isto como uma recompensa material?

A resposta a este questionamento "não se encontra nos céus". Maimônides já havia nos elucidado o mistério no nono capítulo de suas "*Leis sobre a Teshuvá*," ⁷ ao escrever:

"Deus prometeu na Torá, que se a cumprirmos com alegria e bondade, estudando continuamente Seu saber, Ele removerá de nós todo e qualquer impedimento para fazê-lo, como enfermidades, guerras, fome etc. nos provendo com abundância e demais benesses, que nos propiciem estudar e observar a Torá com saciedade e sossego, prata e ouro suficientes para livrar-nos do jugo das necessidades do corpo e deste modo podermos dedicar todo o nosso tempo para estudar o Saber Divino, cumprir Suas Mitsvót e com isso ganhar nosso quinhão no Mundo Vindouro.

Neste trecho, Maimônides explica o valor intrínseco da fortuna neste mundo. Aprendemos com isso que o objetivo dos benefícios aqui recebidos, de acordo com a visão da Torá, não têm por objetivo prover-nos prazer físico, mas sim elevar-nos espiritualmente. Todas as coisas boas deste mundo têm como função única santificar nossas vidas.

Este é, portanto, o significado de "A recompensa por uma boa ação – é uma boa ação". Não há neste mundo recompensa por uma boa ação cometida, a não ser a de encontrar condições propícias para o cumprimento de outras boas ações. Todo e qualquer benefício que um homem devoto recebe neste mundo tem por objetivo servir seus propósitos espirituais.

* * *

Inferimos daí que todos os assuntos deste mundo estão impregnados de Santidade. Eles existem para que possamos instaurar esta Santidade. São, em síntese, seus "recipientes." No Templo Sagrado em Jerusalém, todos os utensílios eram santos, como tudo o que fazia parte do serviço Divino. De um modo similar, no nosso cotidiano, mesmo o que há de mais "material" pode ser santificado, sempre que utilizado para servir a um propósito espiritual. É este o sentido de um conhecido comentário de nossos Sábios, onde apontam a mesa dos justos como sendo uma espécie de altar sagrado, onde as refeições se assemelham às oferendas no Templo (Talmud, *Berachót* 55a; veja também em *Messilát lesharim*,⁸ do Rabino Moshé Luzzatto, capítulo 26). Alimentar-se, para um justo, é um ato de Santidade, porque garante o bom funcionamento do seu corpo para que ele possa estudar Torá. Bem aventurado o homem que pode cumprir *Mitsvót* em estado de Pureza e Santidade!

Temos, porém, que dar um passo adiante, o que nos forçará a chegar a uma conclusão espantosa e algo temerosa. Se uma pessoa se servia dos utensílios do Templo para qualquer outro objetivo que não o serviço Divino, pecava por malversação e precisava de expiação. Se fizermos uma comparação com o que ocorre hoje, concluiremos que se um indivíduo faz uso dos bens ao seu dispor para objetivos egoístas que não os prescritos na Torá, também estará pecando por malversação. Se alguém usa qualquer objeto apenas para sua satisfação pessoal ao invés de utilizá-lo para cumprir uma *Mitsvá*, o estará desviando de seu propósito original. Esta é ideia revolucionária que precisa despertar a consciência de todo homem que se considere responsável pelos seus atos.

Seguindo este raciocínio, podemos compreender melhor um intrigante trecho do Talmud (*Ketubót* 104:a), que descreve as últimas horas do grande *Tanaíta*, Rabi Iehudá haNassí, conhecido nas escrituras sagradas simplesmente como "Rabi", único entre os *Tanaím* e *Amoraím* ⁹ a ser chamado de **Rabênu Hacadósh** (nosso santo mestre). Eis o trecho: *"No momento do falecimento de Rabi, esticou seus dez dedos para cima e disse: "Mestre do Universo! É claro e revelado diante de Ti que usei meus dez dedos (somente) para a Torá e não desfrutei (deste mundo) nem sequer com meu dedo mindinho. Seja Tua vontade que eu descanse em paz."*

Da maneira como Rabi recitou sua oração final, compreendemos que, caso tivesse desfrutado um mínimo que fosse de toda a riqueza que Deus lhe deu, não teria o direito de Lhe pedir paz em seu descanso eterno. À primeira vista é difícil entender porquê. Sabemos que Rabi era um homem muito rico. Teríamos de pressupor que Deus lhe concedera fortuna para que não desfrutasse dela um só momento? Para que então foi agraciado com riqueza? Agora, sabemos porquê. Rabênu Hacadósh alcançou um nível espiritual do qual pôde entender que tudo o que fora criado neste mundo tinha uma finalidade religiosa, a de santificar o Nome de Deus, como está escrito no versículo: "Todo aquele que é chamado pelo Meu Nome e o que foi feito para Minha Glória, Eu o formei e o fiz" (Isaías 43:7).

Na interpretação que deram ao versículo acima, nossos Sábios dizem que tudo o que Deus criou no universo, o fez para a Sua Glória (*Pirkê Avót*, fim do sexto capítulo). Rabi compreendeu que toda a riqueza que lhe havia sido conferida tinha como único intuito o de trazer Santidade ao mundo. Se tivesse utilizado suas posses para qualquer outro objetivo, estaria malversando este objetivo. Tudo o que tomou deste mundo, utilizou para objetivos santos que fossem do interesse dos Céus. Para ele, tudo, sem exceção, tinha que ser *Leshêm Shamáyim* (em honra aos Céus).

* * *

Vislumbro aqui uma indagação. Sei exatamente o que você quer perguntar. É correto que uma pessoa totalmente dedicada ao estudo da Torá e ao cumprimento das *Mitsvót* não possa usufruir de coisa alguma deste mundo, já que a vida é tão tentadora e tão agradável? Será que quem escolhe o caminho da Torá precisa abrir mão de tudo isso? E, se correto for, que tipo de vida é essa?

Nossa resposta: vossas perguntas indicam um equívoco. Os prazeres dessa pessoa são ainda maiores que os prazeres de quem não vive de acordo com a Torá, cujos prazeres são apenas ilusórios. Talvez pessoas assim tenham a sensação de estarem desfrutando da vida, mas não é esta a realidade das coisas. Na verdade, o que vivem não é vida: não desfrutam realmente do que têm; não se **regozijam** com o que têm. Correm atrás de miragens e as alcançam parcialmente e por um curto período de tempo. Na maior parte dos casos, gastam seus dias na terra em busca de algo que jamais alcançarão.

Nosso objetivo neste mundo é nos tornarmos pessoas que se **regozijem** com a vida. Os prazeres espirituais são os verdadeiros prazeres. São constantes, plenos e estão ao alcance de todos. A **felicidade** espiritual é plena neste mundo e maior ainda no Mundo Vindouro. Aqui, vive-se em estado contínuo de contentamento com os presentes que Deus faz jorrar sobre nós. Precisamos adotar a máxima de nossos Sábios: "Agradece a Deus para cada coisa que Ele te provê" (Mishná, *Berachót* 9:5). Temos tanto a agradecer a Deus, se pensarmos em todo o bem e em todo o amor que ele nos dá todo o tempo, ininterruptamente.

* * *

É este também o significado profundo da bênção que recitamos no *Shemá* (acima mencionada): "... e comereis e vos fartareis". Fartar-se – esta é a mais completa de todas as bênçãos. Os prazeres materiais jamais saciam quem os cobiça. Quem persegue os prazeres mundanos nunca os atinge plenamente. Aquilo que conseguimos realizar nesse sentido jamais atende nossa expectativa. A fome pelo material é insaciável e contínua. Somente quem coloca a felicidade espiritual como meta na vida, relacionando-se com os assuntos deste mundo apenas como meios para alcançar seu verdadeiro objetivo com toda sinceridade, não desejando outra coisa senão satisfazer a vontade Divina – este se saciará com todo o bem que Deus lhe faz. Sua felicidade é garantida, também neste mundo.

* * *

Agora podemos compreender a *Mishná* que diz ser rico somente quem se alegra com o que tem (*Pirkê Avót* 4:1). No capítulo anterior, havíamos levantado a questão: A quem podemos considerar uma pessoa que se contenta com o que tem? Quem não tem ambição alguma, quem é desprovido de vontade? Para esta pessoa, nada terá significado ou parecerá atraente. Como podemos considerar rico aquele que não usufrui do que tem? Como **pode** esta pessoa ser feliz com o que tem, se ainda lhe falta o que os outros têm? Se tratar-se de outra ou outras pessoas, certamente almejará "tê-las" também. Como poderá contentar-se com o pouco que acredita ter?

Já conhecemos as respostas. Nosso aprofundamento no assunto ensina o quanto nos equivocamos em nosso questionamento. É óbvio que quem "se alegra com o que tem" é aquela pessoa que estabeleceu objetivos espirituais para a sua existência neste mundo. Os bens materiais lhe servem apenas como meios para alcançar o que realmente almeja. Por isso, pode agradecer a Deus por cada objeto que Ele lhe dá e que lhe serve de apoio para alcançar sua meta. Esta pessoa está sempre feliz, pois percebe que a cada coisa que Deus lhe dá corresponde o surgimento de uma nova oportunidade para aproximá-la de seu real propósito neste mundo – servir a Deus com maior pureza de espírito. Para uma pessoa assim, tudo está bom. Ela experimenta e reconhece na vida que "tudo que Deus faz é para o bem" (Talmud, *Berachót* 60b). Deus, fonte da Compaixão, não nos envia nada que não possa ser usado para o bem. O homem de coração profundo enxerga e sente este bem, alegrando-se com o que tem. É verdadeiramente feliz neste mundo, por ter

alcançado sua mais elevada remuneração: "A recompensa por uma boa ação é outra boa ação".

Bondade

Este artigo, que o Rabino Dessler chamou de "Discurso sobre a Caridade", é uma compilação que abrange anos de seu pensamento a respeito de tudo o que se relaciona à caridade. O conteúdo central, incluído nos escritos que trouxe consigo de Helm, foi editado durante seus primeiros anos na Inglaterra. O Rabino tinha especial consideração por este material, ao qual dedicou enorme atenção. Uma parte significativa dirige-se principalmente aos jovens que têm entre 16 e 18 anos. Mas, no todo, trata-se da pedra angular de sua visão de mundo e abordagem da Torá. Mais tarde, ele escreveu outros artigos sobre o tema; artigos mais profundos (veja adições do Autor).

Atos de Bondade (1ª Parte)

ou: Dar e Receber

1

Sobre dar e receber

O Criador dotou os seres humanos de duas forças antagônicas: a vontade de dar e a vontade de receber. A vontade de dar é a força mais elevada que o homem possui, e é única, pois trata-se de um dos atributos do próprio Criador do Universo. Deus é a essência da Dádiva; Sua Compaixão e Bondade abrangem o mundo e tudo o que nele existe. Sua Dádiva é infinitamente Pura. Ele não exige nada em troca, pois é impossível dizer que falta algo ao Altíssimo, como está escrito: "... se fizerdes justiça, o que Lhe darás?" (Job 35:7).

Isto significa que quando O servimos, não estamos provendo algo que porventura esteja Lhe faltando. Servir a Deus é um mérito que Ele nos concedeu — para o nosso próprio bem. É o modo de agradecer o bem que Ele nos faz.

O dom que o homem recebeu de Deus para dar é, na verdade, o que o torna um ser misericordioso, capaz de transmitir alegria, ansioso por dar de si mesmo. "Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança". (Gênesis 1:26).

* * *

Por outro lado, temos a vontade de receber, fonte da tendência humana de atrair para si tudo o que estiver a seu alcance. A esta característica chamamos egoísmo. É a raiz de todo o mal do mundo. Existem pessoas que tomam sem dar nada em troca. Se o fazem às vistas de todos, estão roubando; se o fazem às escondidas, estão furtando. Não raro coagem os outros a lhes darem de vontade própria aquilo que têm. Neste caso, são trapaceiros.

Há aqueles que levam o mal a todo o mundo – como os que incitam à guerra e aniquilam populações. Outros ferem a indivíduos. Os primeiros não são julgados pelos homens; somente Deus pode julgá-los com verdade e levar a cabo sua sentença. Para defender-se e lidar adequadamente com o segundo tipo de pessoas, a humanidade elaborou um sistema jurídico. Foram fixadas normas de conduta condizentes e o público foi educado a condenar atitudes que se desviem destas normas. Mas a raiz do mal, ou seja, a vontade de receber, não se anulou com isso. Continua firme, como sempre esteve. Por isto não podemos confiar no homem e em sua civilidade, pois seu comportamento pode estar mascarado pela vontade de enganar, de roubar, de furtar e de matar. Nossos Sábios há muito revelaram a falsidade humana, quando disseram: "Reza pelo bem estar do governo, pois sem o seu temor, os homens devorar-se-iam vivos" (*Pirkê Avót* 3:2).

Algumas pessoas tomam coisas para si sem com isso causar danos aos outros. Simplesmente tomam sem dar nada em troca. Por exemplo, os que gostam de receber presentes ou heranças, ou os que gostam de viver às custa da comunidade ou que buscam mordomias ou lucros com a inflação. Sobre pessoas assim, o mais sábio dos homens ¹⁰ disse: "Quem odeia presentes, viverá" (Provérbios 15:27). Esta afirmação surpreende, pois quem entre nós não gosta de receber presentes? E, contudo, continuamos vivos. E por que deveríamos odiar receber presentes? Tudo isto será esclarecido logo adiante.

* * *

Estas duas forças, dar e receber, constituem a raiz de todos os atos humanos. Saiba: não há um caminho intermediário. No seu âmago, no íntimo de seu espírito, o ser humano tende a uma destas duas inclinações. O coração não admite combinar as duas forças. Tenhamos em mente uma regra fundamental: os interesses humanos são sempre únicos e jamais se fundem em dois tipos de interesses simultâneos. Em toda ação, palavra dita ou pensamento (com exceção daqueles provenientes dos sentimentos mais íntimos do homem, sem relação com mundo externo) o homem sempre inclina-se a dar — ou a receber. Perspectiva semelhante podemos encontrar na obra "Os Deveres do Coração", ¹¹ no quarto capítulo, sobre "O serviço Divino", onde o autor, o Rabino Ibn Pacuda, diz que no mais íntimo do coração humano não existem ações voluntárias, mas somente deveres ou

proibições. Afirmações como esta auxiliam na compreensão do versículo "Quem odeia presentes, viverá". Ao longo deste artigo, o explicaremos de maneira mais completa.

No mundo dos negócios

É natural que comerciantes e homens de negócios perguntem: "De acordo com vossas palavras, somente dar é considerado um ato positivo. E receber, é sempre uma atitude condenável? Se assim for, a ordem mundial ruirá. Deus criou todos os seres para que dêem e recebam; é a ordem do mundo. Por que o homem haveria de ser diferente? Por que não pode dar e receber simultaneamente?"

A verdade é clara: existem duas formas de receber. A primeira é característica das pessoas que tomam o mais que podem e dão o mínimo, como no caso dos comerciantes e intermediários, que aproveitam qualquer oportunidade para lucrar, sem terem ponderado se o empenho e o trabalho que investiram em determinado negócio foi proporcional ao lucro obtido. Existem os espertalhões, que lucram com o fracasso ou com a ignorância alheia e não diferem em essência dos vigaristas comuns. Entre eles, encontramos os que amealham fortunas às custas de empréstimos a juros, os que lucram às custas do trabalho alheio ou exploram seus empregados, pagando-lhes salários desprezíveis em relação ao esforço que despendem – todos estes e seus pares são pessoas que recebem muito e dão pouco.

Mais do que isto: o pouco que dão não é dádiva verdadeira. Não tem como raiz fazer o bem e não provem da vontade de dar, mas de seu oposto – a vontade de receber. Todos os atos e pensamentos desses homens estão centrados na vontade de receber. Quando dão, esperam receber sete vezes mais em troca. O varejista, por exemplo, quando dá, espera vender mais. Se oferecer ao cliente o que tem de melhor em estoque, visa com isto vender-lhe mais. Como se isso não fosse suficiente, quando todos querem receber, cria-se um forte senso de competição e cada um tenta lucrar o máximo em todas as situações. A lógica humana não vê nada de mal nisso. Contudo, não estaria esta concorrência causando dores e sofrimentos desnecessário, e até mesmo enfermidades e mortes?

A outra maneira

O estilo de vida dos *Tsadikim* (justos) é totalmente oposto ao descrito acima. Eles dão o máximo que podem e recebem o mínimo que necessitam. E aquilo que recebem é apenas um meio para seguirem dando e praticando a caridade, atitude que constitui a essência de suas vidas. Portanto, sua bondade vem de uma fonte santa: a vontade de dar. A vontade de receber, enraizada no mal, lhes é estranha. "Quanto aos santos e puros da terra, são as figuras ilustres com quem me deleito" (Salmos 16:3). São pessoas continuamente atentas às virtudes do Criador, em tudo o que fazem.

Qual é o lado bom de dar e receber? Observemos a atitude de duas grandes figuras da humanidade em todas as gerações, uma da antiguidade e a outra, de nossa época. Suas vidas nos revelarão o caminho da verdade e se o trilharmos, não cometeremos equívocos.

A Torá nos conta sobre Enoch, que viveu na sétima geração após Adão: "E andou Enoch com Deus" (Gênesis 5:22). Sobre ele, disseram nossos Sábios: "Enoch costurava sapatos, e a cada ponto que dava, 'unia luzes celestiais' (*'Meiached yichudim lecono'*) para seu Criador" (*Midrash Talpiot*, sobre a Educação). Ovi do Rabino Israel SalanterZ'L uma bela interpretação sobre estas palavras, que condiz totalmente com sua visão de mundo. Segundo o Rabino Salanter, não devemos entender de forma literal as palavras deste *Midrash*. Enquanto costurava sapatos, Enoch não poderia estar divagando sobre os Mundos Superiores. Isto é proibido pela própria lei da Torá. Quem é pago para realizar determinada tarefa não pode desviar sua atenção para outros assuntos. A lei e a retidão de caráter demandam concentração total no trabalho. Disse o Rabino que cada "união de luzes celestiais" dizia respeito unicamente ao desejo de Enoch de atender do melhor modo possível a pessoa que pagava por seus serviços, concentrando-se para não enganá-lo ou entregar-lhe uma mercadoria que não poderia utilizar. Esta era a forma de Enoch louvar seu Criador enquanto costurava sapatos.

Uma pessoa que atua desta maneira não tem como pecar, pois não está interessada em receber senão o necessário para que possa dar mais. Jamais engana um cliente, mesmo

que inconscientemente. E o que recebe nunca tem mais valor do que o valor daquilo que dá.

* * *

O segundo caso é o do Rabino Israel Meir Hacoen ז"ל, conhecido em todo o mundo como o Chafetz Chayim – um santo homem que fomos meritórios de ter em nossa geração. Não desejando viver às custas do seu conhecimento de Torá, ele abriu uma mercearia. É óbvio que sua mercadoria era da melhor qualidade, sendo vendida em quantidades generosas, com o peso pendendo sempre a favor do cliente. Sua freguesia era cada vez maior. O Rabino Israel Meir começou então a se perguntar: "Como irão se sustentar os donos das outras mercearias"? E decidiu abrir a mercearia apenas durante uma ou duas horas por dia, o suficiente para garantir o sustento de sua família para aquele dia. Fechava as portas em seguida, de modo a facilitar aos outros merceeiros que ganhassem seu sustento. Quando ficou sabendo que as pessoas procuravam somente a sua loja, mesmo durante as poucas horas que a mantinha aberta, decidiu fechá-la. Não teria mais a mercearia e deste modo não prejudicaria o sustento alheio.

O Chafetz Chayim passou a ganhar seu sustento da venda de seus livros. Durante um longo período, viajou por inúmeras comunidades judaicas em todo território russo, polonês e lituano, vestindo-se sempre como vendedor ambulante para oferecer seus livros nas sinagogas e casas de estudo. Em geral, não era reconhecido. Mas, às vezes, perspicazes rabinos locais descobriam que aquele "vendedor ambulante" era ninguém menos do que o renomado autor dos livros que vendia.

Como toda publicação pressupõe alguns exemplares com defeitos na impressão, o Chafetz Chayim costumava revisar seus livros um a um após a impressão, para detectar possíveis erros e não cometer o pecado de venda enganosa e ganho indevido de dinheiro. Agiu deste modo durante toda a sua vida. Sobre cada livro revisto e aprovado, o Chafetz Chayim escrevia de próprio punho a palavra "Revisado". Os exemplares que sobreviveram até os nossos dias, trazendo a palavra "Revisado" escrita pelo autor são, obviamente, muito valiosos.

O escritor destas linhas testemunhou um fato impressionante na década de 20. Alguns rapazes da área leste de Londres se reuniram em um grupo com a finalidade de fazer *Mitsvót*. Ouviram falar do Chafetz Chayim e da pobreza em que vivia. Juntaram 100 libras esterlinas e as enviaram ao *Tsadik* através de uma ordem bancária. Esperaram uma carta de agradecimento, mas ela demorou a vir. Qual não foi sua surpresa quando lhes chegou pelo correio um pacote repleto de livros e um recibo no valor de... 100 libras esterlinas! Os rapazes apressaram-se a difundir os livros em todas as sinagogas locais. Deste modo, o *Tsadik* deixou, uma vez mais, de receber sem dar algo em troca e ensinou a todos o sentido da doação.

* * *

Nossos Sábios disseram: "Viver do trabalho das próprias mãos é mais elevado que o temor aos Céus" (Talmud, *Berachót* 8,1). Mas qual é, afinal, a grandeza de quem vive do trabalho braçal? Um homem que se esforça em obter sustento somente do próprio trabalho é um grande homem, e tem como atributo principal querer dar, mais do que receber. Um homem como este teme realizar trabalhos remunerados somente por seu valor intelectual, pois pode vir a ganhar mais do que merece. Por isto prefere o trabalho braçal, simples, de baixa remuneração, que exige esforço invariavelmente maior do que o pagamento correspondente.

(É claro que não encontramos esse tipo de atitude em todas as pessoas. É natural cada indivíduo buscar uma ocupação que se ajuste às suas habilidades e intelecto e se puder lucrar com esta ocupação, tanto melhor. Mas ao menos deve ter bem certo em seu coração que está fazendo o melhor que pode em prol das pessoas que o contrataram e que confiam em seu trabalho, ou em prol de quem adquire sua mercadoria. Desde modo, chegará a algum tipo de equilíbrio entre dar e receber.)

Mas por que pessoas que ganham o sustento especificamente com o trabalho de suas mãos são mais elevadas do que pessoas que temem aos Céus? Tentaremos responder na sequência.

As raízes do amor

Não existe no mundo quem não tenha dentro de si ao menos uma centelha da virtude de dar. Percebemos isso quando vemos gente que, incorrigíveis "receptores," proporcionam tudo do bom e do melhor aos seus amigos e parentes por ocasião de uma solenidade familiar. Ninguém se alegra com sua data de aniversário, casamento e outras comemorações se não a compartilha com outros. O homem traz em seu âmago um ímpeto inato pela vida em comunidade, seja do tipo que for (por este motivo, a prisão, na verdade um alijamento da sociedade, é considerada tão séria punição). Qual é a origem desta tendência? É a centelha da virtude de dar.

Todos ansiamos por ter filhos. Identificamos neste desejo dois tipos de motivação. Por um lado, queremos uma prole que dê continuidade às nossas próprias vidas, que nos proporcione a sensação de que a morte não porá fim aos nossos esforços que fizemos. Existe, porém, um motivo mais forte: Queremos ter a quem brindar com nosso amor e nosso carinho – todo o tempo. Por este motivo, casais sem filhos tantas vezes adotam crianças e as criam como se fosse seus próprios filhos. Outros dão todo o seu amor a animais de estimação, tratando-os como se fossem crianças. Isto também prova a tendência a dar que faz parte da alma humana.

Surge aqui uma questão interessante. Parece que o amor e a vontade humana de dar são duas faces da mesma moeda. Será a vontade de dar resultado do amor? Ou será que o amor nasce ao darmos algo a alguém? Podemos, quase sempre, ver o amor como a fonte do anseio de dar. Prova é o fato das pessoas presentear abundantemente as pessoas que amam. Mas a moeda tem outra face. O ato de dar pode gerar amor de nossa parte em relação a quem ou ao quê damos algo de nós mesmos. Sentimos amor pelo que fazemos ou pelo que ajudamos a criar, pois vemos ali uma parte da nossa essência – seja um filho que trazemos ao mundo, um animal de estimação do qual cuidamos, uma planta que ajudamos a crescer, algo que confeccionamos ou uma casa que construímos. O homem sente-se conectado com aquilo que cria porque se vê espelhado no objeto de sua criação. Meu alunos me mostraram um trecho que escreveram nossos Sábios, onde

aprendemos um conceito semelhante (de que o amor nasce da vontade de dar). Eis o trecho: "Se você quiser estreitar os laços de amizade com seu próximo, interceda a seu favor" (Talmud, *Dérech Éretz Zutá*, capítulo 1).

* * *

Um amor assim é extremamente profundo. Vamos aprender isto diretamente da Divina Torá, fonte única que nos ensina de modo completo os mistérios das forças do homem – pois só o Criador conhece os segredos da alma humana.

A Torá ensina, por exemplo, que dos recrutados para uma guerra, certas pessoas podem abandonar a frente de batalha e retornar a seus lares:

O homem que edificou uma casa nova e não a inaugurou...

O homem que plantou uma vinha e não a desfrutou...

O homem que desposou uma mulher e não a tenha tomado...

(Deuteronômio 20:5-7)

São situações que têm um denominador comum. Quem edifica uma casa ou planta uma vinha possui o mesmo *status* de quem desposa uma mulher, alguém com quem manterá relações íntimas e pessoais. E não resta dúvida de que há outras situações nas quais a existência do amor é resultado da vontade de dar.

Conheci um jovem casal cujo amor pelo filho pequeno não tinha limites. Quando eclodiu uma guerra na cidade onde viviam, viram-se obrigados a fugir. A jovem mãe não estava em casa naquele dia; o pai fugiu com a criança numa direção e ela teve que fugir na direção oposta. A família foi separada pelas forças de ocupação e assim permaneceu, com dor e saudades, até o final da guerra. Quando a paz retornou, a família uniu-se novamente em imensa alegria.

Mas nem tudo voltou a ser como antes, pois não havia como remediar as mudanças causadas pela guerra. O amor que o pequenino nutria pelo pai era, agora, maior do que o que sentia pela mãe. Por quê? Por que se separaram quando ele era muito novo e reencontraram-se quando já havia crescido? Sentira a mãe saudades da criança que havia

perdido, sem esperanças de voltar a vê-la? Não. Isto era ilusão. A verdade nua e crua é que a vontade de dar amor não colocada em prática durante todos aqueles anos não tinha lugar no tempo presente. Fora o pai quem criara e educara o menino, investindo nele todo o amor e cuidado possíveis, o que naturalmente seria dado também pela mãe. Mas o amor derivado de todos os atos de "dar" passou exclusivamente para o pai.

* * *

Encontramos mais um exemplo de "amor nascido da vontade de dar" nas leis de ajuda a uma pessoa em estado de necessidade. O Talmud nos relata duas situações. (*Baba Metsiá*, 32:b). A primeira trata de um animal cuja carga que carregava caiu. Neste caso, é uma *Mitsvá* ajudar o dono a recolocar a carga no lombo do animal. A segunda fala de um animal que foi carregado, mas que ao se mover começou a sentir grande peso em seu lombo. Neste caso, é uma *Mitsvá* aliviar as dores do animal e ajudar seu dono a descarregar a carga e recolocá-la de um modo que não faça este animal sofrer. Se alguém se depara com as duas situações ao mesmo tempo e precisar agir com rapidez, obrigatoriamente terá que optar por aliviar as dores do animal, pois existe no Talmud uma proibição de maltratar animais ou causar-lhes sofrimento desnecessário. Se um dos animais pertence a um amigo e o outro, a um inimigo, a *Mitsvá* recai sobre o animal do inimigo. O homem tem por natureza ajudar as pessoas de quem gosta ou sente-se próximo e menospreza seus inimigos. Mas uma das metas da Torá é mudar esta atitude, transformando-o de receptor em doador. E por isso manda prestar socorro ao inimigo antes do amigo — para modificar seu instinto egoísta.

Mas qual será o procedimento correto, se estivermos diante de uma situação em que tivermos de escolher entre **descarregar** um animal que está sofrendo, sendo que este animal pertence a um amigo, e ajudar um inimigo a **carregar** um animal? O Talmud nos diz que, mesmo num caso assim, a *Mitsvá* de carregar o animal do inimigo tem precedência sobre a de aliviar a carga do animal de um amigo. Ainda que aliviar as dores de um animal seja mais importante, como diz a Torá, nossos Sábios mandam ajudar o inimigo com o intuito de modificar em nosso íntimo o impulso de receber e transformá-lo em uma tendência para dar. Esta lei tem ainda outra explicação: ao ajudarmos um inimigo, o ódio que até então ocupava nosso coração cede lugar ao amor criado pelo ato de dar. Uma

visão aguçada e uma compreensão mais ampla do espírito humano podem nos prover exemplos adicionais do que acabamos de aprender.

Um homem não perde algo que dá ao próximo. Sua essência, conectada ao ato de dar, transfere-se para quem recebeu dele um objeto ou auxílio. A esta conexão espiritual entre uma pessoa e outra chamamos de "amor".

"Amarás ao próximo como a ti mesmo"

Entre um homem e uma mulher existe uma atração biológica semelhante à que encontramos nos animais. Esta atração atende à necessidade criada por Deus de nos perpetuarmos, assim como satisfazer a fome atende a necessidades do nosso organismo.

Mas o gênero humano apresenta um fenômeno adicional e superior: o amor entre marido e esposa cria sentimentos profundos de carinho e proximidade, essencialmente distintos da necessidade mencionada acima. De onde vêm estes sentimentos?

Ouvi dizer que eles são frutos do reconhecimento. Duas pessoas são gratas uma à outra porque ajudam-se mutuamente no sentido de preencherem suas necessidades naturais. Mas isso também é um equívoco. Existe muita gente ingrata no mundo, e entre essa gente também existe o sentimento de amor dentro do casamento. Podemos dizer então que o amor entre cônjuges deve-se ao fato de complementarem um ao outro. Foi assim que Deus criou o mundo. Quando está só, o homem sente-se incompleto e não consegue fazer as coisas da maneira adequada. "Quem não tem uma esposa, não é um homem completo" (*Bereshít Rabá* 17). Juntos, marido e esposa completam um ao outro graças à dedicação mútua. É sobre este fundamento que nasce o amor entre o casal, segundo o princípio que discutimos anteriormente: quem dá de si, ama.

É evidente que, movidos pelo amor, o homem e a mulher desejarão continuar brindando um ao outro com satisfação e alegria. É esta dedicação contínua que mantém o sentimento.

* * *

Em contraste com essa realidade, no entanto, nos deparamos com um fato que chama a atenção. Por que é tão comum que o amor entre um homem e uma mulher tenha curta duração? A resposta é simples. As pessoas são, em geral, "receptoras" e não "doadoras". Quando há equilíbrio, pode-se dar e amar. Mas a partir do momento em que o homem e a mulher querem só receber, um pensando que o outro tem a obrigação de dar de si, o que

era dedicação mútua passa a ser um relacionamento de demandas. E quando as exigências surgem, o amor desaparece.

Por isso, costumo dizer aos noivos no dia do seu casamento: "Neste momento, o desejo de cada um de vocês é satisfazer as necessidades do outro. Façam o possível, meus amados, para manter sempre viva esta vontade, com a mesma força de hoje. Saibam que no dia em que começarem a fazer exigências um ao outro, vossa felicidade chegará ao fim."

Algumas pessoas não querem se casar. São pessoas que não conseguem livrar-se da vontade de receber, nem mesmo por um instante. Seus instintos naturais não conseguem transformá-las em "doadoras", ainda que em pequena dose.

Alguns casais desejam ter poucos filhos, fato comum em nossos dias. São exemplos extremos de "receptores", pois não desejam dar de si nem mesmo aos próprios filhos.

* * *

Um relacionamento completo entre homem e mulher se cria e ganha força quando ambos alcançam um nível que lhes permite darem-se por completo ao outro, passando a agir sempre desta maneira. Assim, seu amor não se extinguirá e eles viverão uma relação de alegria e harmonia durante todos os seus dias.

Da ambição humana

As pessoas tendem a admirar os ambiciosos. Por isto, despendem recursos e energias educando seus filhos para tornarem-se ambiciosos. Alguns afirmam que a ambição faz parte da própria razão de viver. Será mesmo assim?

Ambição é fome. O homem faminto quer alimentar-se e o ambicioso, satisfazer seus anseios. Vê-se que é um grande equívoco pensar que a ambição é a própria vida. Fome não é vida. É somente um estímulo que o Criador implantou no homem para lembrá-lo que deve cuidar de sua subsistência. A ambição se parece com a fome, e as inclinações do nosso coração fazem-na pender para um lado ou para o outro — para o bem ou para o mal.

Se observamos os animais, veremos que comem o suficiente para se satisfazerem e que voltam a comer somente quando sentem necessidade. O porco é uma exceção, pois come o tempo todo e parece jamais saciar-se. O gênero humano sofre de um conflito semelhante. "Não se saciará com dinheiro o que ama a prata" (Eclesiastes 5:9). Esta pessoa estará sempre faminta. E não só com "fome de dinheiro," de mais e mais dinheiro a controlá-la incessantemente. Esta é a natureza de todos os desejos e ambições materiais: quanto mais tenta supri-los, mais faminto o homem se torna. "Se o sacia – tem fome", dizem nossos Sábios com referência a outra paixão material (Talmud, *San'hedrin* 107a).

É impossível preencher de forma satisfatória todos os desejos humanos. A fim de saciar apenas um mínimo de seus anseios, o homem precisa enfrentar intensas batalhas e dedicar estupendos esforços. Mesmo que chegue à longevidade, não terá satisfeito metade dos seus sonhos, como disseram nossos Sábios: "O homem morre sem a metade de seus desejos nas mãos" (*Cohélet Rabá* 1:34).

Mas a situação é pior do que parece. A voracidade humana não se limita apenas ao que se necessita ou ao que se tem ao alcance em dado momento, mas ao que se pensa que faltará no futuro. A voracidade aumenta com a preocupação pelo futuro – e o homem se prepara até para uma etapa onde provavelmente já não estará vivo. Sua "fome" o ocupa

com necessidades imaginárias ou verdadeiras de seus filhos e netos. O anseio por acumular o faz despende esforços sem fim para tentar prevenir-se de antemão – não nos esqueçamos das preocupações humanas com situações como furtos, falência etc. Quanto mais capital acumula, quanto mais aspira a garantir seu futuro, maiores serão suas preocupações e sua ambição, estabelecendo um círculo vicioso inquebrável.

A ânsia em garantir o futuro transforma-se num empecilho na vida dos homens, impedindo-os de utilizarem seus talentos para solucionarem problemas correntes. Ainda que pudessem ter uma vida sem problemas no presente, não o fariam, por receio de estarem gastando tempo e esforços que poderiam usar para garantir seu futuro. Isto é consequência dos impulsos aos quais vimos nos referindo.

Um homem que vive assim não tem senão uma grande fome em todos os sentidos, até morrer, cansado e ainda faminto.

* * *

Anos atrás, quando viajava pelos países do norte, vi uma alcateia faminta em busca de comida. De repente, aqueles lobos encontraram uma carcaça caída e avançaram sobre ela, todos ao mesmo tempo, para tentar saciar sua fome. Mas não conseguiram, porque cada um deles atacava outro lobo, tentando empurrá-lo para longe. Lutaram e morderam-se uns aos outros, até ficarem feridos e ensanguentados. Continuaram a lutar até caírem sobre a neve e somente alguns deles, os mais fortes, cravaram dentes na presa. Alguns momentos se passaram e estes também começaram a lutar entre si, até um deles vencer e arrastar a presa com sua mandíbula.

Depois de presenciar esta terrível cena, observei o vencedor que corria para longe, deixando um rastro de sangue sobre a neve, consequência de seus ferimentos. Disse a mim mesmo: "Esta luta custou-lhe sangue; mas conseguiu ao menos aplacar sua fome. Sobre ele podemos dizer: 'Com seu espírito ganhou seu pão.' "

Olhei para os outros lobos. Percebi que suas feridas eram mais graves que as do vencedor da contenda. Haviam perdido muito sangue e suas forças minguavam. O que ganharam com a luta? Nada. Conseguiram somente a vergonha dos vencidos. Foram

vencidos por um igual, que comeu e se saciou, enquanto a eles nada sobrou a não ser a dor. A fome, a mesma fome que causara a disputa, permaneceu intensa como antes.

Agora, quando penso na voracidade humana e em sua ânsia pelas coisas materiais, vejo à minha frente algo parecido com aqueles lobos. Aquela imagem assemelha-se com o que acontece entre os homens. O vencedor da luta pela vida também deixa a contenda ferido, enfermo e cansado. Mas sua vitória é oca, pois jamais conseguirá saciar sua fome. Se este é o quinhão do vencedor, o que diremos do destino dos vencidos?

A maioria das pessoas é derrotada na insana luta pela sobrevivência neste mundo.

Adições do autor

Um bufão disse certa vez: Só existem duas tragédias no mundo. Uma, quando o homem não consegue o que quer e a outra, quando ele consegue o que quer. Teríamos então de nos perguntar: Por que uma pessoa que luta tanto para conseguir o que quer jamais se sente satisfeita?

Há nisso alguma coisa tão profunda quanto assombrosa.

Descobri que a "ânsia" por alguma coisa é um impulso que atrai o homem para algo externo a si. Nesse sentido, ela difere de outros impulsos, como a fome, por exemplo, que nada mais é do que um alerta para que o estômago seja preenchido. O objetivo da fome é claro e definido. No entanto, o pobre coitado que caiu nas redes da ânsia por dinheiro ou por qualquer outro objeto de caráter material não precisa de nada claro ou definido. Ele está dominado por um impulso artificial, que se renova continuamente e que o leva a procurar ter cada vez mais coisas sob seu controle. Ele tem necessidade de se apoderar do que está fora dele, simplesmente **porque aquilo está fora dele**. Esta ânsia não tem relação com o valor real do seu objeto de desejo. Seu "valor" é derivado do fato de estar fora de seu alcance.

Portanto – e esta é a prova mais convincente na nossa análise –, quando esta pessoa alcançar o que tanto quer, não mais o desejará e perderá seu interesse. O objeto em questão terá perdido o poder de satisfazer o ímpeto da pessoa de possuir o que estava

fora de seu alcance. E se ela pensa que poderá substituir esta carência com outro objeto, e que talvez este a satisfaça, engana-se por completo. É sabido que as pessoas "ricas" sacrificam-se ao extremo para acumular mais riquezas, sendo que este impulso é menos frequente nas pessoas pobres, como disseram nossos Sábios: "Quem tem cem, quer duzentos; se tem duzentos, quer quatrocentos" (*Cohélet Rabá* 1:34). É desnecessário lembrar que pessoas assim vivem em contínuo estado de insatisfação.

Não estamos falando só de ambição por dinheiro. O mesmo se dá com os outros impulsos físicos. O Talmud nos conta, no final do Tratado *Nedarím*, de um homem suspeito de atividades maritais ilícitas que escondeu-se na casa do marido de alguém. Este marido chegou em casa e quis ingerir um alimento que tinha sido envenenado por um cobra. O homem que se escondia avisou-o e salvou-lhe a vida. Rava, um *Amorá*, conclui que este homem era inocente do que o acusavam. Se fosse culpado, deixaria o outro morrer. O Talmud pergunta: "Mas isto não é óbvio?" E responde: Poderíamos pensar que o pecador estivesse interessado na sobrevivência do homem casado, para que seu pecado tivesse o gosto **real**. Afinal, "águas roubadas são mais doces" (Provérbios 9:17). Por isto Rava nos diz que se o homem fosse realmente adúltero, deixaria o marido morrer para tomar-lhe a esposa. O relato do Talmud acaba aí. Mas ainda podemos perguntar: Como Rava estava tão seguro de seu raciocínio? E se a primeira hipótese fosse a correta? O *Tossafót* (comentários adicionais) levanta esta questão e diz que uma pessoa suspeita de adultério não sabe que "águas roubadas são mais doces".

Esta afirmação fica mais clara se colocada sob o prisma do que abordamos inicialmente. Se uma pessoa é prisioneira de suas paixões, ela tem como força motriz a sensação de "falta". Este sentimento é temporário e está associado à dificuldade de conseguir o que tanto deseja. No momento que aquilo se torna disponível, o anseio pela posse diminui ou desaparece. O indivíduo imagina que sua felicidade depende de apoderar-se do que está fora de seu alcance e que se tiver o objeto que quer, será a pessoa mais feliz do mundo. Se pudesse reconhecer o quanto está equivocado, cessaria imediatamente sua busca.

Descobrimos, então, porque uma pessoa movida pela ambição jamais sacia seus desejos: ela corre atrás de ilusões. Por isso, seus esforços não resultam em frutos verdadeiros.

Este fenômeno é suficientemente estranho para intrigar até mesmo sábios. Por que o homem não aprende com a sua experiência? Está sempre perseguindo objetivos materiais e se decepciona quando não fica satisfeito ao alcançá-los. Por que não aprende de uma vez por todas a evitar esforços desprovidos de propósito? Se já chegou à conclusão que intentos anteriores em nada resultaram, por que não compreende que suas próximas investidas serão iguais? O que aconteceu com o nosso desenvolvido intelecto, orgulho da espécie humana? O mais sábio dos homens sintetizou o fato nas consagradas palavras:

Tudo é vão e fútil, diz Cohélet.

Futilidade das futilidades, sim, tudo é fútil

(Eclesiastes 1:2)

* * *

Também devemos ter em mente que os conceitos "adquirir" ou "ter" podem nos enganar. Minhas posses não são "minhas" do mesmo modo que minhas mãos, pés ou pensamentos. Não é certo dizer que algo externo ao homem lhe "pertença," que faça parte dele, una-se a ele, seja parte integral de seu corpo ou espírito.

A definição do conceito de posse é de cunho jurídico: significa que determinado objeto se encontra à disposição de determinada pessoa e que ninguém mais tem o direito de fazer uso dele. É por este motivo que, em hebraico, o idioma sagrado, não há um termo que descreva o ato de "ter", como há em outros idiomas. Em português,¹² por exemplo, um utensílio ou uma quantia de dinheiro estão ligadas a alguém por laços de propriedade, como se fossem parte integrante de sua essência. No idioma sagrado não temos um verbo assim. O conceito de propriedade é usado em hebraico por meio do termo "*Li*" (**para mim**), como por exemplo, "*Li hákéssef, Li hazaháv*" (a prata para mim, o ouro para mim). Em hebraico moderno, diz-se "*lesh li cach ve cach késsef*" (há para mim tanto e tanto em dinheiro). Ou seja, o idioma sagrado ensina que não há propriedade absoluta neste mundo. Um objeto existe no mundo "para mim" e posso dispor dele para atingir os objetivos que me foram colocados pela Torá. O hebraico ensina a função de cada elemento na terra por meio de seu significado intrínseco. Por isso é chamado de "idioma sagrado."

A pessoa que deseja mas não consegue obter algo externo a si sente-se frustrada. Como não pode alcançar seu objetivo, vive em constante estado de amargura. Bem aventurado o homem cujos anseios se voltam para aprimorar a essência do seu ser: sua alma. A realização desta meta está ao seu alcance e não há força no universo que possa obstruir-lhe o caminho. Se o fizer, será feliz neste mundo e no Mundo Vindouro.

* * *

De tudo o que foi dito acima, aprendemos que o ambicioso – o faminto – é a criatura mais miserável de todos os seres vivos. Mas se alguém perguntar, "E quanto ao indivíduo que almeja metas espirituais?," veremos que há uma diferença adicional entre quem dá e quem recebe; entre a inclinação para dar e a inclinação para receber. Discutiremos este ponto no próximo capítulo.

Os anseios positivos

Aprofundemo-nos um pouco mais em nossa análise. Fome indica carência. No caso, carência dos alimentos que estão faltando ao organismo. Da mesma forma, as insatisfações quanto a outras necessidades ou desejos humanos causam fome psicológica. "Desejar" significa sentir que o objeto do nosso desejo nos falta.

Podemos afirmar, assim, que tanto a ambição quanto o desejo são **forças** com as quais o homem atrai para si elementos que acredita terem o poder de completar o que imagina que lhe falte. Quando a necessidade for preenchida, ele supostamente sentirá satisfação. Mas, como vimos, desejos fundamentados na vontade de receber jamais serão plenamente realizados, pois a carência à qual estão ligados não tem como ser preenchida.

O que diremos então da vontade de dar? Podemos afirmar que a pessoa doadora também está preenchendo uma necessidade íntima? Nesse caso, por que seria mais digna do que quem só quer receber?

Para respondermos, precisamos explorar um ponto chave do assunto. A vontade de dar não tende a atrair o homem algo externo a ele, como acontece com a vontade de receber. A vontade de dar **nasce da satisfação e não da carência**.

Algumas pessoas esmeram-se em corrigir falhas de caráter educando-se anos a fio, até se libertarem por completo da necessidade de correr atrás das coisas materiais. Elas já não lhe interessam, tornando-se fúteis aos seus olhos. Estão felizes com o que têm e satisfeitas com o que recebem. Quem chega a este nível tem o mérito de receber as bênçãos dos Céus, como está escrito: "E comerás e te fartarás" (Deuteronômio 11:15). Esta bênção é especial, pois algumas pessoas comem, mas não se fartam (como mencionamos). Sabemos também que comer demais tem significados psicológicos. Somente quem progrediu espiritualmente se satisfaz com o que come. Deus abençoará e recompensará os esforços espirituais desta pessoa, para que ela viva satisfeita, pois o homem foi criado para se realizar por completo e não para viver como um ser carente.

Nossos Sábios disseram: "Quem é rico? Aquele que se contenta com o que possui" (*Pirkê Avót* 4:1). Sua profunda sabedoria atingiu o cerne do pensamento humano e compreendeu que rica é a pessoa que dedica tudo o que tem à sua evolução espiritual. Somente uma pessoa como esta está feliz com os bens materiais ao seu dispor, sem que sinta necessidade de ter mais do que precisa. Este é o rico. Os demais (a maior parte da humanidade), tenham ou não tenham, serão sempre carentes, pobres e famintos.

* * *

A qualidade de dar é característica intrínseca de uma pessoa **feliz**, no sentido que nossos Sábios dão ao termo, que inclui não só quem se contenta com o que possui. A vida da pessoa feliz é repleta de satisfações espirituais cuja riqueza faz com que ela não tenha interesse por bens materiais. Sua felicidade é como um rio que transborda. Sabemos que o coração de um homem em estado de regozijo se expande e faz com que ele queira compartilhar sua felicidade com quem está à sua volta. Quanto maior a alegria, maior será a vontade de estendê-la a outros. Desta forma sente-se aquele que é um doador. Como todos os seus anseios estão voltados para o crescimento espiritual, enxerga em todas as coisas ao seu redor, grandes e pequenas, o que está escrito: "Em verdade, nunca cessa a bondade do Eterno! Sua mercê nunca se esgota" (Lamentações 3:22). Tudo que lhe foi dado, foi dado unicamente com propósitos espirituais, e por isso a alegria com o que recebe dos Céus não conhece limites. Um homem espiritual vive em estado constante de felicidade, como está escrito: "Quem é feliz sempre se regozija" (Provérbios 15:15).

A felicidade e a alegria são a origem da vontade de dar e, também, a origem do amor. Portanto, o anseio por fazer o bem ao próximo não deriva da falta de algo, como acontece com aquele que só quer receber. A dedicação ao próximo é a expressão de um estado de alegria profunda. Quem vive este estado propicia bem estar a todos os que estão próximos. É o grau espiritual que o Talmud chama de "fazer com amor" (Tratado *Shabát* 88,b).

* * *

Nossos Sábios reafirmaram este conceito quando disseram que "Viver do trabalho das próprias mãos supera o temor aos Céus" (*Berachót* 8,1). Como foi lembrado no Capítulo 3, quem vive do próprio esforço tem maior integridade espiritual, pois quer dar mais do que quer receber. É a pessoa que desenvolveu em si a vontade de dar. E por que supera quem teme a Deus? Porque quem dá, o faz por amor a Deus. E amar a Deus supera o temor a Deus. (Talmud, *Iomá* 86a).

* * *

Resta-nos discorrer sobre os sentimentos de compaixão e de solidariedade para com a dor alheia. Sem dúvida, estão entre as mais elevadas qualidades do homem. Que lugar ocupam na composição do caráter? São sentimentos que vêm do sofrimento que sentimos quando vemos outra pessoa sofrer. É como se o que faltasse a essa pessoa também faltasse a nós. Quando ajudamos alguém que passa por um momento difícil, estamos na verdade aplacando a nossa própria dor.

Cabe a pergunta: Não estaríamos nós mesmos, então, igualmente carentes?

Examinaremos este aspecto a seguir.

Como se conquista a virtude de dar?

Antes de chegar ao estágio da satisfação, o ser humano passa pelo estágio da carência. Suas atitudes são motivadas pelo sentimento de que lhe falta algo e pela necessidade de preencher este vazio. Ainda não atingiu o estágio de regozijo e satisfação íntima que mencionamos no oitavo capítulo, e a realização pessoal não lhe é suficiente. Quando estiver nesta direção, certamente começará a tomar atitudes assertivas, estimuladas por sua "fome" de satisfazer uma vontade pessoal, egoísta.

Seu serviço Divino será realizado "sem a intenção ideal" (*Ló Lishmá*), ou seja, pensando somente em si mesmo, mas a partir de uma devoção não "ideal", tentará chegar a uma devoção "ideal" (*Lishmá*). Fará as coisas por temer o castigo que o espera e observará *Mitsvót* "para receber recompensa" (*Pirkê Avót* 1:3). As *Mitsvót* para com seus semelhantes também serão cumpridas por sentimento de piedade e não de amor altruísta, pois continuam praticadas em torno do "eu", para evitar sentir a dor que causa ver o outro em estado de penúria.

Estas motivações se fundamentam na vontade de receber, pois a pessoa age apenas em benefício próprio. Mas ela terá que aproveitar os estímulos para alcançar objetivos espirituais. Isto é o que dizem nossos Sábios: "Amarás a Deus com todo o teu coração – ou seja, com teus dois impulsos, o positivo e o negativo".¹³ A caminho do crescimento espiritual, o homem deve usar todos os recursos ao seu dispor, inclusive seus impulsos egoístas.

* * *

Para se adquirir a qualidade da benevolência, existe um método eficaz. A fé é um dom que os Céus enviaram ao homem. Por seu intermédio, ele pode mergulhar dentro da própria alma e tentar desvendar os mistérios de sua essência, expressando-os através da palavra falada ou escrita, da escultura ou da pintura. Se quiser expressar algo sublime, como o amor de uma mãe por seu filho, um artista terá de esmerar-se. A mãe, por sua vez, não

precisa de qualquer talento artístico. Seu comportamento e seu sentimento são autênticos. Por isso uma expressão artística desta cena terá que causar profunda impressão a quem a contemple.

Deus implantou centelhas artísticas em cada um de nós, de acordo com nossos talentos. Sempre que ativamos nossa imaginação, nossos sentimentos despertam e uma imagem da realidade se forma em nossa mente. Temos que aproveitar estes momentos para moldar nosso mundo interior de acordo com as orientações da Torá.

O mesmo se dá com a virtude de dar. Como é através dela que chegamos ao ápice da alegria, da proximidade, da nossa entrega a Deus com amor – a verdadeira base da virtude de dar –, podemos tentar imaginar as preocupações e dores de nossos semelhantes nos seus mínimos detalhes. A simpatia e a compaixão que sentimos nesses momentos são dínamos das nossas ações caritativas. Da mesma forma, podemos imaginar o prazer e o alívio que o outro sentirá ao livrar-se do mal que o atormenta. O conhecimento da felicidade que podemos proporcionar ao próximo deve tornar o ato de dar mais fácil para cada um de nós.

A imagem que desenhamos em nossa mente só será materializada se a ela adicionamos o amor ao próximo que está contido em nosso coração. Se isto não for suficiente, podemos optar por "servir a Deus por temor". Devemos, pois, sentir que é nosso **dever** prestar auxílio, inculcando em nossas mentes o sentimento da pessoa que o receber. Mais do que isto: Precisamos aumentar ao máximo o número dos nossos atos de bondade e acreditarmos que, constantes, estes atos de bondade penetrarão em nosso coração, implantando nele o mais genuíno desejo de dar.¹⁴

Quando alcançarmos a virtude de sermos "doadores", não mais sentiremos a necessidade de imaginar os sentimentos da pessoa que recebe; nossa nova natureza agirá espontaneamente. Nossos atos de bondade serão puros e fluirão do nosso lado bom, sem qualquer ligação como necessidades ou interesses pessoais.

O remédio para as más inclinações

Qual é o caminho que pode nos livrar das armadilhas que as más inclinações nos preparam? Esta é uma pergunta difícil. Nossa inclinação para o mal e nossa vontade de receber se originam do nosso *létsér Hará*. Ainda que consigamos dominá-lo momentaneamente, sua essência continuará parte de nós, sem que tenha sofrido qualquer dano ou diminuição! Quem pode conter uma inclinação como esta?

Nossos santos Sábios abriram o caminho para a difícil empreitada, ensinando: "Se o sacias – tem fome; se o privas – sacia-se" (veja nota anterior a respeito). Isto significa que o método para sanar o mal da má inclinação, da vontade de receber, já testado e comprovado, é curar a fome **por meio da própria fome**. A regra é simples: prive seus maus instintos de suas vontades e eles deixarão de te atormentar.

Um *Tsadíc* (justo) utiliza mais facilmente a "receita da fome", pois sabe que a vontade de dar e a vontade de receber não coabitam simultaneamente no coração do homem. Até livrar-se totalmente de sua vontade de receber, ele não será um doador (ver capítulo 2), jamais chegando a adquirir por completo esta qualidade Divina (ver capítulo 1). Mesmo quem não é justo percebe que, enquanto não se livrar da vontade de receber, sua vida não será boa e ele verá que é preferível sentir um pouco de fome a perder o gosto pela vida (ver capítulo 6). Tomar consciência disto é meio caminho andado para curar-se do mal.

* * *

Compreendemos agora porque os justos eram cautelosos e evitavam "receber", procurando se afastar ao máximo dessa perigosa força do espírito. Entendiam perfeitamente o significado do versículo "Quem odeia os presentes, viverá." Para eles, não havia dilema algum.

Por que o termo "odiar" é usado? E por que é dito que a pessoa viverá? Como mencionamos este versículo no final do primeiro capítulo para tentarmos aclará-lo por completo, creio que depois de tudo o que foi dito aqui, não temos nada a acrescentar.

A gratidão

Qual é a origem dos sentimentos de apreço e gratidão? Onde residem na alma do homem? E de onde vem a ingratidão, moléstia do espírito que tornou-se uma constante em nossos dias? Também nessa investigação, a vontade de dar e a vontade de receber podem ser distinguidas.

Uma pessoa bondosa sente no fundo da alma que deve abster-se de receber presentes. Sua natureza a leva a dar e não a desejar para si objetos externos. Assim, quando recebe algo, desperta em seu coração a vontade imediata de dar algo em troca. Se não se vê em condições de retribuir com algo igualmente valioso, seu coração a estimula a expressar genuína gratidão e apreço pelo que recebeu, atitude que alegra a quem lhe deu o presente.

Tudo o que o receptor anseia é amealhar para si o máximo que puder, seja tomando, enganando, ou executando outras manobras que lhe proporcionem "presentes". Acredita no íntimo que tudo lhe pertence e que todos têm por dever satisfazê-lo. Se um amigo lhe presta um favor, não sente necessidade de agradecer-lhe ou devolver-lhe o favor. Aos seus olhos, é algo óbvio que as pessoas devam lhe servir. É, por natureza, um ingrato. Às vezes, vemos um ingrato agradecer ou enaltecer alguém. Não creia na veracidade de sua gratidão, pois ela só existe da boca para fora. Não brota de seu coração. Suas expressões de gratidão tem por objetivo conseguir que lhe façam mais favores e lhe dêem mais presentes no futuro. Sua gratidão, no caso, é outra amostra da vontade de receber.

A fonte de estímulo da gratidão é a vontade de dar, ao passo que a ingratidão tem como fonte de estímulo a vontade de receber.

Um mundo perfeito

Perguntamos a algumas pessoas: Se Deus não quer que o homem seja egoísta mas, sim, íntegro, por que criou-o na companhia de outros homens e fez dele um ser social? Não teria sido preferível criar cada indivíduo em seu próprio mundo, um mundo perfeito, sem oportunidades para a inveja e a competição?

Minha resposta tem dois aspectos. Em primeiro lugar, se o homem não fosse um ser social, não teria como escolher entre dar e receber. A vontade de receber simplesmente não faria parte de sua natureza. Mas Deus criou o homem com a capacidade para exercer o livre-arbítrio; para que possa diferenciar entre o bem e o mal e optar pelo bem. Por isto, estas duas forças antagônicas foram implantadas em seu espírito e a ele foi dada a missão de eleger o ato de dar e não o de receber, atingindo assim seu objetivo neste mundo e no Mundo Vindouro. A Torá é explícita:

*... Tenho dado perante vós a vida e a morte
...escolherás pois a vida, para que vivas tu e a tua descendência.
(Deuteronômio 30:9)*

Em segundo lugar: Se os homens não fosse seres sociais e não precisassem uns dos outros, não haveria motivo e nem ocasião para o ato de dar. O conceito de dar não existiria se não houvesse quem recebesse.

* * *

Um dos meus alunos questionou: Como podemos imaginar um mundo perfeito, um mundo nessas condições? Se todas as pessoas forem doadoras, quem receberá delas? São perguntas especialmente interessantes, mas se dedicarmos um pouco de raciocínio ao tema, veremos que elas mesmas oferecem a resposta. Há uma grande distância entre quem "recebe" e quem "toma" e, do mesmo modo, entre quem "dá" e alguém cujas coisas "tem que lhe serem tomadas". É imperioso compreender as diferenças entre estes conceitos.

Algumas pessoas gostam de receber, mas também deixam que lhes tomem as coisas. Uma pessoa assim é movida pelo ímpeto de receber. Tudo o que toma dos outros provém do amor que nutre por si mesma. Se permite que lhe tomem as coisas é porque não tem como impedi-lo ou porque isto faz parte de seu plano para tomar mais ainda da pessoa a quem deixou apoderar-se do que entende como seu.

Existe outro tipo de pessoa: **Aquela que dá e recebe**. É uma pessoa nitidamente bondosa; sua benevolência tem origem no bem e na pureza de seu coração. Quando recebe algo, seu coração sente-se na obrigação imediata de expressar gratidão em troca do bem recebido.

* * *

Eis a explicação: As duas personalidades – a do generoso e a do egoísta – pagam (na maioria dos casos) pelo que recebem. A diferença está no fato de que o generoso, por não querer receber presentes fortuitos, se prontifica a pagar pelo que recebe, mostrando assim seu apreço. Já o egoísta não quer pagar pelo que recebe; se o faz é porque vê-se obrigado, pois não tem a possibilidade de obter o que deseja sem pagar. Não obstante, a pessoa acostumada a fazer e a recusar favores, a menos que possa retribuir ou mostrar sua gratidão quando beneficiada por outros, não é refém da sua vontade de receber, porque seu espírito a protege das armadilhas existentes em um sistema social onde predominam a cobiça, a ambição e a competição e cujos resultados inevitáveis são a guerra, a morte, o furto e a dor, como lembramos no primeiro capítulo.

Um mundo perfeito é um mundo onde todo homem, sem exceção, é útil ao próximo. Seu coração não conhece limites para agradecer pelo que lhe dão. Uma sociedade como esta é perfeita e feliz, plena de paz e amor – a sociedade na qual a Deus se regozija.

Talvez possamos ter uma noção deste ideal através de uma história do *Midrash Rabá* (sobre Noé 33:1). Conta-se de Alexandre Magno, conquistador de todo o mundo civilizado de sua época, certo dia aventurou-se além das colinas escuras, até o reino de Katsia. Ao chegar, tornou-se amigo do rei, que o convidou a conhecer o sistema legal de seu país. Duas pessoas vieram para um julgamento. Quem acusava havia comprado um terreno de seu concidadão e nele encontrara um tesouro enterrado. De acordo com suas palavras,

havia comprado apenas um pedaço de terra e não um tesouro, que afirmava pertencer a quem lhe vendeu o terreno. O acusado, por sua vez, disse que havia vendido a terra com tudo o que ela continha e que o tesouro pertencia a quem a comprara.

O rei de Katsia dirigiu-se a cada uma das partes e perguntou se tinham filhos ou filhas. Descobriu-se que uma das partes tinha um filho e a outra, uma filha, ambos em idade propícia para o matrimônio. O rei decidiu que estes dois jovens deveriam se casar e deste modo o tesouro permaneceria "em família." Quando viu Alexandre se assombrar com a sentença, perguntou-lhe: "A vosso ver, julguei meritoriamente? Como julgariam este caso em vosso país?" Alexandre respondeu-lhe: "Mataríamos a ambos e o tesouro se tornaria espólio do reino".

"O Sol brilha em vosso reino? Chuvas caem em vossas terras?," perguntou então o rei de Katsia.

"Sim", respondeu Alexandre.

"Tendes animais?," perguntou o rei.

"Sim", respondeu Alexandre.

"Agora compreendo," disse o rei de Katsia. "As chuvas e o Sol devem existir por causa dos vossos animais, como está escrito: 'Tanto os seres humanos como os animais em Ti têm sua salvação' (Salmos 36:7). O homem vive pelo mérito dos animais".

* * *

Este maravilhoso *Midrash* exemplifica de modo taxativo a diferença entre os que dão e os que só recebem.

Quando as duas pessoas habituadas a dar trouxeram seu caso a um rei habituado a dar, ninguém quis ficar com aquilo que não lhe pertencia. Portanto, a decisão tomada foi, "Unam-se". Este tipo de decisão caracteriza os generosos. Eles se unem quando dão e quando recebem, criando um mundo perfeito.

Já o rei de um povo que só queria receber tinha outra visão. Estava disposto a eliminar duas pessoas justas, pois elas incomodavam a ordem social que ele havia criado. Nem

mesmo suas posses passariam a seus filhos – tudo seria tomado pelo Estado.

O rei dos generosos zomba do rei dos egoístas, quando diz o que diz, algo como "Seus animais tem mais méritos que vocês, que existem por causa deles. Se por um lado não fazem o bem, por outro não causam tantos danos quanto vocês."

* * *

Conclusão: Pessoas acostumadas somente a receber prejudicam umas às outras, pois quem toma habitua os que estão ao seu redor a tomarem em troca. Mas os que dão completam-se uns aos outros. A pessoa generosa inspira o mesmo sentimento de generosidade no coração de quem recebe, que quer retribuir o gesto, oferecendo algo em retorno e agradecendo profundamente pelo que recebeu.

O verdadeiro serviço Divino tem como fundamento a gratidão. Em todos os livros do *Tanách* ¹⁵ existem trechos que nos exortam a agradecer a Deus pelo bem que Ele nos faz, destacando este ato como a própria essência das *Mitsvót* da Torá. Subentendemos este princípio nas palavras iniciais dos Dez Mandamentos, cuja entrega foi o momento supremo da Revelação Divina: "Eu sou o Eterno, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa dos escravos" (Êxodo 20:2). A lembrança do Egito e da casa dos escravos tem por finalidade inspirar nossa gratidão, condição prévia para recebermos a Torá Divina.

É certo que também podemos servir a Deus por temor. O homem pode evitar praticar más ações porque não quer ser castigado e cumprir as *Mitsvót* da Torá movido pelo medo. Mas este é o mais baixo nível do serviço Divino. O serviço Divino mais puro e completo é motivado por sentimentos genuínos de gratidão.

Nossos Sábios disseram: "Quem menospreza os favores que lhe fazem seus colegas acaba menosprezando os favores que lhe faz o Santíssimo, bendito seja" (*Midrash Gadol*, Êxodo 1:8). O Rabino Nachum Zeev Ziv de Helm, um dos grandes Sábios do movimento do *Mussár*, explica este trecho de modo ímpar: O comportamento de cada ser humano é prescrito por suas características pessoais. O rancoroso reage com raiva cada vez que o irritam. O orgulhoso despeja seu orgulho em toda ocasião que julgar necessário. Do mesmo modo, o homem bom será sempre bom com seus colegas, ao passo que o egoísmo do homem mau aflora em todos os seus assuntos. Ninguém pode tomar emprestado traços de caráter **do próximo**, se lhe forem urgentes. Portanto, o mal-agradecido, enquanto não tiver consertado este defeito, não será mal-agradecido somente com as pessoas, mas também com seu Criador. Quando uma característica como esta implanta-se no caráter, domina todo o comportamento e prescreve o modo como se relaciona com a realidade à sua volta, ainda que seja perante Deus.

Por outro lado, quem adquire e desenvolve sentimentos de gratidão por tudo o que acontece à sua volta será sempre grato a Deus e aos homens. Ele expressa seu apreço

pela abundância que Deus lhe proporciona. Uma pessoa assim agradece a Deus da melhor forma que puder, com uma oferenda, uma oração ou a impecável observância dos preceitos da Torá. Seus sentimentos levam-na a se aplicar cada vez mais no cumprimento das *Mitsvót*. Por força deste atributo de caráter, alcança o nível de quem "dá" a Deus (como se isto fosse possível) e Deus passa a ser (supostamente) um "receptor", por estar satisfeito com o cumprimento das *Mitsvót* desta pessoa, que lhe causou (uma teórica) "satisfação" ou "*Náchat Ruach*" (tranquilidade).

Quando citamos o trecho de Job (35:6-7), "Se pecaste, o que Lhe farás... se foste justo, o que Lhe darás, ou o que Ele tomará de sua mão?", constatamos que isto é verdadeiro do ponto de vista puramente racional. Contudo, existe também o mundo das emoções. Chamamos a Deus de "Humilde" e Ele despeja sobre nós benesses sem limites porque considera que nossas ações Lhe dão "*Náchat Rúach*". Estamos, portanto, diante de um relacionamento como o que mencionamos acima, que inspira autênticos sentimentos de amor entre quem dá e quem recebe. Este é o modo que o homem encontra para ligar-se com Deus por meio de laços de amor – o patamar máximo a que pode chegar a alma humana.

Amar a Deus é o mais alto grau espiritual. Pela dificuldade em atingi-lo, pouca gente consegue cumprir de maneira plena o primeiro versículo do *Shemá*: "E amarás o Eterno, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu poder". A bem da verdade, somente quem é um doador, com todo o sentimento de gratidão que isto implica, será capaz de amar a Deus dessa forma.

Agora, está claro: A base do amor a Deus é a **vontade de dar**.

Cartas e Aulas

E Foi Após a Destruição...

Estas linhas foram escritas pelo Rabino Dessler e endereçadas a seu filho e à sua filha depois da Segunda Guerra Mundial.

"A vida após o Holocausto nos põe diante de um desafio," escreve, "e temos que enfrentá-lo." Ele exorta a todos nós, que vivemos antes e depois do genocídio, a vivermos uma vida espiritual com o objetivo de materializar uma vida santificada, e que este seria o legado que as vítimas, que santificaram suas almas, deixaram para nós.

O impressionante renascimento do mundo da Torá em todo o planeta nos cinquenta anos subsequentes ao Holocausto são testemunho autêntico da força eterna da Torá e da potência da visão de Rabino Dessler.

Vou contar-lhes algo simples e óbvio; prestem bem atenção, meus queridos filhos e concentrem-se em minhas palavras. Esta geração não é como as outras. Vivemos numa geração de *Churbán* (destruição), para nossa infelicidade. Será que compreendemos o que significa viver numa geração de *Churbán*? Não. Um acontecimento como este foge à nossa capacidade de absorção e está acima de nossa compreensão; não podemos sequer crer que algo assim seja possível, mas esta é a realidade.

A riqueza que possuíamos não existe mais. A visão de um rico passado ainda passa diante dos nossos olhos, mas ela não é senão a visão de um passado que se distancia cada vez mais. Não existe no presente... porque o presente é vazio! Aquela riqueza espiritual, a atmosfera única das *leshivót*, o anseio pela verdade, o gênio intelectual, o temor a Deus, o calor humano, a dedicação – tudo isto desapareceu. Desapareceu! Nossos santos homens e mulheres foram-se para seu descanso eterno, para onde a hecatombe não os pode alcançar. Ao deixar nosso mundo levaram sua santidade; com sua morte, o calor humano morreu. A Presença Divina nos deixou... nossos filhos não mais a sentirão perto de nós; se contarmos que nós a presenciemos, se tentarmos compartilhar com eles nossas experiências, elas não passarão de histórias que lhes parecerão intangíveis. **Nós** ainda pudemos ver a Revelação Divina dentro de nossos corações, mas como **eles** poderão vê-la?

Façamos, porém, um exame de consciência. Vamos ponderar os fatos e contemplá-los com clareza de espírito. Teríamos realmente perdido irremediavelmente nossa ambição espiritual? Ou ela ainda estaria murmurando dentro de nós e talvez possa ser revivida? Podemos devolver a santidade ao mundo? Se nos virmos capazes de restituir essa vontade espiritual de viver, então ainda estaremos vivos.

Aprofundemos nossa indagação... Por que sobrevivemos? Por que Deus salvou justamente a nós? Para que reavivemos o último resquício de santidade que palpita dentro de nós? Para que esqueçamos e apaguemos as recordações do que vimos? Ou para que nós, os remanescentes da destruição, os que salvaram-se da hecatombe **total**, revivamos e despertemos a santidade deste mundo para a vida?

E foi depois da destruição... O quê se encontra em nosso caminho? Eliminaríamos dentro de nós as últimas centelhas de santidade de uma vida exaltada da qual fomos testemunhas vivas – centelhas da própria vida espiritual? **Não e não!** De modo algum – não! **Toda a nossa vida deve ser dedicada (doravante) somente a erguer nosso povo das ruínas; à ressurreição dos mortos!** É inadmissível ter qualquer outro objetivo. Quem senão nós, que presenciamos aquela exaltada espiritualidade, poderíamos trazê-la de volta à vida? Não teremos outra meta à frente, nada mais tem valor para nós. Nossos corações estão unidos, imbuídos de um mesmo objetivo – a renascença de nossa vida espiritual. O espírito da Torá não morrerá em nossa geração! Quanto maior o desastre, tanto maior nossa vontade de nos unirmos para construir tudo novamente.

Temos o dever de saber, sem dúvida alguma, que se nos dedicarmos e nos sacrificarmos em torno desta meta, nossos filhos serão testemunhas da mesma vitalidade espiritual que nós presenciamos; eles também conhecerão a Revelação Divina em seus corações; nossos filhos hão de conhecer a antiga alma de Israel que habitava nossas *leshivót*; viverão nela... o que nós mesmos vivemos! Se agirmos assim, nossa vida terá sentido; caso contrário, Deus nos livre... quem ousará prostrar-se diante do anjo da morte? Quem poderá colocar-se perante a morte do calor do coração, diante do esvaecimento da nossa vida interior?

Sim, isto anda está ao nosso alcance, mas precisamos saber que a empreitada exigirá de nós um grande espírito de **sacrifício**. Não um sacrifício fictício ou "por assim dizer", mas

verdadeiro! Vamos nos reconstruir, nós e nossos filhos. Ergamos instituições de Torá, construamos *leshivót*, restituamos os corações de pais e filhos para a Torá, trabalhemos duro e o Bom Deus nos guiará rumo ao sucesso. Vamos, fortaleçam-se e não esmoreçam; levantemo-nos, avancemos... mais alto... jamais retrocederemos.

O "Eu", nossas Inclinações, o Corpo e a Alma

Este texto foi extraído de uma carta que o Rabino Dessler escreveu a dois jovens estudantes de 17 anos. Intitulava-se: "No trem entre Bournemouth e Londres, quinto dia da Parashá [porção semanal da Torá Vaikrá](#) (quinta-feira, 4 de Adar 2, 16/03/40). O Rabino viajava para esta localidade, que ficava a duas horas e meia de Londres, para visitar outro estudante seu que vivia ali por causa da guerra.

Vocês me perguntam onde está o elo entre o corpo e a alma e, entre eles, o *létser Hatóv* (boa inclinação) e o *létser Hará* (má inclinação).

Primeiro, precisam saber que a alma do homem é seu "eu". Este "eu" tem boas e más características, impulsos e virtudes naturais, uma boa inclinação e uma má inclinação "inatos". O homem é colocado diante de um desafio constante, para lutar contra o mal que habita seu ser. Este confronto é o que dá à sua conduta um conteúdo especial.

Está escrito: "... e soprou em suas narinas uma **alma** viva" (Gênesis 2:7). Nas narinas de quem? Do homem. Portanto, sabemos que esta obra Divina já era "homem" antes mesmo de receber uma **alma**. A verdade é que o homem foi criado com um **espírito** que constitui o seu "eu", do mesmo modo que os outros seres vivos. Mas seu **espírito** foi alçado a um patamar mais elevado que os outros animais; foi-lhe dado um espírito inteligente, capacidade para criar, abstrair, falar e uma desenvolvida lógica, que não podemos encontrar nos demais seres vivos. Logo depois, Deus insuflou-lhe uma alma sagrada, capaz de alcançar o nível da santidade, e é a esta alma que chamamos "alma viva", como no versículo "escolherás pois a vida" (Deuteronômio 30:19). A santidade é o anseio por uma vida espiritual mais elevada, uma vida de maior aproximação a Deus, que motiva o ser humano a prestar auxílio aos semelhantes, melhorar o mundo e instaurar a predominância do bem. Santidade quer dizer "vida", pois é a realidade da existência; o impuro, por sua vez, é sinônimo de "morte". Assim podemos entender o versículo: "Vê que, hoje, pus diante de ti a vida e o bem, a morte e o mal" (ibid. 15). A vida é o "bem", pois a santidade é a verdadeira realidade, ao passo que a impureza (o profano) é o mal e a morte. É a isto que se referiam nossos Sábios quando disseram:

Os perversos, mesmo vivos, são chamados de mortos;

Os justos, mesmo mortos, são chamados de vivos

(Talmud, Berachót 18b)

Chamamos de perversas as pessoas que vivem neste mundo somente em função de seu **corpo**, como fazem os animais. Numa situação como esta, merecem ser chamadas de "mortas", pois a vida verdadeira é a vida da **alma** e estas pessoas perderam a ligação com sua própria alma. Como o elo foi interrompido, estão realmente mortos. Por outro lado, "Os justos, mesmo mortos", ou seja, quando morrem neste mundo e **seu espírito** – seu "eu" – deixa o corpo, ainda são chamados "vivos", pois **seu espírito** está ligado à **alma** viva que lhes foi consagrada por Deus. Esta situação é a verdadeira vida.

Como identificar nosso grau espiritual

Gostaria de agregar algo mais, meus queridos, meus alunos, pois vocês me são especialmente caros, apesar do sacolejar do trem dificultar um pouco a escrita.

Qual é o significado da afirmação segundo a qual recebemos uma alma adicional no *Shabat*? Esta alma adicional significa uma abundância de santidade vinda dos céus, do mesmo modo que mencionamos nossa alma na prece matinal de "alma pura":

*"Deus meu, a alma que me deste, pura, Tua a criaste, Tu a formaste e Tu a insuflaste em mim; Tu a conservas em mim e um dia a tomarás e a restituir-me-ás na vida futura."*¹⁶

Ouvi de meu mestre, o santo Rabino Tsví Hirsch Broide ^{ז"ל}, que se alguém não se sente num nível mais elevado no *Shabat*, isto significa que não recebeu sua alma adicional. De modo semelhante, se alguém não sente a santidade permear o seu ser, é **como se** não tivesse alma, pois não está em contato com ela; não há conexão. A santidade da alma despertará quando esta pessoa fizer *Teshuvá*.

Ter isto em mente pode ser de grande valia. É sabido que todo homem pensa que o caminho que decidiu seguir é o ideal; pensa ter sempre razão e estar agindo da melhor maneira possível, recusando-se a reconhecer que está equivocado. Mas se tiver um

indicador de seu real estado espiritual, isto o auxiliará imensamente. Após o teste, se ficar provado que está mais próximo do nível do perverso e mais distante do nível do justo do que imaginava, isto pode vir a ser exatamente o estímulo que lhe faltava para fazer *Teshuvá*.

Civilização e temor a Deus

Comentei com vocês certa vez o que aprendemos com a conversa que o patriarca Abraão teve com o rei dos filisteus: "Porque eu disse, talvez não haja temor de Deus neste lugar, e me matarão por causa de minha mulher" (Gênesis 20:11). Abimelech pensava ser um justo, como disse a Deus em sonho: "Matarás uma nação também se ela é justa?" (ibid. 4). O comportamento de Abimelech era polido e íntegro; ele e sua gente viam-se como um povo culto e bem-educado; por isto zangou-se com Abraão: como podia suspeitar que um homem refinado, justo e culto cometesse tamanho pecado? Abraão respondeu que não confiava de modo algum na "cultura", na integridade exteriorizada por sua gente e que seus "modos refinados" não o impressionavam.

Na carência do temor a Deus, na falta de valores éticos absolutos, o homem decide fazer o que bem entende, encontrando sempre como justificar seus atos e disfarçando o seu mal – dando-lhe uma aparência de bem –, de modo a não ferir os próprios sentimentos. Se quisesse matar Abraão, Abimelech o faria e encontraria uma justificativa aceitável para isto, fazendo com que parecesse um acidente, o que deixaria o caminho desimpedido para tomar-lhe Sara. Aos olhos do mundo, tudo estaria normal e certo. Somente a força do temor a Deus pode fazer com que o homem se coloque frente a frente com a verdade e reconheça o mal do modo como ele é. Se vemos uma pessoa que não teme a Deus, mas seu comportamento nos parece correto, podemos estar certos: sua atitude é só uma "casca." O *létsér Hará* não se opõe às ações desta pessoa, ao contrário, serve-lhe de cortina de fumaça para justificá-las e fazer com que se sintam bem, com que acredite ser uma pessoa boa e íntegra.

Amor romântico e *Shiduchim* ¹⁷

Agora, meus caros, revelo a vocês algo surpreendente. É conhecido o fato do patriarca Abraão, que em paz esteja, ter enviado seu criado Eliezer em busca de uma esposa para o filho Isaac. Aparentemente, esta atitude é estranha e foge ao usual. Como Isaac pôde confiar a Eliezer a escolha de sua esposa? Algum de vocês confiaria no julgamento de outra pessoa numa questão como estas? Em nossos dias, alguns tolos pensam serem mais experimentados que os Sábios das gerações passadas, até mesmo mais do que gigantes espirituais como o patriarca Abraão, pois não delegariam a outra pessoa a escolha de uma esposa, portando-se do mesmo modo em relação aos demais assuntos.

Estas pessoas, sábias a seus próprios olhos, são na verdade tolas, num grau inacreditável. Não sabem coisa alguma sobre a ação do bem e do mal sobre o espírito humano, porque o *létser Hará* domina por completo sua avaliação. Vêm-se todavia na condição de julgar o próximo e fazer comentários negativos sobre a vida alheia. Estas pessoas não estão privadas somente da capacidade de fazer análises profundas; na verdade, o julgamento das coisas mais simples escapa-lhes ao intelecto. Desconhecem os fatos preponderantes da vida e de como seu espírito reage a cada passo que o *létser Hará* dá no sentido de dominá-lo. A verdade é que quando um homem faz a escolha de sua companheira, dá-se conta de ter se equivocado após os momentos da euforia inicial, quando a fantasia se evapora e ele descobre que elegeu uma esposa inadequada para si.

Mesmo os casais que vivem juntos antes de casarem-se durante anos, convivendo dia e noite debaixo do mesmo teto, enganando-se ao pensar que já se conhecem o suficiente, na verdade desconhecem profundamente o modo de se comportar e os sentimentos da pessoa com quem vivem. Em grande parte dos casos descobrem, logo após o casamento, que o cônjuge não era nada daquilo que pensavam ser. Mesmo quando alguns decidem anular seu compromisso de casamento, pensando ter um motivo legítimo para isto, e ao acreditarem ter encontrado algum defeito em seu companheiro, acabam cometendo um erro na maioria dos casos. Seu motivo era ter se zangado com a moça, ter sentido ciúmes por ela estar "saindo" com alguém, ter visto uma mulher mais bela ou qualquer outro motivo similar, quando este "motivo" é, na verdade, somente uma desculpa.

Falta de objetividade

Em assuntos como este, ninguém pode ser objetivo; mesmo o mais sagaz dos homens pode se equivocar em seu julgamento. Onde quer que o *létser Hará* esteja envolvido, o homem não tem como discernir entre bem e mal. Este discernimento se dá apenas por meio do temor a Deus e através de uma batalha interior constante contra a má inclinação. Sem estes dois fatores, as pessoas podem cometer erros gravíssimos e afirmarem estar agindo de maneira correta – e, pior, um comportamento maldoso e errôneo pode parecer correto aos seus olhos.

Mas saibam, meus queridos, que o reverso da moeda é a verdade. Os verdadeiros Sábios sabiam como evitar as peças que o *létser Hará* nos prega e por isso se recusavam a cair presas de sua astúcia. Reconheciam perfeitamente que o homem não pode ser o único juiz de seus atos em assuntos como este e pediam que outras pessoas decidissem por eles; pois em assuntos em que o homem se vê incapaz de decidir por si mesmo ele deve buscar auxílio. Se não o fizer, sem dúvidas fracassará.

Nossos Sábios decretaram que "Um homem não deve desposar uma mulher sem antes vê-la" (Talmud, *Kidushin* 41,a), mas o fizeram para que o *létser Hará* não impelisse o homem a protestar por não ter visto antes a quem desposaria e assim alegar repulsa, sentindo que o casamento lhe está sendo imposto. Isaac não desposou Rebeca antes de vê-la, ou seja, a Eliezer não foi dada autoridade para realizar o noivado antes do pretendente ver a noiva, como diz o versículo: "E a trouxe Isaac à tenda de Sara, sua mãe, e tomou Rebeca, e ela foi para ele esposa..." (Gênesis 24:67). "Tomar" significa desposar, como nossos Sábios descrevem no Tratado Talmúdico *Kidushin*. Obviamente, nossos Sábios sentiram a necessidade do noivo ver a aparência de sua prometida antes de desposá-la, o que era da menor importância, pois quando a família de Rebeca a enviou de Haran Naharaim, não tinha dúvidas que as núpcias se realizariam; estavam convencidos do casamento entre Rebeca e Isaac. O encontro antes da cerimônia nupcial não foi senão um subterfúgio para evitar as armadilhas do *létser Hará*. Por isto, Isaac preferiu não confiar em sua subjetividade, mas em Eliezer, homem da confiança de Abraão, que fora seu discípulo, como disseram os Sábios: "Baldeava e saciava a sede das criaturas com a Torá de seu mestre" (Talmud, *Iomá* 25b).

Como fica o lado sentimental? Teria a Torá menosprezado um fator tão importante nas relações conjugais? Deus nos livre! De acordo com a Torá, o amor e o carinho entre os cônjuges se desenvolve principalmente depois do casamento, quando vêem como um pode ajudar o outro a criar um lar alicerçado no espírito da Torá. O versículo que citamos acima termina com as palavras: "e foi para ele esposa" – e só depois está escrito "e amou-a".

Eis aqui um exemplo do conhecimento pleno do espírito humano. Isso nos ensina algo sobre a verdadeira espiritualidade e sobre o estado em que se encontra nossa geração. Aprendemos também quanto ainda temos a percorrer para fortalecer os caminhos da *Kedushá* (santidade) e como temos que nos esforçar para aumentarmos o temor a Deus dentro de nós.

Agrego uma prova do nosso cotidiano. Em nossos dias, quando é comum as pessoas se conhecerem (aparentemente) bem antes do casamento, seria de se esperar que o número de divórcios fosse menor que o de 50, 60 anos atrás, quando nossos avós escolhiam um esposo para suas filhas e uma esposa para seus filhos. Mas, para nosso assombro, a realidade mostra um quadro inverso: naqueles dias, a lei dos países em que viviam permitia aos judeus se divorciarem numa corte rabínica, sem precisar de permissão da corte civil, ao passo que em nossos dias, na diáspora, a situação não é essa e a dificuldade em se obter um divórcio civil deveria diminuir o número de divórcios. Mas o fato assustador é que, em nossos dias, o número de divórcios é pelo menos dez vezes maior que naquele tempo. Eis aí a prova cabal a confirmar o que dissemos.

Uma Aula sobre "O Caminho dos Justos"

A obra "*Messilát lesharim*"¹⁸ foi escrita pelo Rabino Moshe Chayim Luzzatto (Itália, século 18) e tornou-se o livro básico do "*Mussár*" (ética e moral) judaico e religioso. Foi escrito sob a forma de uma escada cujos degraus são valores morais, elevando o leitor de um degrau a outro, a partir da "cautela" no cumprimento dos mandamentos da Torá até o nível da "santidade", quando cada degrau é construído com base no degrau anterior. O Rabino Israel Salanter ^{Z"l} (Lituânia, século 19), pioneiro do movimento de *Mussár* moderno, revolucionou o estudo desta disciplina. Exigiu de todos os que estudavam *Mussár* com seriedade que o fizessem não só com suas mentes mas com seu corpo. Requeria de seus alunos que o fizessem com o "espírito quebrantado, a alma sóbria, recitando seu estudo com fervor nos lábios". Cada aluno precisava interiorizar o que sua mente havia compreendido até gravar este conhecimento em seu subconsciente, o coração, pois ele é a fonte do comportamento humano. O despertar do coração para a essência da matéria ensinada é uma condição prévia para se estudar *Mussár*, pois só assim o homem tem alguma possibilidade de mudar seu modo de agir para melhor. O Rabino Dessler utiliza neste texto as primeira palavras do "*Messilát lesharim*" e demonstra como devemos contemplar um texto de *Mussár* para despertar o lado moral do espírito.

Como estudar um texto de *Mussár*

Um exame do primeiro trecho do livro "*Messilát lesharim*"

"O fundamento da devoção religiosa e a raiz do serviço íntegro é que o homem saiba de maneira clara para que veio ao mundo, e porque tem que compenetrar-se e empenhar-se com todas as suas forças na direção de cumprir esta tarefa durante toda a vida."
(início do primeiro capítulo)

Toda estrutura precisa ter um fundamento. Quanto mais alta a edificação, mais forte terão de ser as bases. Um edifício muito alto pode desmoronar se não tiver apoio suficiente. Mesmo uma base forte não é suficiente; se não for totalmente reta, colocará em risco toda a estrutura; um pequeno desvio na base do edifício se expressará agudamente em seu topo, colocando em risco tudo o que estiver abaixo. Quem trabalha no ramo da construção conhece bem o conceito. Mesmo se tiver muitos andares, este edifício parecerá frágil se

visto de cima. Esta regra é exponencialmente mais grave quando aplicada ao plano espiritual, ao temor a Deus, à justiça e à sabedoria, onde o topo chega até os Céus. Um pequeno erro, um mínimo desvio da integridade e da verdade, pode prejudicar de modo fatal e pôr a perder toda a estrutura e, se Deus nos livre, ela esmorecer – o serviço do homem e todos os seus esforços terão sido em vão. Que base, então, podemos preparar para garantir a firmeza de toda esta monumental estrutura?

Sabemos também que todas as árvores têm raízes, cujas funções são:

1. Por meio delas a árvore suga os nutrientes do solo para garantir seu crescimento.
2. A raiz ramifica-se e espalha-se dentro do solo, impedindo que a árvore balance demais com o vento e venha a cair.

Isto também acontece com nossa vida espiritual. O homem precisa de raízes que o alimentem, nutram e estimulem seu crescimento para poder enfrentar as intempéries e as dificuldades que o envolvem e que podem fazê-lo balançar até cair de bruços.

Além disso, uma máquina cujas partes são delicadas e sensíveis precisa de constantes cuidados. O serviço Divino parece-se com esta máquina, como está escrito: "Sê reto com o Eterno, teu Deus" (Deuteronômio 18:13); reto no sentido de íntegro, perfeito, sem defeitos – nem o menor deles. Um ínfimo defeito desqualifica um animal para oferta no Templo. Quão mais grave este defeito estar no coração do homem que traz a oferta! Que raiz é esta que penetra fundo no coração do homem e cuida dele para que não esmoreça, para que seu labor não seja em vão? Que raiz é esta de onde sugamos nosso alimento espiritual, nos curamos, nos desenvolvemos e ansiamos por crescer ainda mais, apesar da oposição constante do *létser Hará*?

O primeiro anseio do homem em seu serviço Divino é construir para si mesmo uma base sólida e plantar no fundo do coração raízes saudáveis que sustentem este serviço. Se não soubermos que bases são estas, é óbvio que não poderemos iniciar a construção porque **elas ainda não existem em nossos corações**. Que esperança teremos então?

Precisamos agradecer profundamente a quem puder nos explicar o que é "*O fundamento da devoção religiosa e a raiz do serviço íntegro*."

São muitos os ramos de conhecimento existentes no mundo. Qual será o mais amplo e profundo, cujo sistema de conceitos excede em clareza e precisão, é magnânimo em sua penetração e no qual se fazem tantos erros com tanta frequência? Que disciplina podemos dizer ser a mais exaltada de todas, a ponto de ser denominada "a sabedoria"?

Perguntemos ao mais sábio dos homens... mas ele já nos disse: "E disse ao homem: **Temer a Deus – este é o saber**" (Job 28:28)

Aqui aprendemos algo sobre a profundidade de nossa ignorância. Não sabíamos que o temor a Deus é uma disciplina qualificada como conhecimento e nem sabíamos que é considerada a maior de todas. Não temos ideia de sua imensa e profunda complexidade. Mas, se quisermos galgar os degraus deste conhecimento, somos nós mesmos que teremos de descobrir seus componentes. É certo que esmorecemos um pouco em nosso nível espiritual – e como ele está baixo! – e ainda estamos distantes do nível requerido; contudo, isto não nos livra de nosso dever. Deus revelou em Sua Torá que este assunto é imprescindível a todos nós: "E agora, ó Israel, qual é a coisa que pede o Eterno, teu Deus, de ti? Senão **que temas** ao Eterno? (Deuteronômio 10:12). Tudo depende do temor a Deus e sem este temor, nada existe.

É verdade que esse tipo de esclarecimento não é um trabalho fácil. Nossa alma é complexa, nossos traços de caráter são profundos; nossa vontade é oculta e temos paixões das quais nem somos conscientes. Esta complexidade desvirtua a verdade e não nos permite perceber nossas carências – ainda que possamos ver os defeitos alheios. Por onde, então, devemos começar e como?

Temos que nos aprofundar mais. O esclarecimento do tema deve acontecer em nossos corações e não somente em nossas mentes. Conhecer com o coração é o tipo mais difícil de conhecimento. Mesmo se eu souber, por exemplo, que o fumo prejudica minha saúde – e sei disso por experiência própria – continuarei fumando. Por quê? Porque meu coração sente-se atraído pelo hábito de fumar e quando o coração inclina-se em determinada direção, o homem não tem como se opor a ele, ainda que sua mente esteja totalmente convencida do oposto. As ações do homem são determinadas por seu coração. A mente

humana não domina o comportamento. Conhecer o próprio coração é uma tarefa conflituosa. Se isto ocorre com nossas ações mais simples, tudo fica ainda mais difícil quando nos defrontamos com a influência que o coração exerce sobre nosso temor a Deus e nosso serviço religioso. Se nossos hábitos, incapazes de ocultar aspectos sombrios e necessidades psicológicas, podem bloquear como uma cortina de ferro a nossa clara visão da verdade, o que dizer das coisas materiais que o coração almeja, por lhe serem atraentes, saborosas e estarem nele tão profundamente gravadas?

Nesse ponto, se tomarmos consciência das dificuldades à nossa frente, podemos nos sentir tentados a pensar: "Sim, mas esta meta está além de nossas forças; nunca a alcançaremos". Estes são os argumentos do *létser Hará*. A verdade é que, se Deus exige algo de nós é porque Ele nos deu as forças para consegui-lo. Apesar das dificuldades, temos que começar e depois prosseguir, sem fraquejar no meio do caminho. E podemos estar seguros de que desse momento em diante, contaremos com o auxílio da Santidade Divina e **obteremos êxito**.

O que, portanto, temos que esclarecer em nossas mentes e no íntimo de nossos corações? Estaremos assim tão distantes? Poderemos algum dia adquirir estes conhecimentos?

Quanto teremos de agradecer a quem nos revelar com exatidão o que é preciso para ter **a verdade revelada dentro do homem**?

* * *

Sabemos que o ser humano tem necessidades que precisam ser preenchidas. Vemos, no entanto, pessoas que exigem de seus companheiros que cumpram com suas obrigações para com elas, ao mesmo tempo que pouquíssimas pessoas pensam em cumprir seus deveres para com o próximo. É fato conhecido que o homem tem várias obrigações morais, mas não cogita sobre elas porque seu coração não quer aceitá-las. Se perguntarmos a uma pessoa quais são seus deveres, de maneira precisa, em diferentes situações, ela não saberá responder. A resposta a esta pergunta não está em sua mente, mas em seu coração.

Mesmo os que acreditam terem obrigações morais tentam amenizá-las, tornando-as o mais fácil possível, contentando-se com as aparências mais do que com a verdade. Ao invés de preocuparem-se verdadeiramente com o próximo e esforçarem-se para auxiliá-lo no que precisar, apaziguam suas consciências enviando uma soma qualquer para caridade. No lugar de orar a Deus, como ordenaram nossos Sábios, balbuciam um amontoado de palavras sem pensar nelas ou senti-las, como se assim estivessem cumprido seu dever. Se o coração de um homem se direcionar somente no sentido de cumprir as próprias obrigações, mergulhado em seu próprio mundo de desejos e ambições materiais, sem o conhecimento exato da essência de sua obrigação moral e humana e de como ela deve ser cumprida – este homem estará perdido.

Assim, a exigência essencial é, em primeiro lugar... **"Que o homem saiba de modo claro e verdadeiro qual é a sua obrigação neste mundo"**.

* * *

O versículo diz: "O homem nasceu para a labuta" (Job 5:7). É verdade, o homem trabalha durante toda a vida. Mas, com que objetivo? Para realizar seus anseios e desejos. Se um homem não trabalhar arduamente, isto se deve à pequenez ou à fraqueza de seus anseios. Um homem com sonhos grandiosos se esforçará ao máximo para realizá-los, dedicando-lhes sua vida, numa luta incessante para conseguir o que quer. Se isto vale para os assuntos materiais, quanto não vale para os assuntos do espírito, onde precisamos nos defrontar continuamente com o *létsér Hará*. Temos que desenvolver metas elevadas em nossa consciência, metas que sejam fortes e precisas, visionárias, definidas, para atingir todos os nossos objetivos, um após o outro. Para que isto ocorra, temos primeiro que aclarar para nós mesmos em que consiste a nossa luta e onde devemos colocar a ênfase de nossos esforços nesta vida.

Uma Aula sobre o Primeiro Salmo

Esta dissertação inclui anotações que o Rabino Dessler fez em 5703 (1943), na preparação de suas aulas para senhoras e moças durante o período da guerra, na comunidade judaica de Chatham, Inglaterra. Naquela cidade, distante cerca de 50 km de Londres, assentou-se um pequeno número de famílias judias no início da guerra; este número foi crescendo conforme aumentavam os bombardeios sobre Londres. Como alguns alunos seus (e entre eles, quem escreve estas linhas) também foram morar em Chatham, o Rabino Dessler mudou-se para a pequena cidade. Foi ali que escreveu artigos e palestras que seriam publicados no livro "Carta de Eliyahu". É importante sublinhar que o Rabino Dessler via nestas aulas uma oportunidade para estabelecer o perfil do Talmid Chacham ideal. Uma das questões que o preocupavam era encontrar moças preparadas para se casarem com os jovens prodigiosos que estudavam no Colel que ele criara em Gateshead. O ideal do grande erudito, que abre mão de uma carreira promissora ou de segurança financeira para dedicar-se unicamente ao estudo da Torá, era estranho para a maioria dos judeus educados de acordo com os padrões da tradição ortodoxa na Europa Ocidental e o Rabino desejava veementemente reeducar os alunos que se achavam sob sua influência, com o intuito de revolucionar os conceitos existentes. Esta missão estava no topo de suas ambições. Por conseguinte, apoiou fortemente o estabelecimento de um seminário para professoras em Gateshead, que ganhou renome mundial. Tencionava educar uma geração de jovens que voltassem as costas para a vida desregrada, o materialismo, a ganância e que fizessem seu objetivo a construção de um lar alicerçado na Torá, nas Mitsvót e na inspiração espiritual. Das aulas fazia parte a exposição da riqueza espiritual que emana de cada uma das palavras dos capítulos dos Salmos.

Versículo 1:

Sobre as más companhias

*"Bem-aventurado o homem que não segue o conselho dos ímpios, não trilha o caminho dos pecadores, e nos lugares dos insolentes não se senta"*¹⁹

Bem-aventurado: em hebraico, este adjetivo figura no plural (*Ashrê*), o que significa que a felicidade vem ao homem de todas as direções. Em geral, é suficiente um pouco de dor para minar a sensação de felicidade, mas a felicidade desta pessoa é tão imensa que dor alguma neste mundo consegue minimizá-la.

O homem: a palavra "homem," como empregada no *Tanách*, indica de um modo geral as pessoas de personalidade firme e caráter forte.

Que não segue: que não quer escutar conselho algum de uma pessoa má – não só nas questões morais, mas sobre quaisquer assuntos. Por quê? Porque isto pode gerar um contato mais íntimo com a pessoa e aí está o perigo. Além disso, não existe pessoa mal intencionada cujas palavras não ocultem algo de suas ideias corruptas; o risco está no fato de **ir** ao encontro de uma pessoa má, **postar-se** à sua frente para escutar seus conselhos e logo **sentar-se** para ouvi-los com mais detalhes, absorvendo desse modo fagulhas de sua maldade. Nossos Sábios acrescentam: "Não devemos fitar de perto um malvado." (Talmud *Meguilá* 28a). Mirar o rosto de um malvado é suficiente para diminuir a chama do temor a Deus no coração. Ninguém melhora seu nível espiritual olhando para cartazes publicitários obscenos.

E não trilha o caminho dos pecadores: (a diferença entre pecador – ou *Chotê* – e malvado – ou *Rashá* – é que um pecador erra sem intenção, enquanto um malvado erra propositadamente). Se o justo precisar ir ao encontro de um pecador para corrigi-lo e ensiná-lo a consertar seu rumo, não deve permanecer mais que o tempo suficiente para atingir este objetivo. Mesmo quando estiver a caminho, não deve deter-se ou fazer pausas; precisa concluir sua missão tão rápido quanto possível e deixar sem demora o ambiente

negativo – mesmo no caso de alguém que erra sem intenção — e entender que o melhor auxílio que pode prestar a um pecador é trazê-lo para um ambiente de Torá.

E nos lugares dos insolentes não se senta: o conceito de insolente não se limita só a quem menospreza e caçoa de tudo o que é positivo e sacro; este adjetivo é dado a qualquer pessoa que vive ociosamente, desperdiçando sem tempo com tolices. Assim diz a *Mishná (Pirkê Avót 3:3)*: "Se dois homens se reúnem e não se ocupam da Lei Divina, sua reunião é como a dos ímpios". Quem não se ocupa com a Torá de forma consciente, não pode considerar-se temente a Deus, pois se as *Mitsvót* lhe são caras, como pode se isentar delas? Por isto devemos ter cuidado para não estar na companhia dos insolentes; é bem provável que venham a nos influenciar com seu caráter, fazendo-nos descuidar da observância das *Mitsvót*. Está escrito "E nos lugares dos insolentes não se senta" para ensinar que, mesmo quando os insolentes estão ausentes, o justo não deve sentar-se em seus lugares, pois as pessoas que vivem à margem dos ensinamentos da Torá podem retornar a qualquer momento e não seria apropriado vê-los e interagir com eles.

* * *

Em resumo: existe um tipo de pessoa que, por apego a Deus, procura evitar companhias indesejáveis a qualquer custo. Seu extremo amor pelas *Mitsvót* a impele a não se demorar em lugares onde possa interagir com pessoas ociosas e deixar-se influenciar no cumprimento das *Mitsvót*. Esta pessoa é abençoada com todo tipo de felicidade durante toda a vida; dores ou acidentes não diminuem sua felicidade, pois se encontra sempre em estado de júbilo e com um sentimento de satisfação. Ainda estamos longe de um nível tão elevado mas, mesmo em nossa precária situação, podemos aprender do que foi dito, e ver até onde temos que nos empenhar para evitar a companhia de pessoas distantes da Torá e das *Mitsvót*.

Versículo 2:

Onde está a felicidade deste homem?

"Mas ao contrário, se volta para a Lei do Eterno, e dia e noite a estuda"

se volta para a Lei do Eterno: todos os desejos e anseios desta pessoa estão voltados para a Torá Divina e nada além dela. Uma alma elevada como esta direciona todos os seus pensamentos, planos e esperanças em direção a uma única meta – servir a Deus. As necessidades cotidianas ocupam um lugar secundário em suas prioridades; seu trabalho é necessário somente enquanto meio de sustento para dedicar-se a uma vida de Torá e *Mitsvót*. Anseia pela Torá porque é a Lei Divina; como pode querer outra coisa, interessar-se por algo mais, quando a Torá de Deus se encontra à sua frente? O que mais pode ser importante frente à possibilidade de aproximar-se cada vez mais de Deus, o Senhor do Mundo, Mestre do Universo?

Se levarem alguém à sala do tesouro de um rei e lhe derem a oportunidade de carregar o que quiser da prata, do ouro e das joias que encontrar ali – sendo o seu tempo curto e o tesouro, imenso – seria possível imaginar que esta pessoa desviasse sua atenção para qualquer outro propósito, por um momento sequer? Não devemos supor que ela preencherá todo o tempo ao seu dispor, dia e noite, para levar consigo o máximo que puder? Analogamente, a pessoa de alma elevada, que sabe ser a Torá Divina o imenso tesouro à sua disposição no decorrer desta vida, não deve vacilar por um momento sequer e dedicar forças e tempo para qualquer outro objetivo.

a (Torá): no início, a pessoa amou a Torá somente por saber que ela é a Lei Divina. Mas seu amor cresceu na proporção de seu aprofundamento no estudo. Sentiu então que a Torá lhe pertence; é toda a sua riqueza e felicidade. O empenho e o sacrifício despendidos na compreensão dos textos, como o cumprimento das *Mitsvót*, agora lhe pertencem, são a essência de sua existência – como dizemos na oração da noite: "... Porque eles são a nossa vida, prolongam a nossa existência".²⁰ Esta pessoa ama a Torá como ama a própria vida.

estuda: ou seja, "medita". Mas há dois tipos de meditação. Às vezes o homem pensa em algo que lhe foi dito ocasionalmente e que lhe causou um interesse accidental. Outra vezes, pensa em algo que parece ser de suma importância, algo do qual depende a própria vida. Ele não deixa de pensar no assunto; seus pensamentos sobre o tema não abandonam sua mente nem por um momento, pois seu coração está todo voltado para seus resultados. Esta foi a intenção de Rashi quando disse que **"Meditar significa pensar com o coração"**.

dia e noite: a pessoa está consciente que sua vida é a Torá, e por isso descarta todos os outros assuntos que não estejam ligados diretamente ao estudo e à observância das *Mitsvót*, com os quais se ocupa dia e noite.

* * *

Em síntese: o fator determinante da felicidade da pessoa de espírito elevado, pessoa abençoada, é saber que está cada vez mais próxima a Deus e a Sua Torá e que esta proximidade alimenta sua existência. Existe felicidade maior?

Versículo 3:

Por que em toda e qualquer situação este homem encontrará a felicidade?

"Ele será como a árvore plantada junto ao ribeiro, que produz sua fruta na estação apropriada, e cujas folhagens nunca secam, assim também florescerá tudo o que fizer"

Ele será como a árvore plantada junto ao ribeiro: na Terra de Israel não há chuvas em abundância; por este motivo, o caule da planta deve ser plantado perto de águas correntes. O "ribeiro" no caso, é onde as águas de um rio se dividem para formar dois cursos d'água, ou o lugar onde dois afluentes se juntam para formar uma corrente mais abundante. Uma árvore plantada no encontro das águas está mais segura pois, se um afluente secar, o outro continuará a fluir.

Assim é o homem para o qual "a Torá Divina é cara". Todos os seus atos são santos, os espirituais e materiais. Suas ocupações espirituais – estudo da Torá, prática do *Mussár* e observância das *Mitsvót* – estão todas voltados para Deus. Mesmo suas necessidades mundanas, físicas, são feitas para "honrar os Céus" e lhe darão méritos no Mundo Vindouro, pois todo o seu pensamento estava voltado para o serviço Divino. Deste modo, sua vida se nutre e se renova de fontes espirituais inesgotáveis.

Que produz sua fruta na estação apropriada: esta árvore nunca seca e portanto sempre dá frutos na estação apropriada; seus frutos não tardam a amadurecer. O mesmo se dá com o homem elevado, que serve a Deus de todo o coração e nunca tarda em cumprir Seus mandamentos.

E cujas folhagens nunca secam: as folhas não são os frutos da árvore. Não obstante, por seu papel funcional, será uma bênção se permanecerem verdes e não murcharem. De modo similar, as atividades mundanas de um homem de Torá tem uma papel importante na sua vida eterna. São todas *Mitsvót*; são todas um meio para merecer o Mundo Vindouro. (Meu pai [Z"l](#) contou-me um pequeno episódio que ocorreu com sua avó, a sábia e justa *Rabanit* Ester, esposa do Gaón, rabino Israel Salanter [Z"l](#): quando se casaram, rabino

Israel lhe disse que administrariam seus assuntos do seguinte modo: ele decidiria sobre os assuntos celestiais enquanto ela tomaria as decisões sobre os assuntos terrenos. A sábia *Rabanit* Ester respondeu-lhe com um sorriso, dizendo que todos os assuntos, materiais e espirituais eram assuntos celestiais. Ele acabou ficando com todas as decisões de sua casa.)

Assim também florescerá tudo o que fizer: o verdadeiro sucesso é fazer tudo da melhor maneira, para que estes resultados permaneçam eternamente. Quando o homem íntegro chega ao fim de seus dias, é levado à presença do Rei dos reis dos reis, o Santíssimo, bendito seja e constata que tudo o que fez foi bom, sem exceção, e esta será sua recompensa eterna no Mundo Vindouro. Mesmo neste mundo, nada pode assustá-lo. Verá em tudo o que lhe acontecer, "bom" ou "mal", prazeroso ou doloroso, um desafio enviado por Deus. Fica feliz com cada oportunidade dada para comprovar sua fidelidade e amor a Deus, que o ama e tudo faz em seu benefício. Um homem como este cumpre verdadeiramente o mandamento: "E estarás certamente alegre" (Deuteronômio 16:15).

Versículo 4:

Sobre a grande aflição dos perversos em seus momentos de infortúnio

"Quanto aos ímpios, são com o feno que o vento espalha".

Quanto aos ímpios: se o destino dos ímpios fosse somente a perda da felicidade merecida dos justos, não seria necessário afirmá-lo; isto é óbvio. Este versículo ensina que além de perderem a grande bênção (reservada aos justos), perdem bem mais que isto, como explicaremos a seguir.

São com o feno: o trigo tem três partes: a semente, da qual se faz o pão e se nutrem seres humanos; a palha, que se dá aos animais; e a casca, quase transparente, que fica rente ao caule no topo da semente. Esta parte não serve de alimento sequer aos animais; é quebradiça e pontuda e chama-se feno. A raiz hebraica da palavra feno, *móts*, indica que a semente sugou (*matsáts*) toda a umidade, deixando o feno totalmente ressequido. Quando batem o trigo, a semente e a palha caem no chão por serem mais pesados, mas o feno, mais leve, esvoaça com o vento.

Que o vento espalha: durante o processo de separação entre a semente e o feno, este fica pairando até os ventos o carregarem, permanecendo no ar enquanto houver ventos que o espalhem.

Esta metáfora serve como exemplo para o destino do ímpio. Além dele não se alegrar nos momentos de infortúnio, vendo o lado positivo da situação como faz o justo, que está sempre em estado de júbilo, ele sucumbe diante dos problemas, tal e qual o feno, que esvoaça ante uma brisa fraca (significando um impedimento qualquer para satisfazer seus desejos materiais) que tem o poder de torná-lo o mais infeliz dos homens, até deixá-lo totalmente perplexo e com vontade de pôr fim ao próprio destino. Por que isto acontece? Por que há um vazio espiritual neste homem; sua alma é árida, então o menor acidente a faz miserável.

Não há extremos mais distantes do que estes. O justo parece uma árvore fértil, de raízes fortes e profundas, ao passo que o ímpio se assemelha ao feno desprovido de substância. São estes os dois extremos presentes na vida do homem.

Versículo 5:

Uma explicação do porquê da queda do ímpio no dia de seu julgamento

"Nem eles prevalecerão em julgamentos, nem os pecadores na assembleia dos justos"

Nem eles: a distância entre o justo e o ímpio é imensa – o justo emana espiritualidade enquanto o ímpio é de todo vazio – e por isto:

(Os ímpios) não prevalecerão em julgamentos: o significado do termo "prevalecer", em geral, tem sentido de duração, de presença constante. Um homem levado a julgamento teme a possibilidade de ser condenado; mesmo se alguém está certo de sua condenação, tentará obter um advogado que interceda a seu favor, encontrando atenuantes para amenizar sua sentença. Mas às vezes a situação é tão desastrosa que não há advogado disposto a defender a causa, simplesmente porque não há o que dizer em favor do acusado.

Isto é o que aprendemos deste versículo. A diferença entre o justo e o perverso é tão clara, que este último simplesmente não tem o que dizer no seu julgamento. Pode-se imaginar o que sentirá o ímpio no dia que for chamado a juízo; principalmente se sabemos diante de quem ele estará: ante o Soberano dos reis dos reis, o Santíssimo, bendito seja, que tudo sabe e tudo vê. O ímpio não poderá fingir e ocultar algo Dele; que esperança terá neste momento? Um bonito *Midrash* ilustra esta ideia [observações do autor em negrito ou azul](#): "Disse o Santíssimo aos ímpios: Eu disse: "*Vaiehi chen* (e foi assim)" – **quando criou o mundo e portanto todos têm que cumprir Sua vontade** – e vocês dizem: "*Ló chen* (não foi assim) – **para todas as Mitsvót negativas** – vocês dizem: "*Ken* (sim)". Por suas vidas – **o Santíssimo, bendito seja, jurou em suas vidas** – "*Ló chen* (não será assim)" – **não será deste modo!** – *Al ken* (por isso), não prevalecerão em julgamento". (*Midrash Tehilim* 1:22)

Nem os pecadores: mesmo os que pecaram sem intenção, quando afirmarem que não tinham consciência de seus atos ou que se esqueceram do que é verdadeiro, não

escaparão ao juízo. Eles também não prevalecerão no julgamento pois serão julgados na "assembleia dos justos", ou seja:

Na assembleia dos justos: suas tentativas de justificar seus atos fracassarão, pois estarão com os justos no dia de seu juízo. Se temessem a Deus em seus corações não se esqueceriam da verdade; o homem não esquece do que lhe é essencial. Isto é o que querem dizer as palavras "Na assembleia dos justos". Na corte celestial lhes dirão: "Os justos viveram no mesmo mundo que vocês; porque **eles** não esqueceram? A resposta óbvia é que eles são verdadeiramente justos e vocês não o são". A *Guemará* realça claramente este ponto. Eis todo o trecho [observações do autor entre colchetes](#):

"Um pobre e um rico são levados a julgamento [quando a corte celestial julga todos os homens](#). Dizem ao pobre: "Por que não se ocupou com a Torá?" Se disser: "Fui pobre e ocupei-me com minha sobrevivência", lhe dirão: "E por acaso você foi mais pobre que Hilel?" Disseram pois sobre Hilel, o ancião, que trabalhava todos os dias e ganhava um trepik [moeda pequena](#) por jornada. Dava metade à porta do Beit Midrash a seu zelador [para que o deixasse entrar](#) e com a outra metade sustentava a si próprio e aos seus [isto é realmente impressionante, com metade do valor de uma moeda sustentava sua casa e a outra metade era destinada ao estudo da Torá! Podemos imaginar algo assim? Isto não é senão um imenso sacrifício em prol do estudo da Torá](#). Certo dia não encontrou trabalho e o zelador do Beit Midrash não o deixou entrar [porque não tinha como pagá-lo](#). Hilel subiu então ao teto do edifício e lá ficou para escutar com atenção o saber Divino das bocas do Rabi Shemaiá e do Rabi Abtalião. Era uma véspera de Shabat, estavam no mês de Tevê e nevou durante toda a noite [sobre ele, até deixá-lo totalmente coberto pela neve](#). Quando amanheceu, disse Shemaiá a Abtalião: "Abtalião, meu irmão, durante todos os dias este recinto é claro, mas hoje está escuro, por acaso o dia estará nublado?" Olharam para cima e avistaram uma silhueta humana na claraboia. Subiram e encontraram-no coberto com três palmos de neve. Levaram-no para dentro, banharam-no e colocaram-no para se aquecer frente à lareira. Disseram: "Por este homem vale a pena profanar o Shabat!" [Por isso, quando alguém, ao chegar ao seu juízo celestial, argumentar que não pôde estudar a Torá porque não tinha recursos, lhe perguntarão porque não sacrificou-se como o fez Hilel](#).

O rico *é levado ao seu juízo* e lhe dizem: "Porque não ocupou-se com a Torá?" Se disser: "Fui rico e estava ocupado com meus negócios", lhe dirão: Por acaso você era mais rico que Rabi Eliezer ben Charsum? Disseram de Rabi Eliezer bem Charsum que seu pai deixou-lhe mil povoados no continente, mil barcos no mar, e que, com um odre de farinha em seu dorso, ele viajava de cidade em cidade para estudar Torá. Certa ocasião foi avistado por seus empregados, que o obrigaram a trabalhar com eles. Rogou-lhes: "Por favor, deixem-me ir, para dedicar-me à Torá". Disseram-lhe: "De modo algum o deixaremos ir" *impressionante é o fato de não ter-lhes dito que era seu patrão, Rabi Eliezer ben Charsum, pois não queria tirar o menor proveito do bom nome que a Torá havia lhe conferido*. Ele jamais tomou contato com as cidades e barcos que herdou, dedicando todo o seu tempo a estudar Torá, dia e noite... Hilel é prova contra os pobres e Rabi Eliezer ben Charsum é a prova contra os ricos".

(Talmud, Iomá 35b)

Isto é o que aprendemos do versículo: "E pecadores na assembleia dos justos". Pois quando forem levados a julgamento junto com os justos, não terão o que alegar em sua defesa.

Versículo 6:

Qual é a essência da felicidade do justo e do sofrimento do ímpio?

"Pois o Eterno conhece o caminho dos justos, enquanto o dos ímpios os conduz à sua ruína"

Pois o Eterno conhece o caminho dos justos: aqui interpretamos a palavra "conhece" como "ama", segundo o versículo: "Porque o conheci, e sei que ordenará a seus filhos e à sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Eterno, para fazer caridade e justiça" (Gênesis 18:19), ou seja, "o amo, pois sei que ordenará a seus filhos e à sua casa depois dele..." Deus ama o caminho dos justos. Existem dois tipos de amor: amor natural e amor como resultado de alguma qualidade do objeto deste amor. O amor chamado no idioma santo de "conhecimento" é do segundo tipo, ou seja, existe um conhecimento do ser amado e isto deu origem a este amor.

Esta é a raiz da felicidade do justo: sua consciência do fato de ser amado por Deus. Pode haver felicidade maior que esta? Isto, no entanto, não basta. É óbvio que o conceito de "amor natural" não se aplica a Deus: Ele é o Criador da natureza e não depende dela. Como o amor de Deus pelo justo tem um motivo, ele é chamado de conhecimento. Mas qual é o motivo deste amor? Não é outro senão o próprio justo. Quão grande é a felicidade do justo, ao saber que suas ações são o motivo do amor que o Altíssimo nutre por ele? Por isto lemos: "Pois o Eterno conhece – ama – o **caminho** dos justos". O modelo de vida que os justos adotam é o motivo do amor que Deus lhes tem.

Enquanto os dos ímpios os conduz à ruína: a palavra "ruína" significa que eles próprios põem seu destino a perder. Quão angustiante e doloroso será para o ímpio quando descobrir que o modelo de vida que adotou, tudo o que planejou, que ansiou, que forjou o **conteúdo de sua vida**, foi em **vão, um equívoco, uma ilusão, um vazio**. Ao chegar ao mundo da **verdade**, descobrirá que durante toda a sua vida viveu uma mentira; caçoou do justo e julgou-o preguiçoso, pensando que o seu próprio caminho era "realista" e "lógico", e agora descobre que foi **ele** quem perdeu o rumo. Seu **caminho** é ilusório, desprovido de conteúdo. **Põe toda a sua vida a perder**. Existe uma dor maior que esta?

Resumo do capítulo

O justo é feliz durante toda a sua passagem por este mundo e não há limites para sua alegria no Mundo Vindouro. A situação do ímpio é diametralmente oposta; sofre durante toda a sua estada neste mundo (pois não há pessoa nesta vida que consiga atender a todos os seus anseios) e sua alma sofrerá a dor verdadeira quando se defrontar com a situação com a qual todos nós teremos que nos deparar.

Caminhos Celestiais

O Atributo da Misericórdia

Este artigo foi escrito em 5740 (1939-40), logo após a eclosão da Segunda Guerra Mundial. O Rabino Dessler distribuiu partes dele, na verdade elaborado como uma aula, a seus alunos espalhados pela Inglaterra, para manter firme sua ligação com eles durante a difícil situação. (O Rabino não tinha acesso a copiadora, por isto datilografou ele mesmo suas aulas, usando tantas cópias de papel carbono quanto fosse possível). Nesse período, ainda escreveu tratados sobre a Halachá e novas conclusões sobre a Guemará, que também foram distribuídos entre seus alunos.

Aqui, o Rabino discorre sobre o significado da Providência Divina e sua influencia sobre os atributos de "Justiça" e da "Misericórdia". À medida que esta profunda e abrangente análise se desenvolve, conceitos diversos sobre os fundamentos da fé vão se tornando mais claros: o létser Hatóv o létser Hará; a essência do livre-arbítrio; o serviço Divino "intencional" e "não intencional" e outros aspectos da Providência Divina que se desvelam como expressões dos atributos da Justiça e da Misericórdia.

A tônica da discussão gira em torno da realidade e da importância da vida espiritual. O Mundo Vindouro é, aos olhos do Rabino Dessler, uma experiência real, visível e tangível. Para ele, podemos sentir algo "parecido com o Mundo Vindouro" aqui e agora, pelo conteúdo espiritual com o qual preenchemos nossa vida neste mundo. O universo espiritual tem suas próprias leis, como o mundo físico. Algumas leis espirituais são hereditárias e nessa dimensão (ao contrário do universo físico) podemos herdar certas qualidades, com a condição de fixarem raízes no fundo da nossa alma, ou seja, de serem adquiridas por repetidos testes, através de um processo árduo e fatigante, até se tornarem parte integral desta realidade.

Outra ideia importante presente nos ensinamentos do Rabino Dessler é o fato da morte não causar mudanças fundamentais no caráter humano. Os atributos e o tipo de comportamento que a pessoa assimila durante a vida permanecem com ela após a morte do corpo e são eles que ditarão a essência de seu existir no mundo espiritual e eterno. Esta ideia se baseia nos ditos de nossos Sábios e dela derivam repercussões diversas e extensas.

Este artigo foi escrito às vésperas do Holocausto, mas podemos encontrar ainda hoje um significado profundo nas palavras do Rabino sobre a capacidade de cada judeu para suportar o fardo que Deus lhe impôs com fé inabalável. O Rabino Dessler escrevia a seus alunos num tom quase profético: "... agora, quando as agruras deste longo exílio se abatem sobre nós mais fortemente...". Todo o texto é hoje estudado como testemunho eterno da fé do judeu no seu Deus e em Sua verdadeira Misericórdia, ainda que esteja sendo servido com águas envenenadas.

Capítulo 1

A herança de nossos sagrados patriarcas

Em nossas preces, rogamos a Deus que tenha piedade de nós, "por Mérito dos Patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob". Diversos episódios no *Tanách* confirmam isto. Como devemos entender esta prece?

Já nos habituamos a pensar que seu significado é evidente. Como descendentes destes sagrados homens, que se elevaram acima da vida material e viveram uma vida totalmente espiritual, podemos pensar que temos certos direitos aos olhos de Deus e que por isto Ele não nos julgará com rigor, relevando nossas falhas e nos tratando com benevolência e piedade. Contudo, esse tipo de crença é infundado e está longe de ser verdadeira. Aparentemente, acreditamos que o amor do Altíssimo por nossos patriarcas mudará Sua maneira de olhar-nos, deixando de lado a verdade e a justiça. Esta é, pensamos, a grande herança que recebemos dos nossos ancestrais, gigantes espirituais que conseguiram se aproximar de Deus mais que todos os outros homens na face da terra. Quer dizer, portanto, que podemos fazer o quisermos, dentro dos limites, confiando em nossa crença que Deus não nos punirá como merecemos? Será plausível pensar que somente ao mencionar o nome dos patriarcas, Seus amados, temos o direito a receber anistias por nossos pecados?

Se assim for, onde está justiça? Faz sentido o que estamos entendendo sobre este assunto? Vamos esclarecer algumas coisas.

a) Seria justo e correto para um juiz atenuar a sentença de alguém, que "por acaso" é filho de um amigo, julgando com rigor a mesma transgressão quando cometida por um estranho?

b) Isto não seria um "desvio da Justiça?"

c) Deus é Verdade e o Seu selo é a verdade. Não faz sentido pensar que o Criador se desvie um mínimo que seja da Verdade. Somente quem foi criado, como o homem, pode fazê-lo, mas não o próprio Criador, de quem nada se oculta. "A sentença do Eterno é, ao

mesmo tempo, verdadeira e justa" – a verdade absoluta! Como podemos então rogar-lhe misericórdia "em nome de nossos antepassados"? É claro que Deus não julgará contrariamente à Sua verdade e à Sua justiça. Se de acordo com Sua justiça formos culpados, mas de acordo com Sua misericórdia formos inocentados, onde estará a verdade?

d) Encontramos no Talmud algumas situações ou menção de gerações onde o Mérito dos Patriarcas se extinguiu (*Shabát* 55:a). Do que isto depende? Do número de anos que viveram ou do número de gerações que nos separa deles? Ou este assunto estaria vinculado a outros fatores?

"Bem-aventurado o homem que confia no Eterno..."

Perguntas como estas incomodam muito a quem não estudou e não conhece a Torá. Contudo, mesmo numa situação de perguntas sem respostas, um homem sincero deve dizer a si mesmo: "Realmente, faltam respostas a estas indagações; mas minha fé permanece inalterada mesmo sem este conhecimento. Tenho realmente de compreender tudo? Creio de coração pleno na Torá e na verdade das palavras de nossos Sábios. Minha limitada capacidade de compreensão é a causa de meu parco conhecimento. Os caminhos de Deus vão além da percepção humana e permanecem ocultos mesmo para gente sábia e capaz, então como poderei com meu pouco conhecer compreender os porquês do Eterno?"

O homem inteligente deve pensar deste modo quando se depara com uma questão como esta. Temos de nos lembrar disto sempre que nos confrontarmos com uma aparente contradição, ou quando não entendemos determinados assuntos. É preciso saber e reconhecer claramente que "Seus pensamentos são por demais profundos". Quem somos nós para pensar que podemos entender plenamente a verdade contida no julgamento Divino? Não existe criatura capaz de compreender seu Criador e isto inclui os anjos. Se esse tipo de problema nos tira o sossego, temos de concluir que seu objetivo é enfraquecer nossa fé. Se mergulharmos no fundo do nosso coração, descobriremos que estas indagações se originam do *létsér Hará*. Se não nos protegemos adequadamente, a má inclinação inundará nosso espírito com infinitas dúvidas e perguntas. No final – Deus

nos livre – conseguirá mover nosso coração da verdade para a mentira, do sagrado para o profano.

Capítulo 2

A descoberta da verdade

Quão generoso é o nosso quinhão! "Que felizes somos; quão boa é a nossa parte e quão agradável é o que nos coube em sorte!"²¹ Deus nos deu como presente um tesouro interminável e uma abundância infinita na figura de nossos santos Sábios. Usando sabiamente seu coração, eles se instruíram, compreenderam, tiveram o privilégio de ouvir, de aprender e de ensinar. Desvendaram para nós os maravilhosos segredos e mistérios da Torá. Suas palavras nos iluminam como uma vela na penumbra e se observarmos melhor suas santas palavras, veremos que tudo é claro, perceptível, cada coisa encaixa-se em seu lugar com impressionante precisão, como compete à verdade absoluta. Então constataremos que nossa complexa e incomoda indagação desapareceu por completo. A bem da verdade, não havia problema algum; somente uma visão fundamentalmente errônea da realidade. "Te esforçaste e encontraste – acredita!"

Se observarmos atentamente e investigarmos a fundo nosso as palavras de nossos Sábios, encontraremos nelas claras respostas e soluções adequadas para problemas complicados e questões aparentemente insolúveis. Obviamente, nem todos os temas se tornarão compreensíveis a nós, ainda que nos esforcemos em entendê-los; alguns campos do conhecimento estão além dos limites da compreensão humana. Contudo, a parte testemunha o todo. Vemos continuamente como as questões vão sendo respondidas, as dúvidas somem e a verdade de nossa sagrada Torá resplandece como a luz da aurora nas palavras de nossos Sábios de abençoada memória. Devemos permanecer confiantes e seguros de que as perguntas cujas respostas nos parecem vedadas, tem uma explicação clara e convincente, apesar de estarem ocultas de nós. Quanto mais nos elevarmos na escala do conhecimento da nossa santa Torá, maiores serão nossas esperanças de vermos a revelação da verdade com o passar do tempo e todos esses assuntos serão desvendados, um a um, com a ajuda de Deus.

Clarificando o problema

Para minha imensa alegria, Deus me concedeu o privilégio de lhes revelar uma chave que trará um feixe de luz sobre o problema que enunciamos acima. Mais que isso: com a ajuda dessa chave, assuntos de difícil compreensão se tornarão mais claros com o desenrolar de nossa análise. Encontrei a raiz desta solução nos escritos do mestre, Rabino Chayim de Volozhin ז"ל, notório discípulo do Gaón de Vilna ז"ל. Em sua grandiosa obra "O espírito da vida", sobre a Ética dos Pais (capítulo 5:2), ele explica um fato interessante. Na segunda *Mishná*, que descreve as dez gerações de Noé até Abrahão, este último é chamado apenas de "Abrahão", ao passo que na terceira *Mishná*, que menciona os dez testes que Abrahão enfrentou, ele é citado como "Abrahão, o patriarca". A explicação do Rabino Chayim cita um versículo dos Provérbios (20:7):

"Se o justo caminha com retidão, felizes dos filhos que o seguem"

Notem que este é exatamente o problema com o qual estamos lidando! Observemos mais atentamente a interpretação do Rabino Chayim: "Pois as virtudes que o justo se empenhou para conseguir passarão a seus filhos como parte de sua natureza, e eles precisarão de um menor esforço para lograrem resultado semelhante."

O homem pode não perceber o valor contido nestas poucas palavras lendo-as superficialmente, sem perceber seu verdadeiro conteúdo. Contudo, meus fiéis amigos, são justamente estas palavras que descerram a própria verdade do universo.

O livre-arbítrio

Sabemos que ao ser humano foi dado o domínio de seu arbítrio em qualquer situação. Seu exercício ocorre sempre que as forças da verdade e da mentira se equilibram. É onde se dá a livre escolha. Os limites acima ou abaixo deste equilíbrio não fazem parte do campo da livre escolha da pessoa num dado momento. Os limites "acima do campo de livre escolha" incluem perguntas sobre "bem" ou "mal", cuja estimativa moral se encontra além da capacidade de julgamento dessa pessoa. Os limites "abaixo do campo de livre escolha" fazem parte de seus hábitos de comportamento, o que a torna imune às tentações de escolha deste ponto. A possibilidade de jejuar e pedir perdão a Deus por termos falado ao telefone às custas de nosso patrão, por exemplo, está acima deste ponto de equilíbrio, se

nos defrontarmos com ela. Por outro lado, não nos sentimos tentados em contingências normais a saquear as prateleiras dos mercados e muito menos a tirar a vida de um inimigo. Possibilidades como estas estão abaixo do nosso ponto de livre escolha.

Como o homem é um ser mutável, ele pode melhorar seus padrões morais com o tempo, fazendo subir o ponto de equilíbrio de sua livre escolha. Os novos limites incluirão pontos que agora são externos a seu campo de livre escolha. O oposto também é certo: o ponto de decisão pode cair, fazendo com que assuntos que antes não nos atraíam agora nos tentem a pecar.

Na prática, os pais não tem como influenciar a escolha dos filhos. Esta escolha deve ser feita por cada ser humano, pessoalmente e para seu próprio bem. Contudo, pais e mestres podem influenciar o ponto limite da escolha de uma criança. Podem influenciar o ponto de início da escolha de uma pessoa, mas só ela poderá fixar seu limite final. Não raro vemos filhos de pessoas tementes a Deus, que receberam uma educação religiosa excelente, não seguirem o caminho dos pais. Ainda que seu ponto de partida tenha sido bom, acabaram optando pelo caminho do mal, baixando bastante o ponto de equilíbrio entre o bem e o mal onde haviam começado.

Hereditariedade espiritual

As crianças costumam herdar a personalidade dos pais e até mesmo outros traços em caráter potencial, que ainda não se materializaram. Estes dois tipos de forças dentro da hereditariedade espiritual são fatores capazes de influenciar o nível de arbítrio do indivíduo, sem que influenciem as ações de livre escolha em si. Nesse sentido, os êxitos espirituais dos pais influenciarão as ações dos filhos por um longo período. Alguns traços de caráter do povo judeu que persistem até os dias de hoje são atribuídos pelo Rabino Chayim ao tipo de personalidade que herdamos do patriarca Abrahão. Cada teste pelo qual Abrahão passou influenciou seus descendentes até nossos dias. É esta a resposta à pergunta, diz o Rabino Chayim, sobre o porquê da *Mishná* chamar Abrahão de "patriarca", quando menciona os testes a que foi submetido dez vezes, superando todos. Aqui, Abrahão é o "patriarca" num sentido amplamente espiritual, bem maior que o simples sentido físico do termo, por nos ter deixado como legado seus grandes feitos espirituais.

O Rabino Chayim prossegue em sua análise: É fácil perceber que muitos judeus, mesmo os menos estudados, estão dispostos a sacrificar-se em nome de Deus (ao invés de se converterem a outro credo) como fez o patriarca Abraão em Ur Casdim, entregando-se de corpo e alma em nome de Deus.

Isto é realmente impressionante! De que fonte homens simples como estes drenam tanta força espiritual? Como pode alguém com tênues ligações religiosas, habituado a pensar somente em sua sobrevivência cotidiana, prontificar-se de imediato, sem hesitar, em um momento crucial, a abrir mão da própria vida em nome de Deus, em nome de um ideal que talvez não possa nem verbalizar? Como se explica isto? A única resposta aceitável: esta pessoa herdou tamanha capacidade de Abraão, nosso patriarca.

A terra de Israel

Sigo com o pensamento do Rabino Chayim: "A finalidade de todos os testes era abrir o caminho para nós (ou seja, tornar mais fácil alcançarmos os níveis espirituais mais elevados). Por isto é fácil entender que o desejo repentino de cada judeu para viver na Terra de Israel tenha origem no teste pelo qual Abraão passou: "Anda da tua terra e da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei." (Gênesis 12:1)."

Se raciocinarmos sobre este fenômeno, nos assombraremos com o fato de nós, judeus, termos guardado tão profundo amor à Terra de Israel após o exílio, mesmo tendo nos distanciado dela durante dois mil anos. O motivo é nossa ligação com esta terra ultrapassar as razões "nacionais". Se fôsse este o fator que nos conecta, já a teríamos esquecido há centenas de anos. Outros grupos nacionais, após serem arrancados de suas terras, foram facilmente absorvidos em seu novo ambiente em poucos anos – no máximo em três gerações. Nosso amor por Israel tem origem, reconheçamos ou não, numa fonte sagrada. Deus deu à Terra de Israel uma santidade intrínseca e esta mesma santidade está enraizada em cada um de nós, judeus. É o legado espiritual de Abraão, o patriarca, após ser testado por Deus: "Anda da tua terra". (Este teste exigiu de Abraão que deixasse seu idoso pai, seu trabalho de trazer almas para Deus, ao qual se dedicava com afinho e sucesso, e partir rumo ao desconhecido, o que prova até que ponto chegaria a fim de colocar seu destino nas mãos de Deus).

Retornemos às palavras do Rabino Chayim: "Nós herdamos o valor 'Tudo o que Deus faz é para o bem' do período de fome que atravessamos." ²²

Deus havia prometido bênçãos de prosperidade e abundância a Abraão ²³ e agora, recém-chegado a Canaã, começa um período de fome jamais visto nesta terra, empobrecendo-o obrigando-o a descer ao Egito. Nossos Sábios ressaltam que: *"Mesmo assim não questionou por um só momento os desígnios Divinos, como está escrito: 'Pois o justo cai sete vezes e se levanta, mas os ímpios fracassarão na maldade'".* ²⁴ *Ou seja, o justo, mesmo quando cai, não pensa que caiu, mas levanta e prossegue em seu caminho; mas o ímpio, se cair uma só vez, pensará que fracassou de vez e não tentará erguer-se para melhorar seu destino no final de seus dias."*

O justo enxerga cada "queda" como um desafio enviado por Deus para ajudá-lo a aprimorar-se, e por isto não sucumbe à depressão, ao passo que o malvado, quando fracassa, detecta em seu "infortúnio" o gosto das "amarguras do destino". Daí até a crise existencial o caminho é curto.

Reservatório de forças

Se tivéssemos o conhecimento adequado para entender e perceber o que se passa ao nosso redor, veríamos verdadeiros milagres. De onde os judeus tiraram forças para seguir caminho, elevando-se cada vez mais sem esmorecer e nem desistir de sua fé? Isto também foi herdado de nossos patriarcas sagrados, que receberam todos os seus infortúnios com amor.

Se examinarmos atentamente nossa história, veremos que no passado, quando a maioria do nosso povo era fiel à sua herança, os casos de judeus que tiravam a própria vida eram raros, mesmo frente às piores situações. Enquanto o judeu mantiver um vínculo, mesmo que fraco, com a tradição judaica, sentirá repulsa por uma atitude trágica como esta e encontrará conforto na ideia que os males que abatem o homem purgam seus pecados.

Isto se deve ao fato de nossos antepassados terem se elevado acima da vida material, dedicando-se a uma existência puramente espiritual. Chegaram ao nível do total apego à

fonte de toda vida – Deus. Por isso sabiam que tudo o que Deus faz tem uma finalidade espiritual (e que por isto é bom em essência). É impossível que do Bem absoluto, de Deus, emane algo de mal. Por sermos criaturas humanas, imaginamos o mal com nossos olhos e mente limitada somente porque tendemos a avaliar unicamente os aspectos externos e materiais dos eventos que nos cercam. (Assim como nosso corpo é a vestimenta que cobre o nosso "eu", os aspectos externos dos atos Divinos são apenas uma vestimenta externa da realidade. Sua verdadeira essência é seu propósito intrínseco, espiritual). Quem teve o mérito de compreender o conteúdo interior da realidade e avaliar, ainda que superficialmente, sua situação espiritual, não duvida que tudo o que vem de Deus é bondade total. O conteúdo essencial da bondade e único propósito é fazer o bem das criaturas. Rabi Nachum, que disse "*Gam Zu Letová*," é citado na *Guemará* pela sua forma de encarar a realidade. Mesmo quando a pior das calamidades o abatia, Rabi Nachum dizia "*Gam Zu Letová*" ("Isto também é para o bem.").²⁵ Mesmo se algo aparenta ser a pior coisa do mundo, pode revelar-se como uma bênção no futuro, pois seu propósito inicial era bom. Se alguém sofre de uma doença fatal, ficará feliz em passar por uma cirurgia que lhe aumente a possibilidade de sobreviver e o cure de sua enfermidade, ainda que seja a mais penosa das cirurgias. É deste modo que temos de compreender os caminhos de Deus.

Tudo é para o bem

Depois de superar o teste da fome e as outras provações a que foi submetido, o patriarca Abraão lapidou sua fé e conseguiu sentir a verdade incontestável contida nos desígnios Divinos e em Sua bondade infinita. É esta incomensurável riqueza que legou a nós, seus descendentes. E é exatamente esta a fonte da força que existe no coração de cada judeu e que o assiste em situações de desespero, encorajando seu espírito quebrantado durante milênios e protegendo-o nos momentos de angústia. Em seu íntimo, sabe que tudo é para o bem; tudo foi criado com um propósito e que por isto todo esforço tem seu valor ("tuas ações serão recompensadas"). No momento em que Deus assim desejar, nos será revelado que todo o sofrimento e tribulações pelas quais passamos, aparentava ser mau na aparência das coisas e não no lado íntimo e verdadeiro da realidade. O Cântico de Ascensão (Salmo 126) diz: "Quando o Eterno nos trazer de volta a *Tsión*, nos parecerá

estar sonhando". O mal que experimentamos durante a longa noite do exílio e que pensamos naquela época ser tão verdadeiro e medonho, agora parece não mais que um sonho ruim. A realidade como a veremos então se desvendará como ela sempre foi – somente amor e bondade puros.

Miqueias, o profeta, nos disse (7:8): "Não te alegres, inimiga minha! Pois se caí – levantar-me-ei! Se estou na escuridão – o Eterno será minha luz!"

Nossos Sábios vêem no versículo que "da própria queda vem o subida; da própria escuridão vem a luz", o ponto central da fé de cada judeu. A própria experiência da queda – se o homem souber que foi provocada por Deus – o reerguerá; a experiência da escuridão atrairá a luz, se dela aprendermos a lição correta.

Precisamos do fogo ardente da fé agora, mais do que nunca, acometidos que fomos por uma desgraça sem igual neste longo e amargo exílio. Se algum de nossos homens se deixar cair no desespero, Deus não o permita, deve saber que este ímpeto de fraqueza está desatando o elo que nos liga aos pais da nossa nação.

Capítulo 3

Superando as provas

Até aqui aprendemos as palavras do Rabino Chayim de Volozhin que elucidam nosso aprendizado, como o "parco que sustenta o farto". Prossigamos em nossa análise.

Que traços de caráter permitem ao homem superar suas provações com sucesso, traços herdados dos testes a que foram submetidos nossos patriarcas? Estes traços são: a força para derrotar seu instinto egoísta e governá-lo, inspirado em ideais elevados; a força para lutar contra o *létsér Hará* e vencê-lo; para confrontar-se com a verdade no mais íntimo do seu coração; negar-se a se deixar arrastar pela mentira, pelos hipócritas e falsos. "O apego da verdade na verdade" é o fundamento do sucesso na vida espiritual. Esta é a herança que nos deixaram nossos sagrados antepassados.

Sem essa força o homem é capaz de cumprir *Mitsvót* e praticar uma quantidade imensa de boas ações, mas isto só ocorrerá se por algum motivo (e podemos lembrar vários) o *létsér Hará* não incomodá-lo, opondo-se a que pratique a boa ação que tenha em mente. Mas se o *létsér Hará* resolver atacar, sua capacidade para detê-lo pode ruir de imediato, pois esse homem ainda não aprendeu a ativar sua força de vontade e a confrontá-lo. A habilidade para detectar a verdade e atuar de maneira certa ainda não foi desenvolvida nessa pessoa. Este é um exemplo de um traço de caráter que identificava nossos patriarcas mas que se encontra apenas latente no nosso espírito.

Outra capacidade herdada dos nossos ancestrais: o poder para revolucionar nossas vidas, mudar nosso rumo e consertar nossos erros. Em resumo, a capacidade para fazer *Teshuvá*. Se mergulharmos até o fundo de nossas almas, descobriremos que este modo de raciocinar não nos é estranho: é bem possível que a verdade esteja bem perto de nosso consciente. Eis aqui mais um indício de um tesouro oculto, herdado de nossos patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, e de todas as gerações de judeus observantes dos mandamentos da Torá que nos conectam a eles. Obviamente, o direito à livre escolha ainda está em nossas mãos. Mas se não negarmos nosso passado, estaremos ganhando um legado de poderes ilimitados.

Um parâmetro

Agora temos mais meios para avaliar se este tipo de hereditariedade ainda palpita ou não dentro de nós. São parâmetros que nos permitem viver de acordo com a verdade e confrontá-la, comprovando se esta força espiritual armazenada dentro de nós é realmente tangível.

Precisamos nos apiedar das pessoas infelizes que trocaram tal herança por uma sopa de lentilhas e que preferiram o lucro material ilusório em vez da verdade espiritual. Mais infelizes ainda são os que macularam seus espíritos em seu processo de deterioração, tornando-se escravos eternos de sua natureza inferior. São levados de um lado para outro pelos acidentes da vida e suas provações, infelizes e frustrados, sentindo como se lhes tivessem sido postas armadilhas no caminho, sem qualquer possibilidade de escapar delas.

Olhar de perto para a vida triste e carente de significado dessas almas infelizes deve reforçar nossa fé. Quão imensa é nossa alegria e gratidão por termos sido agraciados com a grandeza da Torá. Os princípios de fé recém aprendidos devem estar sempre à nossa frente, trazendo alegria e significado às nossas vidas, pelo fato de termos sido presenteados com "o benefício de estarmos próximos a Deus". Temos o direito de esperar que, com o tempo, reconheçamos o bem inerente a cada ação Divina, e isto nos fará viver em estado de paz verdadeira e permanente. Seremos capazes de aprender a concentrar nossa essência em torno de nossa consciência interior e deste modo nos identificar com o "ponto da verdade", chegando ao domínio completo de nossos instintos naturais com o passar do tempo.

Capítulo 4

Compaixão, verdade e punição

Agora já estamos prontos para analisarmos a questão da Misericórdia Divina. Nossa dificuldade residia em como ficaria a Justiça Divina em relação à punição que deveria ser aplicada a Seus filhos queridos. Percebemos também que esta questão surgiu porque nosso entendimento do conceito "Justiça Divina" é superficial. Daremos um exemplo ilustrativo.

Dois jovens foram levados a julgamento. Ambos eram acusados do mesmo delito. O juiz investigou o caso e decretou-os culpados. Foram sentenciados à prisão. Antes de pronunciar a sentença, o juiz interessou-se pelo histórico de cada um desses dois delinquentes, ou seja, de como chegaram a cometer crimes. O juiz não estava interessado em vingar-se deles, mas buscava sua recuperação como cidadãos, ao invés de mandá-los para a cadeia. Ao examinar a primeira pasta, notou que um deles fora educado no seio de uma família de respeito e que fora levado ao crime por influência de um amigo. Parecia pouco provável que voltasse a praticar delitos se lhe fosse restituída a vida em família, o que o influenciaria positivamente. O juiz entendeu que isto seria preferível a colocá-lo por trás das grades.

Quando examinou o segundo caso, o juiz percebeu que o jovem em questão não havia sido influenciado por pessoa alguma. Tudo indicava que somente uma pesada punição evitaria que cometesse novos crimes. Após ponderar demoradamente também sobre aquele caso, o juiz conclui com tristeza que o mais indicado seria enviá-lo para a prisão.

Esta comparação nos ajuda a compreender o significado dos atributos de justiça e da misericórdia, e ao mesmo tempo nos permite responder a questão do compromisso com a verdade. Sabemos que Deus não deseja "a morte do pecador, mas que faça *Teshuvá* e que viva" (Ezequiel 18:23). Ao mesmo tempo, Ele "esquadrinha e examina o pensamento" (Jeremias 17:10), sabendo perfeitamente quem é capaz de fazer *Teshuvá* e quem está tão distante dela que somente uma decidida e dura punição poderá emendá-lo. Quando Deus usa o segundo método, dizemos que está empregando Sua Justiça. Mas, na verdade, aqui

Deus também emprega o atributo da Misericórdia. Que utilidade teria anistiar um criminoso que pode deteriorar-se mais ainda se não for advertido por meio da punição?

Misericórdia e justiça

O que normalmente chamamos de "atributo de Misericórdia" também é correto se aplicado ao conceito de Justiça. O único propósito da sentença Divina é melhorar nosso comportamento e reparar nossas falhas. Se houver alguma possibilidade de fazermos *Teshuvá* e ajustarmos nossos hábitos com nosso próprio esforço, que proveito nos trarão as punições?

Por outro lado, quando não há esperança do homem consertar seu caminho tortuoso a menos que seja punido, a Misericórdia Divina não "apaga" todo o pecado. E se não houver essa possibilidade, a Misericórdia não será verdadeira. É a isto que se refere a *Guemará*:²⁶ "Quem diz que Deus transige **ou seja, transige e perdoa nossos pecados sem que precisemos para isto fazer *Teshuvá***, terminará por transigir sobre sua vida".

Para melhor ilustrar este fato, estudaremos um interessante assunto da Torá, onde Deus emprega uma sentença extremamente rigorosa – em sua aparência externa – mas que no íntimo é uma expressão de Seu atributo de Misericórdia. Trata-se do filho rebelde,²⁷ que não ouviu a voz de seu pai e de sua mãe, e era "glutão e beerrão". A Torá Oral acrescenta o fato deste menino roubar seu pai e gastar o dinheiro com comida e bebida, em companhia de seus pares. Caso seus pais desistissem de tentar educá-lo, levando-o ao *Beit Din* (corte rabínica), e se ficasse confirmado o fato dele não escutar os pais, continuando com sua vida de delinquente, a Torá lhe sentenciaria a pena capital. Que assombroso! Este pecado é tão sério a ponto da Torá sentenciar tamanha punição? O que fez este filho para merecer a pena de morte? É isto que nossos Sábios perguntam. Sua resposta: Nada. Ele não está sendo punido pelo que fez, mas pelo que poderia fazer. Ainda é um menino, mas a Torá enxerga antecipadamente o seu fim. Se desde o início habituou-se a saciar seus desejos físicos, lhe será cada vez mais difícil achar o dinheiro necessário para satisfazer sua luxúria. Como resultado, se entregará a uma vida de crimes. A Misericórdia Divina lhe permite deixar este mundo em relativo estado de pureza,

evitando que morra mais tarde, quando sua alma estiver infectada pelo pecado.²⁸ Este caso é um exemplo de punição "rigorosa", onde se justifica o atributo da piedade. O Talmud relata as circunstâncias em que esta sentença pode ser decretada e conclui que nunca houve um caso que atendesse a todas as exigências desta Lei do modo como está prevista na Torá para que a pena mencionada pudesse ser aplicada (ibid.). Segundo as Escrituras, não foi a polícia quem levou este menino a julgamento: somente seu pai e sua mãe – juntos e ao mesmo tempo – podem fazê-lo. Que pais judeus, porém, dariam início a um processo judicial que culminasse na execução do próprio filho?! Em todo caso, o estudo desta *Halachá* está ao nosso alcance, "para ser estudada e para sermos recompensados por seu estudo". (ibid.) (Uma forma de "recompensa" é, sem dúvida, o sentido do princípio acima analisado.)

Como devemos entender o Mérito dos Patriarcas na prática? Agora temos meios para compreender este assunto com clareza e constatar que o Julgamento Divino é fiel do início ao fim.

Aprendemos que usando a imensa carga hereditária que recebemos de nossos antepassados, suas poderosas virtudes e faculdades, podemos nos concentrar no lado verdadeiro das coisas, enfrentar o *létser Hará* e fazer *Teshuvá*. Descobriremos agora algo mais sobre este assunto e veremos maravilhas.

A força do espírito que descrevemos aqui é, na verdade, uma expressão do Mérito dos Patriarcas e o sacrifício pessoal é a essência deste mérito. O termo hebraico *zechút* (mérito) também pode ser lido como *zachút* (refinamento). Nosso verdadeiro legado, este núcleo das virtudes de pureza que nos ajuda a viver uma vida íntegra, é o conjunto de qualidades que nos liga aos sagrados patriarcas, enquanto agirmos de acordo com estas virtudes. Se o refinamento do espírito e a retidão do caráter pulsam dentro de nós, Deus verá, na profundidade do Seu saber, que o elo entre nós e os patriarcas não se rompeu e que persiste em sua plenitude. Ainda há esperança de escolhermos o caminho da *Teshuvá* e de retificarmos os nossos erros. Neste caso, o Criador nos julgará com Misericórdia. O mérito, ou seja, o aperfeiçoamento espiritual pelo qual passaram nossos patriarcas, ainda corre em nossas veias e por isto nos restam esperanças. É este o "Mérito dos Patriarcas", sobre o qual nos apoiamos para despertar a piedade dos Céus. (O princípio fundamental

apontado aqui é que o Mérito dos Patriarcas não é como um cheque sem fundos. Isto seria o oposto absoluto da verdade. Ele significa que os traços de caráter dos patriarcas continuam a atuar em nossos corações). Infelizmente, todo este bem latente no coração do judeu de hoje passa despercebido pela maioria dos membros de nossas comunidade, mas é imprescindível sabermos que esta força existe dentro de nós, ainda que atue só em nosso subconsciente.

Se algum dia, Deus não o permita, este mérito espiritual deixar de atuar dentro de nós, o caminho para rogar a piedade Divina se fechará. É a isto que os Sábios se referem quando dizem que em determinada geração o Mérito dos Patriarcas "extinguiu-se".

Feita esta análise, concluímos ser nosso dever desenvolver os valores dos patriarcas ocultos em nosso espírito – sua fé, temor e amor a Deus; sua obstinação pela verdade, sua recusa em render-se ao *létsar Hará*; a tendência a identificar-se com o espiritual. Se o fizermos, resgataremos seu mérito para dentro de nossos espíritos e o Bom Deus nos enviará Sua Misericórdia...

Capítulo 5

O Mérito dos Patriarcas

Se alguém possui algo que não quer perder, como um molho de chaves ou um relógio, carregará este objeto junto ao corpo e o manterá junto a ele por meio de uma corrente ou algo similar. A corrente não é cara a esta pessoa; sua importância é secundária. Precisa dela apenas como meio para manter o objeto ao qual atribui importância. A corrente é composta de vários elos. Cada um deles é menos importante que a corrente, pois se a corrente tem papel secundário, podemos afirmar que cada elo tem um papel ainda menor. Cada elo em separado é importante somente enquanto preencher sua função como parte da corrente.

Esta analogia auxiliará na compreensão do mais baixo grau onde atua o Mérito dos Patriarcas. Deus lhes prometeu que o propósito da Criação seria alcançado por eles e por seus descendentes. Este grandioso futuro, onde o nome de Deus será exaltado e santificado aos olhos de todo o mundo acontecerá na Era Messiânica.

Muitas gerações terão passado pela terra, desde a geração do patriarca Abraão à chegada de Mashiach. Todas elas estão ligadas entre si como os elos de uma grande corrente. É bem possível que alguns indivíduos ou mesmo gerações inteiras não terão vivido neste mundo por mérito próprio, mas pela condição de serem parte integrante do povo de Israel; não terão existido por merecimento, mas porque foram descendentes dos nossos patriarcas e de seus filhos. Estes indivíduos e estas gerações são os elos da corrente de Israel. Precisam existir porque sem eles a ligação entre os patriarcas e o futuro se perderia. Este é um modo pelo qual um homem pode viver neste mundo sem qualquer mérito pessoal.

O Talmud conta:²⁹ *"E disse Deus a Moisés: 'Não molestes a Moab e não faças a ele guerra'.*³⁰ *Por que haveria Moisés de declarar uma guerra sem permissão Divina? Mas Moisés ponderou: Dos midianitas, que não vieram senão ajudar os amonitas (a tripudiar Israel), a Torá disse: 'Afligireis aos midianitas e os ferireis',*³¹ *e o que poderia ser, então, dos moabitas? Disse-lhe então o Altíssimo: 'Teus pensamentos não são como os meus:*

duas boas pombas sairão destas nações, Rute a moabita³² e Naamá, a amonita.³³ Pelo mérito destas duas mulheres, Deus mostrou Sua Misericórdia para com as pérfidas nações, poupando-as."

Aqui vemos um direito à existência ainda menos importante que o dos elos mencionados acima. Deus mantém vivas gerações inteiras de perversos, se delas nascer um só homem ou mulher justos. Uma civilização inteira, com toda a sua cultura, arte e ciência, economia, guerras, crueldades e idolatria, existirá por séculos a fio – com que propósito? Para que dela civilização nasça um único homem, que rebelar-se-á contra a cultura corrupta que o criou, abrindo caminho para a espiritualidade, como Rute, a moabita, que excedeu-se em boas ações e sacrifícios pessoais, uma gigante espiritual que alcançou o nível mais elevado das justas de Israel. Existe algo maior em termos de valores espirituais? Este exemplo nos mostra de modo tangível os propósitos segundo os quais Deus governa o mundo.

Ergue-se em alto brado a eterna pergunta: "Por que os malvados prosperam?" O que mencionamos acima não responde por completo a esta indagação, mas desvenda pelo menos um lado da questão. Analisaremos outras faces deste problema no próximo capítulo.

Capítulo 6

Sobre os perversos

Não raro nos deparamos com uma pessoa que vive nababescamente neste mundo, sem que, ao nosso ver, o mereça por seus atos ou pela maneira de se comportar (como discutiremos mais adiante). Às vezes somos compelidos a pensar que temos à frente um exemplo de misericórdia. Mas não é necessariamente o que acontece. A Torá nos traz uma passagem clara a respeito: "E paga em vida aos que O odeiam, fazendo-os perecer".³⁴ A tradução aramaica de Onkelos explica que Deus recompensa os malvados neste mundo por seus atos bons para livrar-se deles no Mundo Vindouro.

Muitas perguntas afloram. Será isto justo e correto? Não é suficiente que o malvado seja punido por suas infrações? Tem de perder a recompensa por suas poucas boas ações, sendo recompensado por elas neste mundo, que é, como sabemos, vão e ilusório, onde não lhe cabe receber prêmio algum, por uma *Mitsvá* que seja?

A mente humana não é capaz de compreender totalmente este mistério. Como pode um ser de carne e osso conceber em sua mente a profundidade do Juízo Divino, como está escrito: "Quão magníficas elas são, ó Eterno, e quão profundos são os Teus desígnios?"³⁵

Os aspectos da Providência Divina que pudermos entender – ainda que de forma parcial – nos ajudarão a deduzir o todo a partir de seus fragmentos, compreendendo que todos os caminhos de Deus são justos e retos e que Sua sentença é sempre verdadeira. Lembraremos aqui um ou dois pontos e eles nos revelarão novos e profundos horizontes.

Motivação

Cumprimos as *Mitsvót* da Torá movidos por diversas e complexas razões, que podemos classificar em dois grupos principais:

1. *Leshêm Shamayim* (em honra aos céus), onde o único propósito é servir a Deus e seguir Seus caminhos.

2. *Sheló Lishmá* (sem a devida intenção), ou por razões pessoais. Mesmo as *Mitsvót* que o homem compreende com seu intelecto ou sabe serem o caminho a seguir, são consideradas *Sheló Lishmá* se não forem acompanhadas de uma intenção de servir a Deus unicamente porque Ele assim o ordenou.

A recompensa no Mundo Vindouro é ilustrada por nossos Sábios numa linguagem figurada: "*Tsadicim* sentam-se... e regozijam-se com o brilho da *Shechiná*". Em outras palavras, a recompensa no Mundo Vindouro é a proximidade com Deus e o desfrute de uma abundância espiritual proveniente da consciência do brilho da Presença Divina. Quem cumpriu os mandamentos da Torá neste mundo apegando-se espiritualmente a Deus, verá que é exatamente esta espiritualidade que preencherá sua existência no Mundo Vindouro. Sua consciência se ampliará milhares, milhões de vezes, expandindo-se até os limites que podem ser atingidos por qualquer criatura.

Contudo, é impossível para um ser humano cujas ações carecem da qualidade única do apego a Deus tomar parte nesta recompensa. É inconcebível dar a uma pessoa uma remuneração essencialmente diversa de suas ações neste mundo. É possível que ela tenha praticado boas ações, mas elas nunca passaram do nível "humano". Foram atitudes "humanas", cuja essência tinha raiz nas coisas deste mundo. Portanto, a recompensa pertinente terá seu valor ligado às coisas deste mundo. A essência da recompensa deve ser qualitativamente igual ao mérito das ações da pessoa. A recompensa acontece somente num mundo compatível com as ações realizadas.

Nossos Sábios exemplificam este ponto no Talmud:³⁶ " 'Longevidade à direita e à esquerda, riqueza e glória'³⁷ – Aos que estão à Sua direita haverá longevidade e também riqueza e glória. Para os que se postarem à Sua esquerda haverá riqueza e glória, mas não longevidade."

Rashi explica que "os que estão à direita" são as pessoas que se dedicam ao estudo da Torá *Lishmá* (em honra aos Céus), ao passo que os que estão à esquerda são os que não a cumprem *Lishmá*. Pois a "longevidade" é "um dia que é de todo longo e de todo bom", ou seja, a vida no Mundo Vindouro.³⁸

Está escrito: "Abres Tua mão e farta a todo o vivente, conforme a sua vontade".³⁹ A vontade neste caso significa – a vontade de cada um. Como pode ser? Se a vontade de cada ser vivente é particular e diversa – duas pessoas podem querer exatamente o mesmo objeto; como poderá Deus satisfazer as duas simultaneamente? Ouvi uma explicação que interpreta este versículo como uma referência à recompensa pelas *Mitsvót*, da qual falamos neste capítulo. Deus dá a cada um o que ele realmente quer. O *Tsadic* quer o pago por suas *Mitsvót* no Mundo Vindouro e seu castigo nesta vida, por sabê-la passageira e sem significado. Por outro lado, o ímpio quer obter tudo a que tem direito nesta vida e, se o consultarem, obviamente dirá que prefere que lhe paguem o soldo por suas *Mitsvót* neste mundo, sob a forma de riqueza e glória. Seu interesse pelo Mundo Vindouro é nulo e se for preciso sofrer, ele prefere adiar sua punição para o Mundo Vindouro, de cuja existência duvida.

Outra explicação para o versículo "... farta a todo o vivente conforme a sua vontade": os homens não desfrutam de algo que não desejam. A essência da delícia é a obtenção do que almejamos. Se conseguimos algo sem esforço, como um presente, nosso deleite será o menor possível.

O homem não adquire um novo caráter, anseios ou novos desejos quando morre. Quem se contentou somente com prazeres materiais durante a vida não se transformará numa pessoa espiritual após a morte. O tipo de entidade que esta pessoa será no pós vida não difere do que foi em vida. No Mundo Vindouro não existe mais a possibilidade de elevar-se ou de reparar os feitos, com exceção do sofrimento no purgatório. "O que és capaz de realizar com tua força, faze-o, pois na tumba para onde te diriges não há feitos nem registros, sabedoria ou conhecimento".⁴⁰ Se um homem viveu espiritualmente neste mundo e tudo o que almejava era aproximar-se de Deus, terá o mesmo tipo de vida no Mundo Vindouro. Por este motivo, a recompensa de um *Tsadic* pode ser apenas espiritual e no mundo espiritual, pois só buscou espiritualidade durante a vida. Este é o único tipo de deleite existente para ele.

O malvado, por sua vez, pode ser pago apenas neste mundo. Como só buscou as coisas deste mundo, só elas podem satisfazê-lo. Não se pode dar a alguém que satisfaz-se unicamente com prazeres materiais algo pertencente ao Mundo Vindouro como, por

exemplo, uma fabulosa interpretação de uma passagem da Torá ou uma inusitada ideia espiritual. Isto lhe trará desprazer e não contentamento. A mesma experiência que leva o homem espiritual ao ápice da realização pessoal aborrece o materialista. O contato com o universo espiritual o fará olhar seguidamente para o relógio, contar os minutos para que a experiência acabe logo e correrá para fazer algo que lhe pareça mais atraente. Por isto só é possível conceder ao malvado um pago material pelos mandamentos que cumpriu neste mundo.

As armas do mal

Ainda há muito o que elucidar nesta área. Lembramos um ponto mais. Se virmos que a uma pessoa má foi concedida imensa fortuna neste mundo, nos parecerá que lhe estão despejando torrentes de bênçãos das alturas e que o atributo da Misericórdia lhe está sorrindo. Mas é possível que não seja assim. É provável que a boa vida da qual usufrui o malvado neste mundo origine-se de outra fonte, possivelmente de uma fonte ruim e impura.

Deus criou no homem um instinto bom e um instinto mau, cujas funções consistem em competir entre si para atrair sua atenção. O instinto bom tenta convencê-lo a escolher o que é bom, verdadeiro e correto, enquanto o instinto mau tenta empurrá-lo na direção oposta. Cada um destes impulsos tenta provar ao homem que é o **seu** caminho que lhe trará deleite e felicidade. O instinto bom revela ao homem a grande satisfação no simples fato de se viver de acordo com o caminho da verdade e da justiça. Mostra-lhe a vivência dos grandes homens, santos e Sábios, cuja vida é repleta de felicidade neste mundo, sem falarmos no Mundo Vindouro. Já o instinto mal precisa disfarçar-se e mostrar sua mercadoria de um modo bem mais astuto, pois sua mensagem é acima de tudo mentirosa, seus produtos não tem valor algum e quem quer que acredite na sua ladainha se perderá. O mau instinto precisa de provas vivas que comprovem a certeza do caminho dos que pecaram, que cometeram delitos e apesar de tudo, vivem uma vida (aparentemente) próspera e feliz neste mundo. Se não tivesse como provar que sua filosofia de vida funciona – quem lhe daria crédito? Em outras palavras, o *létsér Hará* precisa de uma "vitrine" para expor seu produto.

Para possibilitar um sistema equilibrado de livre escolha, Deus deu ao *létsér Hará* esse tipo de vitrine e equipou-a com um exército de modelos, em parte desprovidos de quaisquer méritos e portanto sem importância alguma por si próprios, mas que recebem uma abundância de benesses, para servir de material publicitário ao *létsér Hará*. Sua situação não é de modo algum invejável, pois fazem parte do exército do *létsér Hará*. Permitem ao *létsér Hará* demonstrar o fato de não ser necessário qualquer tipo de mérito para se viver bem neste mundo. Estão em sua "folha de pagamentos" e toda a sua essência é má. Quando chegar o momento do mal ser apagado do mundo, eles também serão apagados, como disse o rei David dos malvados: "Tu os procurarás em seu lugar, porém não mais os encontrarás ali".⁴¹ Além do castigo que receberá, o malvado perderá seu lugar na ordem da Criação. Sua existência está ligada às necessidades do *létsér Hará*, e os elementos que compõem as forças do mal no universo serão eliminados de uma só vez.

Isso mostra que se um homem leva uma "boa vida" neste mundo, pode não estar sendo nutrido pelo atributo da Misericórdia, mas pelas forças do mal. (É óbvio que Deus também domina as "forças do mal" e que elas tem sua função no plano da Criação. Mas elas existem para serem dominadas e quem delas enriquece, se defrontará no final com um amargo destino).

Casos como este não são raros. Em geral podemos discernir entre a riqueza e o conforto que se originam das forças negativas e a prosperidade que provem da fonte positiva, ou seja, da pureza.

Esta visão esclarece um intrincado trecho do Talmud: "O mundo não foi criado senão para os que são totalmente justos ou para os que são totalmente malvados".⁴² É claro que isto não quer dizer que os totalmente malvados constituem um dos objetivos da Criação do mundo. O "mundo" aqui mencionado é este mundo, material, que pode ser conquistado de duas maneiras: pelos totalmente justos, que usam dele para objetivos sagrados, ou pelos totalmente maus, que o usam do modo como descrevemos.

O Sofrimento dos Justos

Este artigo foi escrito com base na série de palestras que o Rabino Dessler proferiu sobre o tema "A visão da Torá" para o Seminário de Moças de Gateshead, em 5707 (1947). Sua participação neste seminário foi de relevante importância e suas palestras semanais eram o ponto alto do programa de estudos.

O Rabino Dessler aborda aqui um problema que ocupa a mente humana desde os seus primórdios: o sofrimento dos justos frente a paz dos malvados. Ele não tenta de modo algum escapar do cerne do problema. Pelo contrário, propõe-se a examinar o tema sob seus diferentes prismas, inclusive o difícil problema das doenças congênitas. Ressaltamos que cada etapas desta análise será ilustrada com exemplos do cotidiano.

*O principal objetivo do Rabino era dotar suas jovens alunas de instrumentos intelectuais que lhes permitissem colocar o problema sob uma perspectiva real. Como aprendemos nos artigos anteriores, o principal meio para se adquirir esta perspectiva é saber verdadeiramente o que é "este mundo", sua origem e seu propósito. A definição deste mundo como uma "ante-sala para o Mundo Vindouro" enfatiza sua vital importância, pois somente o que for feito **aqui** definirá nossa vida **eterna**. Esta paradoxo é apresentado de maneira clara pela Mishná. Por um lado, "é mais bela uma hora de beatitude no outro mundo do que toda a vida presente" e, por outro, "uma hora de penitência e de realização de obras neste mundo é mais bela do que toda a vida futura".⁴³*

O significado é claro. Se o "este mundo" não é senão um amontoado de prazeres e satisfações egoístas, então uma hora de beatitude no outro mundo é mais bela do que todo este mundo. Contudo, haveria desafio maior do que "este mundo", que nos dá uma oportunidade única para escolher o tipo de vida que teremos no Mundo Vindouro, para dominar nosso instinto materialista e para dedicar nossa vida a trazer bondade ao mundo, motivados pelos propósitos mais puros?

Não existe abordagem mais estranha ao pensamento da Torá do que menosprezar este mundo. O Mundo Vindouro é dos valores espirituais eternos. E o apego e fidelidade à

Torá e às Mitsvót premiam o homem com seu lugar no Mundo Vindouro.

Mas não nos esqueçamos, Deus nos livre, que por definição e essência, a Torá visa fazer deste mundo um lugar saudável, cheio de amor, onde predominam a justiça, a integridade e a verdade. Não há contradição alguma entre o papel deste mundo como uma ante-sala do Mundo Vindouro e seu valor como ambiente essencial e veículo e propósito para o cumprimento das Mitsvót.

No entanto, é preciso discernir com propriedade entre os diferentes aspectos "deste mundo" lembrados neste artigo. Aqui, o Rabino Dessler nulifica o valor intrínseco deste mundo como meio para alcançarmos prazeres materiais egoístas. Mas como ele mesmo esclarece, neste artigo e em outros, a importância dos meios materiais, se orientados para o cumprimento das Mitsvót, é suprema. Os meios materiais são os veículos que o homem pode e deve utilizar para galgar a escada que o leva ao Mundo Vindouro, desenvolvendo o potencial espiritual latente dentro de si.

Tendo esta perspectiva básica clara, prosseguiremos com a análise da questão da paz e do sofrimento "neste mundo".

Quem acredita em Deus com todo o seu coração sabe que "O Criador, bendito seja, dá boa recompensa aos que praticam Seus mandamentos". Este é o décimo primeiro princípio da fé judaica, formulado por Maimônides. Esta recompensa é dada no Mundo Vindouro e deve ser entendida em termos de uma vida espiritual, ápice da felicidade humana.

Como ficam então os prazeres deste mundo? "Este mundo também é mundo", afirmam as criaturas. Se olharmos mais atentamente para o mundo ao nosso redor, veremos que o deleite com as coisas da vida está repartido entre suas criaturas de um modo totalmente desproporcional. Algumas pessoas vivem com luxo e conforto enquanto o quinhão de outros é o sofrimento, agruras e intermináveis preocupações. Nossa superficialidade não nos permite notar a contradição existente entre "os prazeres da vida" no sentido material e "a recompensa no Mundo Vindouro" por nossas boas ações. Mas esta perspectiva apresenta algumas questões de difícil compreensão. Porque um foi abençoado com uma vida relativamente fácil neste mundo, enquanto a outro foi dado um fardo de aflições e

pobreza? Porque um justo sofre atribulações infernais, enquanto um malvado, vive uma vida que mais parece uma longa colônia de férias?

Quem vive de acordo com uma fé inquebrantável, não se move um milímetro sequer de sua crença absoluta em função de questões com estas, porque não nos compete julgarmos os desígnios de Deus. Ele é o Juiz e nós somos apenas seres humanos. Como podem nossas limitadas mentes esperar compreender a profundidade da Justiça Divina?

Muitos não se contentam com uma resposta clara e simples como esta. Indagações sobre os rumos da Providência Divina no mundo martelam a mente destas pessoas. Porque o Bom e Misericordioso Deus haveria de causar tamanho sofrimento a algumas pessoas? Seria este um castigo por suas infrações? Se assim for, porque um fardo mais pesado de sofrimento recai sobre o justo, ao mesmo tempo que Deus parece não se importar com as ações negativas dos maus? Um sofrimento exagerado pode terminar por colocar em dúvida a sentença Divina. É deveras penoso para quem estar sofrendo aceitar plenamente que "Verdadeiros são os julgamentos do Eterno" (Salmos 19:10) e que o significado da palavra "verdade" é não haver possibilidade alguma de desvio da justiça absoluta, por menor que seja, para bem ou para mal. Esta pergunta, tão antiga quanto o mundo, incomoda todo o tempo a algumas pessoas. Parece-lhes difícil até servirem a Deus quando em seu coração pulsa a dúvida "À toa é servir a Deus! O que nos aproveita termos guardado o Seu preceito...?" ⁴⁴

Todavia, a origem do problema está na nossa percepção do papel deste mundo e seu significado. Se pudéssemos penetrar a mente de nossos Sábios e olhar o mundo com seus olhos, nossos dúvidas decerto se dissipariam. Eles disseram: "Este mundo é o vestíbulo do mundo futuro; prepara no vestíbulo a tua entrada no palácio" (*Pirkê Avót* 4:21).

Não há ação sem objetivo. Quando este objetivo é suficientemente importante, o homem não mede esforços nem dificuldade para alcançá-lo. A Torá nos conta, por exemplo, que o patriarca Jacob trabalhou sete anos por Raquel "e foram a seus olhos poucos dias por seu amor a ela" (Gênesis 29:20).

O propósito de todo o universo, de toda a Criação, é o Mundo Vindouro. É nesta situação que a alma humana, livre do corpo, deleita-se espiritualmente com a proximidade a seu

Deus – e este deleite está além de nossa percepção. Este propósito foi fixado pelo próprio Criador, como o motivo dos motivos da Criação. A fim de logr-lo, o homem deve estar preparado para todos os testes e dificuldades deste mundo, de coração desejoso; pois este é o caminho que leva ao Rei e não há outro.

Valores verdadeiros

Conta-se de um homem selvagem que não conhecia o valor do ouro, da prata e das pedras preciosas. Como prêmio por ter salvo a vida do rei, levaram-no até a sala do tesouro real e deram-lhe algumas sacolas, dizendo que podia enche-las com tudo o que seus olhos vissem. O homem selvagem pensou que o estavam punindo com um serviço pesado por algum pecado que não sabia ter cometido. Começou a trabalhar e percebeu que ninguém estava lá olhando o que fazia. De imediato deitou-se no chão e pôs-se a dormir. Quando acordou, não se interessou em apressar-se a encher as sacolas. No fim do dia foi enviado de volta à sua casa com as sacolas ao ombro. Estava contente com seu empenho. "Enganei-os!" – pensou. "Se fizesse como me ordenaram, teria dado duro o dia todo e voltado com sacolas pesadas ao ombro". Mas quando este homem ouviu o riso de seus amigos, que sabiam o que estava acontecendo, tomou consciência de sua tolice. Mais tarde ficou sabendo que a verdade era que tinha de trabalhar duramente todo este precioso dia, quando lhe deram a oportunidade de colher daquele tesouro sem limite algum.

Esta será nossa exata situação quando chegarmos ao Mundo Vindouro, o mundo verdadeiro, onde não há mais lugar para o *létser hará* e suas artimanhas. Aqui, neste mundo, o mundo da mentira, onde predomina o *létser hará*, vivemos de acordo a uma escala de valores subvertida. Feliz de quem conhece os verdadeiros valores enquanto ainda se encontra no vestíbulo – este mundo. Encontrará sua felicidade final quando entrar no palácio. Mas este mundo também lhe será agradável, porque nele trabalhará incansavelmente, sabendo que seus esforços não serão em vão, pois colherá o fruto de seu trabalho.

O propósito das punições

Aprofundemo-nos um pouco mais no assunto. A essência deste mundo é preparar-nos para o Mundo Vindouro. Este mundo não existe por mérito próprio. Não há propósito para a construção de um corredor que não leve a lugar algum. Um corredor que não leva a uma sala não tem função nem como corredor. É assim que devemos perceber este mundo e tudo o que se passa nele. Todos os eventos que ocorrem aqui estão diretamente ligados e planejados de acordo a nossas necessidades espirituais. Tudo o que nos influencia, tudo o que nossos sentidos absorvem, foi planejado para atender diretamente a um único objetivo – adquirirmos nosso quinhão no Mundo Vindouro. Sabemos como Deus pode atingir quem se desvia de Seu verdadeiro caminho, punindo essa pessoa com severidade. Mas não devemos concluir que Deus está zangado pela pessoa O ter "magoado" com seu pecado. Quem peca fere somente a si próprio. Não damos nada a Deus quando praticamos uma boa ação, nem lhe tiramos nada se cometemos uma infração. Assim está escrito no livro de Jó (35:6-7). Quem pratica uma *Mitsvá* a faz unicamente em proveito próprio e quem comete uma transgressão prejudica somente a si mesmo. Como entender então a noção da Ira Divina, lembrada inúmeras vezes no *Tanach*?

Teremos uma ideia do que isto significa se tomarmos um exemplo bem simples: Um bom professor "zangou-se" com seu aluno, ralhando com ele por não ter se esforçado nos estudos. Na verdade, o aluno fez mal a si próprio. Mesmo assim, o professor mostra sua zanga e aparentemente enfurece-se com ele, pois este parece ser o único caminho para corrigi-lo. Contudo, se este professor estivesse realmente enfurecido, poderia descontar sua raiva no aluno e provocar o efeito inverso do que pretendia. Diz a *Mishná*: "O irascível não pode ensinar".⁴⁵ Um bom mestre controla seus impulsos e sabe o momento e a forma exata para mostrar a um aluno que não está se aplicando como deveria, sempre para seu próprio bem.

Podemos ilustrar a maneira de Deus conduzir Seu mundo com uma simples metáfora: precisamos entender que os castigos Divinos são impingidos ao homem com infalível exatidão, para atenderem os desígnios espirituais para os quais foram criados. Sua missão é despertar nossa alma para fazer *Teshuvá* e seguir o verdadeiro caminho de Deus.

Os sofrimentos foram feitos para nos ajudar e nos orientar, não para nos coagir. O livre-arbítrio continua em nossas mãos. A Providência Divina em todos os seus aspectos (e isto

inclui a essência e potência de Suas punições) jamais intercede no direito do homem de escolher seu rumo. Temos a possibilidade de fechar nossos olhos para estes avisos e darmos nossas costas para a *Teshuvá* – então, ao invés de nos aproximarmos mais de Deus, podemos deixar-nos levar por um clima de melancolia e insatisfação. É a isto que se refere o profeta Oseias no último versículo de seu livro (14:10), quando conclui sua missão profética: "Os caminhos do Eterno são retos, e os justos andarão neles, mas os transgressores tropeçarão"

"Os justos andarão neles", ou seja, os que buscam o caminho de Deus o trilharão com segurança e receberão todo o apoio preciso para obterem êxito em sua jornada. Em contrapartida, "os transgressores tropeçarão," ou seja, quem escolher o caminho inverso encontrará obstáculos que não deixarão seus planos triunfarem.

O destino de uma pessoa incorrigível

"Por que o caminho do ímpio tem sucesso?" perguntamos, usando das palavras do profeta Jeremias (12:1). Realmente, por quê? A resposta é simples e clara. O que faz um mestre que não obteve sucesso em corrigir o comportamento de um aluno, mesmo tendo usado todos os métodos ao seu dispor? Seguramente, não continuará a castigá-lo inutilmente. Chegará a um ponto no qual os castigos mais atrapalharão do que ajudarão. A única saída é desistir totalmente de emendá-lo. O desligamento deste aluno não é feito de uma só vez, mas é óbvio que após inúmeras e frustradas tentativas de corrigi-lo ficará patente que mesmo a contragosto, não há mais esperança nem mesmo de um pequeno avanço. Neste ponto o elo se rompe e este aluno não será mais "molestado", sendo deixado ao próprio destino.

Deus age de maneira semelhante com o malvado. Um exemplo perfeito disto são as bênçãos que foram dadas a Esaú e a Jacob (Gênesis 27:28-21;39-40). "E que te dê Deus o orvalho dos Céus..." Rashi pergunta: porque está sendo empregado o termo "Deus" [que simboliza o atributo da Justiça, ao invés do termo "O Eterno", que simboliza o atributo da Benevolência?](#) E responde: pela Justiça – a bênção de Jacob realizar-se-á por meio do atributo da justiça. Se for merecedor, "que te dê", mas se não o for, "que não te dê". Por outro lado, a Essav foi dito "Eis que no melhor dos lugares da terra será a tua habitação",

ou seja, não fará diferença alguma se ele for um *Tsadic* (justo) ou *Rashá* (perverso) – a bênção persistirá.

Daqui o rei Salomão tirou uma lição. Quando construiu o Templo Sagrado, fez uma prece: "Israel – o nome que representa a fé e faz jus à bênção não te desafiará". Por isto pediu a Deus: "Dê ao homem conforme seu caminho, como sabe seu coração".⁴⁶ Mas a um gentio desprovido de fé, Salomão pediu a Deus: "E agora ouvirão os Céus... e farão o que pede o gentio",⁴⁷ seja ele merecedor ou não, dê-lhe o que pede, para que não Vos desafiem (trecho compilado de um manuscrito antigo).

Deus julgará Jacob com justiça incontestável. Jacob aprenderá de seu castigo. O sofrimento o aproximará de Deus. Mas não será este o tipo de reação de Esaú. Ele "desafiará" – se rebelará e se afastará do caminho da verdade se não tiver seu desejo atendido. Por isto Deus o julgará com o atributo da Misericórdia enquanto houver esperança que se arrependa – até sua malvadez atingir o limite do irreversível.

Doenças congênitas

O que podemos dizer de um sofrimento que não podemos afirmar ser uma punição? Por que nascem pessoas com defeitos terríveis ou com enfermidades hereditárias? Qual é o papel destes fatores no plano da Providência Divina?

Nossos Sábios dizem que antes do nascimento, Deus decreta se a pessoa será inteligente ou tola, forte ou fraca, saudável ou enferma, rica ou pobre. Somente um fator não é decretado: se será um *Tsadic* ou *Rashá*. Sobre isto decidirá a própria pessoa, de uso do seu livre-arbítrio.⁴⁸ Com que intuito, então, Deus determina que uma pessoa será doente toda a sua vida, antes mesmo dela nascer? E por que existem pessoas que passam toda a vida desfrutando de amenidades e conforto, enquanto outras vivem em estado constante de penúria?

Esta questão também está alicerçada em hipóteses errôneas. Tentaremos esclarecer aqui este assunto, mesmo sendo ele tão profundo quanto as águas dos oceanos.

Infinita diferença

Todas os seres diferem uns dos outros. Na sua forma exterior, personalidade, capacidade e no ambiente em que vivem. As pessoas diferem umas das outras quanto ao sistema intelectual e emotivo de cada um. Determinado indivíduo é composto de um décimo de orgulho; um sétimo de preguiça; um quinto de luxúria etc. (Isto é obviamente uma analogia, é claro que não podemos determinar os percentuais da personalidade humana como fazemos com uma mistura química). Todos estes fatores combinam-se entre si, formando a totalidade da personalidade de um indivíduo. O mesmo se dá com talentos mentais como sua inteligência, compreensão, agilidade, raciocínio, memória e muitos outros que, juntos, formam a mentalidade desta pessoa. Junte-se a isso o ambiente em que esta pessoa nasce e vive, onde cada detalhe exerce sua influência em seu caráter e no seu desenvolvimento espiritual, conforme disseram nossos Sábios: "Assim como seus rostos não se parecem, suas ideias não se parecem".⁴⁹ Mas por que as coisas se dão deste modo? Não teriam todos os seres humanos sido criados com o único intuito de elevarem-se espiritualmente por meio do serviço Divino? Por que não foram criados todos com igual oportunidade?

Eis a explicação: não há limites para a Bondade Divina; mesmo o pouco que podemos compreender de Sua benevolência, ela é ainda maior em misericórdia do que podemos imaginar.

"Com amor eterno nos amaste..."

Vamos refletir um pouco mais sobre este assunto. Deus nos criou para que pudéssemos receber o bem máximo que cabe a um ser humano e para despertar em nós a consciência da bondade Divina dentro da mais ampla dimensão que o intelecto humano consiga abranger. Para nós, isto já seria suficiente, mas para Deus não é. Ele ampliou a medida de Sua benevolência para muito além do que podemos conceber de modo a nos agraciar com o mais precioso tesouro – o deleite eterno no mundo espiritual – adicionando a isto o sentimento de sermos merecedores desta recompensa e de que ela realmente nos pertence, recebendo-a justamente por nossas boas ações, por termos lutado contra nossas tendências materialistas e por termos resistido com sucesso aos testes aos quais

Ele nos submeteu. Por amor, Deus decidiu que não receberíamos esta recompensa como alguém que recebe um presente fortuito que não mereceu, mas como algo conquistado por justa causa. Este sentimento incrementará nosso deleite milhares de vezes e até mais que isso. Este fato por si só deve deixar-nos felizes!

No entanto, veremos a seguir que a bondade Divina para conosco é ainda maior. Pensemos por um momento: nossa principal *Mitsvá* é santificar o nome de Deus. Este conceito envolve na verdade tudo o que fazemos. A essência de todas as *Mitsvót* e do serviço Divino é santificar o nome de Deus na terra. Em cada vitória nossa sobre o *létsér Hará*, cada vez que fazemos a vontade de Deus, estamos santificando Seu nome. Este é o propósito declarado da Criação: "Tudo o que se chama com o Meu Nome e com a Minha glória, criei-o, formei-o e organizei-o" (Isaías 43:7). É evidente que Deus não precisa dessa glória e que não precisa de nada de nós. A honra Divina deve ser entendida somente sob o prisma humano. Portanto, tudo é para o nosso bem, para que possamos tomar parte neste Plano da Criação Divina – a honra aos Céus, a santificação do Nome de Deus e a Elevação do Nome Divino sobre todos os Seus feitos.

Pense num grupo de pessoas que se reuniu para celebrar a grandeza de um rei de carne e osso. Podemos imaginar cada um deles proferindo um discurso semelhante sobre a grandeza deste rei? Que o segundo homem a falar, o terceiro e assim por diante, dissessem exatamente a mesma coisa, sem acrescentar uma palavra sequer? Não. Por este motivo, Deus, em Sua bondade infinita, nos fez uns diferentes dos outros, cada qual com seu próprio *létsér Hará*, suas próprias forças, conflitos e desafios a superar, de modo que pessoa alguma que passe pela face da terra parece-se com outra pessoa. Por este motivo, o tipo de santificação Divina exercido por um indivíduo não se parece com o que fazem os outros. Cada um de nós tem um lugar único no Mundo Vindouro, uma porção que pertence somente a nós e que não se assemelha em nada às porções que ganharam os outros seres humanos e deste modo ficará garantido que o deleite que cada um terá será único, pessoal e infinitamente completo.

Função especial

Agora podemos entender melhor porque cada um de nós nasceu e foi criado num ambiente diferente. O tipo de ambiente é pertinente ao tipo de santificação Divina da qual deve se incumbir cada ser humano em particular. A alguns de nós foi determinada a provação de resistir à luxúria e demais tentações da carne. Alguém a quem foi dada esta missão precisa recrutar todos os elementos ao seu dispor para não se deixar levar pelos perigos do materialismo e do esquecimento de Deus a que esta situação geralmente leva, como está escrito: "Para que eu não venha a me saciar, a negá-Lo e dizer – ‘Quem é o Eterno’?" (Provérbios 30:9).

Outros têm sorte diferente. Foram submetidos ao teste da pobreza e da desgraça; por isto precisam juntar forças e resistir sem esmorecer a seus infortúnios, sem questionamentos ou dúvidas sobre a Providência Divina.

Moléstias inatas são um exemplo extremo disto. A função de uma vida à sombra da desgraça é a função do próprio doente: em determinadas circunstâncias, pode ser um modo de testar os que estão à sua volta, se o socorrem e como se relacionam a ele. De qualquer modo, não deve visto como um castigo, mas como um papel sem precedentes no imenso Cântico à santificação do Nome do Eterno, fio com o qual foi tecido o manto do universo. (Veja a seguir o final do artigo sobre a *Teshuvá*, onde é lembrada a ideia do sofrimento humano como forma de beneficiar seu próximo).

Estamos neste mundo e não temos como julgar as coisas. Mas façamos ao menos isto: imaginemos por um momento que perguntaram à nossa alma antes que ele descesse a este mundo o que preferia: passar pelo corredor em estado de luxo e riqueza ou de penúria e sofrimento. É claro que a alma optará pela segunda possibilidade, pois "um coração constrito" (Salmos 51:19), está mais perto de Deus, despertando o homem a ponderar sobre seus atos enquanto é tempo, abrindo seu caminho para uma vida eterna.

Teshuvá

Alguns ganham seu mundo num momento

Verão de 5700 (1940). Hitler invadiu a França, a Bélgica e preparava-se para atacar a Inglaterra. Milhões de judeus na Polônia e regiões vizinhas estavam sob o domínio nazista. Aparentemente, todas as esperanças esvaíram-se. O ordem mundial anterior, segura e conhecida, era substituída pelo caos. Ninguém sabia o que o futuro nos reservava.

O Rabino Dessler enviou por todo esse período aulas escritas a seus alunos, dispersos pela Inglaterra. Em seus escritos, mencionou incessantemente que estavam dando uma importância exagerada ao desenvolvimento material e à economia, às custas do progresso espiritual. Agora, chegava a "hora da verdade". Os antigos cultos foram eliminados. Era chegado o momento da concretização de nossos anseios por uma Teshuvá verdadeira, mas isto só seria possível se fosse precedida por uma mudança considerável de comportamento. O Rabino Dessler comparou esta situação à de quatro figuras conhecidas e lembradas no Talmud: três gentios e um judeu, que "ganharam seu quinhão no Mundo Vindouro num só momento".

A seguir, suas histórias.

O Romano Ketia bar Shalom⁵⁰

O que aconteceu a Ketia bar Shalom? Um dos Césares romanos que odiava os judeus perguntou a seu conselheiro: Se uma pessoa tivesse um dos pés gangrenados, o que seria preferível, cortar esse pé e seguir vivendo ou mantê-lo e seguir sofrendo? (Era sua "solução final" para o "problema judeu"). Disse-lhe Ketia bar Shalom, um membro do senado romano: Em primeiro lugar, não conseguirão dominar os judeus... pois o mundo não pode viver sem o povo de Israel; em segundo lugar, vosso império será conhecido como o império amputado. Respondeu-lhe o César: falaste com propriedade, mas quem vence César numa discussão deve ser enterrado vivo.

Levavam Ketia até sua cama. Disse-lhe uma matrona romana: Pobre do barco que põe-se a navegar sem ter pago sua taxa alfandegária (como você está sendo punido

em nome do povo de Israel, o ideal seria ter sido circuncidado antes da morte, tornando-se judeu, para juntar-se-ia a eles no Mundo Vindouro)

Ketia conseguiu circuncidar-se a caminho da morte, e disse: Paguei a taxa, então passarei". Quando lhe atiraram (à morte), disse: "Que tudo o que possuo seja entregue a Rabi Akiva e seus colegas...". Veio então uma voz celestial e disse: "Alguns adquirem seu mundo num só momento, enquanto outros o fazem durante anos".

Rabi Elazar ben Dordia ⁵¹

Diziam do "Rabi" Elazar ben Dordia que não havia uma só meretriz com quem não tivesse se deitado. Ele havia escutado que uma delas recebia clientes do outro lado do mar e tomava uma bolsa cheia de dinares em pagamento. Pegou uma bolsa cheia de dinares e foi ter com ela, passando por sete rios até chegar lá. Ela lhe disse: "Assim como um respiro não volta ao seu lugar, não receberão Elazar ben Dordia em Teshuvá." Ele correu até as montanhas e sentou-se frente a elas, dizendo: "Montes e colinas, peçam clemência por mim!"

Disseram-lhe: "Antes de pedir clemência por ti pediremos por nós, como está escrito: 'Pois os montes se retirarão de onde estão e as montanhas serão removidas' "? (Isaías 54:10).

Ele disse então: "Céus e terra, peçam clemência por mim!"

Responderam-lhe: "Antes que peçamos por ti, pediremos por nós, como está escrito: 'Pois os céus se espalham como a fumaça e a terra se consome como as roupas' " (ibid. 51:6).

Ele rogou: "Sol e Lua, peçam clemência por mim!"

Disseram-lhe: "Antes de pedir clemência por ti, pediremos por nós, como está escrito: 'A Lua escondeu-se e o Sol se envergonhou' " (ibid. 54).

Ele então disse: "Planetas e estrelas, peçam clemência por mim!"

Responderam-lhe: "Antes que peçamos clemência por ti, pediremos por nós, como está escrito: 'Pois foram destruídos os exércitos celestes' ".

Ele disse: "Então só dependo de mim". Com a cabeça entre as pernas, pôs-se a urrar com tanta intensidade que sua alma deixou o corpo.

Ouviu-se uma voz celestial que proclamou: "Rabi Elazar ben Dordia tem seu lugar no Mundo Vindouro".

O "Rabi" pôs-se a chorar e disse: "Uns ganham o Mundo Vindouro durante anos e outros em apenas uma hora". Disse então: "Como se não bastasse a quem fez Teshuvá que o recebam nos céus, ainda o chamam "Rabi"!"

O Carrasco Romano ⁵²

Os romanos encontram Rabi Chanina ben Tardión estudando Torá e lecionando a um grande contingente de discípulos, com um Sêfer Torá apoiado sobre os joelhos (os romanos haviam decretado pena de morte a este tipo de atitude). Trouxeram-no (ao local da execução), envolveram-no com o rolo da Torá e queimaram-no junto ao livro, colocando esponjas com água perto de sua carne, para que a morte fosse mais lenta.

Sua filha lhe disse: "Papai, em que estado te encontras?!"

Respondeu-lhe: "Se estivesse sendo queimado sozinho, este sofrimento me seria mais doloroso. Mas como estou sendo queimado junto a um Sêfer Torá – quem reclamar a honra da Torá estará reclamando minha honra."

Disseram-lhe seus alunos: "Mestre, o que vês?"

Respondeu-lhes: "Pergaminhos sendo queimados e as letras subindo ao céu".

Disseram-lhe: "Abre tua boca e deixa o fogo entrar."

Disse-lhes: "Prefiro que tire minha alma quem a deu a mim a danificar o próprio corpo".

Disse-lhe Clistroni (o carrasco): "Rabi, se eu aumentar o fogo e remover as esponjas de seu peito, o senhor me leva consigo ao Mundo Vindouro?"

"Sim," respondeu-lhe.

Disse-lhe (o carrasco): "Faça uma jura".

O Rabi jurou-lhe.

Imediatamente aumentou o fogo, removeu as esponjas de seu peito e a alma de Rabi Chanina deixou o corpo em completo estado de pureza.

O carrasco também saltou para dentro do fogo.

Veio uma voz celestial e proclamou: "Rabi Chanina ben Tardiön e Clistroni ganharam seus lugares no Mundo Vindouro".

O Rabi chorou e disse: "Uns ganham seu mundo em uma hora enquanto outros levam anos para isto".

Sempre o homem deve ocupar-se com Torá e Mitsvót ainda que Ló Lishmá (sem intenção de fazê-lo), pois se começar a fazê-lo Ló Lishmá, terminará fazendo-o Lishmá (com a intenção apropriada).⁵³

O Rabino Chayim de Volozhin, em seu fabuloso livro *Néfesh Hachaim*, sobre a *Mishná* (*Pirkê Avót*), explica o trecho talmúdico acima transcrito deste modo: O estudo *Ló Lishmá* é a chave para o estudo *Lishmá*. Pois sem este começo, o homem não encontrará forças para levantar sua mão contra o *létser Hará* (Capítulo 2, final da primeira *Mishná*)

No mesmo livro (com relação ao terceiro capítulo da *Mishná*), o Rabino Chayim agregou: Pois saiba que é **impossível** chegar ao nível de *Lishmá* a menos que se comece por *Ló Lishmá*.

Veja que nossos Sábios do Talmud começam este ensinamento usando o termo "sempre," ou seja, dizendo ser este o único caminho. Nas últimas décadas tem havido uma diminuição na motivação para estudar Torá e cumprir as *Mitsvót*. Em nossos dias, ser erudito em Torá

não confere privilégios ou posição honrada, enquanto nas gerações anteriores um *Talmid Chachám* gozava de amplo respeito e renome social. Os estudiosos de Torá eram exaltados pela comunidade e ser estudante numa *leshivá* aumentava muito as chances de se conseguir um ótimo matrimônio. Hoje, mesmo o *Ló Lishmá* desapareceu e o que dá melhores chances de se conseguir um bom matrimônio é ser um estudante de Medicina ou Direito, mas não de uma *leshivá*. Mesmo o que restou do esplendor do mundo as *leshivót* na Europa Ocidental caiu em mãos comunistas, que reprimiram o estudo de nossa fé assim como fizeram com todas as outras religiões.

Deste modo, o estudo *Ló Lishmá* ruiu por completo. Como se não bastasse o fato de um *Talmid Chachám* ter dificuldades para se sustentar, exige-se dele um sacrifício inumano para dedicar-se de pleno ao estudo da Torá. Este fato já é por si espantoso. Por que Deus nos fez isto? Teria decidido eliminar do mundo o estudo da Torá, Deus nos livre? [Pelo contrário](#), devemos pensar que hoje, mais que nunca, neste mundo materialista em que vivemos, o estudo da Torá *Ló Lishmá* faz-se necessário.

Quando o impuro se torna puro?

De *Ló Lishmá*, passará a ser *Lishmá*... Como é possível? Isto não parece difícil, mas irreal! Nem sempre o homem que começa a estudar sem intenção chega ao nível de estudar intencionalmente. Todos conhecemos pessoas que estudaram Torá *Ló Lishmá* e assim prosseguiram durante toda a sua vida.

Nosso grande mestre, Simcha Zissel ^{Z"l} disse que este processo se dá somente quando o homem coloca à sua frente o elevado ideal de estudar Torá *Lishmá*. Se alguém tem como objetivo servir a Deus com pureza e de um modo não egoísta, usando do artifício de *Ló Lishmá* para facilitar-lhe a luta contra o *létsér Hará*, terá sucesso e conseguirá com o tempo colocar-se no caminho de *Lishmá*. Contudo, sem que haja um vislumbre do nível *Lishmá* a ser alcançado, sem que exista uma intenção sincera de se chegar a um serviço Divino genuíno, como pode alguém esperar galgar a escala de *Ló Lishmá* até *Lishmá*?

Na vida espiritual, o homem só consegue chegar até o nível que colocou como objetivo à sua frente no início de sua jornada.

Algumas memórias da infância me vêm à mente. Lembro-me como meu exaltado pai e meu tio Guedália, ז"ל, levantavam-se nas longas noites frias de *Shabat* durante o inverno e estudavam Torá por cerca de nove horas seguidas, até a hora da oração matutina. Eu também, um menino de nove anos de idade, levantava-me cedo e estudava longas horas com meu mestre. Minha *Tsadéket* mãe ז"ל, também se levantava cedo e estudava *Midrash*, Ramban e *Malbim*, sobre a porção semanal da Torá. Os momentos após seu despertar eram como uma festa para nós, pois mamãe nos servia deliciosas xícaras de café (obviamente com água fervida antes do *Shabat*) e bolos esplendidamente deliciosos. É claro que o **motivo** principal para levantar cedo era o estudo da Torá, mas sem dúvidas pensar sobre aqueles bolos me fazia sair da cama com mais agilidade.

É assim que o Rabino Simcha Zissel explicava a *Mishná* do Tratado *Berachót* (54a) que analisa o versículo: "E amarás a Deus de todo o teu coração – ‘De **todo** o coração" (ou seja), com teus dois instintos, o instinto bom e o instinto mal.’ " Como podemos amar a Deus com nosso *létsér Hará*? A resposta: engajando-nos no Serviço Divino *Ló Lishmá*. Temos de usar de nossa má inclinação para logarmos chegar ao mais elevado objetivo – amar a Deus.

A escada

Precisamos tentar compreender porque Deus queria que Seu serviço começasse num estágio de *Ló Lishmá*. Por que decidiu que haveríamos de mesclar pureza com impureza? Não há como criar um homem que possa chegar a um estágio de santidade pura sem que precise usar de motivos impuros?

A resposta é que Deus projetou seu serviço como "uma escada apoiada na terra cujo topo chegava aos céus" (Gênesis 28:12). O homem deve travar sua luta contra o *létsér Hará* por etapas. Não há como saltar estágios durante esta jornada; por toda a vida terá que avançar, com esforço, um passo após o outro. A parte mais importante no serviço Divino é a purificação da motivação. Os brotos de um serviço *Lishmá* recém conquistados são delicados e frágeis, precisando de muito trabalho *Ló Lishmá* para que não se ponham a perder. No entanto, é justamente a vontade de proteger essa pequena conquista, usando

os meios *Ló Lishmá* disponíveis, que permitirá ao ser humano conquistar o nível puro e absoluto de *Lishmá*.

E se perguntarmos: Por que a motivação *Ló Lishmá* auxilia na conquista de *Lishmá*? Não haveria perigo das primeiras faíscas de *Lishmá* que despertam no homem serem destruídas por novos motivos egoístas que vêm à tona ao mesmo tempo? Aqui temos de nos lembrar de dois pontos: o primeiro foi mencionado acima, quando afirmamos que é imprescindível ter como horizonte o objetivo de servir a Deus *Lishmá*, usando os meios *Ló Lishmá* apenas como degraus de apoio. O segundo, é que o nível de *Lishmá* não pode ser entendido como algo a ser alcançado sem que os motivos do estudo da Torá e do cumprimento das *Mitsvót* sejam *Lishmá*. É óbvio que um pequeno sucesso obtido ao realizarmos uma ou duas ações *Lishmá* pode ruir se perdermos a motivação. É por isso que temos que estar sempre motivados a realizar o serviço Divino com pureza, ainda que as ações necessárias para isto sejam *Ló Lishmá*. Porque somente quando nos habituarmos nossa motivação a fazer as coisas *Ló Lishmá*, e poderemos chegar ao serviço Divino completo. Parece um paradoxo, mas o coração humano é capaz de conviver com diversos paradoxos simultaneamente.

O Rabino Chayim de Volozhin explica este conceito com o seguinte exemplo: Conta-se de um senhor que mandou seu servo subir numa escada. Não seria lógico que esbravejasse com este empregado por subir a escada degrau por degrau ao invés de dar um pulo até o topo... Assim, quem estuda Torá, mesmo estudando *Ló Lishmá*, deve mentalizar seu estudo como sendo um degrau de uma escada, para que chegue ao nível de *Lishmá*... pois se o senhor perceber que o servo está subindo e descendo a escada sem chegar ao topo, certamente se zangará com ele... ("*Rúach Chayim*", cap. 4).

Convém lembrar que o primeiro homem para quem foi revelada a escada que leva ao céu foi nosso patriarca Jacob, "o pai" dos patriarcas (*Bereshít Rabá* 76:1). Nossos Sábios dizem que até mesmo Abraão teve de apoiar-se no mérito de Jacob para salva-se das fornalhas em Ur Casdim (*Ialcut Shimoni*, comentário sobre Isaías 29,22). Isto significa que a missão de Abrahão apoiava-se na de Jacob, cuja principal qualidade era a verdade, como está escrito, "Torna realidade o que prometeste a Jacob" (Miqueias 7:20). A essência da verdade é a recusa de desviar-se dela, mesmo que seja o mais tênue desvio.

Em outras palavras: o que não é cem por cento verdade, não é verdade. Movido por este modo de pensar Jacob criou doze filhos íntegros e cada um deles foi o patriarca de uma tribo de Israel. Abraão e Isaac haviam criado também a Ismael e a Esau. No entanto, mesmo para um *Tsadik* completo como **Jacob**, foi revelada a visão de uma escada: para lhe mostrar que sua jornada de elevação espiritual também seria por etapas – como numa escada.

Diversos caminhos elevam o homem

Um homem saudável pode subir uma escada sem ser ajudado, ainda que se canse se a escada tiver muitos degraus. Um homem fraco ou doente também pode subir uma escada sozinho, embora demore mais e em determinado momento precise de ajuda. Um bebê pode galgar um ou dois degraus usando os pés e as mãos. Mas o que fará alguém que não possui uma das pernas, um homem que não pode pôr-se de pé? Uma pequena inundação poderia ceifar-lhe a vida. Ele precisa chegar ao topo da escada de imediato e rapidamente. O que faz então? Grita por ajuda. Certamente alguém com um bom coração virá e o carregará ao topo da escada. Sua vida depende dessa ajuda. Ele chegará ao topo da escada, mas não por mérito próprio, pois alguém o ajudou.

O mesmo se dá com a escada do serviço Divino. Os justos sobem por conta própria, vencendo o *létskyer Hará* a cada passo. Os que enfrentam alguma dificuldade ao subir buscam usar de todos os meios ao seu alcance: os "*Ló Lishmá*" de todos os tipos. Já os maus, aleijados espiritualmente, não têm forças para vencerem sozinhos seu *létskyer Hará*. Acostumaram-se a pecar de tal maneira que seu coração tornou-se impuro, os caminhos espirituais se lhes fecharam e não conseguem subir sequer um degrau por conta própria. O que farão? Podem gritar para Deus e Ele, com Sua infinita Misericórdia, os levará ao topo da escada, sem que precisam tocar um só degrau. Seu coração quebrantado, sincero remorso e arrependimento genuíno diante de Deus podem fazer com que se encontrem de um momento para o outro no topo da escada. É o que promete o profeta: "E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo" (Ezequiel 36:26). O justo esforça-se durante todos os seus dias para impregnar seu coração com o espírito da santidade, ao passo que o *Baal Teshuvá* o recebe como presente de Deus.

Se assim for, um pecador jamais poderá argumentar: "Como posso um dia chegar a fazer *Teshuvá*? Estou tão distante de tudo o que é bom e santo; minhas vontades me levam a direções incertas; os caminhos da santidade foram selados para mim". Eis como ele deve proceder: deve fazer um balanço realista de sua terrível situação, sentir um verdadeiro remorso pelo mal que fez, pedir a Deus que o auxilie – e receberá prontamente o que pediu. Jacob, nosso patriarca, também foi ajudado: "Quanto retornou toda a terra saltou sob os seus pés" (comentário de Rashi sobre o versículo em Gênesis 28:11). O profeta Jeremias implora em Lamentações (5:21): "Faze-nos retornar a Ti para que retornemos". Se Deus é que nos faz retornar a Ele, por que também temos nós que retornar? O significado deste versículo é o seguinte: Se nos arrependermos verdadeiramente de nossos maus atos e pedirmos a Deus para que nos faça retornar a Ele, o Altíssimo fará com que façamos *Teshuvá* e mais que isso: Em Sua Misericórdia, Ele considerará o mérito como nosso.

É nesse contexto que um homem pode "adquirir seu mundo num só momento",⁵⁴ como vimos no início deste capítulo. Todos as pessoas mencionados pelo Talmud a esse respeito fizeram *Teshuvá* de um modo muito especial; homens que durante toda uma vida cheia de pecados e transgressões haviam cortado sua ligação com a santidade. A uma pessoa assim é dada a oportunidade de retornar a Deus com um grande salto, mesmo que isso lhe custe a vida. Em contrapartida, o *Tsadic* precisa esforçar-se durante toda a vida para chegar ao mesmo nível, galgando a escada da santidade degrau por degrau.

O Baal Teshuvá e o Tsadic

Ninguém invejaria uma pessoa aleijada, que precisasse ser carregada até o cume de uma escada por outra pessoa. Por isto um *Tsadic* não deve invejar um *Baal Teshuvá*. "A recompensa será proporcional ao trabalho",⁵⁵ ou seja, de acordo com nossa firmeza na luta contra o *létser Hará*. Considerando este parâmetro, sem dúvida o *Tsadic* supera o *Baal Teshuvá*, pois dedicou toda a vida à batalha de subjugar seus instintos negativos. Como entender então o choro de Rabi Iehudá Hanassí quando testemunhou o fato de uma pessoa que fora má durante toda a sua vida ter ganho seu lugar no Mundo Vindouro de um momento para o outro? Pois disse com lágrimas nos olhos: "Uns adquirem seu mundo num

momento enquanto outros precisam labutar toda uma vida para chegar ao mesmo resultado!"⁵⁶ À luz desta aparente contradição, como devemos entender as palavras de nossos Sábios: "No lugar onde se postam os *Baalêi Teshuvá* no [Mundo Vindouro](#), não poderão postar-se os completos *Tsadikim*"? ⁵⁷ Em que contexto os que se arrependem estão num patamar mais elevado que os justos?

Eis a resposta: explicamos anteriormente que o objetivo da Criação é revelar a Glória Divina. Existem dois meios para cumprir este objetivo. Os justos revelam o Reinado Divino na terra por meio de seus atos. Abrem mão de suas vontades para realizar a vontade de Deus, revelando deste modo a grandeza de sua força espiritual. A contemplação da Providência Divina neste mundo também é uma forma de revelarmos Sua Glória. No momento em que as máscaras são removidas e as falsas ideias dissipadas, a Sabedoria Divina revela-se com toda a sua profundidade. A justiça plena e a verdade, o vigor da Misericórdia Divina, Sua exata providência – tanto no plano material quanto no espiritual – de acordo com as ações de cada indivíduo, tudo isto passa a ser revelado. Toda esta manifestação, em todo o seu esplendor, reverte-se em mérito humano, porque ocorreu como resultado de sua intervenção. Sobre isto, nossos Sábios disseram:

"Disse o Santíssimo, bendito seja, ao povo de Israel:

*Abram-me uma pequena fenda de Teshuvá do tamanho do buraco de uma agulha e eu lhes abrirei fendas por onde passarão carroças e vagões".*⁵⁸

O significado desta passagem: Para todo esforço que o homem faz em direção a Deus, Ele responde auxiliando a pessoa na mesma proporção da diferença que há entre o buraco de uma agulha e uma fenda, um porta por onde passam carroças e vagões. O ponto central da Justiça Divina e de Sua Misericórdia neste mundo é trazer auxílio dos céus. Fornecer ao homens meios materiais faz parte desta ajuda, como já foi explicado em "A recompensa por uma *Mitsvá* é outra *Mitsvá*".

Um *Tsadik* revela a Glória Divina durante os testes a que é submetido e pelas boas ações que pratica em abundância durante a vida. Mais que isso, toda boa ação que o *Tsadik* faz é mais um "buraco de agulha" por onde entrará no mundo um feixe de luz celestial "por

onde podem passar carroças e vagões." Isto aumenta a Glória Divina no mundo. Mas o pecador, este escondeu a Luz Divina do mundo durante toda a sua vida, aumentando a escuridão cada vez que se rendia ao *létsér Hará*, transgredindo a palavra de Deus. Mesmo quando seu coração o convencia a retornar ao caminho do bem, o fazia de maneira hesitante e incompleta. Nem pode fazer uma abertura do tamanho do buraco de uma agulha. Seu coração está tão encoberto pela impureza de seus pecados que ele não encontra forças para dar que seja um primeiro passo para elevar-se espiritualmente. Contudo, se fizer um esforço, por mais insignificante e improdutivo que seja, isto lhe creditará uma ajuda inestimável dos céus, culminando por revelar a infinita Misericórdia Divina de um modo que o *Tsadíc* jamais poderia fazer. O pecador revela a Piedade Divina contida na *Teshuvá*: sente-se como se alguém tivesse pego na sua mão e alçado-o diretamente ao topo da escada com um só movimento. É verdade que intensidade de sua ligação com esta revelação de Amor Divino é tênue; o buraco de agulha que abriu para a penetração da Luz Divina é realmente mínimo. Contudo, a surpreendente **Misericórdia** e o **Amor Divinos** que se revelam por seu intermédio, acontecem justamente por causa da fragilidade de sua situação espiritual, pois é exatamente isto que revela a infinita Misericórdia Divina e Seu amor para com Suas criaturas. Este tipo de revelação nunca seria conseguido pelo *Tsadíc*.

Nesse sentido, e através do comentário de nossos Sábios, "No lugar onde se situam os *Baalê Teshuvá* não poderão se situar os completos *Tsadikim*", logo fica claro porque "Rabi" chorou. Ele havia reconhecido que jamais se encontraria numa situação onde pudesse ver revelada tamanha luz Divina, que permeia este mundo de maneira tão especial por mérito dos *Baalê Teshuvá*.

Dois Caminhos

Aprendemos que existem dois caminhos que levam a um mesmo destino: um deles é o árduo caminho dos *Tsadikím*, que avançam passo a passo, lutando para superar os obstáculos que encontram no caminho. O segundo é o caminho fácil, reservado aos ímpios no momento em que decidem fazer *Teshuvá*. Portanto, quando mais afastado de Deus estiver o homem, maiores serão suas chances de uma *Teshuvá* completa. Isto é o que nos esclarece este comentário de nossos Sábios: "No futuro, Deus abaterá o *létsér Hará* à

frente dos justos e dos malvados. Aos justos parecerá uma alta colina, ao passo que aos olhos dos malvados ele parecerá do tamanho de um fio de cabelo. Estes chorarão e aqueles chorarão. Os justos chorarão e dirão: como pudemos escalar semelhante montanha? E os malvados dirão: como não pudemos sobrepujar um simples fio de cabelo?"⁵⁹ No Mundo Vindouro não existem equívocos. Cada um verá a verdade como ela realmente é. A "alta montanha" que o *Tsadik* enxerga tem o aspecto do montante de dificuldades e obstáculos que teve de transpor durante a vida. Já o "fio de cabelo" que os malvados enxergam se parece com o mínimo de vontade que deveriam ter em fazer *Teshuvá* em vida, o que os levaria diretamente ao topo da escala espiritual, de um pulo.

A vinda do *Mashiach*

Nossos Sábios também disseram: "O (Mashiach) filho de David não aparece a menos que toda a geração seja merecedora ou toda culpada" (Talmud, *San'hedrin* 98a). Este comentário causa espanto: Por que uma geração culpada teria mais chances de receber o Mashiach do que uma geração onde existe um mínimo de *Tsadikím*? Entender este enigma do seguinte modo: Pode-se subir ou descer uma escada. Mesmo quem chega ao mais baixo degrau pode voltar a galgá-la até o topo, se ainda for capaz de fazê-lo.

Deus dirige os passos do homem de acordo com a suas ações. Se este revelar-se temente a Deus durante toda a vida, Deus também se revelará. É por este motivo que os *Tsadikim* mereceram grandes milagres em suas vidas. Moisés, nosso mestre, causou uma Revelação Divina em dimensões sem precedentes: o Êxodo do Egito, a Separação das Águas do Mar Vermelho e a Entrega da Torá foram milagres que o mundo todo testemunhou.

Se uma pessoa oculta a glória Divina com suas más ações, Deus também se oculta dela. Em termos nacionais, isto causou o exílio para o povo judeu, cujo sentido é o "exílio da Presença Divina". Isto significa que a glória Divina foi profanada; a força e o poder Divinos já não se mostram no mundo. Vivemos a ilusão de estar num mundo que é como um navio sem timoneiro, deixado à deriva. Os gentios concluem que Deus nos abandonou e por isto nos incomodam, como quando dizem: "Onde está o seu Deus?" (Salmos 115:2).

Mesmo assim, esta situação apresenta uma vantagem: todo esforço espiritual empregado para sair de uma situação impura tem um valor inestimável aos olhos de Deus, justamente pelo esforço que desprendemos para nos sobrepormos ao *létser Hará*. A glória Divina se revela na mesma proporção aos olhos do mundo, paulatinamente e com cada vez mais intensidade. Somos testemunhas da Mão Divina que nos salva mesmo quando estamos no exílio. Quando rogamos a Deus em nossas preces, elas não retornam vazias, ainda que por vezes voltem a nós através de soluções políticas ou de outras maneiras. Isto é o que chamamos de "revelação dentro da ocultação". Deus revela Sua glória no mundo de acordo com as atitudes dos seres humanos, quando estes se esforçam em elevar-se espiritualmente.

Uma "geração culpada" é uma geração que não consegue subir os degraus da escada espiritual e por isto sua situação de exílio já não se justifica. Deus operará de um outro modo a fim de fazê-los avançar rumo ao objetivo. "Deus põe sobre eles um rei cujos decretos são piores que os de Haman: 'para que se destruíssem, matassem e aniquilassem de vez todos os judeus, moço até velho, crianças e mulheres em um só dia'. O povo de Israel então faz *Teshuvá* e eles voltam a se beneficiar".⁶⁰ O que significa "voltam a se beneficiar"? Quem os beneficia? Deus ou o rei cujos decretos são piores que os de Haman?

Na verdade, os dois processos agem simultaneamente: O povo de Israel faz *Teshuvá* e Deus os conduz pelo caminho certo. Quando um ditador cruel como Haman levantar-se, o povo de Israel gritará do fundo de seu coração quebrantado. Deus, vendo seu desejo sincero de fazer *Teshuvá* e a necessidade das forças espirituais para galgar a escada cujo topo se encontra no céu, os leva até este topo e "os beneficia". O próprio Deus se encarrega de levar Mashiach a eles, aos olhos de todo o mundo.

"O filho de David não aparece a menos que toda a geração seja merecedora" (que Mashiach se lhes seja revelado) "ou numa geração toda ela culpada", para quem o exílio não tem mais serventia. Em gerações como estas, depois que os corações teimosos dos judeus se sentirem extenuados, Deus os elevará até o estágio espiritual que lhes foi reservado, fazendo com que o Mashiach se revele através destas mesmas pessoas.

Por que a escada foi removida?

Agora já temos condições para analisar a questão levantada no início deste capítulo: Por que, em nossos dias, Deus aparentemente removeu a escada que permite o Serviço Divino "*Ló Lishmá*"?

Nosso propósito aqui não é simplesmente o de levantar uma controvérsia. Sabemos perfeitamente que "os caminhos de Deus são retos"; malvados "neles tropeçarão", movidos por suas indagações corruptas e postura crítica e "*Tsadikim* caminharão neles", pois aprenderam a reconhecer a justiça oculta na Providência Divina e a trilhar os caminhos por Ele escolhidos.

Somente Deus pode saber o que realmente se passa no íntimo de cada criatura. Nós enxergamos apenas o que queremos ver, mas se prestarmos mais atenção à intervenção Divina em nossas vidas, poderemos aprender qual é o melhor método para conduzi-la de acordo com nossa realidade espiritual, subindo um a um os degraus da escada que leva ao nível dos *Tsadikim*. É este o propósito da nossa pergunta: Sabendo que os caminhos de Deus são justos e íntegros, o que podemos aprender com eles?

Sim, Deus tomou de nós toda e qualquer possibilidade de servi-Lo *Ló Lishmá*. Os centros de estudo da Torá foram destruídos e os poucos homens que ainda se dedicam integralmente ao estudo da Torá o fazem com dificuldade. Temos de entender que Deus removeu a escada sob nossos pés. Por quê? A única explicação plausível é que descemos tanto em nosso estudo da Torá e na observância das *Mitsvót* que a escada de nada mais serve. Não temos forças para subir um degrau sequer. Por outro lado, nossa desgraça aumentou além do imaginável e todos os nossos sonhos de construir uma vida confortável, calma e agradável destroçaram-se frente aos nossos olhos. A mensagem é clara: Só resta um caminho, a decisão de "retornar". Se o fizermos, o próprio Deus nos alçará ao alto da escada.

Estamos próximos da *Teshuvá*

Mas como fazê-lo? Como adquirir o Mundo Vindouro num só momento de arrependimento sincero e profundo? O processo de *Teshuvá* não é por si um processo sofrido? Não, não

é. Na situação em que nos encontramos, é o caminho mais fácil – como a remoção de um fio de cabelo à nossa frente. Se não formos tolos, com facilidade perceberemos que Deus cerrou todos os outros caminhos, principalmente os que gostaríamos de seguir. Fecharam-se diante de nós todas as estradas para o "sucesso" pelo qual ansiávamos e aos quais dedicamos todas as nossas forças; Ele tirou de nosso controle os deuses de prata e ouro que servíamos apaixonadamente. Desde a mais tenra idade aprendemos a colocar nossas necessidades físicas no alto de nossas preocupações; almejávamos a abundância e o conforto deste mundo; queríamos mais.... muito mais que isso. Sim, nós que seguimos os caminhos da Torá tomamos o caminho errado. Mas não há como negar que nós também empunhamos a bandeira do materialismo. Com que dose de energia desempenhávamos o serviço Divino? Queríamos suborná-Lo com um mínimo de esforço, mas até isso esquecemos de fazer. Se meditarmos profundamente, reconheceremos a verdade. Agora, "deixe o mau o seu caminho" ⁶¹ pois não há outra alternativa; "o homem de pensamento enganoso" – devemos nos afastar dele como de um objeto que repudiamos; o perverso não tem mais como concluir seus anseios, porque Deus cercou todos os seus caminhos. Então, "volta ao Eterno" e Deus te receberá imediatamente, se apiedará de ti e te levará ao topo da escada.

É tolice negar-se a perceber a intervenção Divina no mundo, e continuar direcionando nossos esforços para conseguir sucesso material, algo do qual não temos garantia alguma. Alguns pobres de inteligência continuam acreditando que a situação pode mudar de uma hora para outra, que tudo voltará a ser como antes e cada um atingirá seu objetivo. Suas ilusões causam pena. Parecem-se mais com animais presos dentro de uma jaula, andando de um lado para o outro, sem propósito, inutilmente.

O verdadeiro serviço Divino

Temos que deixar nosso coração reconhecer a realidade, purificar nossos pensamentos e abandonar a superficialidade com a qual nos acostumamos. Temos que nos dedicar de hoje em diante ao serviço Divino genuíno, com integridade e de pura fé. Se este pensamento atravessar nossas mentes: "De que viveremos então?" Responderemos ao *létsér Hará*: "E se fizermos o que você sugere, sabe dizer de que viveremos?" Temos de

aprender a não exigir muito deste mundo; a nos contentar com o mínimo, como disseram nossos Sábios : "Este é o caminho da Lei Divina: comerás pão com sal e beberás água por medida...".⁶² Então veremos como é fácil encontrar nosso meio de sustento neste mundo. Para falar a verdade, Deus decidiu que pouquíssima gente morrerá de fome. Pão com sal, água por medida e um lugar no chão para dormir – é tudo o que precisamos para viver.

Sabemos bem que as pessoas que se deixam atrair pelas amenidades da vida chamarão este caminho de "extremista". Contudo, se alguém deseja arrancar de uma vez o mal que existe dentro de si, tem o dever de ser extremista. Todos os que "adquiriram seu Mundo (Vindouro) num só momento" foram extremistas. Somente três pessoas como estas são lembradas no Talmud (veja a introdução a este capítulo) e todas as três renunciaram totalmente a seu modo de viver, atingindo tamanha elevação espiritual, que entregaram-se total e espontaneamente a Deus. Foi deste modo que "adquiriram seu Mundo". O extremismo é exatamente a força da qual necessitamos, sempre baseado numa visão sólida do sentido da vida.

A *Teshuvá*, nosso retorno a Deus, pode ser extremamente fácil, se ocorrer da seguinte maneira: A partir de um profundo despertar para o apego total à verdade que já conhecemos.

Um Atalho para a *Teshuvá*

Este breve artigo também foi escrito na época da Segunda Guerra Mundial, quando pairava no ar a ameaça da Alemanha invadir o Reino Unido a qualquer momento. O Rabino Dessler nos ensina um método que podemos chamar de "receita de emergência" – uma saída para nossos problemas espirituais. Quando a situação beira o desespero é preciso tomar remédios amargos; não há tempo para um processo de cura prolongado, mas mais seguro!

Nos tempos difíceis em que vivemos, quando ninguém sabe o que nos reserva o amanhã, o homem não dispõe do tempo necessário para curar seus males espirituais paulatinamente, como podia fazer em tempos mais felizes. Precisamos de um "atalho para a *Teshuvá*". Nossa situação exige um "estojo de emergência", um remédio genérico para nossos pecados, semelhante ao usado pelos que "adquiriram seu Mundo num só momento" (como no capítulo anterior).

Este processo é composto de quatro fundamentos:

1. **Estudo da Torá**, pois seu poder expulsa o *létser Hará*.
2. **Estudo de Mussár**, para absorvermos uma visão verdadeira do mundo em que vivemos, como está escrito: "Com caridade e **verdade** os pecados serão purgados".⁶³
3. **Treinamento pessoal para "subjugar a vontade"**, ou seja: deixar de usufruir, vez por outra, de algo que justamente estamos com vontade de consumir.

Rabenu Ioná escreveu em seu livro "Fundamentos da *Teshuvá*", em nome do Ravad, que subjugar a própria vontade equivale a fazer diversos jejuns no mesmo dia. Atos como este corrigem o fator que causava o pecado – o *létser Hará*, que é na verdade uma vontade não controlada.⁶⁴

4. **Prática extensiva da caridade para com os pobres**. Fazer caridade retifica os pecados do homem para com seu próximo. Para isto, é necessário agir em duas arenas –

ser bondoso para com indivíduos e também fazer o bem para todo o povo de Israel.

É preciso adicionar mais uma dimensão às nossas ações: a prática da caridade em nossos corações. Temos que modificar a maneira como vemos o próximo, desenvolver sentimentos de estima e estarmos prontos a compartilhar suas dores, rogando a Deus por suas necessidades.

E de que modo a prática da caridade redime dos pecados?

Mencionamos acima o versículo; "Com **caridade** e verdade os pecados serão purgados". Mas temos que saber como os atos de bondade eximem o homem de seus pecados. Isto se dá de três modos:

- 1) Se alguém fere um colega, está afirmando ter mais valor que ele; assim, deve dar algo de si para o público, para ressaltar o fato da comunidade ter mais valor que o indivíduo, o que decerto inclui o colega a quem magoou.
- 2) Todo homem deve pensar que seus méritos pertencem a todo Israel; isto também é um modo de fazer o bem a toda a comunidade.
- 3) Nada se perde nas contas dos Céus. Tudo fica registrado. O homem arca com as consequências de todos os seus atos, mesmo os causados indiretamente; tudo o que faz permanece registrado. Se fizer algo que cause dor ou dano a um amigo e tentar reparar este dano, o mal que fez ficará registrado como o fator que resultou em sua *Teshuvá*. O mérito registrado em prol da pessoa que sofreu com sua perda durante todo o tempo que o pecador levou para se arrepender é tão grande dentro dos "cálculos Divinos", que terá valido a pena para esta pessoa ter passado por todo o dissabor — para que seu companheiro possa fazer *Teshuvá*.

Agora podemos compreender a resposta de Rabi Akiva à pergunta que lhe formulou Turnus Rufus: "Se vosso Deus gosta tanto dos pobres, por que não lhes dá de comer?"

A resposta de Rabi Akiva foi: "Para que eles nos dêem méritos" (Talmud, *Baba Batra*, 10:a). Em outras palavras, o propósito da pobreza é criar oportunidades para que as pessoas pratiquem atos de bondade. Por isto, o mérito da pessoa pobre, que causou uma

revelação de atos de bondade no mundo é tão grande que, pesado na balança da verdade, será infinitamente superior ao sofrimento pelo qual precisou passar para que outra pessoa o ajudasse. Isto é o que esta pessoa pobre constatará no mundo da verdade, o que a encherá felicidade.

Olhando Dentro da Verdade

A Raiz da Moral

"Olhando dentro da verdade" é o título da série de artigos que apresentamos a seguir. No primeiro deles, base para a compreensão dos seis seguintes, a lógica humana é submetida à visão crítica dos nossos Sábios e da observação da natureza do homem. Suas conclusões quanto à falta de fidelidade do nosso próprio raciocínio em relação a assuntos morais e aos princípios da fé são iguais às dos outros métodos empregados no estudo do Mussár, embora o caminho que leva diretamente a elas seja o método singular do Rabino Dessler.

Se alguém aceitar as conclusões apresentadas aqui de modo tão convincente, começará a duvidar espontaneamente das verdades do mundo moderno em que vem acreditando de maneira quase intuitiva, ou começará a indagar sobre a origem de seu sistema de crenças, tentando responder a si mesmo se não teria sido induzido a acreditar nas suas ideias atuais, ao mesmo tempo em que se perguntará o que deve fazer para chegar a um sistema de ideias confiáveis. A predisposição à autocrítica já é, em si, "a raiz da moral".

O artigo que abre a série foi escrito originalmente em 1940 e compilado diversas vezes nos anos subsequentes, com algumas modificações e adendos. Junto aos demais, ele visa tecer algumas linhas de pensamento provenientes de direções diversas. O segundo artigo, "Saiba Como Responder", não ataca veementemente a heresia em si, mas sua prepotência em achar-se digna de ser tratada com seriedade. O terceiro artigo, "A Lei da Verdade", nos brinda com novos enfoques sobre o conceito da "fé nas palavras dos nossos Sábios" e na "Torá Divina". Os três artigos que os seguem sugerem métodos para solucionar o problema apresentado no primeiro artigo: se o suborno é capaz de destruir tudo o que é bom, como o homem pode pensar que um dia será capaz de conhecer a verdade? O último artigo desta série, "A Sabedoria do Universo", apresenta uma visão renovada, de longo alcance, sobre o propósito do homem e seus objetivos, tendo como pano de fundo a sociedade tecnológica moderna.

Um cientista está prestes a iniciar uma complicada e sofisticada pesquisa com implicações da maior relevância, onde mesmo um erro mínimo poderá ser fatal. Sua primeira preocupação: garantir a fidelidade de seus instrumentos de pesquisa.

Todo homem é na verdade um cientista desse tipo, pois faz experiências com os destinos de sua vida, as mais ousadas possíveis. E carece de um senso de julgamento aguçado para ajudá-lo a decidir o que fazer e o que não fazer. Deve escolher uma trilha para sua vida e contornar os obstáculos que se lhe aparecerem pelo caminho. Mas como fazê-lo sem antes examinar os instrumentos de medição ao seu dispor?

Nossa mente, na qual confiamos nossos julgamentos, é um instrumento de medição extremamente delicado, cujo nível de exatidão precisa ser continuamente avaliado. Como podemos nos basear em suas conclusões se não dispomos de meios para avaliá-la com exatidão e minúcia?

Um assunto que nos faz refletir

Se examinarmos a capacidade da mente de julgar com exatidão, descobriremos um fato fundamental. **Não há pensamento (ou raciocínio) que não tenha sido precedido por um fato.** A mente de uma pessoa que não se interessa por filatelia, por exemplo, não discernirá os pormenores de um selo postal cujos olhos experimentados de um filatelista identificarão de imediato. Mais um exemplo: que dados serão absorvidos e permanecerão gravados na mente de um homem que folheia desatentamente as páginas de um jornal? Somente detalhes que o interessarem, por um motivo ou outro. O que não o interessa não atrairá sua atenção ou pensamento a respeito.

Qual é a origem do nosso interesse? Nossa vontade, obviamente. Minha vontade é o fator que decide se algo me interessa ou não. Em outras palavras, me interesso pelo que quero ou, ao contrário, pelo que desejo evitar. Meu interesse não é senão o reflexo de minha vontade.

Portanto, os assuntos sobre os quais ponderamos são frutos de alguma pergunta que nossa vontade tenha formulado à nossa mente, em busca de resposta ou decisão.

É claro que existem problemas que podemos classificar como "técnicos" e para eles – no que diz respeito ao **objetivo** – já temos a resposta. Falta-nos decidir quais os **meios** a serem empregados para atingirmos o objetivo em questão. Aqui, nossa vontade está interessada somente nos meios para chegar ao objetivo, sem interferir nos cálculos usados

por nosso intelecto para deliberar sobre o assunto. Isto compreende a quase totalidade das decisões tomadas diariamente por nossa mente quanto a assuntos cotidianos e outras questões puramente técnicas, por exemplo, "como fazer" isto ou aquilo, ou "como ir" ali ou acolá. Geralmente não temos problemas em tomar este tipo de decisão. Tudo o que precisamos é de um cérebro com um mínimo de preparo.

Nossos verdadeiros problemas são questões que nos fazem hesitar, do tipo: "É isto o que realmente devo fazer?", "É para este lugar que realmente **preciso** ir?" A dificuldade aqui está no fato do nosso interesse pessoal estar envolvido numa resolução, pois é ele quem formula a questão e, por meio dela, ele revela uma inclinação para determinado tipo de resolução. O indivíduo começa a ponderar se deve ou não sair no meio do serviço para cuidar de interesses pessoais quando a vontade de fazê-lo já se manifestou em seu coração. É clara a direção que o coração de uma pessoa que ofendeu um amigo toma, quando ela decide pedir perdão a este amigo, correndo o risco de passar por um constrangimento.

Devemos nos preocupar com a capacidade de nossas mentes em tomar a decisão correta em situações como estas. Os Sábios da Torá conhecem o íntimo da alma humana. Estudemos suas palavras para encontrar uma resposta ao nosso problema.

"Cegará os olhos dos Sábios"

O Talmud ensina:⁶⁵ "Disse Rava: por que o suborno foi proibido **pela Torá**? (Rashi: por que o suborno foi proibido mesmo se for usado para inocentar um inocente e sentenciar um culpado?)

Resposta: se um juiz é subornado por uma das partes da contenda, ele se torna próximo a ela e como resultado passa a se identificar com ela; **e ninguém vê culpabilidade em si mesmo.**

Portanto, se um juiz recebe um presente, isto o desclassifica como árbitro da disputa em questão, porque sua consciência se inclinará para uma das partes. Mesmo que este juiz esteja determinado a julgar com imparcialidade, a Torá ensina que ele não **conseguirá**

chegar a uma decisão justa porque não pode decidir contra a pessoa que lhe deu o presente. Sua vontade corrompe sua mente e isto está claramente explicado pelo *Midrash*:
⁶⁶ "Visto que o juiz **deu seu coração ao suborno**, cegou-se para a justiça e **já não pode** lavrar a sentença baseado na verdade".

É claro que quando alguém faz um julgamento prévio, isto se torna um fator influente no processo de raciocínio lógico da pessoa e a desvia do rumo verdadeiro. Lógica e juízo são características sensíveis – é da natureza do suborno impedir que o árbitro pondere corretamente sobre os argumentos do lado contrário ao que lhe presenteou. Podemos entender isto em vista do que já foi dito aqui, pois constatamos que o interesse gera o raciocínio. Poderia então um interesse pessoal fazer a mente argumentar contra sua própria vontade? Pelo contrário. Como a mente já está envolvida com a vontade, isto induzirá o raciocínio na direção que lhe convém. Além disto, ainda que outras pessoas **que não a parte oposta da contenda** lhe apresentem o mesmo argumento, o juiz ver-se-á na dificuldade de aceitá-lo, conforme o Maharal de Praga explica no versículo: ⁶⁷ "Porque o suborno cega os olhos dos Sábios e subverte as palavras justas:"

"Cega os olhos dos Sábios" porque não os deixa ver qual é o argumento verdadeiro.

"E subverte as palavras justas" (Rashi: argumentos corretos) – pois ainda que consiga ver quais são os argumentos corretos, os subverterá.

Também lemos na *Mechilta* (Êxodo 23:18) que, no final das contas, este homem **"detestará** os argumentos corretos, mesmo se foram ditos no Sinai". Seu interesse pessoal o fará detestar tudo o que estiver em seu caminho, mesmo que seja a própria Torá.

Corrupção do comportamento

Há algo mais a ser aclarado, conquanto suas implicações possam parecer medonhas. Se um homem fracassar uma vez e deixar sua mente corromper-se pelo suborno, com o tempo ele ficará cego espiritualmente, perdendo pouco a pouco sem "senso de veracidade". O primeiro "argumento distorcido" que cruzar sua mente ali se sedimentará e

servirá de base a todos os pensamentos que virão a seguir. Sua estrutura cognitiva e suas ideias tornar-se-ão maculadas. Esta cegueira continuará a aumentar e, quando ele morrer, estará na mesma situação, como está escrito: "**Mesmo um grande sábio**, se aceitou suborno, não deixará este mundo sem que seu coração se torne cego por isto".⁶⁸ Além disso, este homem não se corromperá sozinho e levará consigo todos os que são influenciados por ele, porque o senso de veracidade do homem é tão aguçado que se uma pessoa se desviar um mínimo que for do caminho da verdade, pode influenciar até os indivíduos íntegros ao seu redor. Inconscientemente, estas pessoas tentarão "consertar" suas ideias, para que se pareçam mais às ideias dominantes de seu ambiente, que por sua vez foram contaminadas pela corrupção do intelecto. No final, o próprio conceito de moral e verdade incorruptíveis se tornarão extintos nessa comunidade.

Isto é o que ensina esta ideia de nossos Sábios:⁶⁹ O aumento no número de juizes desonestos eliminou o cumprimento do mandamento "Não temereis a homem algum";⁷⁰ e extinguiu a lei "Não conheçais faces no juízo".⁷¹ O Maharal de Praga ilustra esta ideia com o seguinte comentário:⁷² O mandamento "Não temereis a homem algum" deixou de ser observado mesmo por homens íntegros.. e quando as criaturas entregam-se a este tipo de transgressão, uns arrastam os outros e assim por diante nas gerações seguintes, quando não haverá um só homem exemplar, fazendo com que "Não temereis a homem algum" deixe de ser observado até o fim das gerações."

Existe medida?

Qual é a medida mínima de suborno necessária para "Cegar os olhos dos Sábios"?

Resposta: uma medida irrisória de suborno é suficiente para causar danos mesmo na mente do mais sábio dos homens. Nossos Sábios, profundos conhecedores dos segredos do comportamento humano, sabiam do alcance deste perigo. O Talmud conta o episódio de Rabi Ishmael ben losse, que arrendou parte de suas terras a um homem que, como pagamento, trazia um cesto com frutos do seu pomar (o pomar arrendado de Rabi Ishmael) todas as sextas-feiras. Este homem foi intimado a comparecer perante uma corte rabínica numa quinta-feira. A caminho do *Bet Din* levou um cesto com frutas à casa de Rabi

Ishmael, como de hábito. Como Rabi Ishmael fazia parte do corpo de magistrados, recusou a oferta habitual do cesto de frutos, pois temia ser influenciado e mesmo inconscientemente poderia inclinar o veredicto a favor do senhor que lhe trazia as frutas. Mesmo após recusar, Rabi Ishmael cogitou sobre a possibilidade de ser influenciado a favor de seu amigo pelo simples fato daquele homem oferecer-lhe as frutas um dia antes do habitual, e por isto desqualificou a si próprio como jurado da contenda e pediu a outros magistrados que julgassem o caso.

Rabi Ishmael no entanto observou o julgamento do lado de fora da corte e descobriu que, mesmo sem intenção, sua mente começava a formular argumentos que fatalmente culpariam a parte oposta à do homem que lhe levava as frutas; ao mesmo tempo, vinham-lhe à mente argumentos que inocentariam seu amigo. Após refletir profundamente sobre esta ideia, descobriu surpreso que isto aconteceu pelo fato do cesto de frutas que recebia regularmente ter fixado em sua mente um processo de raciocínio favorável a quem as trazia. Proclamou então: "Que sucumbam os homens que aceitam subornos! Isto aconteceu a mim, que não aceitei, mas se tivesse aceito, teria recebido o que já me pertence – o que dizer então, dos homens que aceitam sobre si presentes e favores?"⁷³ Que profunda lição que tomamos deste episódio. Rabi Ishmael ben losse era um tanaíta, uma pessoa santa e elevada, como percebemos de sua recusa em aceitar as frutas (que, na verdade, eram suas) um dia antes do julgamento, por medo de ser influenciado. Pelo mesmo motivo recusou-se a julgar o caso. Mesmo assim viu-se na situação constrangedora de cogitar em sua mente argumentos que dariam a causa ao homem que o favorecia – como resultado de um presente tão sem importância. Se isto acontece com homens como Rabi Ishmael, o que diremos de nós, que estamos num nível tão inferior ao deles? Está claro que mesmo o mais irrelevante favor influenciaria imensamente nosso processo de raciocínio.

O risco do juízo prévio

Imaginemos uma situação quase imune à corrupção: um indivíduo investiga um tema sem relevância pessoal alguma para ele, e precisa emitir seu parecer à respeito. Suas ponderações começam mesmo antes dele coletar os dados necessários à pesquisa e ele

traça algumas hipóteses, sujeitas obviamente à verificação, à luz dos dados reunirá. Cuida para não emitir opiniões decisivas sobre o assunto em pauta e não revela suas hipóteses a pessoa alguma, predispondo-se a reformulá-las imediatamente, se depois de as examinar, constatar que se equivocou. Já em posse do material relevante, examina a questão uma vez mais. Podemos concluir que este homem deixou-se corromper por um fator qualquer? Cruzaria nossas mentes a possibilidade dele alterar novos dados obtidos para fazer valer suas primeiras hipóteses?

Aparentemente, não. Mas se estudarmos as leis judiciais da Torá, seremos forçados a uma conclusão diferente. Lemos na Torá uma alerta de Moisés aos juizes de Israel: "Ouvi a causa dentre vossos irmãos e julgai com justiça".⁷⁴ Nossos Sábios comentam este discurso de Moisés da seguinte maneira:⁷⁵ Os juízes foram alertados de modo a não ouvirem uma parte numa disputa sem que a outra esteja presente. Ao mesmo tempo, se uma das partes já estiver presente diante dos juizes, ela fica proibida de iniciar sua argumentação antes da chegada da outra parte.

Novamente, o Maharal de Praga comenta com brilhantismo:

"Ainda que a parte que argumente diante do juiz o faça com honestidade e devoção antes da chega da outra parte, o juiz tenderá a favorecê-lo, mesmo que a outra parte tenha argumentos mais convincentes, pois as palavras ditas em primeiro lugar penetraram os ouvidos do juiz, causando uma primeira impressão".

Por que isto acontece? Simplesmente porque o juiz verá a razão naquilo que lhe disseram em primeiro lugar. O juiz é consciente do fato de estar ouvindo somente uma das partes e sabe que os argumentos estão condicionados ao que ouvirá da parte contrária, levando-se em conta as cautelas mencionadas anteriormente. De qualquer modo, o simples fato de sua mente ter começado a trabalhar em torno dos argumentos que lhe foram apresentados em primeiro lugar faz com que seu julgamento seja considerado parcial. Qualquer pessoa sente um certo incomodo quando lhe exigem que mude de opinião e isto é suficiente para comprometer a balança da justiça, mesmo que seja por um fio de cabelo.

Somos todos juízes

Todo homem tem um juiz dentro de si. Somos continuamente obrigados a julgar e fazer saber nossa opinião. Se tomarmos conhecimento da proporção em que nossas mentes se tornam influenciadas por ideias preconcebidas, entenderemos a intensidade desta força, que pode superar em gênero, número e grau a um suborno oferecido aos membros de um tribunal.

Pensemos por um instante: um preconceito, por insignificante que seja, pode distorcer a imparcialidade do nosso julgamento, como já sabemos. A causa disso é a tendência humana de manter as ideias que já existem dentro da mente, em resultado da preguiça ou do orgulho. O que dizer então do nosso comportamento e das ideias que desenvolvemos com base em desejos vis e atributos de caráter duvidosos, segundo os quais vivemos nossas vidas durante tanto tempo?

Nossos Sábios disseram que a aproximação causada pela aceitação de um favor de outra pessoa, por menor que seja, faz o juiz identificar-se com a pessoa que lhe ofertou o presente, impedindo-o para sempre de julgá-la com verdade, pois "o homem não enxerga os próprios defeitos". Como podemos esperar tomar decisões objetivas a nosso respeito, ou seja, reconhecer nossas falhas e aceitar pontos de vista que nos obriguem a tomar atitudes que nos custem duros esforços, assim como evitar atitudes que nos dão prazer?

Se um pequeno desvio da verdade pode distorcer o sistema de raciocínio de um juiz, o que dizer de nós, que desde a mais tenra idade nos habituamos a contar todo o tipo de desculpas esfarrapadas a nós mesmos, a sermos lenientes com os nossos equívocos e a exagerarmos na valorização de nossas virtudes?

Os Sábios da *Mishná* entendiam já em seus dias que a enfermidade contagiosa do "fingimento" havia deteriorado a verdade no sistema judicial. E nós, cujo "fingimento" perante nós mesmos passou a fazer parte de nossa natureza, o que nós diremos?

É preciso muita coragem para enfrentar esta questão: como podemos confiar em nossas mentes quando quisermos chegar a uma conclusão verdadeira sobre um assunto qualquer?

Não há alternativa. Temos que admitir que nosso cérebro é impotente para chegar a resoluções acertadas quanto a assuntos que envolvem julgamento moral. A visão da

verdade está condicionada ao grau de pureza de um coração corrupto. E como a corrupção é causada pelos maus atributos de caráter, temos de lutar contra eles e colocar em seu lugar um desejo ardente pela verdade e pela integridade.

Anulando a corrupção

Como o homem pode chegar a este nível de perfeição?

Resposta: somente com um incessante aprimoramento de seus traços de caráter. Este é o único caminho: arrancar o mal — a corrupção — pela raiz. Somente com muitos anos de perseverança o homem pode esperar fortalecer sua aspiração pela verdade a ponto de ter força suficiente para livrar-se de todo o tipo de ideias corruptas.

O Talmud nos traz uma parábola interessantíssima para ilustrar esta ideia. Vamos chamá-la de: "Parábola da experiência de vida do homem":⁷⁶

"Um homem caminhava na calada de uma noite enevoadá, com medo de esbarrar em espinhos e cair em buracos, de animais selvagens e assaltantes, sem saber que caminho seguir. Encontrou uma tocha acesa que o salvou dos espinhos e dos buracos, mas ainda temia os animais selvagens e os assaltantes, sem saber por que caminho prosseguir. Quando amanheceu, safou-se dos animais selvagens e dos assaltantes, mas ainda não sabia que caminho seguir. Quando chegou a uma encruzilhada, safou-se de todos eles".

O Talmud explica que esta tocha representa o cumprimento das *Mitsvót*. O amanhecer, ou o Sol, representa o estudo da Torá. Uma opinião diz que esta parábola se refere a um *Talmid Chachám* que chegou a seu último dia de vida. Somente ao deparar-se com a morte o homem atinge a compreensão plena. Outra opinião diz tratar-se de um *Talmid Chachám* temente ao pecado. Mar Zutra explica que esta é a situação à qual chegará um *Talmid Chachám* que estuda Torá de acordo com a *Halachá*, até ela se tornar parte integral de seu ser, fazendo-o enxergar a verdade intuitivamente. Sua personalidade estará tão aperfeiçoada que seu coração se tornará puro. Então, e só então, seu entendimento será claro e seu julgamento confiável.

É a isto que chamamos de "trabalho do *Mussár* (ética)", que é, na realidade, o exercício da autodisciplina. Daí não ser possível chegar à verdade sem a ética. Compreender isto é a "raiz do Mussár".

Devemos então concluir que se alguém não purificou o coração não chegará a conclusões legítimas? Não exatamente. É certo que esta pessoa jamais estará segura de suas conclusões. Mas há uma maneira de verificar: Se aceitas uma ideia ou decisão tua sem questionamento, sem confrontos, desconfia dela e sonda teu coração para saber o que te motivou a concordar tão facilmente.

Se uma pessoa chegou a determinada conclusão com muita dificuldade, lutando consigo mesma para chegar ao conhecimento da verdade, depois de ter confrontado os pensamentos corruptos enraizados em seu espírito – é bem possível que tenha chegado à verdade.

Saiba Como Responder

Imaginemos uma pessoa que queira ponderar sobre uma questão fundamental como, por exemplo, se o mundo foi criado com um propósito ou se o ser humano é responsável por seus atos – usando somente o raciocínio.

Imaginemos também que esta pessoa tenha um alto Q.I., um elevado nível de instrução e que seu conhecimento seja amplo, embora seu caráter seja medíocre; que ela jamais tenha enfrentado suas fraquezas morais com seriedade, nem se esforçado para melhorar sua personalidade egoísta ou para reparar seus defeitos. Não se priva de ofender a quem a ofende, em geral retribuindo uma ofensa com duas, e espalha seus próprios feitos aos quatro ventos, acreditando serem eles dignos de louvor. Não sabe se conseguirá resistir aos impulsos vis que a tentam, principalmente se puder segui-los em segredo.

Externamente aparenta ser uma pessoa digna, íntegra, racional, que dentro de uma discussão apresenta argumentos plausíveis e verídicos. Mas seu coração esconde sua verdadeira natureza. Para extirpar seus maus hábitos, seriam necessários anos de cuidados dispensados ao seu caráter – mas para isto nunca encontraria tempo disponível.

Consideremos que comece a pensar sobre as questões acima mencionadas. Não nos enganemos quanto a ela ser imune às ideias corruptas que eventualmente influenciarão as respostas às quais chegará. Como estudamos no artigo "A Raiz da Moral", ninguém é livre de abordar um problema sem ter ideias previamente concebidas a respeito. O próprio interesse pelo assunto pressupõe um sentimento já existente e por isto as respostas poderão refletir significativamente seus anseios. Isto é válido inclusive em relação a problemas pré determinados, que podem influenciar, no máximo, um pequeno aspecto de sua vida, o que é correto em maior escala em relação a problemas cuja solução tem uma influência ainda maior e cujas implicações estendem-se longamente sobre seus desejos e sonhos. O modo como essa pessoa lida com o que pondera determinará se ela enfrentará seus desejos egoístas enquanto tenta cumprir as exigências de seu Criador ou se viverá sem qualquer responsabilidade que lhe seja imposta, sem restrições sobre sua vontade. Este é o tipo de problema para o qual ela quer encontrar uma solução usando apenas suas forças intelectuais!

Aprendemos no artigo anterior da enorme influência que o suborno mais sutil exerce sobre nossas mentes, sobre nossa capacidade de julgar sem distorções, sem termos desvirtuadas nossas conclusões. Mas no caso presente, não estamos nos deparando somente com um simples caso de corrupção das ideias, mas de uma força cristalizada dentro da mente que corrompe todas as virtudes, os anseios e os desejos – que atuam em conjunto para determinar ao intelecto uma solução que lhe seja cômoda.

Esta é a nossa mensagem para os hereges. Que princípios regem suas ideias? E seu intelecto? Enquanto maus princípios atuarem na formação do seu raciocínio, sejam eles latentes ou manifestos, sua mente será desprezível e suas conclusões não terão valor algum. Podem destacar-se em cálculos matemáticos ou problemas de ordem técnica que não dependam de traços de caráter ou virtudes. Mas quando a questão for de outra natureza, questões que levem a conclusões que afetem diretamente a vontade e o comportamento, que argumento poderá justificá-las? Seu padrão não é outro que não "o que é bom a seus olhos". E que padrão é este senão o *létser Hará*, sempre ávido por formar ideias filosóficas na mente humana?

A Lei da Verdade

Da nossa discussão sobre a "raiz da moral" concluímos claramente que o caminho que temos a percorrer até chegarmos àquela "encruzilhada", quando poderemos julgar nossos atos sem ajuda, ainda é longo. O que fazer até lá? Quem nos indicará a direção?

O que faz um cego, quando quer andar por um caminho que não conhece? Pede a uma pessoa que enxerga para conduzi-lo, ou pergunta como é o caminho em todos os seus detalhes.

Deus, em Sua infinita bondade, nos enviou excelentes mestres, nossos Sábios ז"ל, os Sábios da Torá. Ao nos aprofundarmos em suas palavras, nos damos conta da clareza com a qual eles enxergam a realidade e sabem o segredo das forças que atuam em seu próprio espírito. Por conseguinte, conhecem o modo como atuam as demais criaturas e os problemas da humanidade como um todo. Estes homens se encontram em condições de nos guiar na direção certa.

Tomemos por exemplo uma parábola conhecida do Rabino Moshé Chayim Luzzato, sobre "O Jardim da Perplexidade":⁷⁷ "... quem caminha por atalhos, não tem como saber se está na direção certa ou na falsa, pois todos se parecem e quem os vê não consegue distinguir entre um e outro... mas quem está acima de um palanque da cidade pode distinguir entre o caminho certo e o errado, dizendo aos itinerantes: "Sigam este caminho".

Quem quiser acreditar neles, chegará a seu destino. Quem não quiser acreditar e seguir seus próprios olhos, continuará perdido e não chegará a lugar algum. Em outras palavras: Quem ainda não dominou seu *létsér Hará* continuará vagando por entre atalhos, sem conseguir distinguir entre eles. Mas os que dominam seus instintos, os que já chegaram aos "palanques, estes podem ver claramente qual o caminho a seguir e assim orientar os que vêm atrás e querem ouvi-los. É nestas pessoas que devemos confiar."

Aprendemos com estas palavras o princípio da **fé em nossos Sábios**. Quem estiver disposto a confiar neles, poderá servir-se de sua exímia capacidade para ver a realidade com clareza e de enxergar o mundo através de seus olhos. Assim terá uma visão clara das questões filosóficas e de comportamento, cujo valor não será distorcido com facilidade.

Quanto mais nos vemos como seus alunos e tentarmos compreender seu modo de pensar, mais nossas mentes pensarão com retidão e mais poderemos corrigir nossos erros. É por esse motivo que os gigantes em Torá de épocas mais recentes, que dedicaram suas vidas a dar continuidade – como discípulos fiéis – ao plano de raciocínio de nossos Sábios, chegaram a um grau de clareza sem par em sua visão de mundo. Não raro ocorre que um conselho trivial, sem base nas Escrituras e sobre um assunto mundano atinge seu objetivo com incrível precisão, como pudemos testemunhar em nossos dias.⁷⁸

De onde nossos antigos Sábios, os Sábios que os seguiram e os Sábios de nossos dias obtiveram forças para purificar seus corações de tal maneira? A resposta: De sua dedicação ao estudo da Torá, que possibilitou tornarem-se unos com ela de forma absoluta.

Nossa sagrada Torá é "A Lei da Verdade". É celestial e portanto infinitamente distante das diminutas considerações e preconceitos humanos. O raciocínio e a visão de mundo da Torá são totalmente livres da névoa materialista do mundo, que só enfeia nosso modo de vê-lo. Quão grande é a Bondade Divina, que nos presenteou com tamanho tesouro, uma luminária em meio à escuridão! Deus nos permitiu, mesmo desde nosso mais baixo nível, tomar esta luz para iluminar nosso caminho. Está ao nosso alcance discernir entre os ditames do *létsér Hará* e as lições da Torá; podemos dominar nossos instintos através da observância das *Mitsvót*. Quando mais aprofundarmos nossa visão de mundo baseando-a na Torá, maiores possibilidades teremos de nos libertar dos grilhões que as ideias corruptas colocam em nossas virtudes; poderemos então adotar uma visão cristalina do mundo e compreender a verdade sobre este mundo e sobre nós mesmos.

Não Te é Encoberto

"Porque este mandamento que eu hoje te ordeno, não te é encoberto nem está longe de ti.

Não está no céu para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que o traga a nós e nos faça ouvi-lo, para que o observemos? Nem está além do mar para dizeres:

Quem passará por nós além do mar, para que o traga a nós e nos faça ouvi-lo, para que o observemos?

Pois isto está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para que a observes". ⁷⁹

O trecho acima coloca dois difíceis problemas à nossa frente. Neste artigo, nos concentraremos neles e em sua possível solução.

O primeiro problema: Visto que a corrupção cega os Sábios e que o homem em geral não enxerga os próprios defeitos, como podemos esperar um dia conhecer a verdade, se nosso interesse pessoal tanto interfere? Existe alguma possibilidade de decidirmos algo com objetividade?

A resposta para isso é que a corrupção não distorce totalmente a verdade. Mesmo quando o homem deixa convencer-se pelo *létser Hará* a trocar a verdade pela mentira, no fundo do seu ser ele sabe que o caminho da verdade é "mais verdadeiro" que o outro. A mentira é para esta pessoa um substituto da verdade, mas não é a própria verdade. Esta sensação, que não permite ao *létser Hará* distorcer totalmente a verdade, é uma das muitas expressões da infinita bondade do Criador com Suas criaturas. Sendo assim, o coração do homem foi dotado de uma capacidade especial para saber onde está a verdade real.

Eis o que a Torá nos promete em relação ao exílio físico: "Também, mesmo assim, estando eles na terra de seus inimigos, não os rejeitarei e não Me enfadarei deles para consumi-los... porque Eu sou o Eterno, seu Deus".⁸⁰

O ódio que as nações do mundo nutrem por nós jamais nos consumirá. Esta promessa foi feita também no que diz respeito ao exílio espiritual. O conhecimento da verdade dentro do coração humano nunca se exaure por completo; mesmo quando as forças da alma estejam, por assim dizer, no exílio, um resquício da verdade permanecerá no coração e jamais se apagará.

O segundo problema: Frente às dificuldades que encontramos em nosso serviço Divino, somos forçados a constatar, para nossa desilusão, que todos os nossos esforços para tecer um novo caráter acabam sendo em vão e que somos tentados às vezes a duvidar da nossa própria possibilidade de êxito.

Mas também sabemos que é tolice desistir. Primeiro, o fato de aqui estarmos é, em si, uma prova da confiança que o Criador deposita em nós. Ele certamente sabe que podemos retificar nosso comportamento; caso contrário, por que seguiríamos vivendo? Depois, a psicologia reconhece o fato das pessoas jamais desistirem daquilo que realmente desejam com todo o seu coração. Desistir demonstra falta de um interesse verdadeiro. Em terceiro lugar, a falta de interesse é um truque do *létser Hará* para enfraquecer nossas decisões.

Contudo, ainda estamos longe de vislumbrar a saída. A solução permanente para nossas dificuldades, a realização do nosso *Ticún* (retificação) e nosso aperfeiçoamento total, parecem distantes e intangíveis. A resposta reside no modo como estudamos a Torá. Alguns estudam para saber, ao passo que outros estudam para fazer.

Se alguém estuda somente para ampliar seu conhecimento, o objeto de seu estudo ficará gravado apenas em sua mente. Mas quem estuda para materializar o que estudou permanece de posse deste conhecimento; torna-se uno com o objeto de seu estudo. Isto se dá com assuntos de *Halachá*, mas é no aprendizado da *Agadá* e do *Mussár* que as diferenças são sentidas com mais intensidade. Por exemplo, se alguém meditar sobre a grandeza Divina, será influenciado por este conhecimento, mas ele não influenciará sobremaneira o seu comportamento, até que seja interiorizado por completo, penetrando seu coração a ponto de motivá-lo a estudar até compreender todas as implicações deste conhecimento sobre o curso de sua vida. Esta pessoa fatalmente terá que confrontar-se

com a seguinte pergunta: Agora que tenho plena consciência da grandeza do Eterno, como posso ousar desobedecer Sua palavra à Sua frente?

O *Mussár* não causará diferença em nosso comportamento se nos limitarmos a estudar "sobre os maus", "sobre o *létser Hará*", ou somente para ampliar nossa compreensão sobre as forças do espírito. Temos de forçar nossos corações a modificar nossa conduta à medida que avançamos neste estudo e em sua compreensão. Este é o caminho desejado e que propicia nosso *Tikún*.

A Torá ensina explicitamente este assunto, no trecho que lemos no início deste capítulo. "Porque este mandamento... não te é encoberto", ou seja, a pura verdade jamais se oculta do homem. "Nem está longe de ti... pois isto está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para que a observes". O caminho extenso é o estudo que visa somente o conhecimento, mas que não tem forças para causar o aprimoramento do espírito. O caminho próximo do homem está "na tua boca" – ou seja, o estudo da Torá, que se faz em voz alta; "e no teu coração" – ou seja, a *Teshuvá*; "para que o observes" – é o estudo com o intuito de cumprir os mandamentos da Torá.

As palavras: "Não está nos céus" tem como função resolver a questão: Como pode um ser físico absorver uma Torá espiritual antes mesmo de ter se tornado um ser espiritual, e como pode tornar-se espiritual sem antes absorver a Torá? (O termo "céus," aqui, refere-se ao espiritual).

"Nem está além do mar" é a resposta à pergunta, Como podemos estudar Torá antes de nossas mentes estarem em sintonia com ela; e como nossa mente entrará em sintonia com a Torá sem antes a termos estudado? "O termo "mar" refere-se à Torá, como está escrito em Job, 11:8: 'Extensa com os mares').

As respostas a estas perguntas indicam uma só direção: Quando unimos a Torá aos nossos corações, todos estes processos ocorrem simultaneamente.

Em resumo: só quando o homem devolve a Torá a seu coração ele pode ser chamado de "próximo", ao mesmo tempo em que uma pessoa que afasta a Torá de seu coração também se afasta de Deus, como diz o *Zohar*: "Longe da Torá, longe de Deus".⁸¹ Creio

ser propício relatar este trecho da obra *Shaarê Teshuvá* (Terceiro Portal, cap.15), de Rabênu Ioná Girondi (Espanha, século 13): "Diz-se das pessoas que não têm o hábito de ponderar sobre o temor a Deus (ou seja, que não se preocupam em restituir a Torá a seus corações): 'Me temem como homens que cumprem a Torá sem intenção...'.⁸² E está escrito: 'Deus está próximo de suas bocas (estudam somente para conhecer), e longe de suas entranhas (não absorvem o estudo em seu subconsciente).⁸³ Também está escrito: 'Perecerão os que de Ti se apartam'⁸⁴ (se afastam – porque não restituem a Torá a seus corações – e por este motivo perecem)".

A Força da Visão da Verdade

O *létser Hará* não tem força suficiente para ocultar totalmente o conhecimento da verdade. Mencionado isto anteriormente, afirmando que possuímos a capacidade de determinar em nossos corações o ponto de verdade em tudo o que existe. Acrescentamos agora que a tomada de consciência deste ponto de verdade é uma necessidade vital. O fiel servo de Deus precisa ter sempre em mente que a verdade é a única realidade e que o que "parece ser verdade" não passa da mais clara mentira e que, portanto, não pode ser sequer considerada. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais recuamos frente à mentira, porque "o selo de Deus é a verdade" e o temor a Deus é, em síntese, abraçar os valores verdadeiros. Quando o homem vive assim, enxerga a realidade com a "visão da verdade."

Trataremos agora de um ponto especialmente interessante, que nos ensinará algo sobre o capacidade da visão da verdade em dissipar nossas dúvidas e, também, sobre a responsabilidade de cada indivíduo por seus erros nos assuntos morais e espirituais, em razão de sua falha em estimar sua situação servindo-se da visão da verdade.

Quando do episódio do "pecado dos espiões",⁸⁵ diz o *lalcút Shimoni* (início da porção semanal *Shelách Lechá*) que quando disseram os filhos de Israel:

"Moisés, nosso mestre, enviemos homens à nossa frente (para percorrer a terra de Canaã), ele lhes disse: 'Por quê?' (ou seja, não vejo necessidade de tamanha empresa), eles lhe disseram: 'Pois o Santíssimo, bendito seja, nos prometeu que quando entrássemos na terra de Canaã, herdaríamos tudo o que ela contém... mas se ouvirem que estamos prestes a entrar... e esconderem seus tesouros... e nada encontrarmos, as palavras do Eterno serão como se tivessem sido ditas em vão. Por este motivo, devemos enviar espiões...' (para que descubram onde esconderam os tesouros)"

Não entendamos estas palavras como uma tentativa deliberada de iludir Moisés, mas de, sem consciência, iludir a si mesmos – o que lhes havia sido ocultado. Pensemos um pouco: Estamos nos referindo a uma "geração sábia", que não se equivocaria com facilidade; acreditavam de fato que o envio dos espiões tivesse como objetivo santificar o Nome de

Deus. A geração que recebeu a Torá no Sinai, ainda que dotada de uma compreensão ampla da realidade, não foi capaz de detectar o ponto falho nos argumentos que apresentaram a si mesmos. Mesmo Moisés, nosso mestre, não pode perceber que suas intenções não eram "em honra aos Céus". O *lalkút Shimoni* conclui: "Quando Moisés os ouviu, "caiu em suas mãos", como está escrito: "E agradou aos meus olhos esta coisa".⁸⁶ Adicionemos mais um ponto: Não há dúvidas de que Moisés, com seu imenso saber, conhecia o íntimo da alma humana e sabia perceber as intenções de cada homem. Nossos Sábios dizem sobre o versículo: "E tu verás, dentre o povo, homens capazes, tementes a Deus, homens de confiança, que odeiam tirar lucro..."⁸⁷ Moisés conhecia a ciência da leitura da face; o *Zôhar* o descreve com riqueza de detalhes. Além disso, sabemos que Moisés conhecia bem a psicologia do ser humano; pensem o quanto ele ascendeu no conhecimento destas e de outras ciências durante seu crescimento espiritual.

No entanto, ele não percebeu o equívoco no qual se baseava a argumentação dos filhos de Israel (apesar de ser mais fácil a um homem apontar os erros alheios do que os próprios). Como pôde isto acontecer? Somos forçados a concluir que o equívoco fora de tal modo camuflado que nem o próprio Moisés pôde notá-lo. De fato, ao final Deus culpou o povo de Israel e não a Moisés por este erro.

Sobre o que está escrito: "Porque vem a mim o povo, para consultar a Deus",⁸⁸ o Gaón de Vilna diz que cada um dos filhos de Israel acorria a Moisés para pedir-lhe conselhos sobre como proceder em relação ao seu serviço Divino e Moisés aconselhava a todos sempre de acordo com sua condição pessoal e com o caminho especial que deveria seguir – fazendo-o por inspiração Divina. Em outras palavras, nem mesmo o mais elevado grau de sabedoria humana é capaz de penetrar os segredos do coração. Somente por inspiração Divina – por meio de profecia – Moisés sabia como orientar cada judeu. No caso dos espiões havia motivos (que serão explicados em outro capítulo) segundo os quais Deus não desejava revelar a Moisés a verdade sobre a missão destes homens, deixando a decisão de enviá-los ou não em suas mãos, como está escrito: "Envia para ti", que o exegeta Rashi explica deste modo: "Como você decidir".⁸⁹ Com todo o saber ao seu dispor, estava além da capacidade de Moisés desvendar o equívoco oculto nas intenções do povo de Israel; sem a ajuda dos Céus, jamais o conseguiria.

Observemos mais atentamente este episódio: Se o próprio Moisés não foi culpado por não ter detectado o grande mal que seria causado mais tarde em decorrência do envio dos espiões, como culpar o próprio povo de Israel? Aqui podemos aprender uma importante lição de moral: Somente a pessoa envolvida num determinado evento pode detectar um equívoco como este, desde que o queira fazer; desde que deseje enxergar dentro da sua própria verdade, pois mesmo Moisés não pode enxergar dentro da verdade alheia. A punição pelo pecado dos espiões, que ficou marcada na história judaica como "Um pranto por gerações",⁹⁰ foi na verdade um castigo pelo fato dos espiões não terem enxergado o próprio engano.

Apesar disto, aqui temos um grande consolo para todas as criaturas humanas: Este episódio prova que quando a pessoa se concentra na verdade e se empenha em encontrá-la dentro de seu coração, o *létses Hará* vê-se impedido de iludi-la, mesmo que na menor medida possível.

A Teimosia e Sua Cura

Se decidirmos encontrar a verdade a qualquer custo, podemos encontrá-la mesmo dentro do labirinto de empecilhos que desvirtua e confunde o coração de cada um de nós. A "visão da verdade" nos é muito próxima; encontra-se ao nosso alcance; foi o que escrevemos no artigo "Não te é encoberto" (veja o capítulo anterior). Todavia, não nos iludamos achando que o faremos com certa facilidade. Se quisermos, podemos enxergar a verdade; mas também não é fácil querê-lo. Nosso própria teimosia – *Cashiút Óref* (nuca rígida), na linguagem da Torá – é o fator que bloqueia nosso caminho rumo à verdade.

Qual é a origem dessa teimosia? Existem pessoas que não mudam seu modo de agir ainda que a verdade lhes seja atirada em frente aos olhos: "Os malvados não se arrependem nem mesmo às portas do inferno" (*Chibur Hachéssed*, capítulo 3 – adendos). Mesmo o reconhecimento de andarem pelo mau caminho e a consciência da amarga punição que os espera de nada servem. Sua teimosia, de tão enraizada, não lhes permite fazer *Teshuvá*.

O Rabino Ovadia Seforno explica a questão em seu comentário sobre o versículo "Eis que é um povo de dura cerviz":⁹¹

"É impossível haver justiça e retidão num coração teimoso..."

Decerto, é o teimoso quem segue seu coração arbitrário...

Ainda que o avisem... vendo claramente que seu raciocínio...

O faz perder-se... ele não mudará... como tivesse uma nuca dura como uma viga de ferro (Isaías 43:4), que não o deixa mover-se nem para cá e nem para lá".

É dentro desse espírito que o Rabino diz que na porção semanal *Ki Tissá* (Êxodo 32:9) nos é revelada mais uma faceta do grave e terrível defeito.

Em Êxodo 32:9-10, Deus anuncia que destruirá toda a nação de Israel (com a exceção de Moisés e a tribo de Levi) pelo pecado do bezerro de ouro, por ser Israel "um povo de dura cerviz". Sforino oferece uma explicação profunda: "Sua nuca é como uma viga de ferro que não se move para ouvir... de modo que não há esperança que façam *Teshuvá*."

A expressão "não se move para ouvir" tem o seguinte significado: Estas pessoas não se guiam pela verdade que seu coração reconhece. E onde existe dura cerviz, "não há esperança".

Ponderemos por um momento: Dissemos anteriormente que cada vez que o Altíssimo pune um ser humano, o faz para despertar seu coração para a *Teshuvá*. Portanto, uma sentença de morte como esta indica não haver esperança de *Teshuvá* para essas pessoas; o único *Ticun* para a situação é deixar de existir. Após o pecado do bezerro de ouro, Deus disse a Moisés: "Tenho visto a este povo, e eis que é um povo de dura cerviz. E agora deixa-Me, para que a Minha ira se acenda contra eles e os consumirei".⁹² O comentário de Seforno torna as coisas mais claras. Como não há esperança que façam *Teshuvá*, sua situação não pode ser reparada a não ser pela extinção, Deus não o permita.

E quanto à nossa situação? Se uma pessoa estiver tomada por sua *Cashiút Óref* não saberá escolher o caminho certo para *Teshuvá*. O povo de Israel também não tinha escolha até Deus abrir-lhes uma passagem para a *Teshuvá*, ao dizer a Moisés: "deixa-Me". Segundo o exegeta Rashi, o Altíssimo deu a Moisés uma pista para que pudesse salvar o povo judeu, implorando o perdão Divino, ou seja, "não deixando" Deus consumir Sua nação. Moisés, graças a sua extraordinária força espiritual, poderia interceder por suas vidas, com preces sinceras e sacrifício pessoal. E que preces! Nossos Sábios ז"ל a descrevem com superlativos:⁹³ "Moisés agiu como se tivesse "segurado" Deus (num sentido figurado), como um amigo que segura o outro pelas vestes... disposto a entregar a própria vida por eles... Moisés orou até que um fogo consumiu-lhe os ossos... até adoecer..."

Em outras palavras, Moisés insistiu em demasia com Deus. Se pudéssemos imaginar uma cena semelhante entre dois homens, veríamos o suplicante rogando a seu amigo até adoecer, quase desfalecendo à sua frente de tanto pedir.

No entanto, o expediente usado por Moisés foi válido somente a curto prazo, com explica o Ramban sobre este versículo (Êxodo 32:11): Qual foi a retificação dos judeus por sua teimosia, seu *Ticun*, a longo prazo? A primeira coisa que **Moisés** fez, mesmo antes mesmo

de queimar o bezerro de ouro foi quebrar as Tábuas da Lei, como está escrito: "E peguei nas duas tábuas, as joguei das minhas duas mãos e as quebrei diante dos vossos olhos".⁹⁴ Ionatán ben Uziel, em seu *Targúm* (tradução), traduz o trecho desta maneira: "Deixe-as cair e vós vistes elas se quebrarem e suas letras voarem". Este ato marcou o início da *Teshuvá* do povo de Israel: Viram as sagradas Tábuas sendo quebradas pelo próprio Moisés e as letras, a "Escrita Divina", voarem pelos ares... foi esta cena arrasadora que curou sua dura cerviz e penetrou fundo em seus corações, dando lugar ao desejo de *Teshuvá*. A Torá revela até mesmo uma cura para a teimosia humana: Devemos aplicar-lhe um susto súbito e avassalador.

Portanto, quando desejar operar uma melhora significativa nos rumos de sua vida, você precisa encontrar meios que façam despertar sua alma, meios invulgares, potentes e chocantes o máximo possível. Estude profundamente o *Mussár* e faça-o de um modo tão vibrante que possa despertar o espírito de seu estado letárgico. Medite profundamente sobre sua situação até destruir totalmente sua teimosia. Este é o único caminho com poder suficiente para causar uma verdadeira mudança de comportamento.

Nesta geração, a Mão de Deus desceu sobre nós. Um inimigo duro (como descreve o Talmud no Tratado *San'hedrin*, página 97), dizimou populações inteiras de nossos irmãos, filhos de Israel.⁹⁵ Uma considerável parte da Casa de Israel nos deixou, por culpa de nossos pecados. A maioria dos judeus tementes a Deus já não está presente e somente uma pequena parcela de *Talmidêi Chachamím* sobreviveu. Deus quebrou o que restou da Torá aos nossos olhos. Precisamos acordar, mudar nosso modo de pensar e de agir, despertar e voltar para Deus com fé – e Ele terá misericórdia do que restou do nosso povo.

A Sabedoria do Universo

O profeta Jeremias disse: "Não se glorifique o sábio na sua sabedoria, nem o forte na sua força, nem o rico na suas riquezas..." ⁹⁶ e Rashi explica a primeira parte do versículo: "Sabedoria que não causa senão danos".⁹⁷

Em nossos dias, os meios de comunicação não poupam entusiásticos elogios aos aparentemente sábios, fortes e ricos. Nossos ouvidos escutam noite e dia sobre suas invenções, vitórias e enriquecimento. A inteligência humana gerou uma revolução cultural e científica em nossa geração. Exaltou o homem a um nível impensável no passado – assim dizem – e abriu-nos portas que não sonhávamos existir, alargando nossos limites quase que infinitamente. A humanidade condecorou com ramos de oliveira os militares que conquistaram novas terras, modificando totalmente o mapa da terra com suas vitórias. Arranha-céus, edificações industriais sofisticadas e colossais, mineração e gigantescos portos fazem ressoar pelos quatro cantos do mundo uma riqueza sem precedentes. Os impressionantes alcances da ciência fizeram dela o ídolo dos nossos dias. O progresso humano em todos os fronts olha com desprezo para os Sábios da Torá, que parecem ocultos entre os quatro cúbitos da *Halachá* e do *Mussár*, se é que alguém ouviu falar neles. Se pudesse ter uma opinião a respeito, a ciência moderna certamente se expressaria como certo bufão citado no Talmud: "De que nos servem os Rabinos?" ⁹⁸

Ao examinarmos mais atentamente esse tipo de atitude, veremos que a publicidade da qual as pessoas gozam nos meios de comunicação carece de significado: usa-se palavras vazias, que buscam impressionar e atrair a atenção do homem medíocre. Um observador mais crítico descobriria facilmente a verdade, como veremos adiante.

Qualidade de vida

Não podemos esquecer um importante princípio: assim como existe uma "riqueza guardada por seu possuidor, apenas para gerar seu próprio dano",⁹⁹ existe uma sabedoria que o prejudica. Que utilidade tem as metrópoles com seus arranha-céus, se a qualidade de vida é tão pobre? A riqueza aumenta, mas ri de seus donos. Se o homem não é dono, mas

escravo de seu dinheiro, "de que serve sua labuta?" Qual é a vantagem de um conhecimento científico que não se consegue dominar pois quando este conhecimento cruza os limites do controlável, unindo-se à parte malévola do homem, os resultados são opostos ao que se planejou inicialmente? Depois de um período, o próprio "sábio" desconhece os efeitos de seus conhecimentos. Uma ciência controlada pelo lado mau do homem torna-se logo uma maldição. Com o passar do tempo, o cientista vê-se no dever de reconhecer este fato. Rashi comenta com justeza: "Sabedoria que não causa senão danos".

"Sabedoria" é sinônimo de utilidade, tanto para o homem quanto para o mundo; avanços no desenvolvimento do lado bom do caráter humano, avanços espirituais para graus cada vez mais elevados são essenciais ao aperfeiçoamento do homem. Sobre este tipo de sabedoria disse o rei Salomão: "O valor do conhecimento preserva a vida de quem o possui".¹⁰⁰ Neste caso, o homem precisa reconhecer que a sabedoria lhe foi concedida como um presente Divino e somente com o intuito de promover a vontade de Deus, para ser usada com a consciência de cumprir o plano para o qual Ele destinou este saber. No momento em que abandonar este caminho e usar seus conhecimentos para alcançar objetivos materiais egoístas, esquecendo sua origem Divina, o homem se destruirá com as próprias mãos e seu saber será a causa de sua ruína.

O conhecimento dos nossos Sábios

Nossos santos mestres, na pureza de seu coração e do alto de seu profundo conhecimento sabiam bem disto. Conheciam a verdade em todos os seus aspectos e sabiam explicar sua utilidade. Sua compreensão opõe-se de maneira essencial ao pensamento do mundo exterior.

"Quem é sábio? Aquele que aprende de todo homem", disseram nossos Sábios. A humildade é a essência verdadeira do verdadeiro sábio. Não é aquele que se acha o mais sábio dos homens, nem o que olha com desprezo do alto de sua posição social para as os homens simples que não podem chegar a seus pés é o homem sábio, mas sim aquele que olha para cada homem buscando nele algo de valor, algo que possa aprender, algo que o ajude a aprimorar-se, a crescer. Eis a verdadeira sabedoria.

"Quem é corajoso?" Não é o brutamontes ou o que controla milhões de pessoas com seu governo tirano, mas quem trava batalhas diárias consigo mesmo e conquista todos os dias um novo universo de crescimento espiritual. Quem conquista sua própria natureza – eis o verdadeiro corajoso.

A opinião dos nossos Sábios sobre a natureza da riqueza é o oposto da opinião dos "ricos" deste mundo. "Quem é rico? Aquele que se alegra com seu quinhão". Como vemos, uma pessoa rica é aquela contente com o que tem. Quem deseja mais do que tem está descontente; ainda que sua conta bancária acuse milhões, sua situação é de pobreza. Enquanto não extirpar de seu coração a vontade de "receber", colocando em seu lugar a vontade de "dar" e de reconhecer o bem que Deus lhe faz, presenteando-o continuamente, um sentimento de pobreza acompanhará esta pessoa onde ela estiver (veja o artigo que escrevemos sobre a caridade). Quem se contenta com o que tem é rico, porque não almeja mais do que já tem, contentando-se com as possibilidades existentes para servir a Deus, contando com aquilo que Ele lhe deu.

Três presentes

Vemos portanto, que o homem foi dotado de um potencial para merecer tudo o que existe no mundo, mas que também pode destruir tudo à sua volta. É uma escolha entre dois opostos; uma decisão apoiada única e exclusivamente na sua vontade. Nossos Sábios ensinaram através de uma parábola cheia de significado (*Bamidbar Rabá* 22:7) quais são as alternativas à frente do homem:

"Três presentes foram criados no mundo.

Se alguém ganha um deles, foi agraciado com tudo o que há.

Se recebeu sabedoria, recebeu tudo. Se recebeu coragem, recebeu tudo.

Se recebeu riqueza, recebeu tudo. De que forma?

No momento que o homem os vê como presentes celestiais, e que lhe foram dados para engrandecer a Torá neste mundo.

Em contrapartida, a riqueza e a coragem humanas, por si só, de nada valem... Se o homem considera que estes presentes não vêm diretamente do Santíssimo, bendito seja, esta pessoa os perderá.

Nossos Sábios ensinaram: dois homens sábios vieram ao mundo:

um judeu e outro adorador de constelações e astros – Achitófel veio de Israel e Bilam dos povos do mundo, e ambos pereceram.

Dois homens fortes vieram ao mundo, um no povo de Israel e outro nas nações do mundo;

Sansão em Israel e Golias nas nações, e ambos pereceram.

Dois homens ricos vieram ao mundo, um no povo de Israel e outro nas nações do mundo;

Côrach em Israel e Haman nas nações do mundo, e ambos pereceram.

E por que pereceram?

Porque não se conscientizaram que aquilo que possuíam lhes havia sido dado pelo Todo-Poderoso.

E por este motivo lhes foi tomado o que tinham".

Por isso, não se pode viver no meio termo – ou temos estas bênçãos ou não as temos. Se ganharmos estes presentes da maneira que nossos Sábios nos ensinam, então teremos tudo; viveremos num mundo de constante regozijo. Caso contrário, perdemos tudo.

É óbvio que o conhecimento, a força e a riqueza não concedem ao homem todos os recursos do mundo. Estes caminhos causam somente decepções. O conhecimento, a força e a riqueza satisfazem o homem apenas temporariamente. Os anos passam rapidamente e nada resta. Lhe resta dos frutos de seu trabalho. A própria busca dos prazeres materiais suga dele as forças necessárias para usufruir dos frutos de seu trabalho, encurta sua vida e o faz perder este mundo, onde tanto se empenhou. Não obstante, há um certo mérito nos sucessos de curto prazo, pois não podemos desprezar a atuação das forças do mal sobre o indivíduo. Mas, a longo prazo, é possível antever os resultados do conhecimento, da força e da riqueza quando eles provêm das forças negativas do universo.

Objetivos espirituais

Por isso não devemos nos surpreender quando nos damos conta que o desenvolvimento sem precedentes da ciência, da riqueza e da força em nossos dias não fizeram do mundo um lugar feliz. As intempéries se multiplicam, as guerras aumentam, a desolação ameaça o

gênero humano, e tudo isso porque o homem decidiu usar o bem que recebeu para objetivos egoístas e para satisfazer suas paixões materiais ao invés de enxergar o objetivo para o qual foram criados – como meios de realização dos grandes objetivos espirituais que o Soberano dos Mundos colocou à sua frente.

Este processo pode se prolongar por muito tempo, como está escrito: "Como a sentença sobre os feitos malévolos não se cumpre com presteza...".¹⁰¹ Mas o que são algumas centenas de anos no Calendário Divino? Cedo ou tarde se cumprirão as profecias de Israel e o mundo todo verá que os presentes Divinos utilizados para afastar o homem de Deus "de nada valem". Este processo vem se desenrolando a cada dia sob nossos olhos.

Parece existir uma lei da qual jamais podemos nos livrar. Esta lei impede a humanidade de alcançar os objetivos com os quais se comprometeu, como o aumento da qualidade de vida, ao mesmo tempo em que se recusa a reconhecer quem "Disse e criou o mundo", um mundo que contém tantos e tão preciosos tesouros. A humanidade continua a seguir seu próprio caminho e evita tomar conhecimento desta lei; continua a alimentar a esperança de que um dia, em algum lugar, irromperá um grande momento para todos – do modo como ela, a humanidade, o imagina. Mas nós podemos prever com precisão e segurança que isto jamais acontecerá, o que é obvio, porque o mundo não foi criado como um objetivo em si, mas como um meio para alcançar um propósito mais elevado: o completo desenvolvimento do potencial espiritual do homem.

Todos devemos nos empenhar em busca deste objetivo comum até alcançarmos o propósito final da Criação e dos milhões de criaturas se tornando parte da revelação da Glória Divina. Se a humanidade conseguisse realizar seu sonho de um mundo materialmente rico, destituído de preocupações e de deveres espirituais, estaríamos perdendo a própria razão de ser do mundo. Mas é suficiente olharmos para o culto do "eu" que impera na sociedade moderna para sabermos com toda a certeza que o verdadeiro objetivo da humanidade jamais poderá ser esquecido.

Naquela ocasião em que a humanidade esqueceu-se por completo do seu propósito e encheu a Terra de perversidade, corrupção e violência, a Torá conta que não houve alternativa senão apagar a existência do homem e sua cultura da face do planeta. Foi o

que aconteceu na geração do Dilúvio (*Dor Hamabul*).¹⁰² Uma só família, que cultivou o conhecimento pleno do propósito espiritual da Criação, povoou o mundo novamente. A geração da Torre de Babel (*Dor Hapelagá*)¹⁰³ é mais um exemplo de um mundo unido em torno da corrida atrás de objetivos opostos aos estabelecidos pelo Criador. Nossos Sábios vêem na construção da Torre de Babel uma declaração de guerra contra o objetivo espiritual que Deus projetou para a humanidade;¹⁰⁴ uma tentativa de construir uma civilização auto-suficiente, que dispusesse dos bens criados por Deus do modo que lhe aprouvesse. O objetivo declarado dos homens naquela geração era "faremos para nós fama".¹⁰⁵ Aprendemos com este episódio que qualquer tentativa do gênero estará fadada ao mesmo fracasso, pela própria natureza das coisas. Um controle total e completo do instinto de controvérsia humano só será alcançado no momento em que o homem aspirar o propósito espiritual para o qual foi criado.

O fim de todas as gerações

O Talmud declara que no fim dos dias as nações do mundo tentarão se justificar diante de Deus, dizendo: "Soberano do Universo, erguemos tantas pontes, estabelecemos tantos mercados, fizemos tantas casas de banho e tudo o que fizemos não foi senão para o benefício do povo de Israel, para que pudessem dedicar-se ao estudo da Torá".¹⁰⁶

Não discorreremos aqui sobre o atrevimento das nações em se prostrarem perante o Eterno com uma argumento tão descaradamente falso e, além disso, dito no Mundo da Verdade. Lembremos aqui o aprendizado com as palavras dos nossos Sábios, que o homem chega ao Mundo Vindouro com os mesmos traços de caráter que desenvolveu neste mundo. Se levou uma vida de mentiras, elas o acompanharão até o Mundo Vindouro. O que nos interessa aqui é o Deus lhes responderá: "O que vocês fizeram – o fizeram em proveito próprio; como podem apresentar semelhante argumento? E isto não é senão a própria Torá". A busca dos prazeres na qual se engajaram os povos do mundo durante sua existência na Terra opõe-se de modo substancial ao nosso propósito de apego à Torá. Nossa entrega e sacrifício pessoal em prol da Torá consiste em tentar dominar a nossa natureza material e elevar-nos a níveis cada vez mais altos de santidade e de amor. O argumento das nações é injurioso e isto, qualquer um pode ver.

Não pode haver paz no mundo enquanto o homem continuar a vender sua primogenitura por um cozido de lentilhas; enquanto trocar valores eternos por valores materiais — até a vinda do Messias. O profeta Isaías disse: "Por amor de Tsión não me calarei, e por amor de Jerusalém não descansarei".¹⁰⁷ Ionatán ben Uziel interpreta esta passagem do seguinte modo: Até que Tsión seja redimida, não deixarei as nações do mundo em paz e até que Eu traga consolo a Jerusalém os governos do mundo não descansarão.

Enquanto os três presentes Divinos estiverem sendo usados para propósitos sórdidos, não há como evitar a guerra e a revolução, as desgraças e a intranquilidade em dimensões mundiais. "Não há paz para os pecadores, diz o meu Deus".¹⁰⁸ A paz virá para este mundo conturbado somente quando a redenção chegar a Tsión, quando o povo de Israel, o povo da Torá e, por seu intermédio, toda a humanidade, retornar à Torá e finalmente completarem o plano que Deus lhes reservou no ato da Criação.

O Serviço Divino

União e Diversidade

ou: As Bandeiras no Deserto

Este artigo lida com o aspecto único de cada um dos partidos que representam o judaísmo da Torá e foi escrito em 5706, no final de 1945. Seu foco principal – "União e Diversidade" – deixou uma forte impressão nos jovens de sua geração, que buscavam cada qual um caminho pessoal na Torá, e à Torá e sua importância não é menor em nossos dias.

A ordem é uma meta desejável em si. Mas como são muitos os seus propósitos, apontamos aqui três tipos de ordem:

1. A "ordem em nome da ordem". As pessoas em geral gostam de viver num ambiente organizado. No plano emocional, isto pode refletir um desejo de organizar o próprio espírito.
2. Existe uma ordem cuja finalidade é nos beneficiar. É o tipo de ordem que, por exemplo, nos permite encontrar de imediato um objeto que precisamos quando precisamos dele.
3. Um terceiro tipo de ordem é a que vemos numa máquina ou num mecanismo, cujas peças estão ordenadas de tal forma que o conjunto funcionará somente se cada uma delas ocupar o seu lugar.

No plano espiritual é o terceiro tipo de ordem que predomina. Quando os indivíduos atuam de maneira diversa, ou quando grupos diversos agem cada um a seu modo, o objetivo não se cumpre. Por outro lado, não desejamos a uniformidade das massas. Cada indivíduo deve desenvolver-se de acordo com sua natureza, auxiliado pelos recursos ambientais que mais se ajustem e ele, fazendo parte do grupo com o qual sente afinidade. Cada homem e cada grupo tem seu próprio caminho, mas o objetivo geral deve ser único – aperfeiçoar nosso caráter. Determinado grupo decidiu iniciar seu serviço Divino de certa maneira, enquanto outro grupo envereda por outra, como se vê nas correntes do *Mussár* e do Chassidismo.¹⁰⁹ O aperfeiçoamento geral só será conseguido quando houver benefício

geral. Não devemos rejeitar um modo diferente de servir a Deus; a ascensão se dá por diferentes caminhos e cada um de nós eleva-se galgando os degraus de sua própria escada.

De modo semelhante, a meta coletiva da humanidade só será alcançada com a união do serviço Divino praticado por cada um de nós, com a somatória da dedicação espiritual de cada um ao longo das gerações e com a união de todas as nossas experiências pessoais. Cada indivíduo tem suas particularidades; cada geração tem suas características. "Houve gerações como a do rei Ezequias... como a de Rabi Shimon bar Iochái".¹¹⁰ Vemos, portanto, que todos os fatores e eventos que se tornaram parte de uma geração foram se somando de modo meticulosamente ordenado até se adequarem com perfeição ao propósito estabelecido no plano da Criação; círculos concêntricos, diferentes uns dos outros — mas fazendo parte de um mesmo todo.

Podemos aprender mais sobre este fenômeno observando como as tribos da nação de Israel faziam suas paradas durante a travessia do deserto do Sinai.¹¹¹ Cada tribo ficava sob sua própria bandeira, como está escrito no *lalcút Shimoni*: "Para que sejam notadas: os filhos de Reuben como tais e os filhos de Shimon como tais".¹¹² Mas, mesmo assim estavam reunidos, formando um só corpo em torno do Tabernáculo (*Mishcán*). Estavam ligados uns aos outros, cada um com sua natureza única e de acordo ao ambiente que seria seu futuro quinhão em Israel. Tudo isto com exímia precisão. A ordem segundo a qual se fixavam obedecia certos critérios. O Ramban (Nachmânides)¹¹³ identifica nas tribos de Israel alguns elementos específicos, de acordo com a interpretação do *Midrash*: Judá, Issachar e Zebulun formavam um grupo que representava respectivamente a realeza, o estudo da Torá e a riqueza. Outro grupo era formado por Reuben, que representava a *Teshuvá*; Gad, que representava a força e, entre eles, ficava a tribo de Shimon, considerada uma tribo fraca, de modo que pudessem ser ajudados a se redimir. Este grupo era o segundo na ordem em que marchavam, para nos mostrar que a *Teshuvá* sucede o estudo da Torá em importância. De modo geral, podemos ver que a disposição das tribos tinha como finalidade fazer com que as mais fortes ou ágeis amparassem as mais fracas, realizando um serviço Divino perfeito, que possibilitasse a todo o povo atingir o objetivo comum.

lalcút Shimoni (ibid. 687) finaliza seu comentário com extremo assombro frente a tão perfeito e minucioso plano Divino, cujo objetivo era cuidar e proteger o povo de Israel:

"Sobre o que diz a Torá: 'Proporcionou-lhe as necessidades, na terra do deserto e no ermo solitário cheio de uivos, cercou-o e instruiu-o, guardou-o como a pupila dos Seus olhos'.⁶ Felizes os ouvidos que ouvem estas palavras! Até onde guardou-o? Até onde cercou-o? Aparentemente – como a pupila dos Seus olhos! Vejam só: até onde os cercou e guardou? "Disse o Santíssimo, bendito seja, a Moisés: ordene-os que construam para Mim um Santuário e habitarei entre eles – e não só isso –, como lhes farei bandeiras para guardá-los...."

A ordem, a união e a diversidade constituem a principal fonte de defesa da vida espiritual para a qual foram criados.

Verdade *versus* Mentira

O que é uma verdade e o que é uma mentira? Na infância, aprendemos que falar a verdade é contar os fatos do exato modo que ocorrem, enquanto dizer uma mentira é modificar os fatos.

Isto é certo em circunstâncias normais, mas existem situações em nossas vidas onde não podemos aplicar esta definição. Às vezes, não podemos "dizer a verdade" sobre nossos vizinhos, se isto vier a prejudicá-los. Outras vezes, temos que modificar um pouco os fatos, porque contá-los exatamente como se passaram fará mais mal que bem. Veja no Talmud o que está escrito sobre: "A paz é tão grande que até mesmo o Eterno modificou..." ¹¹⁴ e Rashi, no comentário em Gênesis 18:13. ¹¹⁵

Em casos como estes, o que parece verdade é uma mentira, porque causaria danos se contada. E o que nos parece uma mentira é um meio para chegarmos à verdade.

É preferível definirmos a verdade como um elemento que beneficia as pessoas e como uma identificação com a vontade do Criador, ao passo que a mentira deve ser vista como um elemento que fortalece a força do mal no mundo.

Portanto, enquanto sentimentos negativos e egoístas dominarem o pensamento do homem, ele não poderá agir de acordo com padrões verdadeiros. Suas paixões nublarão sua visão e distorcerão seu julgamento (veja o artigo "A raiz da moral).

"Os remanescentes de Israel não cometerão injustiças e não dirão calúnias". ¹¹⁶ De quem estão falando? Daqueles sobre quem disseram: "...e passas sobre a transgressão dos que restam de Tua herança!" ¹¹⁷ e sobre quem afirmaram nossos Sábios: "O remanescente de Teu povo – não toda o Teu povo; mas os que fazem de si mesmos gente decente". ¹¹⁸ Em outras palavras, daqueles para quem os interesses egoístas e paixões mundanas são reminiscência, que empurram esses vícios para o sopé de sua escala de prioridades e cuja única motivação é elevar-se espiritualmente. Isto é o que assegura a autenticidade, integridade e sinceridade de seu comportamento. O homem cuja única regra de vida é a ambição, jamais poderá ser totalmente íntegro e não merece confiança irrestrita. Sua

atração por prazeres físicos será sempre mais forte que sua busca da verdade. Ainda que ocasionalmente diga a verdade, ou comporte-se adequadamente, suas palavras serão sempre tomadas por mentiras. Na vida, tudo está submetido ao objetivo inicial. Se o objetivo é falso, todo o resto é falso.

Jacob havia tomado do pai as bênçãos destinadas ao irmão Esaú, como está escrito: "E foi assim que saiu Jacob diante de Isaac, seu pai, e Esaú, seu irmão, veio de sua caça... e estremeceu Isaac, um estremecimento muito grande, e disse: Quem é e onde está, aquele que caçou uma caça...".¹¹⁹

Nossos Sábios dizem:¹²⁰

No momento que Essav entrou na tenda do pai, o inferno entrou junto. As paredes da casa começaram a ferver e Isaac disse: "Quem é e onde está? Quem estará sendo assado aqui neste inferno? Eu ou meu filho Jacob? Disse-lhe o Santíssimo, bendito seja: Nem você e nem Jacob, teu filho, mas "aquele que caçou a caça".

Isaac sentiu a mentira no ar; mas pensou: Quem seria o culpado? Seu filho Jacob, que portou-se – aparentemente – como um mentiroso? Ou seria ele ? As bênçãos lhe foram tomadas de maneira enganosa, ainda que algo parecia não estar correndo bem ('A voz é a voz de Jacob...'), mas Isaac preferiu omitir-se. Contudo, Deus garantiu-lhe que esta ação enganosa não fora tramada por ele ou por Jacob. A mentira veio de Esaú, que fingiu ser bom todo o tempo, levando o pai a crer que era um *Tsadic*; tudo o que Isaac e Jacob fizeram foi remediar a situação, para que seguisse seu verdadeiro curso. Fora Esaú, "porque havia caça em sua boca";¹²¹ fora ele o causador desta situação mentirosa, que acabou sendo corrigida com a atitude do irmão. Será pois Esaú que pagará pelo mal cometido.

O homem que se deixa levar pela mentira deve saber que todos os seus atos compactuam com esta mentira – mesmo os que lhe parecem *Mitsvót*. O *Midrash* ¹²² conta que os maus costumam cumprir as *Mitsvót* para fortalecer sua capacidade de fazer mal:

"Em que se parecia o malvado Esaú com seus filhos Elifaz e Amalec? Quando encontravam uma veste perdida no caminho, a recolham, levavam-na para a cidade e

perguntavam, 'De quem é este objeto perdido?' As pessoas então os rodeavam dizendo umas às outras, 'Vejam como este homem é íntegro, como é bondoso'. De imediato o faziam mantenedor da ordem na cidade por um ano, dois anos, três anos, quatro, cinco, até que a levava à ruína."

É esta a face dos malvados. Não foi pelas três lágrimas que Esaú derramou à frente do pai que lhe deram o Monte Seir?¹²³ Não foi Jeroboão quem, após convencer o Rei Salomão, herdou as dez tribos do norte?¹²⁴ Não foi pelo modo que Merudach enalteceu o Altíssimo que lhe valeu ter a Nabucodonozor como descendente?¹²⁵ E não foram as lágrimas de consternação vertidas por Agag em cativeiro que lhe deram Haman como descendente?¹²⁶

Concluimos então, que as "boas ações" dos malvados se originam de sua hipocrisia e atitudes enganosas – uma armadilha para quem as observa com superficialidade. O sucesso que essas pessoas colhem neste mundo como recompensa por suas boas ações transforma-se em suas próprias mãos numa arma mortífera. A verdade é que era esta a sua verdadeira intenção, consciente ou não, desde o princípio das coisas. (É óbvio que *Mitsvót* deste tipo não conferem recompensa alguma para quem as pratica, mas não há *Mitsvá*, ainda que praticada pelo mais vil dos motivos, que não receba sua recompensa neste mundo, o mundo das formas exteriores. Esta situação destina-se a não fazer do cumprimento das *Mitsvót* uma oportunidade para profanar o Nome de Deus. Assim ninguém poderá dizer que Deus cerceia a recompensa de que cumpre Suas *Mitsvót*. Mas como esta recompensa permite à pessoa movida por motivos negativos seguir atuando da mesma maneira, ela é na verdade um castigo.)

O *Midrash* resume o trecho supracitado:"

No momento que Esaú entrou...", com as seguintes palavras: "Caçador! Como te caçaram! Rompe portas! São as tuas portas que foram rotas e destruídas! Isto é o que significa o dito: "O preguiçoso não assa sua caça, mas o homem laborioso colhe seus frutos".¹²⁷ O Todo-Poderoso não demora e não tarda a pagar ao caçador e à sua caça. Disse Rabi lehoshua ben Levi: "Naquele mesmo dia (que Esaú pôs-se a preparar um cozido para seu pai, para ganhar suas bênçãos), caçava veados e os atava; vinha um

anjo e os desatava, caçava aves e as atava; vinha um anjo e as soltava. E isso por quê? Porque "o homem laborioso colhe os frutos". Para que Jacob pudesse receber suas bênçãos, das quais necessitava para cumprir sua missão neste mundo (e que lhes tinham sido destinadas desde o início).

Em outras palavras, não basta os enganadores serem separados dos "remanescentes" e perderem seu quinhão no Mundo Vindouro: seu rumo neste mundo também não conseguem alcançar. A recompensa que recebem pelas "*Mitsvót*" que cumprem neste mundo é insustentável. Toda a sua astúcia de nada lhes vale; as edificações que erguem usando todos os meios que têm entram em colapso; eles não comem, nem usufruem do que caçam. Deus não relega a sentença dos ludibriosos. Parecem estar bem perto de alcançarem seus alvos; mas um empecilho de último momento arruina-lhes os planos.

A Torá ensina esta lição precisamente no episódio de Esaú. Este parece ser inocente, agindo por obediência aos pedidos do pai; supostamente, fora Jacob que se comportara enganosamente; porque então foi enviado um anjo para atrasar Esaú, impedindo-o de cumprir sua *Mitsvá*?

A Torá quer nos ensinar com isto como funciona o julgamento Divino em relação à verdade e à mentira. Jacob comete um ato que aparenta ser um engodo, embora o faça 'relutantemente, coagido (por forças superiores a ele) e aos prantos (ibid. 115). Em momento algum Jacob pensa em benefício próprio; sua única meta é causar o resultado desejado, de acordo com a vontade de Deus. Uma "mentira em prol da verdade" – num caso como este – é, na realidade, uma verdade.

Isto não significa que "os fins justificam os meios" em qualquer situação. Este é um caminho muito perigoso, do qual podem resultar consequências extremamente negativas, seja internamente, afetando o caráter humano, seja externamente. Nossos Sábios lembram o fato de Jacob ter sofrido profundamente com sua atitude, pois ela acarretou exílio e ele acabou sendo ludibriado por Labão, medida por medida.

Esaú foi o precursor da sociedade hipócrita, que sobreviveu até hoje. Quis descontar o dízimo da palha e do sal ao mesmo tempo em que cometia incontáveis faltas (veja comentário de Rashi sobre Gênesis 25:29). Faz saber sua lealdade aos "princípios da

família" desposando uma mulher aos quarenta anos de idade, enquanto guarda silêncio sobre seus antigos pecados com mulheres casadas (Rashi, ibid. 26:34). É o mesmo Esaú que nos mostra como é possível cometer todos os crimes existentes sobre a face da Terra mantendo uma postura respeitável e civilizada. Este "cavalheiro" é toda mentira; todas as suas ações são hipocrisias, resultados de uma vida enganosa. É preciso arruinar seus planos enquanto é tempo e garantir que não receberá as bênçãos eternas. É preciso revelar sua verdadeira personalidade a seu pai – a principal vítima de seus ardis – provando-lhe que era um mentiroso. Era preciso que Esaú ouvisse a sentença final e ponderada de seu pai: "Também bendito será [Jacob](#)",¹²⁸ pois as bênçãos a Jacob pertenciam por direito, e não a Esaú.

Comentário do Rabino Aryeh Carmell:

"O selo do Santíssimo, bendito seja, é a verdade".¹²⁹ Se nos fosse imposta a tarefa de apontar a mensagem do Rabino Dessler em nossa geração, poderíamos afirmar que a espinha dorsal de seu pensamento e de suas prédicas resume-se na exigência de um compromisso total para com a verdade, da moralidade constante em nossas vidas. A Torá Divina é colocada acima de tudo o mais e o seu selo é a verdade – verdade e integridade no trato com o próximo, retidão e sinceridade no mais íntimo de nossas vidas particulares. Enganar a si mesmo é o oposto de uma vida de elevação espiritual.

As ações Refinam Umas as Outras

Quando um homem se vê molestado pelo *létser Hará*, nossos Sábios recomendam as seguintes medidas:

- 1) Jogar seu *létser Hatóv* (vontade de fazer o bem) contra o *létser Hará*. Se obtiver sucesso com essa medida, tanto melhor.
- 2) Caso a primeira instância falhe, este homem deve recitar o *Shemá Israel*. Se obtiver sucesso, tanto melhor.
- 3) No caso desta segunda instância falhar, deve lembrar-se do dia de sua morte.¹³⁰

Meu pai ז"ל me disse que lembrar o dia da morte é o método mais eficaz para se combater as tramas do *létser Hará*. A Torá relata o comportamento de Esau no dia da morte de seu avô Abraão,¹³¹ momento em que não demonstrou temor frente à morte do avô e nem à sua própria morte. "Eis que caminho para a morte".¹³² Tudo o que conseguiu dizer foi, "Enche minha boca, rogo-te, desta lentilha vermelha."¹³³ O verbo usado nesta frase é o mesmo usado quando se alimenta camelos.¹³⁴ Por que a experiência da morte do avô não fez Esaú refletir sobre a própria morte? A resposta: Porque Esaú não fez do episódio uma forma de educar-se frente à sua fatídica sorte, mas uma mera desculpa para desprezar sua progenitura e preferir, em seu lugar, tomar um caldo de lentilhas.

Um tapa-olhos

Este é o método do *létser Hará*; seduz o homem a praticar atos superficialmente atraentes para encobrir o teor maligno em sua vida. Por exemplo, o *létser Hará* encobre a falha humana no âmbito das relações entre o homem e Deus, "iludindo-o" com atos de caridade e benevolência, ao mesmo tempo que encobre seus defeitos no plano das relações com seu semelhante e nas práticas religiosas exageradas e enganadoras.

A "inveja" de Raquel

Meu mestre e Rabino Simcha Zissel ^{Z"l} escreve em seu livro "Sabedoria e Moral" (Tomo 1, pág. 30), que as ações humanas "refinam umas as outras". Aprendemos por exemplo, que no episódio relatado no Gênesis (30:1), Raquel "invejou a sua irmã". Teria sido esta uma inveja do tipo negativo, pelo fato de Raquel não suportar a melhor sorte da irmã? Ou teria sido uma inveja do tipo construtivo, no sentido de "Invejar os Sábios aumenta nosso saber", ¹³⁵ ou seja, uma inveja positiva, fundada em algo bom que havia observado na irmã, pensando consigo mesma "Por que eu não poderia fazer o mesmo?"

É óbvio, disse o Rabino Simcha Zissel, que temos de aceitar a segunda hipótese. Quando Labão enganou a Jacob, conduzindo Lea (com o rosto coberto) ao altar, no lugar de Raquel, sua amada, nossos Sábios indagam: "Onde estava Raquel? Por que não gritou? Por que não protestou? E eles respondem: Raquel abriu mão [de seu casamento com Jacob](#) espontaneamente, para não envergonhar a irmã. E ainda revelou à irmã uma senha secreta que havia combinado com Jacob, para o caso deste inconveniente vir a ocorrer. E por que o fez? "Para que sua irmã não se envergonhe". ¹³⁶ Raquel foi capaz do mais elevado e de um sacrifício pessoal majestoso: abrir mão de seu casamento em benefício da irmã, deixando para trás a oportunidade de dar a luz às tribos de Israel que darão origem ao Mashiach, objetivo da Criação! Raquel fez de tudo para manter incólume a honra da irmã. Alguém capaz de tamanha entrega não pode sentir uma inveja do tipo mesquinho.

Moisés protesta

Encontramos fatos semelhantes na vida de nosso mestre Moisés. Após ter supostamente falhado em sua missão, quando, em vez de libertar o povo de Israel, o Faraó colocou-lhes um peso ainda maior à escravidão, fazendo-os fabricar os tijolos sem suprir a palha, ¹³⁷ Moisés foi a Deus com algo semelhante a um forte protesto: "Por que fizeste mal a este povo? Para que me enviaste?" ¹³⁸

Se não estivéssemos falando de Moises, diríamos que este homem teve um acesso de desconfiança na bondade Divina. Mas se olharmos bem para suas qualidades – sua humildade, ¹³⁹ o amor por seu povo, a semelhança com seu Senhor e total dedicação a seu Criador – chegaremos à conclusão que o acesso não foi mais que uma expressão de

profunda dor e preocupação com a perda da dignidade de Israel, que seria ao mesmo tempo a profanação da Glória Divina no mundo: "Por que fizeste mal a este povo?" Com esta pergunta, Moisés pede a Deus que arremede uma situação onde Deus **parece** estar fazendo mal a Seu povo. Com a pergunta "Para que me enviaste?", declara sentir-se inadequado para a missão e diz que está aflito por não poder melhorar a situação. Sua modéstia não lhe permite sentir a santificação do Nome Divino que virá por seu intermédio. Nossos Sábios comentam estes pensamentos no *Midrash Rabá* (sobre Êxodo 6:12): "Quando Moisés disse 'Por que fizeste mal', o atributo da Justiça tentou feri-lo. Mas Deus interveio: "Deixai-o, pois foi em prol de Israel que ele disse o que disse."

José e seus irmãos

A história de José nos traz outro exemplo: superficialmente, o modo como tratou os irmãos parece tipicamente vingativo. Mas quando lemos no texto: "E não pôde José conter-se"¹⁴⁰ e repetidas vezes: "E chorou José" frente ao sofrimento dos irmãos, "E virou-se e chorou",¹⁴¹ "E foi ao quarto e chorou ali",¹⁴² reconhecemos que o modo com que José tratava os irmãos não refletia sentimentos de mágoa em seu coração; pelo contrário, o momento exigia que ele controlasse por completo suas reações, fazendo de seu coração um rochedo, anulando-se por completo, até que o episódio tivesse o desfecho desejado.¹⁴³ Os verdadeiros motivos de José não nos foram revelados, mas há os que dizem que ele desejava a expiação completa dos pecados cometidos pelos irmãos quando de sua venda.

As derradeiras palavras do rei David

As instruções dadas pelo rei David em seu leito de morte ao filho Salomão ¹⁴⁴ são mais um exemplo. Estas instruções foram divididas em duas partes. Na primeira,¹⁴⁵ David admoesta o filho e o compromete com o caminho da Torá de Moisés, lembrando-o da promessa Divina de aumentar seu reino, se O servir "com todo o seu coração e com toda a sua alma". Na segunda parte,¹⁴⁶ David pede que traga Joab e Shemai com sangue ao túmulo, aparentemente, um bizarro desejo de vingança. Contudo, nos é difícil apontar este

traço num homem justo como David, sobre quem foi dito "o ungido do Deus de Jacob e doce cantor de Israel."¹⁴⁷ É difícil acreditar que ele teve este pensamento momentos antes de falecer.

Sabemos algo sobre a personalidade de David pelo livro de Salmos, onde lemos, por exemplo: "Como se fora morto está meu coração em meu peito",¹⁴⁸ ou seja, ele já não possui inclinação alguma ao pecado. Podemos então concluir que o pedido feito ao novo rei não tinha intenção alguma que não fosse honrar a Deus. David confrontou-se com uma inclinação interna a perdoá-los, mas suas obrigações reais o fizeram entender que não poderia deixar que continuassem a desprezar o reinado impunemente. Nossos Sábios dizem: "Mesmo se um rei declina de sua honra, devemos trata-lo com realeza",¹⁴⁹ ou seja, um rei não pode deixar que seus súditos o tratem com descaso. Isto se deve ao fato do reinado de Israel precisar preservar sua majestade. Esta concepção pode ser comprovada pelo fato da segunda parte das instruções do rei David começaram com o conectivo **e (também)**,¹⁵⁰ o que mostra que o rei David não via contradição alguma em suas instruções; pelo contrário, elas eram condizentes ao cumprimento correto da Torá Divina. (Veja comentário do *Radac* – Rabino David Kimchi, *ibid.*).

Reconhecendo defeitos

O patriarca Jacob disse ao filho Judá: "Judá, a ti te louvarão teus irmãos".¹⁵¹ Nossos Sábios interpretam: "Quem domina seu *létser Hará* e reconhece seus pecados merece o Mundo Vindouro".¹⁵² Aprendemos aqui que o homem não reconhecerá seus erros a menos que tenha antes dominado seu *létser Hará*. A maior virtude de Judá era sua capacidade de não ludibriar a si mesmo, encobrendo o mal que existia dentro de si com atitudes que criavam a falsa ilusão de que tudo estava bem. Ele admitiu publicamente o pecado cometido com a nora, para assim salvar sua vida.¹⁵³ Ao agir deste modo, demonstrou a grandeza de sua alma.

Autoconhecimento

O Rabino Simcha Zissel escreve ¹⁵⁴ em nome de Ibn Ezra: ¹⁵⁵ "assim como um homem conhece seus impulsos (*Itsró*), ele conhece seu Criador (*lotsró*). Em outras palavras, o homem consegue discernir entre a luz e a escuridão, entre a verdade e a mentira, somente enquanto consegue escapar de seu *létser Hará* e assim, conhecer seu Deus.

Como as ações distinguem umas às outras

Eis uma regra estabelecida por nossos Sábios ¹⁵⁶ para quando encontrarmos no *Tanach* um episódio sobre um de seus personagens e o acontecimento for dúbio e puder ser interpretado para o bem ou para o mal. Se tratar-se de um homem ou uma mulher conhecidos como pessoas justas, você deve entender suas atitudes como sendo positivas, mas se eles forem sabidamente pessoas más, que aparentemente agiram bem, deve perceber suas ações como más. Esta regra causa espanto: Por que haveríamos de favorecer um homem em detrimento a outro? Mas não se trata de linguagem obscura, como podemos ver. Todas as **outras** ações das pessoas justas unem-se para nos provar a verdadeira face da atitude presente, ao passo que todas as **outras** ações dos ímpios unem-se para nos dizer que **aquela** atitude não é diferente. "As ações distinguem umas às outras". É assim que figura na *Halachá*: ¹⁵⁷ Quem é reconhecidamente um *Tsadik* deve ser julgado favoravelmente, ainda que o vejamos fazer algo que nos pareça errôneo. Em contrapartida, se alguém for reconhecidamente um malvado, deverá ser julgado desfavoravelmente, mesmo se o virmos praticar uma atitude aparentemente boa.

O poder do ambiente

Muita gente pensa que o ambiente tem o poder de influenciar somente crianças ou adultos de personalidade fraca. É um erro pensar desta maneira. Gente grande e importante também foi influenciada pelo ambiente em que viveu.

Moisés, que refugiou-se do "moinho de justiça" egípcio, chegou a Midian e encontrou abrigo na casa de Yitró (Jetró), sacerdote daquele povo. "E consentiu Moisés em morar com o homem e ele deu Tsipora, sua filha, para Moisés".¹⁵⁸ Nossos Sábios dizem algo espantoso sobre este versículo:¹⁵⁹

"E consentiu Moisés em morar com o homem". No momento em que Moisés pediu a Yitró que lhe desse a filha Tsipóra para esposa, este lhe disse: 'Aceita algo que lhe pedirei e lha darei a ti. Teu primeiro filho será um idólatra. Do segundo em diante, servirão teu Deus.' Moisés aceitou. Yitró exigiu sua jura. Ele jurou. 'E consentiu Moisés' não é senão uma forma de juramento."

É difícil compreender este comentário de nossos Sábios. Como devemos entender o consentimento de Moisés em dar seu primogênito para servir ídolos e ainda jurar por isto? De que modo nossos Sábios tiraram sua conclusão a partir das palavras "e consentiu"? E como podemos entender que isto inclui um juramento?

A linguagem dos contos de nossos Sábios

O Maharal de Praga¹⁶⁰ explica, que quando nossos Sábios ensejam um diálogo numa *Agadá* (conto), nem sempre estão falando de algo que realmente existiu. Fatos falam por si, mas as ideias, por sua vez, servem para exemplificar uma situação ou, então, a situação em questão tem por finalidade despertar este ou aquele pensamento no homem. É típico da *Agadá* contar uma estória contendo "Tal pessoa disse isso e aquilo".

Nas palavras de nossos Sábios mencionadas acima, podemos entender a intenção de Moisés, quando disse que "juraria" tomar determinada atitude pelas palavras "e consentiu", cuja intenção era finalizar algo inevitável dentro daquele contexto. Por meio de seu

consentimento em viver com um homem que não havia concluído por completo seu processo de aceitação do serviço Divino, Moisés **comprometeu-se** com todas as implicações do passo que havia dado (juramento é um sinônimo de comprometimento).

Aqui vemos a influência gritante do ambiente até mesmo sobre uma personalidade eminente como Moisés.

O caminho da verdade em *Yitró*

Quando Moisés chegou à sua casa, Yitró havia deixado o culto pagão e por isso sofria com o afastamento das pessoas de seu povo.¹⁶¹ Yitró adorara todos os deuses no mundo, e abandonou todos os tipos de culto que havia experimentado.¹⁶² Sua disposição a este caminho repleto de aflições é uma mostra da paixão pela busca da verdade que ardia dentro de si. Agora, sob influência de Moisés, abria-se para Yitró o caminho que o levaria a aproximar-se do Deus verdadeiro e de Seu serviço.

O sentido do compromisso

Contudo, quando Moisés havia escapado do Egito, Yitró ainda não estava neste estágio, e por isso prendeu seu importante hóspede numa caverna, por medo da possível reação de seus pares, deixando-o aos cuidados de sua filha Tsipora por um período de sete anos.¹⁶³ Mesmo assim, nossos Sábios ז"ל criticam Moisés por ter consentido viver junto a um homem que ainda não servia a Deus com plena fé. De acordo com suas palavras, todo homem – grande quanto seja – que concorda espontaneamente em viver num ambiente de caráter duvidoso, em seu íntimo está de acordo com todas as implicações que esta decisão impõe e isto inclui a influência que este ambiente terá sobre seus filhos. Uma decisão como estas equivale a uma jura. O homem termina sendo obrigado a trilhar o caminho que jurou seguir, até o fim.

O neto de Moisés

Obviamente num homem como Moisés, este tipo de influência apenas arranha as paredes de seu coração. E isto, num grau quase imperceptível. Segundo a linguagem de nossos Sábios, não houve pecado aqui, mas uma "sombra" de pecado. Mesmo assim, os resultados foram medonhos. O filho de Guershom, primogênito de Moisés, tornou-se sacerdote de uma divindade pagã: "Eis que ergueram os filhos de Dan aquela estátua e Jonatan, filho de Guershom, filho de Me(na)she, ele e seus filhos, foram-lhe sacerdotes".¹⁶⁴ Era pois filho de Moisés, mas o profeta escreveu seu nome com uma letra *Nun* (n) hebraica adicional, que lhe confere a pronúncia "Menashe", para resguardar a honra de Moisés. Menashe, rei de Judá, era um idólatra que viveu por volta do final do período do Primeiro Templo.¹⁶⁵ Para enfatizar esta conexão, as mesmas palavras – "e consentiu morar com o homem" – foram ditas mais tarde em relação ao neto, no Livro dos Juízes, do mesmo modo que foram empregadas para seu avô, no Livro do Êxodo.¹⁶⁶

De acordo com a tradução de Rabi Ionatán ben Uziel,¹⁶⁷ o filho não circuncidado de Moisés era exatamente Guershom, seu primogênito. "Yitró não permitiu sua circuncisão... devido ao compromisso que estabeleceram". Ou seja, o pacto que mencionamos acima foi realmente levado a cabo. O *Baal Haturim*¹⁶⁸ explica que Moisés concordou com esta condição pois estava certo de poder, mais tarde, convencer o sogro do caminho da verdade e, realmente, mais tarde Yitró acabou por abraçar a plena fé.¹⁶⁹ Mas apesar de suas boas intenções, Moisés foi punido e seu neto tornou-se sacerdote de um culto pagão, como mencionamos.

Os comentaristas da Torá apontam uma questão:¹⁷⁰ se Yitró havia abandonado a idolatria, como pôde impor o compromisso a Moisés? Uma das respostas menciona o fato de Yitró ter chegado à fé pelo caminho "difícil", usando do método de tentativa e erro (Yitró havia servido a todos os deuses do mundo até chegar à verdadeira fé – veja Rashi em seu comentário sobre Êxodo 18:11) e queria que seu neto enveredasse pelo mesmo caminho. De acordo com esta interpretação, o verdadeiro significado da condição imposta a Moisés não era "teu primogênito será um idólatra", mas "teu primogênito será idólatra e depois servirá a Deus".

A escolha do ambiente

O ambiente em que o homem vive e se desenvolve é de extrema importância. Se uma pessoa concorda em viver num ambiente de baixo nível espiritual, ainda que seus motivos sejam os melhores possíveis, é bem provável que tenha em seu coração uma disposição para descer ao nível do ambiente que o rodeia. Aos olhos de Deus esta pessoa já está de acordo com todas as implicações de sua escolha, incluindo a influência que este ambiente possa ter sobre seu lar e filhos. No seu íntimo, esta pessoa é consciente das possíveis consequências de sua atitude.

Por outro lado, uma pessoa que decide, por um motivo qualquer, mudar-se para um ambiente forte no cumprimento da Torá e das *Mitsvót*, onde o espírito da Torá se faz constante, elegeu uma vida verdadeira para si mesmo e para os que dele dependem, até a última das gerações. Todos os abençoados resultados deste passo de ouro serão convertidos em méritos. "A medida para o bem é maior que a medida para o castigo".¹⁷¹

Livre-Arbítrio

A Essência da Escolha

O Rabino Dessler frequentemente colocou a questão do livre-arbítrio como tema central de suas prédicas. Seus alunos também lhe pediram para explicar o modo como a Torá vê este complicado assunto. Uma definição precisa do processo de escolha no íntimo do coração humano, a ideia do "ponto de escolha", da escolha relativa de cada um de nós dentro de um nível de conhecimento e valores – ideia gerada pela genialidade do Rabino Dessler – trouxe uma solução adequada para a maior parte dos problemas que envolvem o assunto.

O processo do livre-arbítrio

Imaginemos um homem que fuma tanto que as dores em seu peito não o deixam dormir. A aflição é tanta que ele decide parar de fumar. Não é preciso convencê-lo que o fumo prejudica a saúde, além de ser um hábito reprovável. Ele levanta-se pela manhã, seu vício levanta junto e ele sente um desejo incontrolável de fumar. Inicialmente, este homem consegue controlar este desejo, que aumenta a cada momento. Finalmente, diz a si mesmo: "Fumarei só um cigarro; um cigarro apenas não me fará mal". Pouco tempo depois de ter fumado "apenas um cigarro", ele sente uma nova e irrefreável vontade de fumar. Novamente, diz a si mesmo: "Mais um cigarro não me fará mal". Assim segue o dia, ele fuma a quantidade habitual de cigarros e novamente dorme com dores no peito. E no dia seguinte?

Um fumante sabe muito bem que o primeiro cigarro desperta a reação em cadeia que o faz fumar os cigarros seguintes e mesmo assim deixa-se enganar todos os dias pela mesma tentação.

Quando enganamos a nós mesmos

Se este homem estivesse frente a uma única e clara escolha, fumar e sentir dor ou não fumar e não sentir dor, não haveria dúvida. A vontade de não sentir dor dominaria com facilidade a vontade de fumar. Como pode a vontade de fumar suplantar uma vontade maior que ela? A resposta é simples: Por meio do truque que mencionamos acima.

Façamos então a seguinte pergunta: O que faz com que um homem engane a si mesmo ("só um cigarro não me fará mal"), menosprezando o argumento verdadeiro ("um cigarro traz outro cigarro"), ainda que saiba a verdade? É possível que a vontade de fumar supere a lógica do raciocínio? Como isto pode acontecer se a vontade de fumar é menor do que vontade de não sentir dores? (É óbvio que a vontade de fumar é a mais fraca das duas. Se fosse a razão mais forte – para que enganar-se? O homem poderia fumar quanto quisesse, mesmo consciente das dores que sofreria com o decorrer do tempo).

"Algo mais"

Temos que concluir que há **algo mais** além das duas vontades conflitantes e que é isso que influencia nossa escolha. Este "algo mais" não é outra coisa que não a **própria pessoa**. Somos nós que desviamos nossos pensamentos da decisão correta, apesar da verdade ser clara e definitiva. Somos nós que adotamos os argumentos falsos a fim de encobrir nossa própria verdade. Duas vontades concorrem dentro do homem e é ele quem decide de forma consciente desprezar as demandas e os argumentos verdadeiros de uma delas, adotando os argumentos inverossímeis da outra, ajudado por fracos pretextos.

O que pressiona um homem a agir deste modo? Não são as vontades concorrentes, mas ele próprio, e o faz livremente. O homem pode dizer a si mesmo: "Por que fingir? O fingimento não é real. Se continuar assim causarei fortes dores a mim mesmo à noite". Se raciocinar deste modo, este homem deixará de fumar. Por isto, não pode culpar senão a si mesmo.

A essência da escolha

É bobagem pensar que foi a vontade mais fraca que fez este homem optar por uma mentira, mesmo sabendo perfeitamente que ela não passa de uma mentira. Mas isto não explica porque a vontade mais forte não fez o homem optar pela verdade, mesmo estando consciente dela. A bem da verdade, ele tem força para decidir-se pela verdade, e aí se enfraquece a intensidade de sua fraca vontade e todos seus argumentos ilusórios. Por outro lado, foi capaz de desprezar conscientemente a verdade, afastando a verdadeira vontade de seus pensamentos e colocando em seu lugar uma mentira. A livre escolha ou livre-arbítrio trata exatamente destas duas possibilidades.

A escolha depende unicamente do próprio homem. Não há força externa alguma nos coagindo. A causa mestre é a própria pessoa. Quem experimenta a livre escolha e por mais de uma vez em sua vida consegue superar seu *létser Hará*, sabe com clareza absoluta que abandonou suas ilusões e que optou pela verdade.

A realidade da opção

Quem não travou esta luta, quem nunca tentou derrotar o *létser Hará* e dominar sua própria natureza, jamais entenderá. Qualquer "vontade" sua terá de ser irremediavelmente saciada. Esta pessoa pensa estar sempre à mercê de sua vontade maior. A realidade da escolha se lhe desaparece aos olhos, porque nunca fez uma escolha consciente verdadeira. Por isto, tem a impressão que as forças externas são as que realmente forçam o homem a optar. Aos que negam a existência da livre e soberana escolha do homem, temos de dizer: "Suas opiniões refletem o que está acontecendo no íntimo de seus corações; negam o livre-arbítrio porque jamais escolheram de verdade, vivendo sempre segundo suas inclinações e desejos".

A arte de reconhecer a verdade

Segue que a essência da boa escolha é o reconhecimento da verdade e a essência da má escolha é a aceitação da mentira como sendo a própria verdade. Diz o salmista: "Não haverá deuses estranhos em teu meio".¹⁷² Nossos Sábios comentam: "O que são estes deuses estranhos dentro do homem? É o seu *létser Hará*!"¹⁷³ Também disseram: "Quem escuta seu *létser Hará* é como se estivesse servindo a ídolos".¹⁷⁴ Quem usa de sua livre escolha para negar a verdade que reside em seu coração iguala-se a quem nega a verdade Divina.

O ponto da escolha

Numa era não tão distante da nossa, quando estourava uma guerra entre dois exércitos, as batalhas de davam somente no fronte. As áreas atrás das linhas de tiro ficavam sob o comando do exército invasor e quase não havia risco de uma insurreição. O mesmo se dava na retaguarda do outro exército. Quando um dos exércitos vencia e cercava o exército inimigo, a fronteira avançava e com ela o fronte da guerra — o que na verdade significava que a batalha se travava sempre num lugar determinado, ainda que esta linha pudesse estar localizada em qualquer lugar dentro do território das duas nações em conflito.

O fronte moral

O mesmo se dá com o campo de ação da livre escolha. Todo homem tem o poder de decidir por si próprio – num ponto onde a verdade e a mentira se encontram. Em outras palavras, a escolha se dá num lugar onde a verdade, do modo como o homem a vê, ataca o foco de ilusão que a mentira criou dentro dele. Contudo, a maior parte das atitudes humanas se dá sem qualquer contraste entre a verdade e a mentira. Muitas das atividades do homem acontecem em concomitância com a verdade objetiva, ou a verdade do modo como este homem a vê, porque ele foi educado desta maneira e não se imagina agindo de outra forma. Por isto pode estar agindo de forma equivocada, simplesmente porque não se dá ao trabalho de verificar a confiabilidade dos fatos nos quais se apoia. Quando alguém decide se compra um pedaço de pizza ou um falafel para comer – isto não é uma "escolha". As escolhas, no seu sentido mais literal, se dão somente dentro das questões morais. Ou seja, a maior parte de nossas atitudes não são um reflexo de nossa livre escolha. O homem faz uma escolha moral somente quando consegue identificar em seu interior a linha que separa as forças do bem e as forças do mal.

Judeus praticantes e o livre-arbítrio

Existem judeus praticantes que têm por hábito falar mal de outras pessoas, transgredindo assim a proibição de *Lashón Hará*, desprezando totalmente a gravidade deste pecado. No entanto, estas pessoas nunca sonharão em profanar o *Shabat*, não se deixariam seduzir pela tentação de violar o sábado, nem perderão seu horário de rezas; não se esquecerão de vestir o *Tsitsít* e nem de colocar seu *Tefilín*, porque foram educadas conforme estes hábitos sem questioná-los. Portanto, não exercem seu poder de livre escolha quando os praticam. O homem faz uma escolha somente quando se depara com uma vontade de agir contrária à verdade que constitui sua visão de mundo e as forças que o impulsionam a agir desta ou daquela maneira são mais ou menos equivalentes.

O ponto onde acontece o conflito na área de equilíbrio varia de pessoa para pessoa e depende de fatores variados, como hereditariedade, meio ambiente, educação etc. Mas não existe alguém que não tenha um **ponto de escolha** em algum lugar de sua escala de valores. Um homem religioso, educado para cumprir as *Mitsvót* da Torá, possivelmente se deparará com uma situação onde observar ou não as leis do *Shabat* o obriguem a fazer uma escolha. Por exemplo, se esta pessoa se encontrar num local onde não existam outras pessoas que observem o *Shabat* e sua não observância lhe trouxer alguma vantagem, e sua própria consciência da importância de observar o *Shabat* for falha. É possível que uma situação como esta o obrigue a fazer uma escolha concreta.

Um ponto dinâmico

Convém lembrar que este ponto de escolha não permanece estático em todas as pessoas. Para cada escolha bem sucedida, o homem cresce em sua escala de valores espirituais; ou seja, um ponto que antes estava no fronte das decisões morais, agora passa a fazer parte da retaguarda destas escolhas. As decisões do *létsér Hatóv* agora se dão sem conflitos e sem precisar escolher. Dentro deste contexto nos é mais fácil entender o dito de nossos Sábios: "Uma *Mitsvá* gera outra *Mitsvá*".¹⁷⁵ O mesmo se dá em sentido contrário. Qualquer declínio em favor do mal avança as fronteiras do bem e uma atitude que antes custava ao homem uma grande luta com sua consciência agora é levada ao cabo sem nenhuma chance de escolha. A eficácia da ação do bem acaba sendo lesada. É o que ensinam nossos Sábios: "Um pecado gera outro pecado";¹⁷⁶ "quando um homem comete o

mesmo pecado inúmeras vezes, ele se lhe torna permissível"¹⁷⁷ – pois já não é pecado aos seus olhos.

Ambiente e livre escolha

A educação tem um papel preponderante na fixação deste ponto de escolha. Seu patamar será tanto mais alto quanto o homem for educado para a prática de boas ações como conduta inquestionável. Por exemplo, uma pessoa educada num ambiente de Torá, entre pessoas que dedicam o tempo para praticar boas ações, não terá oportunidades para decidir se comete ou não determinado pecado. Mas terá que escolher entre praticar uma *Mitsvá* de todo o coração ou de modo superficial. Em contrapartida, um indivíduo educado num meio de gente pernicioso e do pior nível, entre bandidos e ladrões, também não escolhe se rouba ou se ganha seu pão honestamente; seu ponto de escolha pode vir a ser o de atirar ou não em suas vítimas por medo de ser descoberto. Esta decisão pode ser fatal em sua vida; é nesse ponto que as forças do bem e do mal, da verdade e da mentira, se encontram em seu coração, equilibradas como os pratos de uma balança. Pode bem ser que nas profundezas de seu coração um assassinato veja a si mesmo como um homem mau. É esta verdade que lhe revela seu *létsér Hatóv*; sua escolha reside em aceitar esta verdade ou em distorcê-la.

Em outras palavras, a educação e o ambiente não influenciam o teor da escolha, mas seu porte, ou o lugar que ocupa o ponto de escolha na escala de valores morais do indivíduo. Todo ser humano é capaz de captar a **verdade relativa** a seu nível moral, apegar-se a ela e recusar-se a se desviar dela como vítima da influência ilusória da mentira. A capacidade do homem de abraçar a verdade **como ele a conhece** é idêntica em todas as situações.

Pessoal e intransferível

Em síntese, cada indivíduo tem um ponto de livre opção, mas sua localização depende de fatores variados. Algumas vezes as escolhas feitas anteriormente fazem o ponto de escolha subir ou descer na escala de valores morais do indivíduo e outras vezes, são os fatores externos que fixam o ponto de conflito. A Providência Divina faz com que o homem

nasça em determinado ambiente, mais ou menos elevado moral ou espiritualmente, de acordo com as circunstâncias. (Parte da explicação sobre os caminhos da Providência Divina em relação aos diferentes níveis de escolha dos indivíduos foi dada no capítulo "O sofrimento dos justos").

Vemos no entanto, que o livre-arbítrio só existe em um "ponto de escolha" e que este ponto é determinado por uma série de elementos. Todavia, **os fatores externos não são capazes de, sozinhos, influenciarem nossas escolhas**. Somos nós que na verdade temos o poder da escolha.

Escolhendo viver

Tudo o que aprendemos até aqui está escrito na Torá, na passagem que versa sobre o livre-arbítrio do homem:¹⁷⁸

Tenho dado perante vós a vida e a morte;

A bênção e a maldição;

Escolherás pois a vida.

Os conceitos de "vida e morte" incluem tudo o que foi "dado" ao homem – todas as características nele inculcadas e enraizadas desde a infância, sua educação e o ambiente em que cresceu; todos os componentes que formam o que ele chama de "vida", o que lhe parece ser "bom" e "verdadeiro"; assim como tudo o que ele chama de "morte", "mal" e "mentira". Tudo isto, "tenho dado perante vós", literalmente "tenho dado", ou seja, estes componentes existem independentemente da escolha humana, como parte do sistema em que vivemos.

Não obstante, "escolherás pois a vida". Escolher a vida, uma escolha real e verdadeira, é algo que só um ser humano pode fazer. Ela se dá sem que fator externo algum possa intervir.

Temor aos Céus

Um famoso dito dos nossos Sábios ensina: "Tudo está nas mãos dos Céus, exceto o temor aos Céus".¹⁷⁹ "Tudo está nas mãos dos Céus": tudo o que acontece com cada pessoa, tudo o que determina seu ponto de escolha, o nível de suas opções e os tipos de teste a que será submetida – tudo isto está nas mãos dos Céus, são determinações Divinas. A única coisa que foi depositada nas mãos do homem é o "temor aos Céus", ou seja, seu senso de responsabilidade em relação à verdade, que ele pode adotar ou rejeitar conforme sua vontade. O temor aos Céus – sob forma de medo das implicações materiais ou de uma queda espiritual – é essencial para evitar que o homem deixe-se enganar, desviando-se da verdade. É esta a essência da escolha.

Responsabilidade

Aprendemos que o grau de escolha de um indivíduo pode variar de acordo com elementos externos e suas escolhas no passado. Existe porém uma grande diferença entre os dois. Quando este grau varia em consequência das escolhas que esta pessoa faz, ela se torna responsável pela nova situação criada. O Talmud diz que se um homem peca e volta a pecar, passa a ver este pecado como algo permitido. Permitido? Não, mas **como se lhe estivesse** permitido.¹⁸⁰ Na terceira vez que esta pessoa pecar, não entrará em conflito consigo mesma; não haverá mais escolha – do modo como a definimos – mas ela continuará sendo responsabilizada pelos seus atos cada vez que os praticar, porque foi ela que cegou os próprios olhos e sentimentos. De agora em diante, será punida cada vez que praticar o mesmo ato – ainda que ele esteja fora dos limites de seu ponto de escolha.

Contudo, um homem não é responsabilizado pelo mal com que foi habituado durante sua infância, se não aprendeu um comportamento melhor. Neste caso, a pessoa desfruta de uma posição na *Halachá*, definida como "um bebê aprisionado por gentios".¹⁸¹

Influências a longo prazo

Toda escolha feita pelo homem afeta toda a sua vida — uma boa escolha, para o bem; uma má escolha, para o mal. E não é somente a si próprio que suas escolhas influenciam, mas também ao modo como serão educados seus filhos, e ninguém pode saber qual será o alcance dessa influência a longo prazo. Portanto, cada escolha nossa pode influenciar o mundo todo e quem fez a escolha será eternamente responsabilizado por ela. Isto se dá com todas as pessoas e com todas as nossas escolhas. Quão grande é o mérito de uma boa escolha, e quão extensa a responsabilidade de uma má escolha!

Educação e Crescimento

Aprendemos portanto que os méritos do homem não repousam nas *Mitsvót* e boas ações as quais foi **educado** a cumprir, mas nas ações que ele **escolhe** cumprir, por suplantarem as atitudes decorrentes do seu grau de educação. As ações para as quais foi educado não lhe pertencem. A educação do homem resume-se à fixação do seu ponto de escolha. O mérito por estas ações deve-se aos que o educaram para cumpri-las. O investimento humano na educação será o fator determinante primordial do alto nível do ponto de escolha desta pessoa.

O mérito de Lot

O Rabino Natan Tsvi Finkel de Slobodka ensina algo precioso sobre este princípio fundamental, no relato que a Torá faz de Lot.

O caráter de Abraão era a própria personificação da bondade. Quem vivia ao seu redor impregnava-se com o amor pela bondade que caracterizava todos as suas atitudes, a ponto de entregar-se de corpo e alma em prol da prática da bondade. Lot fora educado na casa de Abraão e aprendera com ele os caminhos da generosidade. Em sua comportamento, era nítida a influência de Abraão. Quando Lot encontrou estrangeiros em Sodoma **implorou-lhes** para que se hospedassem em sua casa (mesmo sabendo que em Sodoma condenava-se à morte quem recebia hóspedes), colocando a própria vida em perigo para protegê-los de uma multidão que ameaçava quebrar a porta.¹⁸² Que exemplo extremo de bondade temos aqui!

Mas quando a Torá nos conta qual foi o mérito de Lot para salvar-se da rebelião de Sodoma, ela diz: "Recordou-se Deus de Abraão e enviou (tirou) Lot da destruição".¹⁸³ Do que "recordou-se Deus"? De uma favor que Lot fez certa vez a Abraão. Rashi comenta: "Que relação há em se lembrar Abraão junto a Lot? Lot sabia que Sara era esposa de Abraão e que este havia ocultado este fato quando descera ao Egito, por isto nada

revelou para não colocar Abraão em perigo. Como Lot teve piedade do tio, Deus também se apiedou dele".

Esta explicação causa espanto. O cumprimento de uma *Mitsvá* às custas da própria vida não confere ao seu protagonista mérito algum! Tudo o que lhe foi creditado se deve ao fato de não ter traído o tio, denunciando em público seu exaltado mestre e evitando que caísse em mãos assassinas.

Concluímos daí que um **comportamento caracterizado pela educação recebida em casa ou por imitar superficialmente os atos de alguém, não dá crédito algum ao homem e também não será contado em seu favor no dia de seu julgamento**. O quê, então, é creditado ao homem? O que realmente lhe pertence; suas vitórias sobre um impulso negativo em determinada situação em relação **ao seu nível pessoal**, uma situação que teve de enfrentar para poder fazer uma escolha consciente e madura. Vale a pena lembrar que a fraqueza de Lot era sua paixão por bens materiais. Foi por este motivo que abandonou Abraão e foi isto que o levou justamente às portas de Sodoma.¹⁸⁴ Sua repulsa natural ante a possibilidade de trair o tio entrou em conflito com seu amor aos bens materiais e o fato de ser o único herdeiro da fortuna de sua tia Sarai. As condições para uma verdadeira escolha eram explícitas.

Uma escolha elevada

Muitas pessoas que foram educadas para uma vida de *Mitsvót* e boas ações, as praticam sem um sentimento profundo de missão, mas como *Mitsvót* observadas rotineiramente.¹⁸⁵ Certamente, Deus não priva um benfeitor de sua recompensa ¹⁸⁶ – estas pessoas receberão seu quinhão pelas *Mitsvót* que aprenderam a cumprir. Mas não serão agraciadas com o que está reservado aos que se elevam ao máximo para poderem cumprir suas *Mitsvót*. A este nível pode-se chegar somente usando de nosso livre-arbítrio, mas pessoas raramente lutam contra seu *létser Hará* antes de cumprir uma *Mitsvá*.

O homem que valoriza seus dias usa seu estudo e tudo o que dele provém como um trampolim para seu desenvolvimento espiritual, rumo a níveis cada vez mais elevados, tanto nas suas atitudes quanto nas intenções de seu coração. (Quem se acomoda no estudo

paga um preço caro por isto: o pior pecado que existe é o cometido por desleixo.¹⁸⁷
'Sabemos que o Todo-Poderoso perdoou Israel quando praticaram idolatria... mas não transigiu quando mostraram aversão pela Torá'. Deixar de exercer o livre-arbítrio é um grave pecado, porque esta é a própria essência do serviço Divino e o propósito para o qual o homem foi criado.)

Acúmulo de méritos

O objetivo do homem neste mundo é uma vida de Torá e *Mitsvót* – uma vida de livre escolha. Em outras palavras, ele deve confrontar-se a cada passo com o mal que carrega dentro de si. Estes conflitos virão, pois é esta a natureza do *létsér Hará*, a força rebelde do homem; cada tentativa de elevar-se moral e espiritualmente suscita uma enérgica reação de nossa má inclinação. Quem luta contra seu *létsér Hará* e o derrota, transforma **todas** as suas ações em méritos. Nossos Sábios disseram: "Queria o Santíssimo, bendito seja Ele, recompensar Israel: por isso deu-lhes uma grande Torá e muitos mandamentos".¹⁸⁸ Os gentios também tem seu ponto de escolha e para eles também foram criadas circunstâncias para ganhar méritos. Deus decidiu, no entanto, permitir ao povo de Israel uma vida contínua de escolhas acertadas e repleta de méritos. Por isto Ele nos coloca frente a inúmeras oportunidades de cumprir Torá e *Mitsvót*. Quanto mais amplo for o campo de batalha, mais aumentam as possibilidades para atos de bravura, o que dá às vitórias um valor ainda maior.

O homem livre

Em nosso colóquio a respeito da escolha, usamos a expressão "livre-arbítrio", embora a liberdade de ação nos tenha sido dada com certas restrições. Somente em seu ponto de escolha o homem elege verdadeiramente, sem imposições deste ou daquele elemento externo. Acima de seu ponto de escolha, a pessoa governa seu *létser Hará*; abaixo dele, parece estar "impulsionado" a agir de acordo aos ditames de seu lado negativo. Nos territórios já conquistados e que se encontram sob o controle de seu *létser Hatóv*, o homem sente-se "compelido" a praticar somente boas ações. Seu lado negativo não tem qualquer acesso a este patamar e, por este motivo, mina a possibilidade de escolha desta pessoa, que aceita o jugo dos Céus quanto ao assunto. Seu comportamento neste nível é ditado pela Torá.

Quando escolher não é mais preciso

Se o indivíduo chegou a um ponto de aprimoramento espiritual tal que este o conduz em tudo o que faz, encontra-se num estágio onde já não tem livre-arbítrio. Quem chega a este patamar de felicidade, descobre que nunca foi livre: podemos ver liberdade em uma ocasião onde precisamos optar entre a verdade e a mentira? A verdade é a própria realidade, enquanto a mentira não representa coisa alguma. Não é uma escolha, mas um equívoco de alguém que vê o "nada" como "algo tangível".

O propósito final do nosso trabalho é sair de uma situação de "liberdade", para uma situação de "coação". Não queremos viver continuamente tendo que escolher entre a "verdade" e a "mentira" como se fossem duas possibilidades de igual valor. Nossa meta deve ser alcançar o almejado estágio onde somos impelidos a fazer unicamente o que Deus quer de nós; como disseram nossos Sábios: "As *Mitsvót* não são senão decretos". ¹⁸⁹

Espírito livre

Existe um nível ainda mais elevado, onde o homem consegue identificar a mentira e a inconsistência que residem no mal de forma tão possante, que toda a sua ligação com este mal é removido do seu espírito e este homem passa a desejar somente o bem, com todo o coração. Neste nível ele já não se sente "coagido". Sentimo-nos coagidos somente quando temos uma vontade contrária a agir de determinada forma. Ninguém sente-se coagido ao fazer o que gosta. Nossos Sábios chamam as pessoas que alcançam este nível de "Os que fazem com amor".¹⁹⁰ É precisamente aí que o homem torna-se verdadeiramente livre, sentindo não mais haver dentro de si recusa alguma a praticar o bem que ama. Nossos Sábios referiam-se a esta situação quando disseram: "Não há liberdade sem o estudo da Lei Divina".¹⁹¹ Quem estuda a Lei Divina tem a Torá como prioridade máxima em sua vida e todo o seu amor é devotado a ela, do mesmo modo como as pessoas mergulham de corpo e alma nos seus afazeres mundanos, quando os acham primordiais para sua existência na terra.

O homem espiritual é na verdade o único homem livre que existe no mundo.

Benevolência e Livre-Arbítrio

No final do artigo anterior escrevemos que o ápice da conquista humana é transformar-se de "eleitor" a "coagido", pois de que vale permanecer no mundo sombrio das escolhas, com a verdade e a mentira equiparando-se entre si diante dos olhos? Quando a verdade lhe for clara, será obrigado a optar por ela e não cogitará escolher o mal. (Se um fumante puder ver o processo de deterioração de seus próprios pulmões, é óbvio que deixará seu funesto hábito instantaneamente). "Ora – dirá esta pessoa – como posso escolher algo negativo, contrário à vontade de Deus, repleto de mentira e ilusão, podre e reprovável, quando posso escolher a verdade, a realidade e o bem, a pura vontade Divina?"

Eis um trecho de uma carta que o Rabino Dessler escreveu para seus alunos da Ieshivá de Ponowizh em Bnei Brak, no mês de Elul de 5708 (1948). O tema da "imposição interna," mencionado no artigo anterior, é tratado aqui de forma mais extensa.

Ouvi de um dos mais profundos pensadores que conheci na minha geração, o santo Chachám, Rabino Ieruchám Halevi, da Ieshivá de Mir, que uma "boa escolha" significa chegar a uma situação onde não há o que escolher. Em suma, o homem se encontra frente à verdade e não lhe resta alternativa alguma senão fazer a vontade de Deus.

Instintivamente, o homem faz o que pode para safar-se do perigo. Podemos dizer que ele "é forçado" a agir assim. Trata-se de uma situação de coerção física, como no caso de uma pessoa assaltada que entrega o dinheiro para que lhe poupem a vida. Isto também é uma situação de coação.

Conclui-se, então, que se uma pessoa reconhece a grandeza de Deus no mais íntimo de seu coração e sabe qual é a verdade que deve seguir, esta pessoa não hesitará em fazer somente o que Deus lhe pede.

Vontade e possibilidade

O Gaón de Vilna ensina que toda ação tem dois componentes: uma **vontade** que a antecede, e a **possibilidade** de materializar este vontade. A possibilidade é o veículo da vontade. A vontade de Deus é que cumpramos Suas *Mitsvót*. A possibilidade de fazê-lo, que também foi dada por Deus (para nos levar a cumprir Sua vontade), está em nossas mãos. Deus nos dá a liberdade para decidirmos se atuamos ou não de acordo com Sua vontade. Portanto, nossa tarefa é dar de volta a Deus a possibilidade que Ele depositou em nossas mãos e isto se faz elevando o espírito até um ponto de coação interna para fazer somente a Sua vontade – exatamente como mencionamos acima, em nome do Rabino Ieruchám.

Nossos Sábios expressam esta ideia do seguinte modo:¹⁹²

*"Disse rabi Levi: 'Seis coisas servem ao homem;
Três delas sob seu controle e três que ele não controla.
Os olhos, os ouvidos e o nariz ele não controla...
Mas a boca, as mãos e os pés ele controla...
Quando ele merece, o Todo-Poderoso torna
as coisas que ele controla – como as que não controla.' "*

Situação coerciva

Existe portanto, uma situação na qual Deus auxilia o homem, elevando-o a uma situação onde não tem escolha. Nesta situação, o homem sente que deve submeter sua vida somente a uma única e exclusiva meta – o serviço Divino; nada "lhe resta", a menos que esteja direcionado à revelação da glória Divina. Nossos patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, chegaram a este grau de perfeição. Por isso foram chamados de "componentes da *Mercavá*".¹⁹³ Neste sentido, os homens justos são chamados de anjos; pios, os anjos, não tem livre-arbítrio: "Não se viravam enquanto se moviam" – não se desviavam de sua missão.¹⁹⁴

"Amarás ao Próximo"

Se indagarmos: que relação um assunto tão elevado tem conosco, distantes que estamos de chegar a tal nível de perfeição? Um portal de entrada está aberto para todos, o portal da entrega pessoal a um serviço altruísta, que permite que todos nós alcancemos algum grau de coerção interna, como explicaremos.

Nossos Sábios disseram:¹⁹⁵ "Amarás ao próximo como a ti mesmo." É um grande ensinamento da Torá. Hilel disse:¹⁹⁶ "O que não gosta que te façam, não faça a teus colegas – isto é toda a Torá...".

Quem ama quer dar tudo o que tem aos outros, deixando algo de si impregnado ao que está dando. Esta qualidade é oposta à do "receptor", que visa atrair a tudo e a todos para si; na verdade, fazer com que vivam em função dele.

A pessoa "doadora" sente que faz parte de um todo, de um só organismo, e ela não é senão uma parte da engrenagem, essencial, ainda que modesta.

O bem geral

Assim como no organismo humano órgão algum tem vontade própria (seu dedo não pode querer algo que **você** não queira), um homem que sente-se parte integrante de uma comunidade e que não deseja apartar-se ou afastar-se dela, jamais nutrirá vontade alguma que se origine de sentimentos mesquinhos.

Notem bem: Todas as demandas do *létser Hará* tem sua origem em desejos "particulares" do ser humano. "Faça o que é bom para **você**; não leve os outros em conta". Não raro, uma vontade perniciosa se disfarça em bem geral, mas não é difícil revelar suas verdadeiras intenções de fizermos um auto-exame minucioso. Se nos dispusermos a pensar sempre em termos do bem estar geral, conseguiremos trilhar o caminho que leva ao sentimento de imposição interior. Nos veremos então obrigados a agir em nome do verdadeiro bem comum; nossa vontade egoísta, particular, não existe mais.

O caráter da *leshivá*

Somos capazes, no pequeno universo em que vivemos, de aprender algo essencialmente positivo de tudo o que foi dito acima. Às vezes nos vemos como um conjunto de indivíduos que foi trazido a um mesmo lugar como se fosse um saco de batatas. Cada um vê a si mesmo sob o ângulo do que faz bem a si próprio, sentindo-se livre para agir cada de acordo com a própria vontade.

Este modo de ver as coisas bloqueia o caminho do sucesso e de qualquer elevação espiritual. **A leshivá é um organismo.** Cada indivíduo dentro da *leshivá* é parte de uma comunidade. E, como tal, não deve ter uma vontade diferente da vontade geral. Tem de anular sua vontade em prol do bem geral; cada um é responsável por todo o grupo.

Se víssemos a nós mesmos por este prisma, teríamos mais cuidado e evitaríamos adotar atitudes que talvez sejam boas para **nós**, mas que prejudicam a *leshivá* como um todo! Que bom se pensarmos assim; se meditarmos sobre isto, veremos quanta verdade há em se viver deste modo.

Amor pela *leshivá*

Agora podemos apreciar a importância do **amor pela leshivá**. Cada um de nós tem que amá-la de todo o coração, fazendo o que estiver ao seu alcance para contribuir para seu desenvolvimento e êxito; em comportamento, no estudo de *Halachá* e *Mussár*, fazendo as orações com devoção. Se todos tomarmos parte, a *leshivá* se elevará e cada um de nós se elevará espiritualmente, sem limites, pois deste modo conseguiremos plantar dentro de cada um de nós o sentimento de "coerção". Escolheremos ser coagidos – coagidos para agir de acordo com o bem e o certo.

Construindo o mês de *Elul*

Vamos construir o mês de Elul alicerçados neste princípio. Cada um de nós levará até o Trono da Glória Divina um mérito que conte como um mérito geral para toda a *leshivá*. Isto trará méritos para todos nós.

Agora torna-se claro o que ensinou meu mestre, o sábio Rabino Israel Salanter, que disse : Para que o homem tenha méritos em *Rosh Hashaná*, ele tem de incluir-se na comunidade, de modo que ela **precise** dele. É deste modo que um indivíduo pode se beneficiar com o mérito de todo o grupo.

Livre-Arbítrio e Determinismo

No primeiro artigo sobre este tema, o Rabino Dessler descreve em profundidade o processo de escolha do ponto de vista psicológico. Aqui, ele aponta uma solução para o problema filosófico da livre escolha e o determinismo.

Filosofia contaminada

Explicamos de forma detalhada no capítulo "A raiz da moral" que o homem ainda não alcançou o pleno controle de seu caráter e que suas virtudes ainda não são de todo orientadas para uma vida de pureza e verdade, incapacitando-o para cristalizar ideias indiscutivelmente íntegras. O homem enxerga somente o que seus olhos querem ver e toma conclusões partindo dos ditames de seu coração. Seus desejos e humores corrompem o julgamento que faz da realidade. É certo que "O suborno cega os olhos sábios e torce as palavras dos justos".¹⁹⁷

Por isto, encontramos inúmeras pessoas que se dedicam a investigar questões filosóficas complexas, chegando a resultados tão surpreendentes quanto sofisticados. No entanto, um olhar mais crítico logo perceberá que muitas das conclusões não são senão fruto de um raciocínio corrupto, ainda que inconscientemente corrupto. As tendências do espírito tomam seu próprio caminho e secretamente influenciam o processo de raciocínio lógico destas pessoas. Outras vezes, as mesmas pessoas mudam de forma radical seu modo de pensar para atender a um interesse pessoal. Um homem pode pensar de coração pleno que suas conclusões são baseadas em lógica pura quando, em realidade, ele está apenas enganando a si mesmo..

Eis um exemplo: Einstein foi sem sombra de dúvidas, um gênio. Mas quando sua Teoria da Relatividade constatou um universo com início e fim, recusou-se a aceitar suas próprias conclusões, pois acreditava (como Aristóteles) que o mundo não tem início e nem fim. Dez anos depois, quando o astrônomo americano Edwin Hubble descobriu a "expansão do universo", Einstein amargou seu equívoco.

Não existe um campo do pensamento onde isto é mais evidente do que quando falamos em "Livre Arbítrio versus Determinismo". Houve e há grandes filósofos que negam a veracidade do livre-arbítrio e da responsabilidade humana. Segundo sua premissa, o homem não é senão um brinquedo nas mãos de elementos naturais e se quiser gabar-se de seus feitos, terá que saber que está enganando a si mesmo. Contudo, essas mesmas

peessoas, movidas por interesses os mais egoístas possíveis, se orgulham de seu êxito intelectual e sucesso profissional. Qual é a lógica disto? Teriam esses pensadores esquecido que, de acordo com sua própria teoria, o homem não passa de um mecanismo movido por leis de ação e reação? Uma máquina pode se orgulhar de ter produzido o efeito para o qual foi programada? Que ridículo, então, orgulhar-se deste "sucesso pessoal!" Sendo assim, como podemos confiar em pessoas que são controladas por aspectos de seu caráter? A corrupção de seu subconsciente dita-lhes o que pensar, enquanto a verdade fica relegada a um segundo plano. Não se trata pois de um raciocínio objetivo, cujo propósito é a busca da verdade.

Esta maneira de ver as coisas é bem conhecida e não a encontramos somente entre os filósofos. Uma pessoa de sucesso não mede elogios a si mesma e a seus feitos grandiosos, mas um criminoso, quando capturado pela lei, encontra um pretexto para seu comportamento, dizendo-se vítima do sistema, **negando sua responsabilidade pelo que fez e adjudicando o determinismo**. Mesmo que ele não o faça, um astuto advogado o fará em seu nome. É assim que as questões filosóficas se tornam um veículo para a manifestação de interesses específicos, ao mesmo tempo que encorajam um sistema social hedonista. É de se esperar, obviamente, que esta típica falta de consistência faça com que com que homem sintam-se orgulhosos por suas "descobertas", uma vez que sabe que o louvarão por isto.

Mas não há nada de novo sob o Sol. Há mais de oitocentos anos, nosso mestre, *Rabênu Bachiá*, escreveu em seu clássico "Os Deveres do Coração":

O létser Hará tentará te atirar no oceano da dúvida entre a predeterminação e o livre-arbítrio; ao vê-lo negligenciar a prática religiosa e inclinar-se à desobediência, tentará te convencer da predeterminação dos atos (removendo o peso da responsabilidade de teus ombros), apoiando-se das Escrituras e na tradição oral... ao te ver engajado em algum assunto profano, o létser Hará te dirá: "Cuidado com a preguiça e o ócio, não confie em ninguém mais a não ser em ti mesmo... assim, o létser Hará muda o argumento, ora confirmando a predeterminação das coisas, ora ressaltando o livre-arbítrio do homem, sempre de maneira a te confundir e fazer que relaxe tua devoção a Deus. ¹⁹⁸

Analizando o problema

Uma visão mais objetiva do problema revelará dois enfoques – o enfoque do "livre-arbítrio" e o enfoque da "causalidade" – como constantes em nossas vidas.

Se refletirmos sobre o assunto, descobriremos dois tipos de relacionamento com a realidade, um externo e outro interno. O relacionamento externo se dá por meio de nossos sentidos e abrange somente o aspecto externo das coisas. A ciência, em todos os seus aspectos e conceitos, baseia-se neste fato. O relacionamento interno é com o nosso "eu", como nossa existência. Esta consciência da realidade não se dá por meio de algum dos nossos sentidos, nem por todos ao mesmo tempo. É um conhecimento interior, intuitivo e que não precisa de provas. O relacionamento externo é que precisa dos sentimentos internos, para estabelecer sua visão da realidade. "Eu" vejo, "eu" ouço. Por outro lado, a visão interior do mundo não precisa ser atestada pelos sentidos.

A essência, base da contemplação, não precisa ser absorvida pelo olho humano, assim como uma máquina fotográfica não a fotografa a si mesma. O processo é exterior a ela.

Causalidade

Sabemos que existe uma relação "causa e efeito" quando nos colocamos a contemplar algo externo a nós. Notamos que todas as mudanças que ocorrem no mundo físico estão interligadas por elementos que chamamos causais e tendemos a associar este tipo de raciocínio com tudo o mais que existe no universo.

Contudo, nossa consciência do livre-arbítrio provém de uma visão interna; sentimos dentro de nós a experiência de usar ou não esta força que nos permite fazer algo ou deixar de fazê-lo, de acordo com nossa vontade.

Acabamos de explicar que não podemos medir nossa "visão interna" segundo nossa "visão externa". Estes tipos de relação com o mundo são dois aspectos separados na mente humana. Numa visão mais superficial diríamos que são contraditórios mas, na verdade, não

há contradição alguma. Trata-se de duas noções independentes, cada uma responsável por um aspecto determinado. Se ouvirmos relatos diferentes de dois homens sobre um mesmo tijolo, não podemos concluir que seus relatos são contraditórios, pois entendemos que duas pessoas podem ver o mesmo objeto por ângulos diferentes. O mesmo se dá com nossas noções – internas e externas – do mundo. Qualquer tentativa de explicar uma delas em função da outra está fadada ao absurdo. Isto se parece com o argumento de um filósofo cego que se recusava a acreditar que havia um sentido de visão no mundo porque não conseguia explicá-lo usando seu sentido de tato.

O ego usa o intelecto para averiguar detalhes daquilo que chega à nossa mente por meio dos sentidos, junto a assuntos relacionados com nossa experiência interior, como o livre-arbítrio, a responsabilidade, o arrependimento, sentimento de esperança, desejo de não repetir erros, etc.

Assim sendo, nosso intelecto serve a dois tipos diferentes de noção do mundo, mas não engloba a essência de nenhum deles. Ele não consegue compreender a correlação que existe entre a independência e sua companheira – a livre escolha – assim como não sabe explicar nossos sentidos usando termos verbais. Um dado puramente sensorial tal como uma onda de luz vermelha, não consegue ser definido por nosso cérebro. Este tipo de noção é a pedra angular sobre a qual nosso intelecto constrói sua noção da realidade.

Como podemos provar que a livre escolha não passa de uma ilusão, se ela não pode ser definida por meio dos nossos sentidos?

Quem argumenta que sua experiência com a livre escolha é inexistente porque contradiz os conceitos causais da física está equivocado. Na geometria, uma linha tem comprimento mas não tem largura, enquanto um ponto não tem nem comprimento e nem largura, somente localização espacial. Deste modo, podemos separar o tempo passado do tempo futuro e o presente passará a ser somente um ponto imaginário – antes que o homem possa tê-lo experimentado, ele já terá passado. Poderíamos afirmar a partir desta premissa que o presente não passa de uma ilusão? Se for assim, nós simplesmente não existimos no tempo. Todavia, a essência de nossa experiência no tempo e toda a riqueza de nossa existência são justamente frutos desses momentos "presentes". Podemos então

afirmar que nossa experiência "presente" não pode ser explicada pelos conceitos físicos ligados ao mundo exterior, mas isso não faz diferença alguma.

Esta experiência se confirma quando vemos a nós mesmos: vivemos de determinada maneira; vivemos uma vida com certas características. Isto é correto de acordo com o nosso eu interior e as leis da física são irrelevantes no contexto. O mesmo se dá com o livre-arbítrio, cuja veracidade sentimos dentro do nosso eu e não importa se o conseguimos explicar segundo conceitos físicos.

Algumas pessoas vão tão longe para negar o livre-arbítrio que acabam negando a existência do próprio ego. Não vale a pena discutir tamanho absurdo. É claro e óbvio que, se não existe uma experiência do "ego", também não existe a experiência do "eu existo", "eu vejo", "eu ajo" ou "**eu** provo a inexistência de mim mesmo". A "experiência" deixa de existir e junto com ela as "causas" e "efeitos" de um mundo físico que não têm valia, porque não pode ser experimentado... e o problema também já não existe.

3

Um só propósito

Uma casa pode ser feita com milhares de tijolos, mas a casa em si é muito mais que um amontoado de tijolos. Temos aqui nossas duas noções de existência: podemos ver cada tijolo como uma entidade isolada e então não veremos que há uma casa; e podemos olhar para a casa, e então não nos daremos conta dos tijolos em separado.

Às vezes, quando um homem vê algo como um amontoado de objetos isolados, pode pensar haver alguma contradição entre estes objetos, mas quando vê o todo, esta contradição desaparece. Por exemplo, antes de inventarem o relógio a quartzo, os relógios eram feitos de mecanismos movidos a uma mola que fazia girar um sistema de rodas dentadas e sulcos que diminuía o movimento. Quem não compreende o propósito deste mecanismo fica surpreso: "Se o que desejavam era que a mola movesse as rodas dentadas, porque fizeram os sulcos que diminuem o movimento?" Somente quem conhece a função do relógio compreende este conflito aparente.

O mesmo acontece conosco. Quem não compreende o propósito que une a estas duas noções da realidade, enxergará um conflito. E poderá concluir que uma das duas é ilusória. Mas esta seria uma visão medíocre das coisas.

Precisamos das duas noções – a exterior e a interior. Elas se unificam em sua função conjunta. As duas são necessárias para criar um ser humano em seu propósito final. Ambas, a consciência do eu, do ego e a consciência do livre-arbítrio, são necessárias para causar um sentido de responsabilidade no homem. A noção de causalidade (não absoluta, mas sim limitada, como mencionamos acima), também é necessária para podermos enxergar a Mão Divina por trás dos acontecimentos. Deste modo, chegaremos ao entendimento da **Causa Primária** – Deus, o Criador, o Mantenedor e Supervisor de tudo. É precisamente graças à nossa contemplação deste sistema causal, complexo e sofisticado da Criação, que curvamos nossas cabeças para reconhecermos todo o bem que Deus faz conosco e reconhecermos também nossas limitações, como disse o rei David: "Quando contemplo Teus céus, obra dos Teus próprios dedos, vejo a lua e as estrelas que criaste, e

me pergunto: o que é o ser humano para que dele Te lembres?"¹⁹⁹ A noção de causalidade também ocupa seu lugar como base da nossa responsabilidade moral. Se não existisse um sistema causal, os resultados de nossas ações não poderiam ser antecipados e ninguém poderia ser culpado pelas "consequências" de seus atos. O livre-arbítrio só tem sentido num universo causal.

O trabalho interior do homem depende do equilíbrio entre estas duas noções – por um lado, precisa reconhecer o poder e a responsabilidade do ego humano e, por outro, deve negar qualquer sentimento de superioridade pessoal. O homem tem que reconhecer que **tudo** vem de Deus, ao mesmo tempo que tem consciência de sua tremenda responsabilidade no campo da livre escolha. Aqui temos uma visão do homem como um todo. A consciência do ego e da causalidade são duas características inatas no homem. Se valorizar as duas, cada qual dentro de seu contexto especial, o homem estará realizando seu propósito neste mundo.

Podemos obviamente nos comportar da maneira inversa e usar cada uma destas noções segundo nossas tendências negativas. Ao observar as relações causa e efeito, o homem pode esquecer-se da existência da **Causa Primária**; ou seja, pode adotar uma visão de mundo totalmente "natural". Então verá seu próprio ego como um manancial de forças capaz de dobrar a natureza, negligenciando seus deveres e responsabilidades. Para nossa infelicidade, esta é a visão de muitas pessoas, que acabam adotando um tipo de comportamento irracional, falta de fé em Deus e materialismo. Somente quando o gênero humano abandonar estes caminhos errôneos e colocar toda a ênfase na busca da verdade, o discernimento, a moral e a Torá, o homem começará a avançar em direção a seu propósito espiritual.

Milagres e Natureza

A Natureza Oculta Milagres

Vamos expor neste artigo o ponto de vista do homem de fé e, como tal, lhe dirigimos uma pergunta: **Qual é a diferença entre milagre e natureza? Não são ambos criações de Deus?**

Muitos companheiros nossos, judeus fervorosos, dirão que esta pergunta é ingênua. É óbvio que tudo vem de Deus, responderão. A natureza não é senão uma lei que Deus fixou quando criou o mundo, lei esta que ordena os acontecimentos no mundo físico de acordo com o princípio de causa e efeito. É este o caminho do mundo e é assim que ele funciona, dirão. Como Deus é o Criador e Senhor do mundo físico, O projetista e gerenciador de seu sistema de leis, os milagres não apresentam qualquer problema para quem sustenta este raciocínio. Podemos dizer que em certas ocasiões, quando se faz necessário, em prol de uma pessoa excepcionalmente merecedora, Deus não leva em conta as leis que prescreveu a fim de perpetrar milagres visíveis, sem origem alguma nas leis materiais. Foi assim que aconteceram todos os milagres relatados no Tanách e nos ditos de nossos Sábios.

A questão da causalidade

E se perguntarmos o que vem a ser exatamente o processo de "causa e efeito," e por que o efeito se origina na causa? Por exemplo, o que faz com que o trigo germine? Receberemos como resposta, "É óbvio! Preparamos a terra – arando, semeando, irrigando etc. e um conjunto de elementos combinados ocasionará uma reação natural, fazendo crescer o trigo.

Se seguirmos perguntando: "**Por que** esses elementos combinados fazem com que o trigo cresça?" Rirão de nossa pergunta e responderão: Não é isto que acontece sempre? É claro que estes elementos foram criados por Deus para fazer crescer o trigo. É a isto que a maioria das pessoas se refere quando fala de "natureza".

O milagre da ressurreição dos mortos

Contudo, um aprofundamento maior neste assunto nos colocará frente a outra questão. Temos que admitir que não sabemos **porque** um resultado determinado se origina numa causa específica. Tudo o que sabemos é somente que este é o curso natural das coisas. Se for assim, não será tudo à nossa volta um grande milagre – um milagre ao qual estamos simplesmente acostumados?

Imaginemo-nos testemunhas de um processo da ressurreição de um corpo depois dele ter sido sepultado na terra, apodrecido e virado pó. Lentamente, da profundidade do túmulo, vemos algo como o corpo de um homem sendo formado e tentando sair dali. Porções de terra são empurrados para os lados e um corpo inteiro, vivo, limpa-se do pó e sai de sua tumba. O que diríamos disto? Sem dúvida, nos assombraríamos ao ver um processo de ressurreição dar-se frente aos nossos olhos. Por que, então, não nos espantamos quando vemos uma semente brotar e crescer, após ter sido enterrada como se estivesse morta? Por que não entendemos este acontecimento como equivalente a uma verdadeira ressurreição? O desabrochar da semente não é senão um processo de ressurreição da matéria morta! A diferença é que estamos acostumados a ver sementes brotarem da terra, mas não estamos acostumados a ver seres humanos reviverem. Do contrário, chamaríamos o processo de ressurreição humana de "natural" e o processo de ressurreição vegetal de "milagre".

Tudo é milagre

A verdade é que não existe uma diferença real entre natureza e milagre. Tudo o que acontece é milagroso. O único fator existente é a vontade de Deus. Sua ação e controle do universo expressam diretamente a Sua vontade. Esta vontade se materializa sem a interferência ou ajuda de qualquer outro elemento. Chamamos um ato Divino de "milagre", quando Ele deseja que um evento determinado aconteça pela primeira vez aos olhos do homem, para que este se conscientize da Mão Divina que dirige o universo. Para nós, a ação Divina é "natureza" – sempre que Ele deseja que Sua vontade se realize dentro de um sistema de parâmetros conhecidos.

Este conhecimento nos coloca de frente a um desafio. O livre-arbítrio permite reconhecer a origem única de todos os acontecimentos: a vontade Divina, ou o poder que Deus conferiu

a esta "natureza" para atuar de acordo com Sua vontade. Preferimos pensar então que o homem também pode influenciar o que acontece na natureza de acordo com as relações entre causa e efeito. Ver as coisas deste modo faz bem ao seu ego. Mas se Deus responde por tudo, não temos autorização para realizar coisa alguma sem levar em conta a Sua vontade. Todo o conceito de "natureza" não é senão um teste para o homem. A natureza não tem objetivo próprio; ela não passa de uma ilusão que permite ao homem fazer escolhas usando de seu livre-arbítrio. E ele pode equivocar-se ou escolher a verdade.

"Diga ao vinagre que acenda"

Imaginemos uma pessoa que, assistida por uma poderosa força espiritual, teve que enfrentar a um desafio da "natureza" – sobrepujando-a e fazendo com que a verdade contida dentro dos processos naturais aflorassem. De agora em diante, não haverá mais necessidade de Deus revelar-se a esta pessoa por detrás do manto que separa o natural e o sobrenatural. Para esta pessoa, milagres serão parte integral de seu dia a dia.

Alguns indivíduos como estes fazem parte do nosso legado. Um deles foi Rabi Chanina ben Dossa, cuja filha certa vez equivocou-se, colocando vinagre ao invés de azeite na lamparina onde se acendiam as luzes para o Shabat. Rabi Chanina lhe disse: "Por que estás triste? Qual é a diferença? Aquele que ordenou ao azeite que acenda, também pode ordenar ao vinagre que acenda". Sua filha acendeu o vinagre e aquelas luzes brilharam durante todo o Shabat, até que delas acenderam também as velas da *Havdalá*.²⁰⁰ O significado deste episódio é o fato de Rabi Chanina ter alcançado um grau espiritual onde havia reconhecido, não somente intelectualmente mas desde as profundezas de seu coração que, na verdade, não há diferença entre milagre e natureza. Para ele, já não havia sentido continuar fingindo que existe algo chamado "natureza" e, portanto, tanto o azeite quando o vinagre poderiam ser usados como combustíveis.

Manipulação acentuada e dispensável

Muitos gastam seu tempo pensando nos fatores naturais que vivem influenciando seus negócios e afazeres. Põem-se a fazer cálculos infundáveis a fim de poderem escolher as atividades que devem colocar em prática para lograr seus objetivos. Ainda que seus planos tenham obtido êxito, provavelmente as coisas não se desenrolarão do modo preciso como foram imaginadas. A sequência de fatos incluirá elementos que não estavam no plano original e nem eram conhecidos até acontecerem. Isto tem por finalidade nos ensinar que não há lógica alguma em investir enormes recursos com o intuito de manipular dados que, na nossa opinião, contribuirão para os resultados desejados. Não raro dirigimos nossos esforços para uma determinada direção e Deus faz os resultados surgirem de outra fonte.

Cálculos imaginários

É um grande equívoco pensarmos que o homem pode conseguir o que deseja calculando seus passos meticulosamente e especificando em detalhes os fatores que, segundo seu pensamento, serão os elementos atuantes na obtenção dos resultados almejados. Cada elemento engloba muitos detalhes e cada um destes detalhes depende, por sua vez, da influência de outros fatores externos que também não se dão a conhecer de antemão. Na prática, a conclusão inevitável é que não podemos antecipar os resultados finais.

Por exemplo, um homem tem um plano e decide que, para fazê-lo funcionar, precisa primeiro ir até a casa de fulano para conversar com ele. Contudo, uma leva de fatores externos são gerados além de seu campo de visão e o impedirão de chegar ao destino previamente calculado. Outras centenas de elementos virão a influenciar "a casa de fulano" e próprio "fulano", enquanto outra centena de elementos influenciarão o ato da "conversa com ele". Do mesmo modo, milhares de fatores influenciarão o curso da conversa e seus resultados. Todas as possibilidades mencionadas acima e seus possíveis resultados fogem ao nosso conhecimento. Assim sendo, é um tanto ridícula a ideia de acharmos que podemos calcular o curso dos planos e eventos. Sobre cada fator conhecido existe uma infinidade de elementos atuantes que não conhecemos. Somente um tolo baseia sua vida em cálculos imaginários.

Imaginemos, levando tudo isto em conta, que Deus faça os planos desta pessoa darem certo, ainda que às vezes por vias que não constavam do cálculo original. Se houver alguns

pontos de semelhança entre o plano e Divino e o plano da pessoa, ela ficará orgulhosa por ter tido sucesso absoluto e creditará o êxito a si mesma e aos próprios esforços.

É fácil fracassar

Mesmo o maior entre os justos pode falhar se depositar todas as suas esperanças em fatores naturais, como nos ensina o episódio de Iossef, o *Tsadik*: "Por ter Iossef depositado suas esperanças (no chefe dos copeiros) para que se lembrasse dele (para libertá-lo do cárcere), teve (Iossef) que permanecer mais dois anos na prisão egípcia.²⁰¹ Mas Iossef aprendeu sua lição e quando foi levado à presença do Faraó, não se esqueceu de dizer *Biladí* (longe de mim) antes de interpretar o sonho do monarca egípcio.²⁰² Foi uma declaração honesta. O homem não tem como se basear em cálculos, especulações e conclusões. Somente 'Deus há de dar uma resposta por meu intermédio para a paz do Faraó' ".²⁰³ O que o homem deve fazer para evitar esta armadilha? O que fazer para aprender que tudo o que acontece é desígnio Divino e que os fatores físicos nada têm a ver com a realidade?

O poder da oração

O caminho certo e comprovado para atingirmos nossos propósitos é a prece. A prece suscita em nossos corações o reconhecimento do fato de ser somente Deus que nos provê aquilo de que necessitamos e só a Ele temos que dirigir nossos anseios. Nossos Sábios disseram: "O ganha-pão de um homem é tão difícil quanto a abertura do Mar Vermelho".²⁰⁴ O Rabino Shemuel ben Meir, neto de Rashi, comenta: "Ou seja, é um grande milagre". É óbvio que isto não alude a dificuldade alguma por parte de Deus; tudo é igualmente fácil para Ele. Cabe a nós, no entanto, perceber que o sustento não nos chega com tanta facilidade, mas por puro milagre. O objetivo deste reconhecimento, diz o *Rashbam* (ibid.): "É para sabermos como rezar". A oração nos ajuda a contemplar o elemento milagroso da existência humana, o que aos olhos da maioria das pessoas não passa de circunstâncias naturais. A prece grava em nossos corações a verdade da inexistência da chamada "natureza" a não ser, unicamente, pela ação de Deus; que não há

razão para nada a não ser as razões estabelecidas por Ele e que só por Seu intermédio pedimos e recebemos o que precisamos.

Abundância de oportunidades

Os homens costumam cometer outro equívoco. Alguns ganham seu sustento com muita dificuldade, algo bem parecido com a "abertura do Mar Vermelho". O motivo para isto na opinião destas pessoas é o fato de não haver oportunidades suficientes para todos e por isso só alguns poucos felizardos se saem bem. Essas pessoas se esforçariam em controlar a situação e amealhar para si mais e mais oportunidade, sem hesitarem em pisotear quem se coloca em seu caminho. Este tipo de comportamento não traz benefício algum e só causa prejuízo a todos os envolvidos.

Mas a verdade é que Deus coloca uma abundância de oportunidades à nossa frente – milhares, talvez milhões de vezes mais do que precisamos. Observemos o universo à nossa volta. A terra e os planetas não consomem senão uma pequena parcela da luz, calor e energia providos pelo Sol. Uma parcela ainda menor abastece as necessidades do homem, animais e demais sistemas orgânicos da Terra. Para cada semente que germina e cresce, existem milhões que jamais chegarão a desenvolver o seu potencial. A quantidade **diária** de Maná que caía dos céus para a nação de Israel enquanto esta viveu no deserto do Sinai por 40 anos seria suficiente para abastecer o povo **por um período de dois mil anos**.²⁰⁵

Como racionalizar esta abundância desnecessária, quando a maioria das pessoas encontra dificuldade para suprir suas necessidades mais básicas? Que propósito preenche tanto desperdício? Quando caía o Maná, cada judeu podia colher somente o necessário para o suprimento de sua família e nada poderia restar para o dia seguinte, porque apodreceria.²⁰⁶ Por quê então era enviada uma quantidade tão grande?

Saia e aprenda

Deus quer nos ensinar que a fartura no mundo é infinita; não há falta de oportunidades ou causas. Temos de aprender que não são as "causas" que ampliam ou diminuem **as**

oportunidades; é Deus quem faz os eventos avançarem ou recuarem. Tudo acontece de acordo com a Sua vontade. Na nossa ignorância, fechamos os olhos e nos recusamos a pensar na grandeza infinita de Deus. Quem observa e medita sobre a multiplicidade dos mundos e das criaturas, sobre a beleza estonteante de seus componentes – acabará reconhecendo a verdade. Se nos colocássemos a **contemplar** todas estas maravilhas, não nos contentando com um simples olhar sobre as coisas; se realmente pensássemos sobre tudo o que existe, não mais nos agarraríamos à teoria herege das "causas naturais", que já se tornou corriqueira para nós. É somente deste modo que nossa felicidade neste mundo e no Mundo Vindouro estará garantida.

O reconhecimento dos milagres ocultos na natureza se dá vários níveis. Explicaremos quatro deles.

1º Nível: A natureza no comando

Algumas pessoas se consideram devotas, ao mesmo tempo que acreditam que as forças da natureza dominam o universo. Estas pessoas tentam dobrar tais forças de acordo com seus interesses, a fim de poderem prever com exatidão os elementos da fórmula do sucesso. Mas como judeus que acreditam em Deus, também rezarão para pedir que Ele os ajude. São conscientes da possibilidade de algum elemento natural atrapalhar a ordem das coisas, jogando seus planos por água a baixo, e então contam com Deus para interceder a seu favor se tudo der errado. Elas dirão com todas as letras que foi Deus quem lhes concedeu sua capacidade e seus talentos. Mas o cerne de sua lógica ainda lhes dita que são os meios naturais que governam a realidade e se conseguirem dominar estes meios, conseguirão seus objetivos neste mundo. É assim que explicam o versículo:

"Comerás o pão com o suor do teu rosto".²⁰⁷

As pessoas que estão neste nível servem, na verdade, a duas divindades. Julgam-se parceiros de Deus na gestão do universo e, apesar de falarem de sua "crença" e "confiança em Deus", no fundo de seu coração ainda são hereges. Em seu íntimo, acreditam piamente que "A minha força e a fortaleza da minha mão me conseguirão estes bens".²⁰⁸

2º Nível: A natureza como instrumento

Num nível mais elevado estão as pessoas de fé mais cristalizada; estas vêem a intervenção Divina em cada acontecimento natural. Meu sogro descreveu esta atitude do seguinte modo: um homem olha para dentro de uma sala pelo buraco da fechadura e tudo o que vê é uma caneta se movendo sobre um bloco de papel. Para ele, a caneta está escrevendo sozinha. É assim que raciocina um herege. Ele acredita que a natureza age como força independente. Quando a porta se abre, vemos quem está escrevendo. O devoto que sabe ser Deus o verdadeiro agente de todos os acontecimentos, vê uma porta aberta; as causas naturais e os esforços humanos são como a caneta nas mãos de quem escreve. Deus os utiliza para causar os resultados que desejar.

Estas pessoas, no entanto, ainda vêem a natureza como uma realidade em si, mesmo que a considerem apenas um meio nas mãos de Deus, como a caneta nas mãos de quem escreve.

3º Nível: Deus atua sozinho

Num patamar ainda mais alto estão as pessoas que reconhecem o fato da natureza e suas forças não terem existência própria; sua única função é ocultar a verdade por trás dos fatos e servir de instrumento para testar o homem, como explicamos acima. Deus não precisa destes instrumentos; Sua vontade se faz valer de imediato.

Este ponto de vista é claro e verdadeiro. Está baseado numa visão sólida da Unicidade de Deus, Soberano de todos os mundos.

4º Nível: Pessoas de caráter único

Há um nível ainda mais elevado, ao qual chegam uns poucos privilegiados. Homens deste nível compreendem que a contribuição das "causas naturais" não é de nada positiva. Pelo contrário, o conceito de "causalidade", quando separado da vontade de Deus, torna-se uma força destruidora. O propósito da Criação é santificar o Nome de Deus: "Tudo o que se chama com o Meu Nome e com a Minha glória, criei-o..." ²⁰⁹ As "causas naturais" são

nocivas, porque ocultam a glória Divina. Se a existência humana não dependesse de alimento mas de sua proximidade com Deus, isto seria claro e óbvio. Ainda que se desse o contrário e o alimento causasse morte ao invés de vida, todos compreenderiam o fenômeno, porque o alimento é um fator "natural", na verdade uma força negativa na Criação do ponto de vista espiritual.

Mas nossa situação no mundo exige que haja lugar para equívocos, para que o homem possa escolher livremente. Por isto o homem que come continua vivendo e quem não se alimenta morre, a menos que esteja no nível espiritual que Moisés alcançou no Monte Sinai: "Quarenta dias e quarenta noites; pão não comi e água não bebi"²¹⁰ ou que se encontre no nível de *Tsadikim* como Rabi Chanina ben Dossa e outros, para os quais não havia diferença entre natureza e milagre.

Qual é a nossa posição?

Para sabermos nossa posição em relação a estes quatro níveis, temos de prestar atenção ao modo como falamos e pensamos. Como se explica um êxito sem precedentes nos negócios? O primeiro pensamento que ocupa nossas mentes é o das causas naturais. Dizemos: "Sim, ele é realmente talentoso e um especialista no ramo; tem vigor e iniciativa etc." Se vemos um exército vencer uma batalha, dizemos: "Sim, este é o exército mais poderoso, mais bem treinado, seu armamento é o mais sofisticado; sua estratégia a mais bem engendrada, são os mais corajosos e destemidos etc." Se pensamos deste modo, ocupamos o nível mais baixo da escala da fé. Tendemos a pensar que "a minha força e a minha fortaleza" é o que traz resultados.

Está escrito: "... a corrida não é, necessariamente, vencida pelo mais veloz, nem a batalha pelo mais forte; tão pouco está assegurado o pão ao sábio, a riqueza ao inteligente, nem o favor ao instruído..."²¹¹ Se somos realmente tão confiantes em nossa fé, porque continuamos a nos expressar em termos naturais? Se nos fizermos esta pergunta, responderemos: "Sim, é realmente certo que Deus é a fonte de todas as coisas, mas temos que nos pronunciar da maneira como as pessoas falam, ou no modo como os jornais escrevem etc." Façamos a nós mesmos mais uma pergunta: Quem já ouviu uma pessoa chegar para outra e dizer: 'Ei, vamos falar como loucos'?"

Conquanto tentemos compensar nossos defeitos no plano da fé, e pronunciemos expressões como "*Baruch Hashem*" e "*Im irtsê Hashem*", temos que reconhecer que nossos pensamentos, projetos e atitudes se originam na conhecida filosofia que valoriza os poderes e períodos dos processos naturais, creditando tudo o que vemos ao fator causa-efeito. Portanto, a fé não é íntegra. "Com sua boca e lábios Me honram, mas seu coração está longe de Mim".²¹²

O oposto da causalidade

Temos que pensar melhor. Precisamos encontrar meios e caminhos para fortalecer a fé em nossos corações. Em primeiro lugar, precisamos ao menos aprender que todas as causas se originam em Deus. É Ele quem segura a pena do escriba; o que nos parece uma causa é, na verdade, um resultado. Se alguém é bem sucedido, isto não se atribui à sua capacidade. Deus quis que esta pessoa tivesse êxito e por isto conferiu-lhe a faculdade da inteligência. O comandante de um exército não venceu esta ou aquela batalha por ter sido um gênio em estratégia; primeiramente foi decretado (nos mundos espirituais) que ele venceria e por este motivo lhe deram esta genialidade. Quando não houver necessidade que este homem tenha sucesso ou que vença batalhas, ele não mais terá sucesso nem ganhará guerras. Então dirão que, repentinamente, sem motivo aparente, o tino financeiro deixou aquele gigante dos negócios e o gênio militar abandonou aquele grande general.

A fonte das ideias

Vamos refletir mais sobre este assunto. Será mesmo o próprio homem quem cria as ideias em sua mente? Quem já teve ideias originais sabe que elas afloram à mente somente com enorme esforço e depois de expulsarmos todos os pensamentos irrelevantes que a elas se misturavam. A nova ideia aparece subitamente ao homem. O pensador não fez esforço algum porque sua ideia veio diretamente de Deus. É por este motivo que pedimos em nossas orações: "Tu dotas o homem com sabedoria...".

Onkelos traduziu o trecho para o hebraico: "do Eterno, teu Deus... é Ele quem te dá força para conseguires riqueza" do que seria, em aramaico,: "É Ele quem te dá conselhos para

adquirir bens".²¹³ Como podemos ser tolos a ponto de nos orgulharmos de ideias e reflexões que fluem de nossas mentes se na realidade é Deus quem as concede a nós? Como podemos nos congratular e sentirmos orgulho da "nossa" capacidade e pela "nossa" esperteza?

Se nos habituarmos a raciocinar deste modo, teremos mais cuidado com as ideias que chamamos "naturais" e suas perigosas implicações e então iniciaremos nossa verdadeira aproximação da fé.

A Essência da Natureza

O plano da Criação e seu propósito tem caráter espiritual. Cada objeto "existente" no mundo físico tem origem espiritual. O Criador fixou metas espirituais para suas criaturas e são elas que determinam o desenvolvimento e ação de cada elemento, assim como sua relação com os demais elementos deste universo. É dessa forma que nossos Sábios explicam o versículo "Assim como não se anulará a Minha aliança com o dia e com a noite, e as leis imutáveis do céu e da terra que Eu estabeleci."²¹⁴ Mesmo as leis da natureza dependem de seu objetivo espiritual, selado pelas leis da Torá. O sistema de leis da natureza, aparentemente independente, é uma mera ilusão e nada mais.

A Criação não cessa

São muitos os escritos de nossos Sábios comprovando este princípio, principalmente este que figura em nossa prece matutina: "Todos os dias, continuamente, renovas a obra da Criação".²¹⁵ Não pensemos que o ato da Criação deu-se num ponto qualquer do passado e que desde então o universo segue seu curso de acordo com leis fixas, mas sim que o mundo é "criado novamente" a cada dia, a cada momento – contínua e ininterruptamente. Portanto, a Criação do mundo a cada momento é uma expressão da vontade Divina, com um propósito determinado, orientado e independente – no que diz respeito ao seu conteúdo físico – de tudo o que o precedeu.

A ilusão da estabilidade

Quando observamos um objeto que acabou se mudar sua forma com o tempo, imaginamos que este objeto manteve sua essência e somente sua forma mudou. Por outro lado, ao observarmos um corpo que parece fixo e imutável, nos parecerá o mesmo objeto que vimos ontem. Isto não passa de um equívoco. Num filme, o que vemos é uma imagem em movimento, mas o que realmente se dá é uma imagem estática, um pouco diferente de outras, que se forem mostradas em sequência e velozmente, nos darão uma ilusão de movimento.

O mesmo acontece na Criação. Deus criou no cosmos partes ligeiramente diferentes umas das outras, que acontecem de forma sequencial e veloz. Para nós que vivemos numa dimensão de tempo, isto produz a impressão de uma só realidade, como uma forte ligação entre causa e efeito. Na verdade, não é a causa que provoca o resultado; ela somente o precede. O verdadeiro fato causal é a vontade de Deus, que "Todos os dias, continuamente, renova a obra da Criação".

Porque o vinagre acendeu

É por este motivo que Rabi Chanina ben Dossa pôde dizer "Aquele que ordenou ao azeite que acenda, ordenará ao vinagre que acenda". No final, o vinagre acendeu e queimou durante todo o Shabat, até a cerimônia de *Havdalá*, inclusive. Rabi Chanina, em sua justeza, reconhecia – não em teoria, mas na prática – que a vontade de Deus é o fator determinante de todos os processos naturais. Aos seus olhos, não havia diferença alguma entre a queima do óleo e do vinagre. O fato do óleo ser em geral um agente combustível e do vinagre jamais queimar em circunstâncias regulares é de origem espiritual. A queima do vinagre ocorreu pelo mérito de Rabi Chanina, mérito cuja força está acima de nossa compreensão e pelo mérito da *Kedushá* do *Shabat* em seu lar.

Objetivos espirituais

Nossos Sábios disseram: "Os trovões não foram criados senão para endireitar nossos corações"²¹⁶ e também disseram: "A Luz não foi criada senão para o estudo"²¹⁷ (para que o homem possa estudar Torá à noite). Cada um dos cinco dedos nas mãos do homem foi criado com um propósito único, disseram nossos Sábios,²¹⁸ conectando a função de cada dedo a uma *Mitsvá* específica na Torá. O significado destas comparações é que cada elemento criado no universo material tem seu propósito espiritual.

A visão materialista

Nós, os "materialistas", não vemos as coisas dessa maneira, pois nossos olhos são embaçados por ideias corruptas. Aos olhos do homem materialista, apegado aos valores

materiais, o mundo físico é a expressão única e total da realidade. As leis da natureza parecem-lhe absolutas, independentes e não há como livrar-se de seu domínio. Compreende-se, portanto, porque existem filósofos que tentam explicar tudo o que vêem sob o prisma da matéria. Percebe-se facilmente porque esforçam-se tanto em provar a origem e o desenvolvimento de tudo o que existe de acordo com leis físicas, mesmo que suas teorias e provas sejam fracas e inconsistentes. O lado espiritual da realidade não existe para eles. Não conseguem "visualizá-lo" de modo algum. O materialismo limita seu campo de visão e tudo o que conseguem ver se situa fora deste prisma.

Não estamos falando somente da ordem espiritual que rege o universo de um modo geral. Os milagres revelados também são menosprezados por esses hereges, que negam seu significado espiritual. Se pudessem, enquadrariam esses milagres dentro de alguma teoria que formulariam especialmente para explicá-los dentro dos conceitos da materialidade. Se o fizessem, acabariam inventando um novo conceito, segundo o qual se poderia explicar qualquer feito espiritual dentro dos moldes da matéria. Os milagres se tornariam, então, "naturais".

A Torre de Babel

Nossos Sábios explicam que foi deste modo que portou-se a geração da Torre de Babel.²¹⁹ Estes homens tinham por objetivo negar a Providência Divina, mas não tinham como negar a veracidade do Dilúvio, que ocorreu no ano de 1656 da Criação do universo, de acordo com o relato da Torá. Para escapar desta difícil realidade, inventaram uma nova "lei da natureza": 'Uma vez a cada 1656 anos, mudanças extremas ocorrem na atmosfera e isto causa um Dilúvio'.²²⁰ Com este método fácil eles conseguiram, ao menos segundo eles mesmos, explicar este milagre e fazer dele um "fenômeno natural". Esse tipo de raciocínio "científico" assemelha-se à esplendida ideia do camponês na história do *Maguid* de Dovna: para acertar todas as vezes no alvo, ele primeiro atirava a flecha e só depois desenhava o alvo em volta.

"Toda loucura tem sua lógica", dizem os britânicos. O motivo para se pensar desta maneira, como afirmaram os próprios homens que ergueram a Torre de Babel é: "E

faremos para nós fama".²²¹ Se a natureza a tudo governa e o homem pode controlá-la, cada mortal ver-se-á no papel de rei do universo, com poderes para fazer o que bem desejar, menosprezando todos os fatores espirituais à sua volta.

Este modo de pensar não foi característico apenas da geração da Torre de Babel. Ele persiste até os nossos dias.

Fé nos Nossos Sábios

A Fé em Nossos Sábios e Purim

No ano judaico de 5705 (1945), o Rabino Dessler recebeu uma carta contendo uma afirmação bastante difundida naqueles dias, segundo a qual o horror do Holocausto poderiam ter sido menor se os Rabinos da Europa Oriental tivessem encorajado a Aliyá para Érets Israel durante o período entre as duas grandes guerras.²²² O Rabino não dá aqui uma resposta direta, mas aproveita a oportunidade para desenvolver o conceito da "Fé nos Nossos Sábios". Sinto ser necessário preceder suas palavras com alguns comentários.

À sua crítica quanto a nossa capacidade para cristalizar ideias, desenvolvida no capítulo "A Raiz da Moral", temos que acrescentar a necessidade de nos curvamos ante o julgamento moral e ético de nossos Rabinos (veja os capítulos "A natureza oculta milagres", com especial ênfase ao trecho "O oposto da causalidade." Aqui, o Rabino Dessler adiciona uma afirmação: a visão dos nossos Sábios determina não só as "ideias", como também os "fatos".

A verdade, como ele esclarece, é que aquilo a que chamamos "realidade" está sujeita a diferentes interpretações, o que faz com que nosso julgamento pessoal intervenha, levando-nos diretamente ao equívoco. Quando tentamos explicar "fatores" históricos que aparentemente se conectam com os eventos, o leque de interpretações subjetivas aumenta. Isto se dá em especial quando tais eventos têm implicações decisivas no destino do povo de Israel.

Nossa natureza material corrupta tende a incitar nosso raciocínio na direção das causas políticas, econômicas e militares como os agentes responsáveis por dada situação. Os profetas e Sábios da Torá nos ensinam que estes não são os fatores reais; são somente meios dentro dos quais atuam os verdadeiros elementos — os fatores espirituais. Se a situação espiritual sofre uma mudança, podemos esperar uma drástica mudança no plano físico. Comentaristas políticos ou historiadores apegam-se a seus métodos de análise, segundo os quais interpretarão que qualquer mudança é um resultado "natural" dos fatores físicos e humanos que a precederam, com grandes chances deste parecer ser aceito pela maioria das pessoas. Convencerão qualquer indivíduo, com exceção daqueles que aprenderam a discernir as causas ocultas, espirituais, que regem o destino do povo de Israel, assim com a Providência Divina que atua ininterruptamente junto a esta nação. Ainda que preconizemos atuar todo o tempo nestes dois planos

– o material e o espiritual – temos de saber que os elementos dominantes são os da ordem espiritual. As interpretações que fazem nossos Sábios dos fatos históricos reportam-se primordialmente à dimensão espiritual dos fenômenos. Este princípio constitui a pedra angular da base teórica das ideias apresentadas nesta carta, escrita em Londres no ano de 5706 (1946).

Por meio desta carta aprendemos ainda como combater veementemente as ideias de outras pessoas, sem no entanto ofender seus sentimentos. Esta é uma das principais lições de moral dos ensinamentos do Rabino Dessler. Os Rabinos lembrados no início da carta figuram entre os maiores expoentes do mundo erudito da Lituânia e da Polônia antes da Segunda Guerra Mundial, encabeçados pelo Chafetz Chayim^{z"l}, mencionado anteriormente no capítulo sobre a benevolência. Seu discípulo, o Rabino Elchanan Wasserman^{z"l}, retornou dos Estados Unidos à Polônia em 1939, pois escolhera morrer junto a seus alunos do que viver sem eles.

Você acredita que todos os grandes de Israel na Europa Oriental, que formavam o próprio coração e a alma da nação de Israel na geração passada e na que a precedeu, todos eles, aparentemente, cometeram um grave equívoco. É o que concluí após ler suas palavras.

Isto não existe no povo de Israel! Não se pode sequer dar ouvidos a palavras como estas, que dirá pronunciá-las. Se tivesse concluído que estas palavras derivam de eruditos em Torá que, por sua vez, menosprezam as palavras de seus mestres, não teria me dado ao trabalho de responder sua carta. Contudo, o conheço como sendo um homem correto e compreendo que ouviu ideias como estas de diferentes fontes, não as inventando por conta própria, e como aprecio em muito nossa amizade, esforço-me para oferecer-lhe uma resposta condigna.

Estamos falando aqui de pessoas elevada, cujas atitudes são todas em honra aos Céus, gênios e Sábios de primeira linha, orientados pela própria Divindade no juízo que fazem das coisas e nas decisões que tomam – como o Chafetz Chayim ^{z"l}, Rabino Ozer Grodzhinski ^{z"l} da Lituânia, Rabino Chayim de Brisk ^{z"l}, Rabino Baruch Ber de Kaminitz ^{z"l} e muitos outros da geração anterior, cuja menor e mais simples atitude foge à nossa

compreensão; falamos também de pessoas ainda mais elevadas que eles, da geração que os precedeu, como o santo Rabino Israel Salanter ז"ל e demais *Tsadikim* de sua geração

Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que tive o privilégio de conhecer pessoalmente alguns destes gigantes da Torá – o Chafetz Chayim ז"ל, o Rabino Chayim de Brisk ז"ל – e observei-os quando se reuniam para deliberar sobre os problemas do povo de Israel. Posso dizer-lhe com grande sinceridade que mesmo a mais comum entre nossas mentes veria que se tratava de cérebros especialmente vigilantes e aguçados. A profundidade de seu raciocínio podia abrir fendas até o mais fundo dos abismos; gente como eu e você não seriam capazes de chegar ao cerne de suas ideias e de compreender a totalidade de seu processo de raciocínio lógico e a clareza de sua compreensão. Mais que isso: quem esteve presente às reuniões destes Rabinos, podia notar em seus olhos a potência e profundidade do senso de responsabilidade com que abordavam os assuntos; isto se refletia com clareza em sua tez, quando vislumbravam o futuro da nação de Israel, buscando nos Céus a resposta para seus problemas mais urgentes. Quem não o testemunhou, não saberá o que são sentimentos de responsabilidade. Por outro lado, quem teve o privilégio de sentar-se à presença destes homens não teve dúvidas de estar junto à própria Presença Divina. Podia-se recitar, sem qualquer hesitação, a prece: "Que fazes separar o santo do profano,"²²³ em referência às reuniões destes Rabinos e aquelas das quais costumamos participar.

Creio que tem consciência dos relatos que faz o Rabino Elchanan Wasserman sobre seu mestre, o Chafetz Chayim ז"ל. Seguramente, também conhece, prezado colega, a grandeza do Rabino Elchanan, e por isto não é justo menosprezar suas palavras. Seria ainda menos justo refutá-las, tomando por base o que nós, pequenos homens, vemos diante dos nossos olhos. Nossos mestres nos exortaram a ouvir os Rabinos "Ainda que te digam que a esquerda é direita e que a direita é esquerda". Nenhum de nós tem o direito de questionar suas palavras, dizendo: "Eles certamente se enganam, pois eu, pequenino que sou, já avistei o equívoco". Minha visão em nada se compara com a agudez de suas mentes e com o auxílio que recebem dos Céus para tomarem suas decisões. Corte Rabínica alguma pode invalidar a decisão de outra corte que a antecedeu, a menos que seja maior que ela qualitativa e quantitativamente; Não fosse isto, poderíamos até afirmar que o que

determinada Corte Rabínica "vê com seus próprios olhos" não passa de mera ilusão. É esta a abordagem da Torá em relação aos decretos dos nossos Sábios.

Usarei como base o que ouvi de meu mestre ז"ל, nosso Rabino, esta iluminada personalidade, um gênio na compreensão da alma humana: Rabino Simcha Zissel ז"ל.

O Livro de Ester ²²⁴ é um relato de eventos que ocorreram num espaço de tempo de nove anos, do terceiro ao décimo-segundo ano no reinado de Assuero. Nós mesmos e gente mais sábia que nós não pode entender que estes eventos, apesar de aparentemente não apresentarem qualquer conexão entre si, se interligam numa corrente surpreendente de acontecimentos. Somente Mordechai, com a inspiração Divina em seu nível (existem diferentes níveis de inspiração Divina), pôde perceber a ligação entre todos os acontecimentos.

Mordechai, em nome do Sinédrio, havia proibido os judeus de participarem do banquete promovido por Assuero, relatada no início do Livro de Ester e que o Midrash comenta com estas palavras: "Quando chegaram aqueles dias... disse-lhes (Mordechai): não vão... para que o Satán não possa apresentar argumentos contra vocês, mas eles não o ouviram". Parece que haviam suspeitas do clima libertino que tomava conta daquele tipo de festa, o que poderia desencadear uma orgia idólatra. Obviamente, houve aqueles que o contradisseram, argumentando que, se desafiado, um rei irresponsável como Assuero poderia matar os judeus, Deus nos livre, ao saber que desonraram sua comemoração de três anos de reinado não comparecendo. Os judeus que assim argumentaram não deram ouvidos a Mordechai e foram ao banquete. Na época, nada lhes aconteceu por isto.

Passados nove anos (no décimo-segundo ano do reinado de Assuero), quando Haman chegou a seu elevado posto no governo e ordenou a todos que se ajoelhassem diante dele (e nossos Sábios explicam ²²⁵ que não se tratava propriamente de um culto idólatra, mas de algo com aparência de idolatria), Mordechai recusou-se a se ajoelhar.

Muitos judeus protestaram por Mordechai ter colocado em perigo as vidas de todo o povo de Israel em função de sua atitude, como dia o Livro de Ester: "Disseram-lhe os filhos de Israel: saiba que por sua causa cairemos na espada deste perverso. Mordechai respondeu-lhes: e isto é motivo para que me ajoelhe, praticando idolatria? E não o fez

mesmo assim".²²⁶ Logo depois, o receio dos opositores de Mordechai concretizou-se: foi emitido um decreto para "exterminar, matar e perder todos os judeus". Se lá estivéssemos, o que diríamos? Qual fora o "motivo" deste decreto? A teimosia de Mordechai em não prostrar-se, pondo em risco a segurança de todo Israel, ou a contrariedade daqueles homens, que nove anos antes se permitiram, movidos pelos mais nobres motivos e desejosos de não colocarem em perigo a segurança de Israel, participar do banquete de Assuero? Diríamos que isto é claro como a luz do Sol: foi a atitude de Mordechai que causou a raiva de Haman e seu consequente decreto de aniquilação dos judeus. Como pode alguém negar o que seus próprios olhos estão vendo? Mas a verdade era outra: o que parecia certo aos sentidos e que não se pode refutar, era na verdade uma miragem, um truque do *létsér Hará*; o verdadeiro motivo do decreto foi a participação naquele banquete, nove anos antes.* Mas o *létsér Hará* os seduziu com o mais convincente dos argumentos – "você mesmos estão vendo o que é certo." Por este motivo, o atributo da severidade (*Midát Hadin*) venceu e o decreto foi aprovado. Naquela ocasião, no entanto, os filhos de Israel mudaram seu comportamento e com isso, o decreto. Não se agarraram com unhas e dentes ao modo pecaminoso com que atuavam antes e não buscaram vingar-se de Mordechai, considerando-o um traidor de seu povo. Ao contrário: Viram por bem escutá-lo e fizeram *Teshuvá*.

Todos sabiam que a rainha Ester era parente de Mordechai. Ester havia escolhido justamente esse momento, quando o perigo maior pairava sobre sua gente, para oferecer um gesto de amizade a Haman, o carrasco dos judeus, convidando-o a participar de uma ceia em sua casa. Isto também não fez com que os judeus acusassem Mordechai de qualquer coisa que fosse. Sem dar atenção aos conselhos do *létsér Hará*, juntaram-se a Mordechai, retornando a seu Deus com jejuns e *Teshuvá*, reparando assim os pecados que haviam cometido com seus "sentidos". Foi então que aconteceu o milagre; foi somente **então** que se salvaram.

Agora podemos compreender o que causou o decreto de aniquilação dos judeus: o "equivoco" dos Sábios da Torá, ou nossa vontade de ceder aos truques do Satán e as "provas" ilusórias que ele nos apresenta, para perdermos a fé em nossos Sábios? Se a desgraça acontece e a destruição aumenta, Deus nos livre, é um sinal que o povo não fez *Teshuvá*; pelo contrário, é um testemunho vivo do povo não estar escutando seus mestres.

Nossos Sábios dizem que toda punição começa com os líderes, que são castigados pelos pecados da geração. (Existem motivos diversos para isto, mas não é aqui o lugar para explicá-los.) Mas se o povo não faz *Teshuvá* mesmo depois de acontecimentos assim, o Nome do Altíssimo fica profanado em maior escala. Rashi comenta ²²⁷ que a profanação do Nome Divino se dá exatamente porque ao verem os justos de Israel serem castigados e desterrados, eles dizem: "De que adiantou sua justiça? Vejam por que sofrimento passam mesmo os mais justos e Sábios!"

Este o caminho dos que se afastam da verdade; preferem dar atenção ao "testemunho de seus sentidos." Os judeus daquele período podiam ter firmemente acusado Mordechai pelo fato de seu elevado caráter ter causado a queda – mas **eles** fizeram *Teshuvá*. É comum as nações do mundo afirmarem: "Estes são o povo do Eterno, e contudo saíram de sua terra", ²²⁸ mas o caminho do povo de Israel é o caminho da *Teshuvá*, da confirmação da verdade e do abandono das "provas" ilusórias, testemunhos apresentados pelo seu *létser Hará*, que incita o homem a renegar seu Criador.

A falta de anulação diante dos nossos Sábios é a origem de todo pecado e início da nossa ruína – Deus não o permita. Todos os nossos méritos de nada valem comparados à raiz da elevação espiritual: a fé em nossos Sábios.

A Influência da Bondade

O papel central da bondade no plano da Torá

A introdução e o trecho de abertura deste artigo foram escritos pelo Rabino Dessler no ano de 5698 (1938).

Nas margens, ele acrescentou: "Ditado para meu filho Nachum Zeev (que sua luz brilhe!) em 1938, devido a operação em meus olhos. Estas palavras me são mui caras, por isto as mantenho do modo como as escrevi".

A primeira parte deste assunto foi mencionada no início deste livro, onde o Rabino Dessler desenvolveu os conceitos de "dar" e "receber", com ênfase nas relações entre os homens. Somente o último capítulo discute nosso relacionamento com Deus. No segundo capítulo, o Rabino Dessler prova que o poder da vontade de "dar" é a base de toda a fé, de todo serviço Divino sincero e da elevação espiritual. Atenção especial merece ser dada aos conceitos básicos e profundos da "existência e alcance", lembrados no final deste artigo, assim com à interessante análise psicológica do Rabino a um assunto da Cabalá.

Atos de Bondade (2ª Parte)

Introdução

"Se vistes que o mérito dos patriarcas esvaneceu e que o mérito das matriarcas esmoreceu, vá e culpa a bondade, como está escrito:²²⁹

‘pois os montes se retirarão (os méritos dos pais) e as colinas serão removidas (méritos das mães); a Minha benignidade porém não se apartara de ti’ ".²³⁰

Deus disse ao nosso patriarca Abrahão: "Porque o conheci e sei que ordenará a seus filhos e à sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Eterno, para fazer caridade e justiça".²³¹ Se não tivermos êxito em implementar a Torá dos nossos patriarcas em toda a sua extensão, ao menos não percamos os **traços de caráter** que o povo de

Israel deles herdou. (Veja dissertação sobre a hereditariedade espiritual no artigo: "O atributo da Misericórdia").

A tendência natural à bondade está em nosso "ponto espiritual interno," parte inseparável da alma de cada judeu. É o reflexo espiritual da conhecida promessa Divina:

"Também, mesmo assim: estando eles

na terra de seus inimigos, não os rejeitarei

e não Me enfadarei deles para consumi-los

e violar a Minha aliança com eles;

*porque Eu sou o Eterno, seu Deus".*²³²

Isto significa que mesmo durante a escuridão do exílio, mesmo quando a maioria dos filhos de Israel se afastaram dos caminhos da Torá, o elo entre Deus e Seu povo não se desfez. Mesmo para um coração aparentemente distante de um consistente conhecimento espiritual e religioso, a chama da fé no Deus de Israel ainda não se apagou. O "ponto espiritual interno" existente no coração de cada judeu é lembrado continuamente no Chassidismo²³³ e no movimento do *Mussár*.

"Se vistes o Mérito dos Patriarcas esvanecer," dizem nossos Sábios, "vá e junte-se aos pios; e citam o versículo: "e Minha **benignidade**, porém, não se apartará de ti". Este trecho pede uma explicação: Caso estejamos falando da benignidade que parte de **nós**, o que teria a benignidade Divina a ver conosco? É exatamente aqui que está inserida nossa vontade oculta de praticar o bem – "o ponto interno" da nossa espiritualidade – que é a maior benignidade Divina que há, e foi concedida igualmente a quem não a merece, uma verdadeira gratificação. Infelizmente, nossa geração afastou-se muito da Torá de seus antepassados. Precisamos retornar, voltar a estudar e a praticar intensamente atos de bondade.

É pela graça Divina que podemos nos permitir elucidar todos os princípios da bondade como mencionamos no primeiro capítulo deste livro, assim com explicar as ligações entre

assuntos espirituais tais como a fé, santidade e serviço Divino...

Veja o que escrevemos a respeito no artigo "Não te está encoberto" (na série "Enxergando dentro da verdade").

A bondade precede a fé

Havíamos explicado no artigo "**A Raiz da Moral**" que todo pensamento se funda num interesse. Algo que não interessa a um homem não ocupará sua mente. Por isto, nosso processo de raciocínio é afetado por nossos interesses pessoais e "o suborno cega os olhos dos sábios". Não tenho como avaliar objetivamente uma pessoa que meu deu um valioso presente. Concluímos então que a única possibilidade de chegarmos a um juízo verdadeiro sobre assuntos aos quais o *létser Hará* se opõe é eliminarmos os preconceitos do coração e fazermos um esforço consciente e incansável para descobrir a verdade intrínseca às coisas, seja como for.

A raiz dos preconceitos e dos interesses pessoais se encontra obviamente na nossa vontade de "receber"; é ela a fonte de todos os desejos humanos. Nosso motivos pessoais obscurecem a consciência em Deus e fazem nossa fé fraquejar. Esta sensação reside dentro de qualquer homem, enquanto homem. Num estágio mais sofisticado, prima por construir toda uma filosofia agnóstica. Portanto, para podermos desobstruir nosso caminho até Deus, temos de eliminar do nosso coração a vontade de "receber", fortalecendo em seu lugar a vontade de "dar". Somente deste modo despertará dentro de nós um **interesse** genuíno pela verdade.

Verdade e integridade

O homem vive num universo fascinante. As descobertas da ciência moderna acentuam ainda mais este fascínio. Das galáxias que se espalham pela imensidão do Cosmo às células que compõe nosso organismo e os milhões de conexões que fazem nosso cérebro funcionar, passando pelos átomos, componentes básicos da matéria – tudo é manifesto de uma incomensurável sabedoria, num grau de sofisticação acima da compreensão humana.

Existem duas maneiras de abordar esta realidade. O homem pode reagir aos segredos do universo com indiferença, sem que isto tenha qualquer influência sobre seu cotidiano, uma corrida incessante em busca de satisfação material e respostas para seus objetivos

egoístas. Por outro lado, o homem pode maravilhar-se com tudo o que lhe mostra o universo e refletir: Por que encontro-me diante deste infindável conhecimento? Vivo num universo tão surpreendente e sofisticado; o que me será exigido por isto? Como posso contribuir para a realização do plano deste mundo que se revela à minha frente?

O que distingue estas duas abordagens? A primeira baseia-se no egoísmo; a segunda, no altruísmo.

Portanto, **um homem que tem fé** está mais próximo do mundo da bondade e da contribuição. Mas para tornar-se uma pessoa **benigna**, ele precisa purificar suas virtudes. O grau da fé de um homem depende da pureza de seu coração. Quem "trabalhou a si mesmo" e tentou purificar seu espírito dos erros cometidos por causa de seus instintos egoístas – somente este tipo de indivíduo pode aproximar-se da verdade absoluta. Não é somente convencer-se intelectualmente que se faz necessário aqui, mas o apego à própria ideia de viver segundo estes ideais. Somente uma pessoa de caráter essencialmente íntegro e confiável pode ser uma pessoa de fé.

O fortalecimento da capacidade de "dar" remove a corrupção de nosso interior. Assim sendo, quanto mais o homem se ocupa em ajudar o próximo, mais forte e profundo se torna seu conhecimento de Deus.

Hospitalidade

Nossos Sábios disseram: "A hospitalidade precede em importância a recepção da Presença Divina".²³⁴ Abrahão pediu a Deus: "Ó Senhor, se tenho achado graça em teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo".²³⁵ De acordo com Rashi, Abrahão pedira a Deus que o esperasse até que recebesse os hóspedes que vieram bater-lhe à porta. Como pôde Abrahão ter agido de maneira **justa** ao pedir a Deus que o "esperasse", enquanto atendia a três transeuntes de origem árabe, reconhecidamente idólatras? ²³⁶

Maior que a profecia

A resposta é que hospitalidade, mesmo aquela oferecida às pessoas menos importantes, **equivale** a receber a Presença Divina, pois é o mesmo que "trilhar os caminhos Divinos" – "Se Ele é Bom, seja você também um homem bom." Agindo deste modo, consciente ou inconscientemente, estará com Deus, também conhecido como "Presença Divina". Mais que isso, estará num estágio mais elevado que o da profecia, o maior de todos os presentes Divinos. Por quê? Por que a profecia é um **presente**. Não é um bem que o homem adquire e mantém junto a si pelo tempo que desejar. Em contrapartida, uma boa ação age profundamente sobre o caráter do homem. Como vimos acima, boas atitudes removem o manto de egoísmo do espírito, deixando que o homem perceba a verdade com clareza. É deste modo que se alcança a fé plena e eterna. É por meio deste tipo de atitude que o homem recebe continuamente a "visita da Presença Divina". Esta Presença ficará gravada em seu coração e em sua experiência; foi adquirida por esforço próprio e por isto lhe pertence.

Fé e gratidão

Foi explicado no artigo sobre a generosidade, capítulo 11, que a gratidão tem sua origem na vontade de dar. Também escrevemos (no capítulo 4) que o amor deriva de atos de bondade e não da vontade de receber.

Existe portanto uma ligação entre a fé e a gratidão a Deus. É esta gratidão, aliada à vontade de dar, que levam o homem a ter fé em Deus. A lógica diz, no entanto, que a fé deve preceder a gratidão. Quando o homem se torna consciente da grandeza Divina, deseja também agradecer por todo o bem que Ele lhe faz. Mas esta não é a realidade. O homem não sente gratidão pelo que Deus lhe faz, a menos que tenha removido de si a moléstia do interesse egoísta – sua vontade de receber.

Ainda que este homem presencie milagres revelados, não são eles que o levarão a acreditar em Deus. O sentimento de gratidão causado pela presença dos milagres é o que leva o homem à fé. Moisés descreveu todos os milagres que Deus fez para o povo de Israel,²³⁷ concluindo sua fala com as palavras: "E nem por isto acreditais no Eterno, vosso Deus".²³⁸ Sem este sentimento de gratidão, os milagres não tem forças para fazer com que o homem creia em Deus.

O ato de dar precede o verdadeiro serviço Divino

Todos as atitudes e pensamentos de um homem que só "recebe" são exclusivamente de interesse pessoal. Quando faz algo bom para o próximo, seu pensamento está voltado para o benefício que receberá em troca, como resposta para a pergunta que faz a si mesmo: "O que ganharei com isto?" As *Mitsvót* que pratica e a Torá que estuda também têm o mesmo objetivo: vantagens pessoais; para ser honrado por tê-lo feito. Para vangloriar-se e tudo o que se pareça a isto. Ou pior: este homem pode aproveitar-se de seu conhecimento ou posição social para o mal – para ferir ou oprimir o próximo. O princípio é: o homem egoísta serve a si mesmo e somente a si mesmo.

Quem não se anula para servir a Deus desconhece o sentimento de amar a Deus com pureza de espírito. Mas não o verbalizará, nem mesmo em seu íntimo. Na verdade, no fundo de sua alma, talvez nem sequer acredite em Deus. Pode haver qualquer ligação entre esta pessoa e o serviço Divino?

Sem ler, é impossível entender

Um gentio foi procurar o sábio Hilel para que o convertesse ao judaísmo, na condição que Hilel lhe ensinasse toda a Torá enquanto ficava parado num pé só. Hilel lhe disse: "O que odeia que façam a ti, não faça aos outros; esta é toda a Torá. O resto é comentário; agora vai e **estuda-a**".²³⁹ Se alguém estuda um livro de significado profundo, pode realmente equivocar-se. Mas quem aprende uma interpretação e não estuda o livro sobre o qual fala a interpretação, **jamais entenderá este livro**. Quem pensa estudar a Torá ou cumprir suas *Mitsvót* sem habituar-se a prestar auxílio ao próximo como parte integral de seu cotidiano é como alguém que **estuda o significado de um livro sem lê-lo**.

"Mitsvót" que não são *Mitsvót*

A pessoa "receptora", mergulhada nas profundezas do "receber", também estuda a Torá e cumpre *Mitsvót* práticas, como a colocação dos *Tefilín* – mas no fundo do coração ela não crê em Deus, como explicamos acima. As *Mitsvót* de um herege obviamente não são contadas como *Mitsvót*. Portanto, temos de nos esforçar muito para nos fortalecer no caminho da bondade. Se falharmos, Deus não o permita, não nos faltará uma *Mitsvá* apenas, mas toda a Torá e nosso serviço Divino.

Não há despertar espiritual sem a prática da bondade

Rashi escreve ²⁴⁰ que uma oração feita com fervor equivale a um ato generoso, pois está escrito: "O homem generoso faz bem ao próprio espírito".²⁴¹ Ibn Ezra comenta este versículo: "O homem generoso faz bem ao próprio espírito, amparando-o com atos de bondade e complementando-o". O que isto quer dizer? Pode uma pessoa ser bondosa consigo mesma? Se o for, não será egoísmo?

Interior e exterior

O que foi dito acima é extremamente profundo. Se prestarmos atenção, notaremos que nem todos os pensamentos despertam-se em nossa mente da mesma forma. Pensamentos fundamentados na vontade são ditos na primeira pessoa: "**eu** quero...", "**eu** gosto de...". Assuntos espirituais, prioridade do *létser Hatóv*, são ditos na segunda pessoa: "**você** precisa fazer isto e aquilo, **não faça** isto e aquilo". Rabino Chayim de Volozhin explica (em sua obra "*Nefesh Hachayim*", capítulo 1:6), que é a isto que aludem os livros de Cabalá: quando do pecado de Adão, o *létser Hará* entrou "dentro do homem" e o *létser Hatóv* tornou-se um fator externo. Antes do pecado, a situação era inversa. O *létser Hatóv* era uma manifestação "interna", ao passo que o *létser Hará* era uma manifestação externa ao homem. (É por este motivo que a Torá conta que a cobra induziu o homem a pecar; não foi uma tendência "interna", mas algo "externo" ao homem que causou o pecado).

Três abordagens

Os Sábios da Cabalá escrevem que os três aspectos da alma: *Néfesh*, *Rúach* e *Neshamá*, são manifestações paralelas a "eu", "tu" e "ele". Compreenderemos algo do que disseram analisando o que mencionamos acima. *Néfesh* é o aspecto da vontade material, expressa pelo "eu". O despertar espiritual, o *Ruach*, dirige-se a nós na figura do "tu". Já a *Neshamá*, o aspecto elevado da alma, que traz a influência espiritual dos mundos

superiores, não é congruente com nosso ser físico. Nós a tratamos com algo alheio, na terceira pessoa – "ela".

Quando temos pensamentos vindos dos patamares exclusivamente espirituais, eles não se expressam dentro da nossa mente como algo presente ou consciente; o *létser Hatóv* apresenta os argumentos da *Neshamá* em seu lugar.

As exigências da alma

Uma pessoa imersa na lama do egoísmo, que pleiteia somente o próprio bem, pisando nos direitos do próximo com indiferença e menosprezo, estranhará as manifestações mais elevadas de sua existência interior. As verá como forças inimigas, que lhe fazem demandas, não para **seu** bem, mas para o bem alheio, acostumando-se a reprimi-las em seu coração, assim como repudia demandas semelhantes, feitas por seus companheiros. É aqui que se encontram estes dois princípios: a força da bondade e o apego aos valores espirituais. Agora podemos compreender o modo como Rabeinu Iona verbaliza este conceito, onde diz que devemos nos confessar diante de Deus: "Pois fui **cruel** com meu precioso espírito".²⁴²

A misericórdia do "eu"

Portanto, o homem não despertará para a *Teshuvá* ou para o enriquecimento espiritual a menos que esteja pronto para responder às demandas que lhe faz seu "eu supremo", com relação à prática da bondade e da misericórdia. Depois de fazer *Teshuvá* e interiorizar este "eu supremo", o homem verá que as demandas que lhe pareciam estranhas a princípio eram, na verdade, manifestações do seu verdadeiro eu.

Salientamos aqui as palavras profundas de Rashi, que disse que o despertar espiritual e a devoção no momento da prece são oriundos da bondade presente dentro do homem.

Então: **A elevação espiritual depende do ato de "dar".**

O reparo da Criação depende do ato de dar

Sobre o versículo "A bondade é a fundação sobre o qual foi edificado o mundo",²⁴³ nossas Escrituras trazem duas explicações:

1) Ao ser humano que é capaz de compreender o propósito da Criação, podemos dizer que a intenção do Criador é despejar bondade sobre suas criaturas, permitindo que se regozijem com o brilho da Presença Divina,²⁴⁴ "o verdadeiro deleite e o mais refinado entre tudo o que há de mais delicado".²⁴⁵ É sobre este tipo de bondade que foi edificado o mundo.

2) Deus faz jorrar o bem sobre Suas criaturas incessantemente, a todo momento. O universo é todo o tempo sustentado por Ele. Neste sentido, também podemos afirmar que "O amor Divino mantém o universo".

Deus se relaciona conosco por meio de Sua constante generosidade. E quanto a nós?

Do que depende a gratidão

Se recebermos passivamente a abundância Divina, jamais nos satisfaremos. Se exigirmos cada vez mais, nos afogaremos na vontade de "receber" e no egoísmo. Inadvertidamente, penderemos à ingratidão e à indiferença em relação aos valores espirituais, como vimos anteriormente. Deste ponto em diante, vem a ruptura com o propósito da Criação. Como podemos deleitar nossas almas com o brilho da Presença Divina – um deleite espiritual – se nos afastamos continuamente de atos de bondade? Além disso, esta exponencial vivência espiritual depende de nosso reconhecimento íntimo da infinita bondade Divina (veja o penúltimo parágrafo). Somente quem "dá" pode alcançar este nível de consciência; uma alma "doadora" também reconhece esta virtude em seu companheiros. Note bem que um "receptor", ao ver alguém sacrificar-se por outra pessoa, não acredita no que seus olhos testemunham e tenta saber que motivação egoísta fez aquela pessoa agir desse modo.

Como nunca ajudou alguém, não consegue ver este tipo de virtude no coração de outras pessoas.

Em relação a Deus, também reconheceremos somente as virtudes que atuam em nosso coração, como está escrito: "Com o caridoso te mostras benigno; com o íntegro te mostras justo"²⁴⁶ Deus retribui com benignidade para com as pessoas benignas, porque só essas pessoas têm a capacidade de aprender daí a lição apropriada. Somente quem ama pode reconhecer o amor Divino.

Como se dará então a realização do propósito da Criação? Como o homem deve se preparar para deleitar-se com o brilho da Presença Divina? Somente adquirindo a virtude da "doação".

"Chanina, meu filho"

O homem bom não toma muitas coisas deste mundo.

Deus disse sobre o santo Rabi Chanina ben Dossa: "Todo o mundo é alimentado em função de meu filho Chanina",²⁴⁷ ou seja, em função de sua generosidade, de seu sacrifício pessoal e suas preces em prol de toda a comunidade, frutos de seu amor profundo. "Quanto a meu filho Chanina, basta-lhe um feixe de alfarrobas de um sábado ao outro".

Ele toma o mínimo possível do mundo e vê no pouco que toma a incomensurável bondade Divina. Sua vida é repleta de gratidão ao Criador – um sentimento de gratidão que é, em si, um ato de "dar". Este é um grau de santidade onde a vontade humana de ingerir um alimento se dá tão somente porque deseja agradecer a Deus por ter-lho ofertado.

Vivência e alcance

O mesmo se dá no Mundo Vindouro. A vida no Mundo Vindouro não se parece em nada com o que nos habituamos neste mundo. A extrema felicidade que ali existe está acima de nossa capacidade de compreensão – "É o verdadeiro deleite e o mais alto grau de refinamento que existe" – e o homem foi criado para experimentar este deleite em sua

plenitude. No capítulo "O sofrimento dos justos", explicamos que Deus nos dotou de um *létsar Hará* e que todos os desafios que enfrentamos neste mundo recaem sobre nós para que os vençamos, usando nosso livre-arbítrio. Deste modo sentimos que este deleite infinito nos agracia pelo mérito de nossas boas ações. O desfrute aumentará exponencialmente ao reconhecermos que não o recebemos gratuitamente, mas por merecimento, por justiça.

Mas agora temos um sério problema pela frente: neste livro, aprendemos que o homem alcança os mais elevados níveis espirituais somente quando anula seu ego. Como entender, então, que no Mundo Vindouro existe uma experiência, onde tudo "nos pertence"? Não seria isso um superlativo do egocentrismo? Chegar a este nível de deleite não seria apenas outro aspecto do ato de receber?

Eis a resposta a este problema: quem trilha os caminhos da Torá adquire a qualidade da gratidão, que leva consigo ao Mundo Vindouro. A experiência do Mundo Vindouro não é estática. Por este motivo é chamada de **Chaiê** (a vida) no Mundo Vindouro. E a vida é um conceito dinâmico por definição. Realmente, numa primeira etapa, o homem é agraciado com um estado elevado de deleite, como merecedor pelo esforço que realizou neste mundo, mas o "benemérito", que vive de acordo com o princípio da gratidão, não viverá para sempre neste estágio, como explicamos acima. E a etapa da remuneração, do "alcance", do "recebimento", deixará lugar para uma etapa colossal de agradecimento, quando o homem compreenderá que a medida do deleite com que foi agraciado está muito além do que merece. Este homem sente-se então totalmente anulado ante a enormidade da bondade de Deus e do estágio do "alcance" e passará ao estado da "vivência".

De modo paradoxal, este estágio de anulação do ego aumenta a capacidade do homem em receber porções ainda maiores da incessante abundância que emana de Deus, bendito seja, e a partir desta "vivência", penetrará uma vez mais no estágio de "alcance", e assim indefinidamente... num processo cíclico e ininterrupto. Este processo é a própria vida no Mundo Vindouro e sua dinâmica se dá pela força do ato de dar, raiz da virtude da gratidão.

Concluindo, a vontade de dar é a força motriz que complementa o ato da Criação. Através dela rompem-se os grilhões do egocentrismo e a benevolência Divina cumpre seu intento. Esta é uma explicação adicional para o versículo "A bondade é a fundação sobre o qual foi

edificado o mundo". O amor e a bondade das criaturas Divinas permitem que a benevolência Divina cumpra plenamente seu propósito na estrutura do universo.

O propósito da nossa existência

Não estamos falando de alguns poucos privilegiados. Este propósito inclui todos os seres humanos. Cada um de nós tem o dever de desenvolver seu potencial como doador, para que a Criação cumpra seu destino. É deste modo que tomamos parte na realização da vontade Divina.

O indivíduo e a sociedade

Aqui, o Rabino Dessler amplia o conceito da "doação" do plano material ao plano espiritual, falando de bondade espiritual e ensinando sobre a interdependência entre o indivíduo e a comunidade, entre o Tsadic e seu ambiente, um vínculo que pode envolver todo o universo. Nossa atenção é atraída para o "mecanismo" espiritual que garante o mérito geral em função dos méritos do Tsadic.

Dentro do sistema externo da vida do homem e, até certo ponto, do seu sistema interno, nos defrontamos com duas dimensões: indivíduo e sociedade. Do ponto de vista pessoal, cada ser humano vive em função própria, ao mesmo tempo que sente-se responsável pelo destino comum, enxergando a si mesmo como parte de um grupo extenso e mais abrangente, como a espécie humana, ou de um grupo secundário, como um povo ou etnia.

Se faltasse ao homem uma destas duas dimensões, ele não poderia se considerar um ser humano. Sem um mínimo de senso comunitário, não passaria de um animal selvagem ou até algo pior. Por outro lado, sem seu individualismo não haveria aspiração pessoal, seja no plano físico, seja no plano espiritual. As pessoas seriam destituídas de sua marca pessoal e, assim como as formigas, seriam apenas membros de uma comunidade e nada mais.

Propósito comum

Toda a Criação une-se num gigantesco mecanismo, onde todos os componentes atuam em perfeita combinação. Externamente, é fácil constatá-lo. Todos os componentes do universo são igualmente necessários para mantê-lo de acordo com a ordem em que foi projetado. Isto também é certo no plano espiritual interior: toda criatura serve a um propósito específico. Mas, aparentemente, percebe apenas seu próprio papel, sem estabelecer conexões. Por exemplo, a abelha recolhe o néctar que serve de alimento para sua colmeia, sem ter consciência de seu papel na fertilização das flores. Um homem vende determinada

mercadoria para sustento próprio; de um modo geral não tem consciência do seu papel na máquina da economia em nível municipal ou nacional a cada venda que faz.

Por que nosso mundo baseia-se nestes duas tendências opostas, ambas igualmente essenciais? Se fomos criados como seres sociais, por que somos dotados de uma individualidade tão definida, parte integral do nosso ser? Se cada ser humano é um mundo em si mesmo, por que não lhe foi dado um mundo em separado, sem responsabilizá-lo por seus semelhantes e sem que o meio social o perturbasse?

Imagem Divina

Podemos notar aqui um propósito fundamental e profundo. O ser humano não foi criado somente para sua realização pessoal, mas para influenciar outras pessoas. Este é um dos aspectos que nos permite compreender a Criação do homem "à semelhança Divina".²⁴⁸ As qualidades positivas criadas no homem como potenciais assemelham-se aos atributos Divinos através dos quais Deus se revela as Suas criaturas. Somente por meio desta equiparação podemos perceber algo de Seus atributos.

O atributo da bondade

Se há um atributo pelo qual podemos ter uma noção clara da ação e influência Divina no mundo, este atributo é o da bondade. É ele quem dá existência e vida a todos os seres, trazendo-lhes benefícios materiais e espirituais. A mais elevada realização de um ser humano é, portanto, assemelhar-se a seu Criador **neste** atributo; ou seja, levando benesses e felicidade a outras criaturas. Amar o próximo é tentar fazê-lo feliz; praticar uma boa ação sob todos os seus aspectos e minúcias significa levar felicidade a outros por meio desta ação. Isto é trilhar os "caminhos de Deus", como disseram nossos Sábios: "Assim como Ele é Misericordioso, seja também misericordioso".

Este plano pode ser implementado somente se houver uma espécie humana compostas de indivíduos onde cada um veja a si mesmo como um ser único mas, ao mesmo tempo, como parte de um todo. Deste modo, pavimenta-se o caminho para que cada cidadão possa ser um "doador" por vontade própria. É este o desafio da singularidade. No entanto,

se não tivesse sido implantado no homem um sentimento de ligação com a sociedade, ele jamais almejaria o bem comum.

Algumas características da doação

O ato de dar apresenta aspectos variados, em níveis distintos. Temos a ação de dar em um nível material, desde quem dá um pedaço de pão a uma pessoa faminta até um voluntário que atua em prol das causas sociais. Aqui vale lembrar: as **necessidades materiais** de quem recebe são as **necessidades espirituais** de quem dá. Temos, igualmente, a doação espiritual, do mestre que ensina e influencia seus alunos até o líder de uma nação que orienta toda uma geração, como vemos ao longo da História Judaica.

Existe um aspecto ainda mais abstrato da benevolência, onde o verdadeiro servo de Deus pode influenciar a existência e a vida de pessoas que talvez nunca tenha visto. Explicamos no artigo anterior o trecho do Talmud sobre Chanina ben Dossa ("Todo o mundo é alimentado pelo mérito de meu filho Chanina...") e mais uma infinidade de exemplos que provam os méritos de um *Tsadíc*, capaz de levar bênçãos a um grande número de pessoas.

O amor do *Tsadíc*

Um *Tsadíc* que está conectado com todo o seu espírito aqueles que vivem "ao seu redor" ama-os e está disposto a tudo em seu benefício. Se algum perigo os ameaça, ele roga por eles a Deus. Sua prece expressa seu sentimento interior, que não suporta que qualquer mal lhes suceda. Ele sente com toda a sua alma que seria preferível morrer no lugar deles e é isto que age a favor do povo judeu. Um exemplo clássico disto na Torá é a situação dos filhos de Israel, que não permaneceram por muito tempo no patamar espiritual a que chegaram durante a entrega da Torá, pecando ao adorar o bezerro de ouro, apenas quarenta dias depois de tão elevado evento.²⁴⁹ "Vai, desce, porque se corrompeu o teu povo...", disse Deus a Moisés. Os filhos de Israel haviam perdido seu direito de existir. "E agora deixa-Me, para que a Minha ira se acenda contra eles e os consumirei, e farei de ti um grande povo".

Moisés, nosso mestre, demora a aceitar este conselho Divino; não se conforma com o amargo destino de Israel, de ser o líder de outra nação que substitua o povo de Israel. Ele oferece a própria vida como sacrifício para salvá-los. Diz para Deus: "E agora, se perdoas seu pecado, está bem e se não [se não os deixares com vida](#) risca-me, rogo, do Teu livro, que escreveste!" ²⁵⁰, ou seja, Moisés declina de sua existência neste mundo e no Mundo Vindouro.²⁵¹ Recusa-se a aceitar a proposta Divina: "e farei de ti um grande povo", cujo desenlace seria a realização do propósito da Criação, insistindo que se materialize somente por intermédio de todo Israel. Moisés tem sucesso em sua prece.

O que significa esta situação? Como é possível se opor à vontade de Deus e sair-se vitorioso? "Também Aquele que é a força de Israel, não mente nem se arrepende, porque não é um homem para que se arrependa".²⁵² É claro, portanto, que uma mudança no modo como Deus dirige o universo só pode ser compreendida em função de uma mudança da situação de Suas criaturas. Que transformação, portanto, ocorreu na situação deste mundo material em função dos argumentos de Moisés?

Sacrifício pessoal elevado

A resposta é o sacrifício pessoal de Moisés em prol de Israel. Naquele momento de angústia, Moisés elevou-se ao mais alto nível espiritual, onde incluiu-se dentro de todo Israel, identificando-se totalmente com eles. Preferiu pagar sua dívida a separar-se deles. Não somente com palavras, mas na realidade – na realidade de seus sentimentos. Ele sente, ele sabe, que não poderá viver sem Israel. **Foi este fato que modificou toda a situação.** Se um povo tem um pastor tão fiel, é isso que permite a Deus que aja com piedade a seu favor. O atributo da Misericórdia também leva em conta o futuro, quando intercede no presente. Se houver chance plausível do pecador retornar em *Teshuvá*, esta possibilidade fará a balança pender a seu favor, prolongando-lhe a vida, para que esta possibilidade venha a se materializar. Sob a tutela espiritual de um mestre que os amou como Moisés, seguramente o povo de Israel faria *Teshuvá*. Na nova situação em que se encontravam, poderiam prolongar seu contrato de vida. (Analogamente, o rabino Ovadia Sforno diz em seu comentário sobre a porção *Bereshit* que, quando um *Tsadíc* entrega a

sua vida em prol da comunidade, isto lhe dá forças para salvá-la de sua sentença, porque renovou-se a possibilidade da *Teshuvá*).

Prece em favor do próximo

Portanto, é possível e até necessário que um homem ore por um companheiro enfermo ou que esteja sofrendo, na esperança de que Deus atenda sua prece. Isso não necessariamente se dará porque este homem é um *Tsadíc*, mas por sua genuína preocupação com seu semelhante e pela prece sincera em seu benefício, que gera um novo mérito e uma nova revelação da glória de Deus no mundo – um feito nada desprezível. (É bem possível que este mérito adicional faça a balança do juízo pender a favor da pessoa enferma).

Prece em favor de todos

Vamos além. Cada um de nós pode rezar pelo bem de todo o povo judeu e com isso aumentar o mérito geral. A maior parte de nossas orações fundamentam-se neste princípio; foi por isto que nossos Sábios formularam as preces no plural. Cada indivíduo ora por toda a nação e faz sua reza valer mil vezes mais do que se estivesse orando somente em benefício próprio. Deste modo, toda a sua oração torna-se mais pura, livre de motivações pessoais e cheia de espírito comunitário.

Responsabilidade pública

Este espírito comunitário conecta cada ser humano com uma rede mundial de necessidades e responsabilidades comuns: "Todos os judeus são responsáveis uns pelos outros".²⁵³ Um exemplo *Haláchico*:²⁵⁴ um homem pode recitar uma bênção em nome de seu colega somente no caso dele ter também o dever de recitar a mesma bênção. Se a bênção for sobre um alimento, quem a fizer precisa comer desse alimento. No entanto, se a bênção for sobre uma *Mitsvá*, um judeu pode recitá-la no lugar de alguém que ainda está por fazer esta *Mitsvá*, mesmo que ele já a tenha cumprido. O motivo da diferença entre

estas duas situações é que a *Mitsvá* que o primeiro homem cumpriu não estará completa até que seu companheiro também a cumpra.

Cada um de nós é responsável por seu semelhante. Quem for capaz de influenciar o meio em que vive, tem o dever de fazê-lo, sempre de acordo com o seu nível e o alcance de sua influência. O grau de responsabilidade por uma sociedade decide o quão dependente esta sociedade é do indivíduo.

O mérito da *Tsedacá*

Existe uma interdependência entre um rico e um pobre que recebe *Tsedacá* deste rico. O rico certamente é útil ao pobre, provendo suas carências. Se o fizer de bom grado, dará mais; também respeitará o amor próprio de quem recebe e ainda o ensinará algo sobre a bondade e a força do ato de "dar".

Mas quem recebe também é útil a quem dá, por ser um *Clí* (recipiente) para seu ato de bondade. Ele faz com que o doador possa cumprir sua *Mitsvá*; sem alguém para receber, esta *Mitsvá* não existiria.

Agora podemos entender a resposta que rabi Akiva deu a Turnus Rufus.²⁵⁵ Este enviado de Roma para a Judeia seguia a ideologia romana que nega a doação de meios para os pobres e desprotegidos. "Se não conseguem viver com os meios que possuem – melhor que morram", afirmava a ideologia. Por isto, perguntou ao *Chachám*: "Se vosso Deus gosta dos pobres, por que não os sustenta?" Rabi Akiva contestou-lhe: "Para que **nós** tenhamos este mérito (dando a eles, amealhamos méritos)." Aparentemente, suas palavras não fazem sentido. Mas a realidade é, que a pessoa que recebe torna-se um associado de quem dá, como explicamos acima. Mais que isso; nossos Sábios dizem que o quinhão de quem recebe a *Mitsvá* é maior que o de quem dá. "Mais do que o benfeitor faz com o pobre, o pobre faz com o benfeitor".²⁵⁶

Rico ou pobre

O Talmud conta ²⁵⁷ que antes do homem ser criado dentro do útero, o anjo da fertilização pega esta gota, leva-a até Deus e pergunta: "Será rico ou pobre?" O anjo não pergunta se será *Tsadíc* (Justo) ou *Rashá* (Malvado), pois isto depende da livre escolha de cada indivíduo. A habilidade física, nível intelectual, situação financeira, familiar, meio ambiente, educação, são os fatores que determinarão as condições nas quais esta pessoa terá que enfrentar seus desafios na vida. O homem cumpre seu propósito através do modo como exerce seu livre-arbítrio, de acordo com sua vontade de vencer os diferentes desafios que as circunstâncias da vida lhes coloca à frente. O propósito de um homem no universo pode ser cumprido quando ele conseguir vencer as barreiras que a pobreza lhe apresenta, enquanto outro cumprirá seu destino se conseguir vencer os desafios da riqueza.

O que seria preferível? Responderíamos sem hesitar: O teste da riqueza. Mas é bem possível que nossa resposta seja influenciada por estarmos vendo as coisas sob o aspecto da vida neste mundo. Se pudéssemos ver as coisas segundo uma perspectiva do mundo espiritual, talvez tivessem um prisma diferente. Nossos Sábios dizem: ²⁵⁸

*"Se um rico venceu os desafios da riqueza e praticou atos de bondade, terá consumido sua riqueza neste mundo, os fundos permanecem para sua vida no Mundo Vindouro e o Santíssimo, bendito seja, o salva do Guehinom... se um pobre venceu os desafios de sua pobreza e não se rebelou **contra Deus** pela vida que o tocou, duplicará seu quinhão no Mundo Vindouro."*

No mundo espiritual o quinhão do pobre supera o quinhão do rico. Mas por que "em dobro"? A resposta: ele recebe uma porção como recompensa pelas *Mitsvót* que cumpriu e outro como recompensa por seu sofrimento. Suas *Mitsvót* talvez tenham sido cumpridas através do sofrimento: "Não se rebelou." Ele concordou em servir de instrumento para que o rico pudesse praticar seus atos de bondade.

A recompensa de quem sofreu, ainda que tenha praticado somente algumas *Mitsvót*, será duas vezes maior que a de quem praticou *Mitsvót* mas que não sofreu por isto.

Posfácio à Edição Brasileira

por David Gorodovits

À medida que mergulhamos na leitura deste apaixonante trabalho, encontramos respostas para dúvidas que há muito inquietavam nosso espírito. A maneira simples e direta com que o Rabino Eliyáhu Dessler aborda os temas mais complexos convida nossa mente a estabelecer associações surpreendentes.

Uma delas é que, segundo o Talmud, todos os questionamentos ainda sem resposta serão esclarecidos quando da vinda de Eliyáhu Hanavi (o profeta Elias). Lembramos também o que nos diz o profeta Malaquias no capítulo 3, versículos 23 e 24 do texto que é lido como *Haftará* do *Shabat Hagadol*, que antecede a comemoração de *Pêssach*:

"Eis que Eu vos enviarei o profeta Eliyáhu, antes que venha o dia grande e temível do Eterno. E ele fará voltar o coração dos pais para com Deus por meio dos filhos, e o coração dos filhos para com Deus por meio dos pais..."

Podemos entender estas palavras de várias maneiras. Uma delas é que Elias fará os corações de pais e filhos voltarem-se uns para os outros através do Eterno e, outra ainda, que os corações de pais e filhos, estando voltados para Deus, estabelecerão entre si uma plena integração e perfeita harmonia.

É quase impossível, porém, evitarmos a perplexidade face à afirmação de Malaquias no contexto em que vivemos. O mundo em contínua convulsão torna cada vez maior a distância entre as gerações. Mudanças decisivas ocorrem sem aviso; situações políticas sofrem transformações radicais; fortunas são amealhadas e perdidas em questão de minutos. A constante evolução da ciência e da tecnologia faz obsoleta hoje a certeza sólida, firme, de ontem.

A instabilidade do mundo à nossa volta atinge até critérios e valores que temos por obrigação transmitir aos nossos filhos. Aparentemente, não há solo comum. Trata-se, no entanto, de um diálogo que poucas vezes foi tão importante, tão vital para nossa continuidade.

Precisamos falar-lhes dos elementos que compõem o caráter dos homens de bem; da grandeza do amor verdadeiro; da fé que brota e floresce no coração dos abençoados. E eles deverão saber que as palavras vêm dos ensinamentos dos Sábios de Israel, eternos, imunes à passagem do tempo.

São estes ensinamentos que o Rabino Dessler situa dentro de um universo contemporâneo, tornando-os claros e acessíveis ao leitor. É desta forma que ele cria o solo comum da profecia de Malaquias, o lugar onde pais e filhos podem se reunir em torno da verdade e conversar sobre sua natureza única, imutável, incontestável.

Ao mesmo tempo, os textos do Rabino Dessler remetem ao famoso sonho de Jacob, nosso Patriarca, sobre a escada que liga céus e terra. Seus comentários e explicações são como os degraus dessa escada, que nos aproxima mais e mais do Amor e do Temor ao Eterno, e nos leva a fazer diretriz primeira de nossas vidas servi-Lo com toda nossa alma.

Que estes sentimentos possam estar presentes na mente e no coração de cada leitor para que não tarde a Era Messiânica, onde a Paz e Harmonia serão atributos de *Am Israel* e de toda a Humanidade.

Para retornar ao texto do livro **clique no link da respectiva nota**

- 1 Profissional que abate animais de acordo com o ritual judaico.
- 2 Centro de estudos de Torá para chefes de família.
- 3 Estudante numa casa de estudos de Torá
- 4 Apresentação com fins matrimoniais
- 5 Rabino que encabeça uma casa de estudos de Torá.
- 6 O *Shemá* é a afirmação máxima da fé judaica: “Ouve Israel! O Eterno é nosso Deus! O Eterno é Um! (Deuteronômio 6)
- 7 *Teshuvá* é o processo de retorno a Deus, seguido de arrependimento e remendo dos atos.
- 8 Disponível em português como “O Caminho dos Justos”, Editora Sêfer, 2002.
- 9 *Tanaím* e *Amoraím* foram respectivamente os rabinos que ensinaram a *Mishná* (recapitulação) e a *Guemará* (finalização). Ambos formam o Talmud (ensinamentos)
- 10 O Rei Salomão.
- 11 “Os Deveres do Coração”, do Rabino Bachia Ibn Pacuda, Editora e Livraria Sêfer, 2002.
- 12 O autor dá um exemplo usando o idioma inglês, cujo resultado é idêntico em nosso idioma.
- 13 Rashi, no seu comentário sobre Deuteronômio 6:5, Talmud, *Berachót*, 54:a.; veja também comentário na página 120.

- 14** Veja o comentário de Maimônides sobre *Pirkê Avót* 3:15
- 15** Sigla que significa: Torá, Neviím e Ketuvim, que juntos formam a Bíblia judaica.
- 16** Sidur Completo, Jairo Fridlin – São Paulo, Editora Sêfer, página 17.
- 17** *Shiduchim* (singular – *Shiduch*): apresentação de uma moça para um rapaz com objetivo matrimonial.
- 18** Disponível em português como “O Caminho dos Justos”, Editora e Livraria Sêfer, 2002
- 19** A tradução do Salmo foi extraída do livro “Salmos - com Tradução e Transliteração”, Editora e Livraria Sêfer, 1999.
- 20.** ”Sidur Completo - com Tradução e Transliteração”, Editora e Livraria Sêfer, pág. 185.
- 21** “Sidur Completo – com Tradução e Transliteração”, Editora e Livraria Sêfer, página 31.
- 22** Talmud, *Berachót* 60,2
- 23** ibid. 12:2-3
- 24** Provérbios 24:16
- 25** Talmud, *Taanít* 21a.
- 26** Talmud *Baba Cama*, 50:a
- 27** Deuteronômio 21:18-21; Talmud *San’hedrin*, capítulo 8.
- 28** Talmud, *San’hedrin* 71a
- 29** Talmud, *Baba Batra* 38a
- 30** Deuteronômio 2:9
- 31** Números 25:17
- 32** Livro de Rute 4:21-22

33 1 Reis 14:21

34 Deuteronômio 7:10

35 Salmos 92:6

36 Talmud, *Shabát* 63a

37 Provérbios 3:17

38 *Kidushin* 39b

39 Salmos 145:16

40 Eclesiástes 9:10

41 Salmos 37:10

42 Talmud, *Berachót* 61a

43 *Pirkê Avót* 4:22

44 Malaquías 3:14

45 *Pirkê Avót* 2:6

46 1 Reis 8:39

47 *ibid.* :43

48 Talmud, *Nidá* 16b

49 Talmud, *San’hedrin* 38a

50 Talmud, *Avodá Zará*, 10a

51 *ibid.* 17a

52 *ibid.* 18a

- 53** Talmud, *Pessachím* 50b
- 54** Talmud, *Avodá Zará* 12b
- 55** *Mishná*, final do 5º capítulo do *Pirkê Avót*
- 56** Talmud, *Avodá Zará*, ibid
- 57** Talmud, *Berachót*, 34:2
- 58** *Shir Hashirim Rabá* 5:3
- 59** Talmud, *Sucá* 52a
- 60** Talmud, *San'hedrin* 96b
- 61** Isaías 55:7
- 62** *Pirkê Avót* 6:4
- 63** Provérbios 15
- 64** *Shaarê Teshuvá*, 1:30-34;47
- 65** *Ketubót* 105b
- 66** *Tanchuma*, *Shoftim* 8
- 67** *Gur Ariê*, comentário sobre Deuteronômio 16:19
- 68** Talmud, *Ketubót* 105b
- 69** Talmud, *Sotá* 47b
- 70** Deuteronômio 1:17
- 71** ibid
- 72** *Netivót Olam*, *Netiv Hadin*

73 *Ketubót*, ibid.

74 Deuteronômio 1:16

75 Talmud, *San’hedrin* 7b

76 *Sotá* 21a

77 O Caminho dos Justos, capítulo 3.

78 O Rabino Dessler se refere ao rabino Avraham Ieshaiáhu Karlitz, de Bnei Brak, o “Chazon Ish”, autoridade rabínica incontestável que, no final de seus dias, aconselhava de maneira precisa as muitas pessoas que vinham a ele em busca de orientação para resolver assuntos que, aparentemente, nada tinham a ver com a observância da Torá. Veja sua biografia na obra “*Peer Hador*”, Bnei Brak, 5730 (1970), volume 4.

79 Deuteronômio 30:11

80 Levítico 26:44

81 Obra magna da mística judaica, escrito por Rabi Shimon bar Iochái

82 Isaías 29:3

83 Jeremias 12:2

84 Salmos 73:27

85 Números 13-14 e Deuteronômio 1:20-40

86 Deuteronômio 1:23

87 Êxodo 18:21

88 Êxodo 18:15

89 Números 13:2

90 *Midrash Tanchuma*, porção semanal *Shelách Lechá*.

91 Deuteronômio 9:10-13

92 Êxodo 32:9-10

93 Talmud, *Berachót* 32a

94 Deuteronômio 9:17

95 O Rabino Dessler se refere aos nazistas (N. do T.).

96 Jeremias 9:22

97 Talmud, *Arachím* 10b

98 Talmud, *San'hedrin* 99b

99 Eclesiastes 5:12

100 *ibid.* 7:12

101 *ibid.* 8:11

102 Gênesis 6:8

103 *ibid.* 11

104 *Bereshít Rabá* 38:7

105 Gênesis 11:4

106 Talmud, *Avodá Zará* 2b

107 Isaías 62:1

108 *ibid.* 57:21

109 Filosofia religiosa que teve início com o Baal Shem Tov e que preconiza certa espontaneidade no serviço Divino, além da busca de um mentor espiritual que facilite a

aproximação do homem à Torá e a Deus.

110 Talmud, *Ketubót* 77b

111 Números 2

112 *ibid.*, pag. 684

113 Em seu comentário sobre o versículo em Números 2:2 (6) Deuteronômio 32:10

114 *Baba Metsiá* 87a

115 Deus, ao transmitir as palavras de Sara para Abraão transformou-as... com o fim de dissipar divergências no matrimônio.

116 Sofonias 3:13

117 Miqueias :18

118 *lalcut Shimoni* 559

119 Gênesis 27:30 e 33

120 *lalcut Shimoni*, Gênesis 115

121 Gênesis 25:28. O *Midrash* associa a palavra caça à ideia de engano e de armadilha, o que segundo Rashi, isto significa que Esaú enganava seu pai com suas mentiras e hipocrisia.

122 *lalcut Shimoni*, *ibid.* final do capítulo.

123 Gênesis 27:34

124 1 Reis 11

125 Talmud, *San'hedrin* 101b

126 1 Samuel 15:32

127 Provérbios 12:27

128 Gênesis 27:33

129 Talmud, *Shabat* 55a

130 Talmud, *Berachót* 5a

131 Gênesis 25:30 – comentário de Rashi.

132 ibid. 25:32

133 ibid. :30

134 Rashi, ibid.

135 Talmud, *Baba Batra* 21a

136 Rashi, segundo o Talmud *Meguilá* 13b, sobre Gênesis 29:25

137 Êxodo 5:5-19

138 ibid. :22

139 Números 12:3

140 Gênesis 45:1

141 ibid. 42:24

142 ibid. 43:30

143 Veja comentário em *Echá Zuta* e em *Torá Shelemá*, sobre o vers. 4 da porção semanal *Vayigásh*.

144 1 Reis 2:1-9

145 ibid. versículos 2-4

146 *ibid.* versículos 5-9

147 2 Samuel 23:1

148 Salmos 109:22

149 Talmud, *Ketubót* 17a [já um rabino ou um progenitor podem declinar de sua honra – N. do T.]

150 1 Reis 2:5

151 Gênesis 49:8

152 *Ialcut Shimoni*, *ibid.* 159

153 Gênesis 38, 25-26

154 *Chochmá u Mussár* Tomo 1, página 362

155 Veja seu comentário sobre o versículo em Êxodo 31:18

156 *Tana Deve Eliahu Rabá*, 87:18

157 *Shaarê Teshuvá*, de Rabênu Ioná, final do terceiro capítulo

158 Êxodo 2:21

159 *Mechilta* sobre a porção *Yitró*, *Ialcut Shimoni*, 169

160 *Tiféret Israel*, capítulo 4

161 Rashi sobre Êxodo 2:16

162 Rashi, *ibid.* 18:11

163 *Targum Ionatán*, *ibid.* 2:21

164 Juízes 18:30

165 Veja comentário de Rashi de acordo com o Talmud, *Baba Batra* 109b

166 ibid. 17:11

167 Êxodo 4:24

168 ibid. 2:16

169 ibid. 18:11

170 *Siftê Chachamim*, sobre Êxodo 2:16

171 Talmud, *Sotá* 11a

172 Salmos 81:10

173 Talmud, *Shabat* 105b

174 Talmud de Jerusalém, *Nedarím* 9:1

175 *Pirkê Avót* 4:2

176 ibid.

177 Talmud, *Iomá* 86b

178 Deuteronômio 30:19

179 Talmud, *Berachot* 33b

180 Talmud, *Iomá* 86b

181 ibid. *Shabat* 68b (*Tinóc shenishbá ben hagoyim*)

182 Gênesis 19:9

183 ibid. :29

184 ibid. 13:10

- 185** Isaías 29:13 (*Mitsvat anashim melumadá*)
- 186** Talmud, *Baba Cama* 38b
- 187** Talmud de Jerusalém 1:7
- 188** *Mishná*, final do Tratado *Macót*; *Pirkê Avót*, final de cada capítulo
- 189** Talmud, *Rosh Hashaná*, 28a – Rashi
- 190** Talmud, *Shabat* 84,a
- 191** *Pirkê Avót* 6:2
- 192** *Midrash Bereshít Rabá* 67:3
- 193** *ibid.* 47:6
- 194** Ezequiel 1:9-12
- 195** *Sifra*, *Vayicrá* 19:18
- 196** Talmud, *Shabat* 31a
- 197** Êxodo 23:8
- 198** Portal sobre a Devoção no Coração, no livro “Os Deveres do Coração”, de Bachia ibn Pacuda, Editora e Livraria Sefer, 2002.
- 199** Salmos 8:4
- 200** Talmud, *Taanít* 25a. *Havdalá* é a cerimônia que marca o término do Shabat.
- 201** Rashi em comentário sobre Gênesis 40:23
- 202** Gênesis 41:16
- 203** *ibid.*

204 Talmud, *Pessachím* 118a

205 *lalcut Shimoni*, sobre a porção semanal *Beshalách*, parágrafo 258

206 Êxodo 16:17-20

207 Gênesis 3:19

208 Deuteronômio 8:17

209 Isaías 3:7

210 Deuteronômio 9:9

211 Eclesiastes 9:11

212 Isaías 29:13

213 Deuteronômio 8: 18

214 Jeremias 33:25

215 Sidur Completo, Editora Sêfer, São Paulo 1997, pagina 58.

216 Talmud, *Berachót* 59a

217 *ibid.* *Eruvim* 65a

218 *ibid.* *Ketubót* 5b

219 Gênesis 11;1-9

220 Veja comentário de Rashi sobre Gênesis 11:1

221 Gênesis 11:4

222 *Aliyá* (do hebraico “subida”, “ascensão”) é o mesmo que imigrar para Israel.

223 “Sidur Completo – com Tradução e Transliteração”, Editora e Livraria Sêfer, 1997, pág. 217.

224 “Torá – A Lei de Moisés”, Editora e Livraria Sêfer, 2001, págs. 639-647

225 Talmud, *San’hedrin* 61b

226 Capítulo 3, letra b

* É bem possível que a decisão de Mordechai, colocando a si próprio em perigo, apesar da suspeita de uma aparência de serviço idólatra, tivesse como intuito mostrar a toda a população judaica, a gravidade de qualquer tipo de atitude que se aproxime da idolatria. Talvez Mordechai quisesse, deste modo, reparar o comportamento daqueles judeus que compareceram ao banquete de Assuero, não levando a sério a proibição de vinho gentio, algo ligado à idolatria. Além disso, o Talmud diz (*Meguilá* 12a) que o motivo do decreto foi o comportamento dos que se prostraram a um ídolo nos dias de Nabucodonozor (Daniel 3), ainda que o tenham feito somente para manter as aparências. De modo que com sua recusa em se ajoelhar, mesmo numa situação em que a *Halachá* mostra compreensão, Mordechai quis defender a honra de seu povo, no sentido espiritual, tentando equilibrar aquele momento e este. (Nota do Autor)

227 Talmud, *Iomá* 86a

228 Ezequiel 36:20

229 Isaías 54:10

230 *Vayicrá Rabá* 36

231 Gênesis 18:19

232 Levítico 26:44

233 Este ponto é chamado em idish de *Pintale Yid* – N. do T.

234 Talmud, *Shabat* 127a

235 Gênesis 18:3

236 Veja comentário de Rashi sobre o versículo 4

237 Deuteronômio 1:29-33

238 ibid. versículo 32

239 Talmud, *Shabat* 31a

240 Talmud, *Shabat* 127b

241 Provérbios 11:17

242 *Shaarê Teshuvá* 1:10

243 Salmos 89:3

244 *Ziv Hashechiná*

245 *Messilát Iesharim* (O Caminho dos Justos), capítulo 1.

246 Salmos 18:26

247 Talmud, *Taanít* 10a

248 Gênesis 1:26

249 Êxodo 32:1-10

250 ibid. :32

251 Talmud, *Rosh Hashaná* 16b

252 1 Samuel 15:29

253 Talmud, *Shevuót* 39a

254 Pertinente à Lei Mosaica

255 Talmud, *Baba Batra* 10a

256 *Midrash Vayicrá* 34:8

257 *Nidá* 16b

258 *Midrash Vayicrá Rabá*